

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO

PUC-SP

RAFAEL GIOVANNINI

Eleições à flor da pele

análise discursiva dos vídeos do Movimento Brasil Livre nas eleições 2018

MESTRADO EM COMUNICAÇÃO E SEMIÓTICA

São Paulo - Brasil
2021

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO

PUC-SP

RAFAEL GIOVANNINI

Eleições à flor da pele

análise discursiva dos vídeos do Movimento Brasil Livre nas eleições 2018

Dissertação apresentada à Banca Examinadora como exigência para a obtenção do título de Mestre em Comunicação e Semiótica pelo Programa de Estudos Pós-Graduados em Comunicação e Semiótica da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PEPGCOS/PUC-SP), sob orientação do Prof. Dr. José Luiz Aidar Prado.

Área de concentração do programa: Signo e significação nos processos comunicacionais.

Linha de pesquisa: Dimensões políticas da comunicação

São Paulo - Brasil
2021

Giovannini, Rafael
Eleições à flor da pele análise discursiva dos
vídeos do Movimento Brasil Livre nas eleições 2018. /
Rafael Giovannini. -- São Paulo: [s.n.], 2021.
218p. il. ; cm.

Orientador: José Luiz Aidar Prado.
Dissertação (Mestrado)-- Pontifícia Universidade
Católica de São Paulo, Programa de Estudos Pós
Graduados em Comunicação e Semiótica.

1. Análise de discurso. 2. Cólera. 3. Medo. 4.
Movimento Brasil Livre (MBL). I. Prado, José Luiz
Aidar. II. Pontifícia Universidade Católica de São
Paulo, Programa de Estudos Pós-Graduados em
Comunicação e Semiótica. III. Título.

CDD

BANCA EXAMINADORA

Dr. José Luiz Aidar Prado

Dra. Vera Lucia Michalany Chaia

Dr. Vinicius Prates da Fonseca Bueno

Para meus avós maternos, Nelson e Isaura Piedade,
que me mostraram que educação começa pelo
amor.

Agradecimento ao CNPQ

O presente trabalho foi realizado com apoio do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPQ) – bolsa GM

Número do processo: 130091/2020-0

AGRADECIMENTOS

Agradeço aos meus familiares que foram de grande suporte para toda minha formação até aqui. Obrigado pai pelas suas leituras atentas; obrigado mãe pelos seus conselhos primorosos. Aprendi com o Douglas e com a Magda que não existe nada mais nobre que estudar e aprender.

Ao meu orientado, José Luiz Aídar Prado, obrigado pela sua generosidade e paciência ao longo desse trabalho. Obrigado por me motivar e me mostrar o caminho para conhecer o sentido. Sua leitura, aulas, escuta e conselhos foram fundamentais para construção do trabalho.

Para todos os colegas do grupo de estudos 1 dia 7 dias, foram companhia fundamental nos duros tempos de crise sanitária que atravessamos. Em uma fase da vida que tudo parecia escuro, as reuniões de quinta de manhã foram um porto seguro.

Aos meus amigos, mesmo passado um tempo longe, sempre estivemos juntos. Minha família que encontrei durante a graduação, Julia, Vittorio e Capitian, obrigado por sempre me incentivarem a seguir meus sonhos. E para Gustavo, Vitor e Gabriel, que dividiram, mesmo que virtualmente, a difícil experiência da quarentena comigo, obrigado por serem a melhor escuta do mundo.

*Acredite apenas no que seus olhos veem e seus
ouvidos ouvem!*

*Também não acredite no que seus olhos veem e
seus ouvidos ouvem!*

*Saiba também que não crer algo significa algo
crer!*

Brechet

RESUMO

O presente estudo busca analisar as estratégias discursivas do canal na plataforma Youtube do Movimento Brasil Livre (MBL) durante o segundo turno das eleições de 2018, em especial, pela sua aproximação com Jair Bolsonaro, indicando uma nova fase discursiva do grupo. O MBL, um dos principais atores políticos desde junho 2013, esteve presente nos momentos chave da política brasileira desde então. O grupo mescla o estímulo do ódio e o estabelecimento do medo para captura da atenção do seu público e o a constituição de um antagonismo irreconciliável com seu adversário político. Para realização do estudo foram realizadas 46 análises-vídeos, da *playlist* “Eleições 2018”, a metodologia utilizada combina semiótica discursiva francesa e análise de discurso de Laclau e Mouffe, permitindo uma análise tanto dos dispositivos narrativos, quanto das posições de sujeito.

Palavras-chave: Análise de discurso; Cólera; Medo; Movimento Brasil Livre Afetos; Medo; Movimento Brasil Livre (MBL), Medo, Cólera.

ABSTRACT

This study aims to analyze discursive strategies used by Youtube channel Movimento Brasil Livre (MBL) thorough the second round of Brazil's 2018 election, with focus on their approximation to Jair Bolsonaro, characterizing a new discursive phase for the group. Since 2013, MBL has been one of the main political actors in the country, being present in various of its key turning points. The group blends stimulated hatred with settling fear to captivate its audience, along with establishing an irredeemable antagonization into their political opponent. To conduct this study, 46 video analysis from channel's playlist "Eleições 2018" were carried out, utilizing a methodology that combines French discourse semiotics and discourse analysis by Laclau and Mouffe, enabling a study on both narrative devices and subject positions.

Keywords: Discourse Analysis; Hatred; Fear; Movimento Brasil Livre

Lista de tabelas

Tabela 1- Vídeos da lista de reprodução organizados por mês	20
Tabela 2 - Comparação entre MPL e MBL	42
Tabela 3 - Formação discursiva do Conservadorismo.....	60
Tabela 4 - linha do tempo do discurso do MBL.....	64
Tabela 5 - grupos temáticos	71
Tabela 6 - lista de apresentadores	82
Tabela 7 - Tipologia do medo	91
Tabela 8 - Pontos nodais e afetos.....	93

Lista de figuras

Figura 1- Quadrado semiótico.....	21
Figura 2 - exemplos de curvas	23
Figura 3 - Gradiente tensivo dos afetos.....	23
Figura 4 - esquema patêmico canônico	24
Figura 5 - Joaquim como vigilante	29
Figura 6 - exemplo de fundo do Jornal Nacional.....	47
Figura 7 - Primeiras medidas como vereador	57
Figura 8 - ilustrações de Bolsonaro	66
Figura 9 - meme com o político Abascal	67
Figura 10 - Exemplo de tela título	74
Figura 11- Exemplos de telas título	75
Figura 12 - Exemplos de telas de encerramento	76

Lista de Siglas

BBB	Boi Bala e Bíblia
BNDES	Banco Nacional do Desenvolvimento Econômico e Social
CBN	Central Brasileira de Notícias
CNBB	Conferência Nacional dos Bispos do Brasil
CPI	Comissão parlamentar de inquérito
CQC	Custe o que custar
DEM	Democratas
DOPS	Departamento de Ordem Política e Social
FHC	Fernando Henrique Cardoso
IBOPE	Instituto Brasileiro de Opinião Pública e Estatística
MBL	Movimento Brasil Livre
MP	Ministério Público
MPL	Movimento Passe Livre
MST	Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra
MTST	Movimento dos Trabalhadores Sem Teto
PCC	Primeiro Comando da Capital
PCDOB	Partido Comunista do Brasil
PDT	Partido Democrático Trabalhista
PEC	Projeto de emenda constitucional
PF	Polícia Federal
PMDB	Partido do Movimento Democrático Brasileiro
PN	Plano Narrativo
PRP	Partido Republicano Progressista
PSB	Partido Socialista Brasileiro
PSC	Partido Social Cristão
PSDB	Partido da Social-Democracia Brasileira
PSL	Partido Social Liberal
PSOL	Partido Socialismo e Liberdade
PSTU	Partido Socialista Trabalhadores Unificados
PT	Partido dos Trabalhadores
RO	Revoltados Online
STF	Supremo Tribunal Federal
TSE	Tribunal Superior Eleitoral
UJS	União da juventude socialista
UNE	União Nacional dos Estudantes
VPR	Vem Pra Rua

Lista de Anexos

Anexo 1- URGENTE: Palocci revela mais crimes de Lula e PT! por Kim Kataguiri.....	105
Anexo 2 - #Elenão X #Elesim - Quem ganhou essa "guerra" das manifestações? por Kim Kataguiri.....	107
Anexo 3 - ATENÇÃO: O perigo não está só na presidência da república! por Kim Kataguiri	109
Anexo 4 - Vitória no primeiro turno? O guia definitivo por Renan Santos.	111
Anexo 5 - TOP 5: Maiores FRACASSOS dessas eleições! por Renan Santos.....	114
Anexo 6 - Recado para João Amoedo. por Kim Kataguiri.....	118
Anexo 7 - #eleições: A direita em um possível governo Bolsonaro. por Kim Kataguiri....	120
Anexo 8 - Governando sem partidos: os novos aliados de Bolsonaro. por Pedro Deroit ...	123
Anexo 9 - Análise (SIC): Como se saiu cada candidato no último debate? por Kim Kataguiri	125
Anexo 10 - PT Lança nova campanha atacando Jair Bolsonaro! por Kim Kataguiri.....	127
Anexo 11 - Quais os nomes que vão compor um possível Governo Bolsonaro? por Eric Balbinus.....	130
Anexo 12 - O que o primeiro turno nos mostrou? por Kim Kataguiri.....	132
Anexo 13 - Os planos de governo de Haddad e Bolsonaro por Kim Kataguiri.....	134
Anexo 14 - Bolsonaro no segundo turno e Kim Kataguiri para presidente da Câmara! por Kim Kataguiri.....	137
Anexo 15 - A estratégia do PT para dividir o país! por Fernando Holiday.....	139
Anexo 16 - Bolsonaro vai ter vida fácil no congresso? por Renan Santos.....	141
Anexo 17 - FASCISMO, GLOBO E BOLSONARO por Renan Santos	144
Anexo 18 - O que está por trás da mudança de logo do Haddad? por Renan Santos	148
Anexo 19 - Quão baixo o PT chegou? por Renan Santos	150
Anexo 20 - Boulos quer invadir casa de BOLSONARO?? por Renan Santos.....	153
Anexo 21 - O Lula tá preso, babaca! A farsa no chique do Cid Gomes por Pedro Deyrot	155
Anexo 22 - Fraude nas urnas! Bolsonaro ainda pode perder? por Pedro Deyrot	157
Anexo 23 - Haddad quer ser Bolsonaro? por Rubinho Nunes.....	159
Anexo 24 - Por que o PT odeia os EVANGÉLICOS? por Renan Santos.....	161
Anexo 25 - Conspiração! Haddad desiste e Ciro assume no segundo turno? por Pedro Deyrot	164
Anexo 26 - A próxima missão da direita: ELEGER O PRESIDENTE DA CÂMARA por Renan Santos	166
Anexo 27 - O PT quer levar no tapetão! por Renan Santos	168
Anexo 28 - Veja e Folha atacam novamente! por Rubinho Nunes.....	170

Anexo 29 - ATENÇÃO! Querem impugnar a chapa de Bolsonaro por Pedro Deyrot.....	172
Anexo 30 - O PSOL VAI SUSPENDER O WHATSAPP? por Kim Kataguiri.....	175
Anexo 31 - O FIM DO PSDB? por Kim Kataguiri.....	177
Anexo 32 - TSE E DESABAFO por Renan Santos.....	179
Anexo 33 - ANÁLISE: E agora Bolsonaro? por Rubinho Nunes	181
Anexo 34 - A OPRESSÃO DO TIOZÃO DO ZAP ZAP por Pedro Deyrot.....	183
Anexo 35 - 21 DE OUTUBRO: O PREGO NO CAIXÃO DO PT.....	186
Anexo 36 - A manifestação sepultou o PT? por Renan Santos	187
Anexo 37 - Rosa Weber mandou o papo: o jogo continua! por Renan Santos	190
Anexo 38 - Artimanhas de FHC contra a direita por Renan Santos	192
Anexo 39 - Bolsonaros querem fechar o STF? por Pedro D'eyrot	195
Anexo 40 - PROFESSORA PETISTA CHAMA DE "PRETO E POBRE" ELEITOR DO BOLSONARO por Fernando Holiday	197
Anexo 41 - Mano Brown no comício do PT por Pedro Deyrot.....	199
Anexo 42 - Pesquisa Ibope: Análise por Pedro Deyrot	201
Anexo 43 - O que esperar da reta final das eleições? por Rubinho	203
Anexo 44 - O perigo do pós-eleição Por Kim Kataguiri.....	205
Anexo 45 - Recado do MBL para o presidente eleito! por Renan Santos.....	206
Anexo 46 - A nova era acabou de começar! Por Kim Kataguiri	209

Sumário

Introdução	17
I - Os primeiros anos do MBL de junho ao Impeachment: Consumo e discursividade..	25
Discurso e Hegemonia	25
Formação do MBL	27
Junho de 2013: Uma Nova Hegemonia Política Brasileira	32
Acontecimento	38
O primeiro MBL: construção de equivalências para o “Fora, Dilma”	42
A Lava jato e o fim da hegemonia petista.....	46
As técnicas comunicacionais do MBL: captura e convocação pulsional	49
II – O encontro de MBL e Bolsonaro As formações discursivas do MBL	59
Formações discursivas	59
Mercado	60
Segurança	61
Moral	62
O “Mito”	64
O uso do sensacionalismo para circulação do discurso nas redes sociais	68
III - Análise dos vídeos da Lista de reprodução eleições (2018)	71
Grupos Temáticos	71
Ataques às esquerdas	71
Cálculo eleitoral	72
Defesa da candidatura de Bolsonaro	72
Campanha eleitoral.....	73
Compilações de manifestações	73
As sequências genéricas do Youtube do MBL.....	73
Regimes de evocação do MBL	76
Animadores	79
Eventos	82
Afetos	85
Cólera	85
Escárnio	87
Medo	90
Pontos nodais.....	91
Bolsonaro diferenciado.....	93
Voto de cabresto.....	94

O risco da criação do “Mundo da Bagunça”	94
Aliança da imprensa com à esquerda contra Bolsonaro	95
Esquerda farsesca	96
Falsos direitistas	96
Esquerda criminalizada	97
Reformas para impedir a destruição do país	97
Fraude eleitoral	98
Ameaça totalitária	98
Soberba da base bolsonarista - "já ganhou"	99
Conclusão	100
Bibliografia.....	210

Introdução

Nas eleições de 2018, período com a maior renovação política da Nova República, novas caras chegaram ao congresso nacional na “onda bolsonarista”, que cobriu a política brasileira. Essa onda, impulsionada pela circulação de informações nas redes sociais, em especial no *WhatsApp*, chamado carinhosamente pelo povo brasileiro de “zap, zap”, e por todo um ecossistema de influenciadores espalhados em diferentes plataformas como, por exemplo, canais no Youtube, páginas no Facebook, contas no Twitter e blogs se multiplicaram. Vale ressaltar que o Brasil não está isolado quanto a esse fenômeno, pois Donald Trump, atual presidente dos Estados Unidos da América, foi outro político que mobilizou uma rede de apoiadores em blogs, canais no Youtube e grupos no Facebook. A utilização das redes sociais também foi questão central nas eleições presidenciais estadunidenses.

Há um uso coordenado¹ de redes sociais pela extrema direita, que muitas vezes se manifesta como discurso de ódio. No Brasil, Bolsonaro não foi a primeira identidade política a ter sucesso com este mecanismo. Em 2014, quando o Capitão ainda era uma figura política marginal, motivo de piada dos programas de TV brasileira, o MBL mobilizou por meio das redes sociais, em especial páginas no Facebook, as manifestações que levaram à queda de Dilma Rousseff. As manifestações pelo impeachment de Dilma colocaram em evidência novos grupos políticos de direita, além do MBL; VPR, Revoltados Online e Nas Ruas, os quais se articulavam por meio das redes sociais, convocando manifestações massivas em 2015 e 2016. Os grupos foram os organizadores da manifestação do dia 13 de março de 2016, a maior manifestação da história do Brasil. 3,3 milhões de pessoas foram às ruas de todo o país pedir por: “Fora Dilma e Fora PT”.

O MBL conta com uma página na plataforma Facebook com mais de 3 milhões de seguidores, um canal no YouTube com mais de 182 milhões de visualizações e uma conta no Twitter com 400 mil seguidores, utilizada para propagar seus ideais políticos. O grupo tem uma grande presença nas redes sociais, as quais todos os dias são abastecidas com novos conteúdos. Kim Katagiri, Renan Santos e, até o “racha” do grupo, Fernando Holiday, são consideradas celebridades que surgiram nas redes sociais durante as manifestações pelo impeachment. Já em 2016, o movimento usou sua fama construída até então para emplacar vereadores em assembleias legislativas pelo país, assim consolidando sua atuação política para além das manifestações de rua.

¹ Tal questão será abordada com mais profundidade no capítulo 2

A revisão das pesquisas sobre o objeto de estudo aponta para a existência de diferentes fases do MBL, o qual se reconfigurou ao longo dos anos. O MBL de 2014, que mobilizou o Impeachment e foi base política do governo Temer, é diferente do MBL que aderiu ao bolsonarismo em 2018, e é diferente, também, do MBL atual (novembro de 2021). Há um deslocamento discursivo motivado pela agitada conjuntura política brasileira após as manifestações de junho de 2013. Os primeiros estudos que se dedicaram a analisar o MBL focaram as questões envolvendo a mobilização do impeachment de Dilma e o governo Temer. Estes estudos identificam o MBL como movimento político reacionário (MACHADO 2017), articulando discursos punitivistas (BORGES, 2019), misógino (FERREIRA, 2019) e ultraliberal (MACHADO, 2017) (SANTOS E CHAGAS, 2018), que tem sua circulação potencializada graças as estratégias comunicacionais próprias, como, por exemplo, uma linguagem audiovisual que mobiliza e convoca os corpos para ação política (LEPRI, 2020). Combinado a isso, é possível citar o aparecimento do grupo nas redes sociais que privilegia memes e um discurso provocador, como um *troll* (CHAGAS, 2020) de internet e que dissemina notícias falsas. O discurso do MBL também carrega carga afetiva, fundamental para suas articulações. O grupo é movido pelo ódio que carrega de seu antagonista político (PRADO E PRATES, 2021), os esquerdistas, que viviam, segundo expressões do próprio MBL, nas “mamatas” e privilégios concedidos pelo Estado.

A maior parte da literatura sobre o MBL tem o *corpus* de estudo concentrado no período de 2014 até 2017, momento no qual o impeachment era o tema central da política brasileira. Esta pesquisa evidencia a segunda fase do MBL, caracterizada pela combinação de MBL e bolsonarismo que aconteceu nas eleições de 2018. Trata-se de novo rearranjo discursivo que fez a juventude “anti-Dilma” aliar-se ao bolsonarismo; fenômeno político que assumiu a centralidade da política brasileira depois do impeachment. Durante as eleições de 2018, o MBL tornou-se linha de frente na defesa de Jair Bolsonaro nas redes, aderiu à campanha e reivindicou a eleição de Bolsonaro como parte do mesmo movimento político que derrotou Dilma em 2016. Apesar de Bolsonaro não ser o candidato mais liberal presente nas eleições, certamente é o mais antipetista, por isso, a articulação conjunta entre os dois se tornou possível.

Observar as dinâmicas comunicacionais do MBL em 2018 proporciona uma análise, também, do bolsonarismo, observando o fenômeno para além da sua figura principal, pela reconfiguração que esta produziu em diversos discursos; e, na mesma medida, permite ampliar o entendimento sobre o próprio MBL. Compreender o grupo também pela sua capacidade de deslizamento discursivo e rearticulação na nova conjuntura política, a qual os políticos

tradicionais perderam espaço para a entrada de cena do bolsonarismo. Focar no período político de 2018 implica, também, em observar um momento em que os afetos estavam manifestos explicitamente, em especial, a cólera, que domina o discurso bolsonarista, originando o problema central da pesquisa: como as narrativas do Movimento Brasil Livre construíram percursos passionais durante o processo eleitoral de 2018; que circuito de afetos foi central nessas narrativas?

Há uma relação entre o surgimento do MBL e o fenômeno político de junho de 2013. Em junho ocorreu a primeira mobilização nacional que, graças às articulações feitas pelas redes sociais, levaram às ruas, pela primeira vez, sujeitos que não tinham um histórico de militância orgânica. O MBL proclamou ter “roubado” junho de 2013 da esquerda. Dessa tomada de protagonismo da manifestação, o MBL defende ter aberto caminho para o impeachment, rompendo as bases de sustentação do governo Dilma.

Observando as manifestações para além do MBL, junho de 2013, por outro lado, evidencia a crescente aproximação entre política e consumo, na medida que a política passa a copiar estratégias de consumo e, assim, garantir seu aparecimento midiático. A sociedade passa a demandar da política na mesma régua que demanda do consumo, mesclando o lugar de cidadão e consumidor. O consumo, portanto, é considerado ponto sintomático da política brasileira, pois é através dele, e somente por ele, que as demandas políticas de cidadania foram expressas após 2013. A política regulada pelo consumo é decisiva para a articulação do MBL, o qual dentro da economia da atenção, de uma sociedade atravessada por telas, conseguiu influir no debate político brasileiro em uma série de pautas nos últimos anos: Escola Sem Partido, Ideologia de gênero nas escolas, a visita de Judith Butler ao Brasil e a polêmica envolvendo o Queermuseu². Há um domínio técnico midiático que permite capturar a atenção e, com isso, mobilizar politicamente sujeitos nas redes e em movimentos de rua. O MBL é, até hoje, um dos principais expoentes do antipetismo, posição de sujeito fundamental do discurso conservador brasileiro; premissa que se baseia em 3 temas principais: mercado, segurança e moral. O antagonismo irreconciliável, sempre articulando ao seu adversário como inimigo da sociedade, é o ponto chave da formação discursiva do antipetismo, indo além de uma simples polarização; o objetivo é a eliminação do Outro, pois esse pertence ao “fora” da sociedade e é a identidade proibida.

² A exposição “Queermuseu – cartografias da diferença na arte da brasileira” reuniu obras de 85 artistas, incluindo os mundialmente conhecidos Alfredo Volpi e Cândido Portinari. Com curadoria de Gaudêncio Fidelis, a mostra tinha como mote a diversidade e as questões LGBTQIA+, aos moldes de exposições estrangeiras.

O objeto de pesquisa são os afetos do MBL durante as eleições de 2018, que levanta questões centrais: Como estes foram articulados no discurso do MBL? Quais foram os pontos nodais centrais destes discursos e como se articularam as identidades de Bolsonaro e MBL? Porém, para acessá-lo e responder aos questionamentos, é preciso localizar o discurso em um objeto empírico. Para tal, foi selecionada a Lista de reprodução do YouTube “Eleições 2018” no canal do MBL, no qual os vídeos com o tema eleição foram organizados pelo próprio grupo. Contendo 117 vídeos, compreende ao material relativo à eleição de 2018. Os vídeos datam de maio a outubro.

Tabela 1- Vídeos da lista de reprodução organizados por mês

Mês	Nº de vídeos	Total de visualizações no mês
Maio	4	1.481.035
Junho	1	1.323.557
Julho	5	707.340
Agosto	26	7.088.134
Setembro	35	11.951.850
Outubro	46	14.232.606

Fonte: do autor

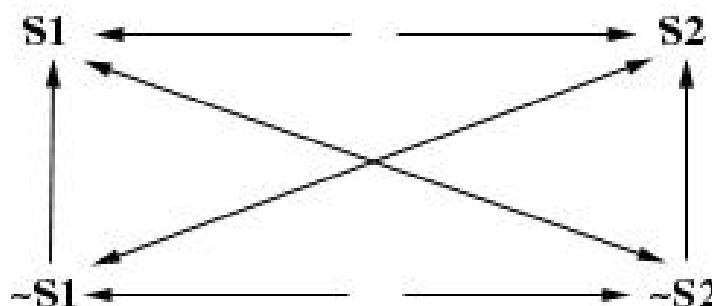
Para o recorte, foi selecionado o mês de outubro, por questões práticas, por conter o maior número de vídeos e ser o mês da realização do primeiro e segundo turno. Além das questões práticas, em outubro o MBL era base da campanha bolsonarista e havia desistido de candidatos mais liberais como Flávio Rocha, que não chegou a lançar sua candidatura e fazer campanha, ou João Amoedo, que não tinha chances de ir para o segundo turno, ou seja, havia a adesão consolidada à campanha bolsonarista. 46 vídeos foram classificados segundo temas: ataques à esquerda (18 vídeos), cálculo eleitoral (15 vídeos), defesa de Bolsonaro (8 vídeos), campanha política (4 vídeos), compilação (1 vídeo).

Para realizar a sistematização analítica do objeto utilizaram-se duas teorias do discurso, que são articuladas em conjunto, para acessar tanto os afetos, quanto às posições políticas de sujeito do objeto. Para examinar os afetos e realizar uma análise dos textos, recorreu-se à semiótica discursiva de origem francesa. E, para dar conta das posições de sujeito, articulações políticas e formações hegemônicas, foi adotada a teoria política e discursiva de Laclau e Mouffe (2015); apesar de mecanismo e caminhos teóricos metodológicos diferentes, as duas teorias têm um ponto comum: compreendem o lugar de indeterminação do sentido presente na

comunicação. Para a teoria política de Laclau e Mouffe o sentido dá-se pelas articulações discursivas regidas pela equivalência e pela diferença. Para a teoria semiótica trata-se da construção do sentido como processo (LANDOWSKI 2007, p. 24-29), isto é, o sentido se dá pela manifestação do texto, nunca construído de forma absoluta e primeira; logo os significantes não têm sentido transcendental primeiro, por outro lado, o sentido é estabelecido pela imanência do texto, no caso da semiótica, ou pela articulação, como na teoria de Laclau e Mouffe.

Barros (2005, p. 13) compreende a semiótica como “a teoria que procura explicar os sentidos do texto pelo exame, em primeiro lugar, de seu plano do conteúdo”. Essa divisão, denominada percurso gerativo do sentido, é feita em três níveis: o fundamental, em que estão postas as oposições fundamentais, representado pelo quadrado semiótico; o segundo nível, o das narrativas, em que os sujeitos e os objetos de valor se relacionam em conjunção ou desconjunção; e por último, o nível das estruturas discursivas, em que são encontrados os recursos discursivos do texto, as debreagens e embreagens, as tematizações etc.

Figura 1- Quadrado semiótico



Fonte: do autor

No primeiro nível é mostrado o esquema lógico de oposições semânticas, conhecido como quadrado semiótico. Duas categorias semânticas (vida e morte, cultura e natureza) dispostas em uma relação entre contrários junto aos seus complementares (não-morte e não-vida, não-natureza e não-cultura), os quais entre si também formam uma relação entre contrários e formam uma relação de contraditórios (não-morte e morte, cultura e não-cultura) com os termos anteriores – o quadro é apenas uma esquematização das relações orientadas do texto, que nas narrativas se apresentam como um caminho operado dentro dessas, como, por exemplo: vida – não morte - morte (BARROS, 2005, p. 73-75).

Nesse esquema estão representadas as oposições fundamentais que servem de base para o nível seguinte, o das narrativas. Nele se estabelecem relações entre diferentes papéis actantes (sujeito, objeto, destinador), essas relações são expressas nos enunciados formando os planos

narrativos, os quais aglutinam-se formando percursos narrativos e, por fim, se agrupam em um esquema; o esquema narrativo canônico, a título de exemplo, se dá pela sequência do percurso do destinador manipulador (PN de doação de competência semântica + PN de doação de modal), onde o sujeito é modalizado para ação, o percurso do sujeito (PN de competência + PN de performance), o sujeito realiza a ação, e por último, o percurso do destinador-julgador (PN de interpretação + PN de retribuição), o destinador julga o sujeito por sua ação no plano anterior – recebendo a sanção ou não (*Ibidem*, p .20-39).

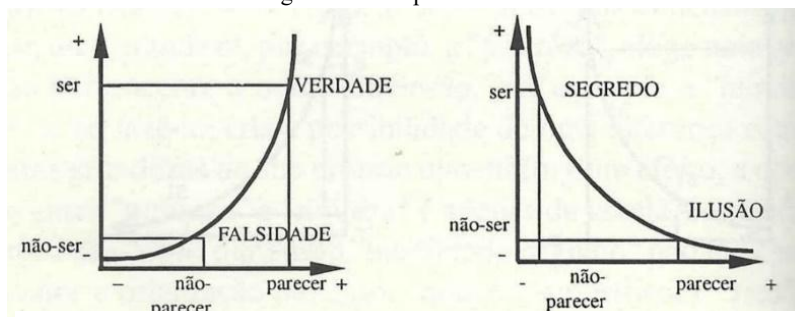
Para acessar os afetos, a teoria semiótica precisa ser aprofundada pelo viés tensivo. O ponto de partida é o pensamento desenvolvido por Fontanille e Zilberberg (2001) no livro *Tensão e Significação*; os autores não negam o percurso gerativo de sentido, mas trazem modificações ao modelo clássico complexificando-o – a substituição do quadro por um esquema tensivo, cujo funcionamento está diretamente ligado às valências.

O termo valência foi adotado em semiótica para dar consistência a uma constatação muitas vezes verificada na análise dos discursos concretos: o valor dos objetos depende tanto da intensidade, da quantidade, do aspecto ou do tempo de circulação desses objetos como dos conteúdos semânticos e axiológicos que fazem deles “objeto de valor” (...) trata-se, pois, de atribuir, de fato, um correlato ao valor propriamente dito e de controlar a distinção entre, de um lado, os investimentos semânticos dirigidos aos objetos de valor e, de outro, as condições tensivas e figurais que sobredeterminam e governam os primeiros. (...) (FONTANILLE; ZILBERBERG, 2001 p. 16)

As valências transformam um esquema de oposição de valores semânticos, permitem a apreensão do sensível, na medida que consideram um campo de presença que é afetado pela intensidade e pela extensidade. Para montagem do diagrama são utilizadas, portanto, as duas valências, uma no eixo da intensidade e outra no eixo da extensividade; ambas são operadas

por mistura (somação) ou triagem (subtração); essas, por sua vez, podem ser tônicas ou átonas e regulam os efeitos da triagem e da mistura (FONTANILLE; ZILBERBERG, 2001, p. 19-35).

Figura 2 - exemplos de curvas

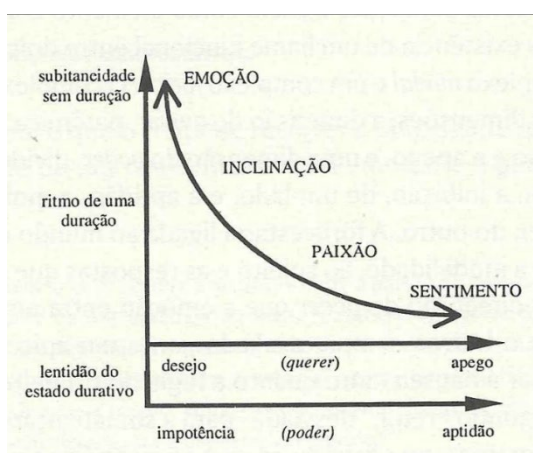


Fonte: Fontanille e Zislberg, 2001 p. 78

A transposição dessa lógica para um esquema tensivo é entendida no seguinte modelo (Figura 2) exemplificado por Fontanille e Zilberberg (2001, p. 77-78), podendo ser representado por uma curva converso ou uma curva inversa.

A paixão é um termo genérico dado por metonímia para referir-se à afetividade dentro da semiótica, mas que, por si só, o termo explica pouco. Sendo assim, as paixões devem ser entendidas pelos eixos de temporalidade e espacialidade, os fatores intensivo e extensivo, oriundos do esquema tensivo, que regulam as paixões (Figura 3) (FONTANILLE, ZILBERBERG, 2001 p. 300). As paixões, deste modo, pressupõem uma sucessão de estados que as formam, e não podem ser entendidas fora do campo de presença do sujeito.

Figura 3 - Gradiente tensivo dos afetos

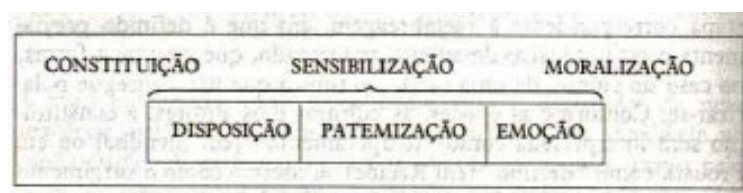


Fonte: Fontanille e Zislberg, 2001 p. 284

As paixões pressupõem estados anteriores, e são sobretudo uma sequência de estados que se sucedem (GREIMAS; FONTANILLE, 1993 p. 119). Para toda constituição afetiva há

um passado, ou seja, estados anteriores que originam e justificam dada paixão - um sujeito deprimido pode ter sido um dia um sujeito em conjunção com seu objeto de valor; o luto da perda desencadeia-se, colocando-o neste estado. No sujeito enciumado, por exemplo, há previamente um apego exclusivo, seguido de uma deferência sombria que pode culminar em amor ou ódio - tal disposição é exemplo de uma macro sequência construída a partir da análise dos ciúmes (*Ibidem*, p. 232-233; 242-243). Todos os estágios de uma macro sequência podem ser lidos através de uma micro sequência, que é direcionada a depender do objetivo da análise (FONTANILLE; ZILBERBERG, 2001 p. 304); na micro sequência as aspectualizações se projetam sobre as modalizações, seguindo o exemplo do sujeito enciumado, o querer-estar ou querer-ter. está condicionado, também, pela forma própria do enciumado em exprimir essas modalizações. Pode-se dizer, a grosso modo, que na micro sequência estão discriminados os efeitos produzidos por uma paixão; representa uma micro sequência em seu esquema patêmico canônico (*figura 4*) (GREIMAS; FONTANILLE, 1993 p. 244-245).

Figura 4 - esquema patêmico canônico



Fonte: Greimas e Fontanille, 1993 p. 244

Já na perspectiva tensiva de Fontanille e Zilberberg (2001, p. 308), que não definem um único modelo limitado para a análise da representação da dimensão da extensividade, mas ressaltam que: “(...) a estratégia supõe que o perfil tensivo esteja relacionado a um espaço e a um tempo, os do campo da presença do sujeito.” É o caso da cólera que pode se amansar com o tempo, ou ter sua explosão direcionada para outros lugares para evitar danos maiores (FONTANILLE, ZILBERBERG, 2001 p. 307).

I - Os primeiros anos do MBL de junho ao Impeachment: Consumo e Discursividade

Discurso e Hegemonia

A teoria discursiva desenvolvida por Chantal Mouffe e Ernesto Laclau (2015) é uma importante ferramenta para navegar na interseção entre política e comunicação; por se tratar de uma teoria do discurso e de uma teoria política, na medida em que os autores reconhecem que todo objeto se manifesta como objeto discursivo. Os autores partem de uma inspiração saussuriana, assumindo a linguagem relacional, na qual os fonemas só expressam seu sentido na diferença e na relação com outros fonemas (SAUSSURE, 2012). Laclau e Mouffe se inscrevem na vertente pós-estruturalista: a articulação discursiva está em duplo vazio, ao mesmo tempo que não há uma centralidade fixa e nenhum discurso será total, havendo sempre um limite, uma fronteira, o não simbolizado, o Real no sentido lacaniano do termo. Sendo assim, o sentido é articulado sempre pela sobredeterminação de discursos por outros discursos, de termos por outros termos; a totalidade estabelecida pelas sobredeterminação nunca se estabelece *a priori* e, portanto, não há a sociedade fechada e total, nem uma identidade de sujeito total. As suturas feitas pelo discurso são precárias e parciais, pois estão sujeitas a serem substituídas por outros discursos e novas articulações discursivas.

Laclau e Mouffe (2015) partem da crítica da teoria revolucionária marxista desenvolvida ao longo do século XX, a qual estaria condicionada a dualismos e essencialismos: o proletário, dentro da luta de classe e contra a burguesia, teria a capacidade de realizar a revolução socialista. A emergência do conceito de hegemonia, em especial como articulado por Antônio Gramsci (2011), permite uma reformulação dos conceitos marxistas ortodoxos:

O conceito de hegemonia emergirá precisamente em um contexto dominado pela experiência de fragmentação e pela indeterminação das articulações entre diferentes lutas e posições de sujeito. Ele dará uma resposta socialista num universo político-discursivo que testemunhou uma batida em retirada da categoria da “necessidade” do horizonte do social. Frente a tentativas de resolver a crise de um monismo essencialista através de uma profusão de dualismos - livre arbítrio/determinismo; ciência/ética; indivíduo/coletividade; causalidade/teologia; a teoria da hegemonia fundamentará sua resposta num deslocamento do terreno que possibilitou a alternativa monista/dualista. (LACLAU E MOUFFE, 2015, p. 65)

No famoso texto “Alguns temas da questão Meridional” de Gramsci (2011), ao debater as questões do proletariado italiano dividido, desenvolvido no norte do país e não desenvolvido

no Sul, o autor apresentava a possibilidade estratégica da *Aliança de Classes*, isto é, uma classe assumiria a tarefa de outra classe e, assim, construiria a hegemonia do proletariado, o qual estava fragmentado na Itália. Os proletários do norte deveriam se despir de seu corporativismo e se aliar aos intelectuais do sul e aos camponeses meridionais, mesmo que algumas de suas pautas fossem contrárias aos seus interesses de classe. Tal forma de organização do proletariado rompe com a ortodoxia marxista, ao compreender a identidade como relacional e estabelecer que o proletariado poderia assumir tarefas da burguesia, no caso, desenvolvendo o sul do país; logo, não existiria uma identidade determinada de antemão, constituída por uma tarefa histórica indissociável de sua identidade. As identidades de classe poderiam ser modificadas pelas relações com outras classes (LACLAU e MOUFFE, 2015, p. 157), e toda identidade, portanto, seria aberta e relacional. O fazer discursivo consiste em subverter as diferenças dos momentos, transformando-as em equivalências articuladas em uma cadeia de significação; tal cadeia está amarrada por um ponto nodal, o qual a sutura momentaneamente. O ponto nodal, ou ponto de basta, é uma amarração interna do discurso, suprimindo as diferenças de uma cadeia de significação; sua inspiração é o ponto de capitonê, como nessas poltronas cheias de botões, em que o tecido é amarrado por dentro. Uma formação discursiva que consegue superar as diferenças de um sistema e fixá-lo como um todo é uma formação hegemônica.

Para a hegemonia se estabelecer é preciso que o campo seja atravessado por práticas articulatórias antagonistas (*Ibidem.* p. 214). Por exemplo, no impeachment de Dilma Rousseff foi preciso que as diferenças entre os diversos sujeitos políticos fossem suprimidas e constituída uma equivalência capaz de constituir um bloco hegemônico em torno do “Fora, Dilma!”. Políticos tradicionais, classe média, novos movimentos sociais de direita, bem como MBL, Revoltados, Nas Ruas e mercado financeiro se articularam pelo “Fora, Dilma!”, ponto nodal capaz de suprimir as diferenças e hegemonizar os ideais da direita. Toda formação hegemônica também produz uma fronteira, uma face que o discurso não captura:

Uma formação discursiva só consegue significar a si mesma (isto é, constituir-se como tal) transformando os limites em fronteiras, constituindo uma cadeia de equivalências que costura o que está além dos limites como aquilo que não é. É apenas por intermédio da negatividade, da divisão e do antagonismo que uma formação pode se constituir em um horizonte totalizante. (*Ibidem.* p. 224-225)

O discurso hegemônico do “Fora Dilma!” estabeleceu o petismo e o discurso de esquerda como o Outro, fora do seu discurso. Estes dois polos foram e, ainda são, os principais protagonistas da política brasileira de 2013 até os dias de hoje. Apesar desse antagonismo ser noticiado como polarização disfórica pela mídia, o social dividido e não uniforme é

característica já apontada, no qual uma hegemonia total seria uma idealização do campo discursivo. Contudo, nem toda hegemonia implica em uma divisão polar, dicotômica, como as guerras de posição gramsciana preconizavam; podem se estabelecer lutas democráticas, em que se constituem espaços políticos plurais, que se instituem tendencialmente como bloco, não por uma lógica anterior ao discurso (*ibidem.* p. 217). A constituição desse bloco antipetista e a crise orgânica da política brasileira perpassa a história do objeto epistemológico.

Formação do MBL

O Movimento Brasil Livre tem como sua primeira publicação no Facebook, caracterizando um marco de fundação do grupo, um post em 4 de novembro de 2014 chamado “Manifesto por um Brasil Livre”. No manifesto, o grupo anuncia quem é, quais as preocupações, o que almeja e, por último, convoca uma manifestação para o dia 15 de novembro, “reafirmando nosso compromisso com a liberdade, a justiça e as instituições democráticas” (MBL, 2014).

Tal brasilidade não é resgatada à toa, sendo colocada em oposição a algo que não é mencionado no texto nominalmente, mas está lá. “Acreditamos que um governo deve servir para unir o seu povo, e não criar divisões artificiais, deve tratar as pessoas como cidadãos, e não como súditos ou peças descartáveis de um jogo de tabuleiros a serem manipulados” (*Ibidem.*) -- o governo não mencionado é o PT, mais especificamente Dilma Rousseff, reeleita no segundo turno com baixa margem. A primeira publicação trata-se de um dos temas que orientam a construção deste capítulo – a polarização. Dentro desta lógica discursiva tem-se, de um lado os brasileiros e, de outro os petistas; um lutando por um “Brasil independente”, o outro envolvido em escândalos de corrupção e acusado pelos seus opositores de fraudar as eleições. Este modo de organização do discurso foi constante entre os movimentos que apoiavam o impeachment de Dilma Rousseff. Imputar o estigma de corrupto no adversário político permite associar diversos problemas do Brasil ao seu desafeto político.

O manifesto termina com as reivindicações do grupo: imprensa livre, transparência nas investigações de corrupção da Petrobras, auditoria das urnas eletrônicas, investigações sobre atuação dos Correios nas eleições, separação dos poderes e fim dos subsídios para ditaduras.

O documento sintetiza muito bem as acusações feitas pela oposição de que o Partido dos Trabalhadores era alvo. Na época de lançamento do manifesto, ocorria, também, o auge dos escândalos envolvendo a refinaria de Pasadena; em 2014, a operação Lava Jato, ainda

crescendo de popularidade, havia exposto o envolvimento direto de Dilma nesse caso; envolvimento de quando Rousseff ainda era presidente do conselho da Petrobras. Além disso, outro agente que alimentava o sentimento de indignação perante corrupção foi o midiático; o julgamento do mensalão foi o primeiro a ser transmitido ao vivo na televisão, com grande repercussão nas redes sociais, em especial no Twitter. Esta audiência tornou-se um espetáculo midiático, já que pela primeira vez as decisões dos ministros do Supremo seriam proferidas ao vivo em cadeia televisiva. Cada um dos atores estaria desempenhando um papel social, e o próprio fazer do julgamento obedece à teatralidade da vida social, esta que estaria sendo replicada dentro do julgamento (PAIVA, 2013). Acusação, defesa e juízes, cada um cumpria o seu papel e executava os ritos na encenação do judiciário, observados de perto nas telas do país. O julgamento do mensalão, ao mesmo tempo que acontecia dentro da regulamentação e ordenação jurídica, com seus ritos e processos, também se desenrolava através da teatralidade do processo, pelas mediações da opinião pública, que consumiam as notícias do julgamento mais importante do país, nos jornais e telejornais. Não era apenas o andamento ordinário do processo que ganhava espaço na mídia, mas também as discussões calorosas entre os ministros, a vida pessoal e a trajetória de cada um, os bastidores das decisões. Joaquim Barbosa foi elevado à condição de super-herói brasileiro, comparado ao Batman, que assim como o ministro, também usava capa preta; outra semelhança com o homem morcego está em que ambos eram vigilantes solitários, combatentes não só os maus feitos dos criminosos, mas lutavam, também, contra o próprio sistema. Sendo assim, Joaquim foi representado por enunciados nas redes sociais e em manchetes da imprensa: “Barbosa, o Batman brasileiro, é o novo presidente do STF”; A revista Exame³, no Facebook, circulou uma montagem: “Batman é para os fracos. O meu herói é negão, usa toga preta e está em Brasília lutando contra os maiores vilões da história.”

³ Disponível em: <<https://exame.com/brasil/barbosa-o-batman-brasileiro-e-o-novo-presidente-do-stf/>>

Figura 5 - Joaquim como vigilante



Ao mesmo passo que nesse processo se constituíam heróis, também se apresentavam inimigos. Os mensaleiros petistas, como José Dirceu, Palocci e, especialmente Lula, eram os corruptos que surrupiaram o Estado brasileiro para si e para os amigos, “ditadores” da esquerda latino-americana, como, por exemplo, Fidel, Hugo Chávez e Evo Morales; a relação do PT com outros governos latino-americanos era narrada por colunistas em programas de opinião, como corrupta. Narradores esses como, por exemplo, Reinaldo Azevedo, Augusto Nunes, Diogo Mainardi e Rodrigo Constantino. A corrupção petista, como narrada pela mídia, não se limitava à ganância do dinheiro, mas constituía-se em um plano maquiavélico de apropriação do Estado. O esquema não era apenas pela compra de votos no congresso nacional, como denunciado no mensalão, mas também pela compra da população pelas políticas assistencialistas do governo.

O Bolsa Família era articulado nas revistas semanais de grande circulação, tal como a revista Veja, como não emancipatório, como uma moeda eleitoral desenvolvida pelo PT, a qual possivelmente desincentiva o trabalho pelo mecanismo de transferência de renda. O discurso sempre se repetia em novas reportagens, com novos argumentos, nas principais revistas semanais do país; essa formação discursiva, construída ao longo de anos, sustentava que o Bolsa Família financiaria a eleição de Lula com um voto de cabresto disfarçado de programa social (PRADO; MOASSAB, 2011).

O julgamento do mensalão e toda a sua cobertura midiática se constituíam como espetáculo (DEBORD, 2005), pois é justamente como espetáculo que o fenômeno se sustenta, em sua capacidade de representar o processo; não como irrealidade, pois é a mediação feita pelo espetáculo que constituía a realidade social. A política não está fora dessa forma de estruturação social, pois faz parte desse movimento tanto quanto os outros espetáculos midiáticos. A dinâmica abordada por este espetáculo é fundamental para a manutenção da atenção do público, afinal, acompanhar as technicalidades de um processo jurídico é bem menos interessante que as suas intrigas. Os veículos de comunicação de massa se aproveitavam disso, apresentando novos furos de reportagem, trazendo para seus leitores informações sigilosas, mostrando novos personagens, testemunhas oculares, revelando depoimentos, inquéritos policiais, trazendo ao público os bastidores da justiça. O reconhecimento do espetáculo não pode se limitar às críticas a suas estruturas, é necessário olhar para os sujeitos e reconhecer seus efeitos na subjetividade humana, em certa medida, até como efeitos patológicos. Essa é a tese de Türcke (2016): vivemos em uma sociedade em que o modo de sociabilidade tecno midiático, baseado na repetição do consumo dos autómatos de imagens, nos condiciona à hiperatividade compulsiva. A recusa geral ao silêncio ou ao vazio e a constante e compulsiva busca por novas descargas sensoriais, são marcas do tempo em que as telas dominaram a vida cotidiana do mundo:

Como sempre, cada fotograma age como impulso óptico a irradiar sobre o observador um “alto lá”, “preste atenção”, olhe para cá”, a administrar-lhe uma pequena nova injeção de atenção, uma descarga mínima de adrenalina – e a desgastar-lhe a atenção por meio de uma estimulação ininterrupta. O choque da imagem exerce poder fisiológico; o olho é magneticamente atraído pela abrupta alteração luminosa, e dela só consegue se afastar através de um grande esforço da vontade (...) o choque da imagem se tornou o foco de um regime global de atenção, que insensibiliza a atenção humana por meio da sobrecarga ininterrupta. (TÜRCKE, 2016, p. 32-33)

O mensalão foi o primeiro escândalo político no qual a dinâmica de circulação das informações já estava organizada pelas redes (PAIVA, 2013). A cobertura midiática apresentou mais que um réu em um escândalo político; apresentou um vilão, um inimigo corrupto que usurpou o país e que precisava ser derrotado. Preencheu o cotidiano do povo brasileiro com estas imagens que circulavam, tanto na mídia tradicional, quanto nas redes sociais. O MBL, por sua vez, usou dessa lógica discursiva combinando-a ao seu repertório político liberal. No texto de fundação do grupo era previamente estabelecida uma posição antagônica ao inimigo PT, ao mesmo tempo que costurava o significativo vazio de liberdade, tanto política, como econômica, no qual o PT se constituía como ameaça; o discurso também estabelecia uma rede de equivalências entre diferentes, anulando qualquer diferença social, étnica, etária ou de gênero,

em que seriam todos brasileiros, porém o anti-sujeito, o PT, queria dividir o país e destruir essa rede de equivalências.

O caminho do antagonismo, como pontua Mouffe (2015), é uma forma de fugir do político, uma forma apolítica de embate, já que, se o objetivo é simplesmente destruir o outro, não existe campo para o comum e o político, que para se realizar deve buscar o agonismo, uma forma na qual mesmo posições opostas reconheçam a legitimidade uma da outra, nem no extremo da eliminação do outro, nem na fantasia do entendimento pleno, mas entendendo a política como disputa. Ainda nos anos 90, a autora apontava a facilidade que os grupos de extrema direita tinham em organizar discursos antagônicos, após o fim da estabilidade das cadeias discursivas do mundo e da Guerra Fria, que demarcavam para o ocidente quem claramente era o inimigo. Disto decorre uma instabilidade das cadeias discursivas, nas quais os significantes estão soltos, podendo ser reconfigurados a partir de outras lógicas discursivas e outros pontos nodais. A promessa do universalismo liberal não se concretizou e, por outro lado, ocorreu o aparecimento de forças reacionárias pautadas no antagonismo, as quais se aproveitaram da instabilidade das cadeias discursivas para apresentar um novo inimigo – o imigrante, que dessa vez era interno e estaria subvertendo a cultura tradicional:

Eu proponho que o crescimento da extrema direita em vários países da Europa só pode ser entendido no contexto de uma profunda crise das identidades políticas que confrontam a democracia liberal seguindo a perda dos marcos da política tradicional. (MOUFFE, 1993, p. 4, tradução nossa)

De certo modo um movimento análogo aconteceu no Brasil em 2013, com uma crise política e social acompanhada de um forte sentimento de rejeição à política liberal, a qual produz uma desorganização das cadeias discursivas, sobretudo as estruturadas pelo populismo do lulopetismo; a extrema direita soube capitalizar a situação com um discurso antagônico, a partir do uso desta desorganização. O mensalão foi o momento inaugural que permitiu construir discursivamente o PT como corrupto, agora, suportado por uma declaração institucional. O discurso antipetista é tão velho quanto o partido, mas, a partir de 2013, esse discurso se reconfigurou. Este fato decorre da ascensão do objeto de estudo, ou seja, um holofote midiático como força política relevante.

Junho de 2013: Uma Nova Hegemonia Política Brasileira

Não há exatamente um consenso sobre junho de 2013. Singer (2013) defende que junho se constituiu como um acontecimento, enquanto Antunes (2013) define junho como jornadas, defendendo que o movimento se insere em um contexto geral de greves e mobilizações. Uma manifestação que colocou nas ruas a classe média e o precariado (SINGER, 2013), em especial jovens contratados para os subempregos dos setores de serviços que eram os mais atingidos pela precariedade do transporte público (ANTUNES; BRAGA, 2014).

Outra linha de pensamento reconhece em junho o embrião do golpe e, nessa perspectiva, este fatídico mês minou a popularidade da presidente Dilma, como mais uma peça dentro do jogo político que culminou no golpe de 2016 (SOUZA, 2016). Os setores que se organizavam ao redor do lulismo, o chamado Campo Democrático Popular, não eram favoráveis a junho, pois significava um desgaste para seus quadros em ano antecedente às eleições presidenciais; não houve uma mobilização de setores tradicionalmente ligados às lutas sociais no Brasil, os movimentos pela reforma agrária e urbana nem aos sindicatos tradicionais. Assim, as entidades que historicamente construíram as lutas sociais não aderiram a junho de 2013. A rede de equivalências entre diferentes setores era de extrema importância para o governo do Partido dos Trabalhadores, o PT. O sustento para a “governabilidade” carecia desta rede que colocou no mesmo campo político PMDB e MST; sindicatos e patrões, os moradores de periferia e a classe média urbana. As manifestações populares eram um distúrbio dessa organização gerida pelo PT, pois expressavam um descontentamento com o Estado brasileiro que sediaria a Copa do Mundo.

O mês de junho foi marcado por haver não somente uma, mas múltiplas vozes com inúmeras reivindicações. Reivindicações essas reunidas durante as semanas que se passaram, em torno da luta contra o aumento da tarifa do transporte público. O movimento tomou forma, assim como outros movimentos espalhados pelo mundo: *Occupy* nos Estados Unidos; Indignados na Espanha; e a primavera árabe. A união de diferentes vale notadamente por sua potência (CASTELLS, 2013) (HARDT e NEGRI, 2005), ou seja, a capacidade de reunir diferentes sujeitos sem que haja um controle sobre eles; a constituição de um corpo político que não pode ser governado ou dirigido, o qual se organiza graças ao modo de circulação de informação descentralizado, próprio do desenvolvimento das redes de comunicação. Essa é a marca das grandes manifestações populares do começo do século XXI, em especial, as

manifestações progressistas. A questão central é que estes movimentos não são capazes de estabelecer uma agenda positiva que possa perdurar para além do momento em que milhões estão nas ruas. Žižek (2011) faz uma provocação aos amotinados em Wall Street: estabelecer uma posição política negativa, como rejeitar o modo de vida imposto pelos caprichos do mercado e da bolsa de valores, não basta. Outro modo de vida e uma outra política devem ser apresentados como substitutos. Se não forem apresentados, a capacidade de ruptura da manifestação se dilui. Junho de 2013, no Brasil, se insere como uma dessas manifestações.

Em junho de 2013, nas cidades de São Paulo e Rio de Janeiro, as manifestações de rua reivindicavam a derrubada do aumento da tarifa do transporte público, somando-se a outras cidades, em especial Porto Alegre, berço do Movimento Passe Livre (MPL), onde eram realizadas manifestações contra o aumento de tarifas desde o começo do ano. Neste contexto, as manifestações ainda eram incipientes e restritas a uma vanguarda heterogênea de ativistas de esquerda – as juventudes dos partidos de esquerda revolucionária (PSOL, PCB, PSTU), autonomistas e outros militantes ligados a pautas identitárias⁴ se reuniam nas convocações do MPL. A reivindicação principal era a derrubada do aumento da tarifa, reajuste discutido em diversas capitais do país. Os “20 centavos” de aumento nos transportes metropolitanos paulistas se tornaram símbolo da luta nacional, contrastando com as obras e altos investimentos para a Copa do Mundo de 2014. O movimento assumiu proporções nacionais após as manifestações dos dias 6, 7 e 11 de junho, na cidade de São Paulo, que terminaram com forte repressão policial, feridos e detenções arbitrárias. O editorial de Arnaldo Jabor⁵ demarca esse período com clareza. No Jornal da Globo, o colunista compara o terror causado pelos “vândalos” no protesto com o horror vivido na cidade em maio de 2006, quando o PCC⁶ decretou toque de recolher na cidade de São Paulo, queimou viaturas e matou policiais. Os manifestantes, para Jabor, são rebeldes sem causa, burros que não sabiam os motivos pelos quais lutavam. O editorial da Folha⁷ segue a mesma linha de crítica aos manifestantes: o problema central era o bloqueio da via pública, feita por um grupelho de manifestantes-vândalos com pautas irreais, mais preocupados em depredar a cidade. E, por esse motivo, o Editorial pedia para que as autoridades prendessem os vândalos e fosse restabelecido o direito de ir e vir. Os manifestantes, em tais discursos, eram unificados pela lógica equivalencial através do significante “vândalos”. A amarração discursiva

⁴ Notadamente manifestantes protestavam contra o pastor Marco Feliciano, que havia acabado de assumir a presidência da comissão de direitos humanos da Câmara Federal. O pastor era conhecido por falas homofóbicas.

⁵ Arnaldo Jabor fala sobre a onda de protestos contra o aumento nas tarifas de ônibus. Jornal da Globo, 2013. Disponível em: <<https://globoplay.globo.com/v/2631566/>>.

⁶ Primeiro Comando da Capital (PCC). A facção criminosa paulista é conhecida popularmente como PCC.

⁷ Editorial: Retomar a Paulista. Folha de São Paulo, 2013. Disponível:

<<https://www1.folha.uol.com.br/opiniao/2013/06/1294185-editorial-retomar-a-paulista.shtml>>.

ênfatiza o fazer desordeiro, a rebeldia que propagava pânico na cidade, comparável a uma organização criminosa, a qual precisava ser contida pelas forças policiais. A forte repressão policial, entretanto, ocasionou uma adesão do público aos manifestantes e serviu como validação das posições de sujeito dos manifestantes, pois funcionou como prova da intransigência do governo paulista.

Castells (2013) defende que os protestos da Primavera Árabe foram iniciados graças às imagens que causaram grande comoção, como, por exemplo, o vídeo do mercador de frutas tunisiano, Mohamed Bouazizi, cometendo autoimolação depois de ter sua barraca apreendida pelas autoridades locais; o vídeo teve milhões de acessos na plataforma do YouTube e foi o estopim para os protestos na Tunísia. No Brasil, as imagens de violência policial - que naquela noite de junho não se restringiu somente aos manifestantes, mas também acometeu aos profissionais da imprensa e qualquer outra pessoa que estivesse na rua - desempenharam o mesmo papel das reproduções vindas da Tunísia. A imagem da repórter da Folha, Giuliana Vallone, atingida por uma bala de borracha no olho, e tantas outras figurações de selvageria da polícia militar, fez com que a opinião pública sobre os protestos mudasse, abrindo caminho para que ocorresse uma massificação. O dia 13 de junho marcou a virada, não mais como um movimento de vanguarda contra o aumento da tarifa, mas como um protesto nacional que reuniu milhares de pessoas. Novos sujeitos, não ligados a partidos políticos ou organizações políticas tradicionais (sindicatos, movimentos sociais pela terra e moradia), que sempre haviam estado à frente das manifestações até então. Pessoas sem organização política ou tradição militante passaram a ser a maioria dos presentes nas ruas; Pinto (2017) chama de massa de novos sujeitos. As manifestações se tornaram diárias e se espalharam por cidades de todo o Brasil. A reversão do aumento das tarifas aconteceu no dia 19 em São Paulo. No entanto, os protestos continuaram incorporando de maneira crescente as pautas e tornando-se mais difusos nos dias seguintes.

Uma adesão de novos sujeitos não significa a dissolução ou reconfiguração total de um discurso, pois este, na verdade, é o trunfo das massas abertas: ser capaz de sempre crescer e atrair mais e mais pessoas a suas fileiras (CANETTI, 2019 p. 13-14); contudo, é necessário que as equivalências sejam estabelecidas para que o discurso continue a incorporar as novas posições de sujeito sem dissolver aquilo que constitui a manifestação como um só corpo. Em 2013, entretanto, nenhuma das organizações, ou movimentos, conseguiu estabelecer essas equivalências. O MPL, grupo que originalmente convocou as manifestações, rejeitou qualquer tipo de articulação para além da pauta da tarifa:

O MPL se colocava nas manifestações com uma diferença: uma demanda que, atendida, não se relacionava mais com nenhuma outra demanda. Apesar de defender a política além do voto, seus integrantes não se articularam, durante as manifestações, com partidos mais à esquerda ou com grupos anarquistas que defendiam a democracia direta. O MPL teve força de mobilização, mas sua posicionalidade de demanda democrática não articulada a nenhuma outra demanda impediu qualquer processo que permitisse o surgimento de uma cadeia de equivalência entre as diversas demandas que circulavam nas manifestações e a luta contra o aumento da passagem do transporte urbano. Ao contrário, o MPL se posicionou com uma demanda particular e se retirou das ruas assim que atendido. (PINTO, 2017 p. 132)

Os *black blocs* também não construíram equivalências, já que o objetivo da tática *bloc* é contestar, por meio de ações diretas e da desobediência civil, a ordem capitalista estabelecida, não havendo espaço para alianças ou concessões nesse contexto:

Os *Black Blocs* também tinham um discurso que se impunha pela diferença, pela impossibilidade de construir equivalência com os demais atores nas ruas. Seu discurso era a luta contra o capitalismo e seus símbolos, suas ações eram de enfrentamento físico com as forças policiais. Não havia demanda como no caso do MPL, mas uma performance que os isolava de qualquer outro grupo ou manifestantes individuais. (Ibidem, p. 134)

As duas principais forças da primeira fase da manifestação, MPL e *black blocs*, não se constituíram como forças hegemônicas e não se pretendiam como tal, pois, durante todo o processo, se mantiveram ancoradas nas suas próprias identidades. Junho, portanto, esteve organizado ao redor de uma cadeia discursiva flutuante, a qual abarcava identidades difusas, unidas momentaneamente na pauta da tarifa – cada grupo mantinha suas próprias reivindicações e as suas próprias diferenças. Qualquer equivalência entre os partidos de esquerda, MPL e *black blocs*, só se constituiu como tal enquanto ainda havia a perspectiva de derrotar o aumento da tarifa. Os “20 centavos” eram a cola programática que permitia aquela configuração política se aliar, porém, nada além daquela cadeia era costurado.

A chegada de uma massa de novos sujeitos implica, após a forte repressão dos dias 11 e 12 de junho, neste caso, em uma mudança na cadeia discursiva. O manifestante típico deixou de ser o *black bloc*. A massa perdeu sua constituição como turba raivosa e passou a existir como a manifestação dos anseios da sociedade civil. O *black bloc* mascarado saiu de cena para a entrada do cidadão de bem com rosto pintado de verde amarelo. O discurso do Arnaldo Jabor ganhou a versão *mea culpa*: os “rebeldes sem causa” e “jovens de classe média” do dia 12, passam a ser vistos como “a força da juventude” que colocou “o povo” nas ruas e podia renovar a democracia brasileira, afirmações estas vistas no editorial do dia 17 de junho. As manifestações passaram a ser apoiadas pela imprensa. A rápida mudança de humor da cobertura midiática pôde ser explicada pela adesão dos novos sujeitos e por uma manifestação que já

obtinha total simpatia da opinião pública. Outro caso emblemático de choque do discurso midiático e opinião pública aconteceu no programa Brasil Urgente no dia 13 daquele mês; o apresentador José Luiz Datena mostrava imagens aéreas da concentração do protesto que aconteceu naquela noite e lançou uma enquete de sim ou não, na qual os telespectadores votavam por telefone: “Você é a favor desse tipo de protesto?”, referindo-se ao modo desordeiro dos protestos, enquanto discursava sobre os problemas de um protesto com “baderna”. O “sim” venceu e uma nova pergunta é formulada para novamente ser votada pelos telespectadores: “Você é a favor de protesto com baderna?”; o “sim” venceu mais uma vez e com uma margem ainda maior. A pesquisa feita no Brasil Urgente tinha caráter puramente anedótico; uma forma de interação com o telespectador, moldada para criar um sentimento de participação da audiência com o programa, ao mesmo tempo que reforçaria a fala do apresentador. Mas houve uma quebra da expectativa programada pela emergência do acidente, que se constituiu no fato do resultado da pesquisa não coincidir com o discurso do apresentador, como era o esperado.

Apesar da massa de novos sujeitos dominar as manifestações, os *black blocs* ainda estavam presentes, mas, agora, como uma identidade marginalizada na qual o discurso hegemônico da manifestação visava excluir e não capturar; tratavam-se de “infiltrados”, alguns poucos desordeiros que se aproveitavam da situação, mas não resumiam o movimento em sua totalidade. Para os *blocs*, a violência é uma forma de manifestação política legítima e válida, já que todas as outras haviam falhado. A única forma de serem ouvidos era através de uma ação direta enérgica, indo além da violência que também era utilizada pelo seu adversário político (SOLANO, 2014). Em 2020, ano eleitoral, o Brasil registrou 107 assassinatos políticos⁸. A violência sempre fez parte do repertório político brasileiro. Contudo, há por parte da imprensa tradicional uma tentativa de invisibilizar o sentido político desses protestos e de ressaltar apenas a violência dos *blocs*, como, por exemplo, atos incendiários contra os ônibus coletivos ou revidar a polícia. Como aponta Solano (2014), após uma manifestação tudo era limitado e resumido ao ato de violência simbólica, como se não houvesse um antes e um depois, uma construção política. O assunto debatido tanto nas redes sociais, quanto nos telejornais, era a vidraça despedaçada.

A forte rejeição dos partidos tradicionais também foi fator decisivo para junho. O sentimento antissistema, que também se encontra na raiz dos movimentos anarquistas e da tática *black bloc*, foi um dos mobilizadores das massas de novos sujeitos, os quais eram contra a classe

⁸ Levantamento feito pelo TSE transformado em reportagem pelo jornal Estado de São Paulo; Disponível em: <<https://politica.estadao.com.br/noticias/eleicoes,pais-registra-107-assassinatos-politicos-tse-comeca-so-agora-a-analisar-violencia,70003529254>>

política; estes enxergavam no Estado um inimigo dos bons serviços públicos e estavam desvinculados a qualquer organização sindical ou partidária (PINTO, 2017). “O gigante acordou” e com ele os motivos verde-amarelo voltaram às ruas se deslocando da política dos partidos, buscando construir uma unidade dos brasileiros “de bem”, agora “acordados” para os problemas do país. Esses indivíduos se revoltaram com os serviços públicos precários e com a classe política. Tais manifestantes apresentaram um modo particular de reivindicação, como apontam Fontenelle e Pozzebon (2018). A única forma de expressar a cidadania era repetir e replicar lógicas do consumo; os manifestantes demandavam do Estado como um consumidor que deve ser atendido porque está pagando. As marcas também se apoderaram dos protestos colocando na centralidade do seu discurso justamente o consumidor-cidadão. Aquele que reconhece a lógica do mercado como ordem reguladora da vida e o que pode atender aos desejos da cidadania é o mercado, não mais o Estado. Os produtos e o universo do consumo operavam por deslocamento, colocados no lugar da cidadania e fixando a cadeia significativa, como no famoso cartaz: Quero Bolsa “Louis Vuitton”. Esse é um dos exemplos, mas existem outros como: “Queremos kinder ovo a preço de R\$ 1”, “PEC 33? EU QUERO É UM PS4”. A substituição é um mecanismo recorrente na linguagem, ao lado da condensação. Ambas são utilizadas como formas de deslizar a cadeia significativa por pertencerem à linguagem, também operam no inconsciente. A substituição de caráter metonímico e a condensação de caráter metafórico (LACAN, 1998). Para Dunker (2019) a questão não é definir se a relação é de metáfora ou metonímia, mas trata-se de compreender esses procedimentos dentro das funções desempenhadas entre sujeitos e objetos, considerando a linguagem e seus mecanismos como estruturais, não como meros adereços do todo poderoso inconsciente. Usar a linguagem é movimentar o inconsciente.

Laclau (1990) compreende o deslocamento discursivo a partir de três categorias que o regulam: temporalidade, possibilidade e liberdade. São esses três fatores paradoxais e externos à estrutura que permitem o deslocamento e implicam que toda estruturação discursiva pode, por fatores externos a ela, reconfigurar-se. Os deslocamentos discursivos acontecem para tentar constituir a sociedade como um todo, em um sentido mais lacaniano, de se aproximar do Real. O deslocamento é, portanto, o ponto ontológico de construção da sociedade, é nesse sentido que Laclau faz a provocação: “entender a realidade social, não é entender o que a sociedade é, mas o que previne ela se constituir como tal” (LACLAU, 1990, p. 32, tradução nossa). A sociedade pode ser entendida pela falta constitutiva que obriga os discursos a sempre se deslocarem. Entender o social passa por entender o que o fixa como tal: quais são seus pontos

nodais e significantes vazios? É preciso localizar o que impede sua realização como discurso pleno e potencialmente obriga novos deslocamentos.

Acontecimento

A teoria semiótica tensiva entende o acontecimento como aquilo que “se instala sem nenhuma espera, denegando *ex abrupto* as antecipações da razão, os cálculos minuciosos do sujeito” (ZILBERBERG, 2007, p. 18), um momento de desorganização das cadeias discursivas, ocasionado pela potência do acontecimento. Trata-se daquilo que obriga o sistema a se deslocar, a se reconfigurar, mas de maneira radical. A semiótica tensiva compreende o acontecimento a partir de duas categorias do campo de presença dos sujeitos: intensidade e extensidade. O acontecimento seria o momento de uma explosão de intensidade em uma curta extensidade, o movimento externo à estrutura discursiva que obriga a sua reconfiguração. Com ela deslocada abrem-se possibilidades para novas formas, não mais determinadas pela estrutura, mas abertas para novas estruturações:

A situação do deslocamento é aquela de falta que envolve uma estrutura referencial. Há uma temporalização dos espaços ou uma abertura do campo de possibilidade, mas acontece em uma situação determinada: na qual, existe sempre uma estruturação relativa. (LACLAU, 1990, p. 31, tradução nossa)

A desorganização e o deslocamento proporcionado pela erupção acontecimental, que colocou milhões nas ruas e desorganizou as cadeias discursivas no Brasil, é um dos fatores do mês de junho. O outro é a impossibilidade da política se manifestar como agonística, não pela imposição de uma diferença irreconciliável, como fizeram os *blocs*, mas por uma equivalência que suprimiu qualquer diferença. Mouffe (2015) aponta como a Europa derivada do fim da União Soviética e com ela o fim da polarização que marcou o século XX colocou em questão o discurso socialdemocrata que pregava a possibilidade de um consenso e um progresso geral. Na medida que este não cumpriu suas promessas, acarretou um vazio o qual foi ocupado pela extrema direita que conseguia muito bem localizar o inimigo: o imigrante, o terrorista mulçumano. O PT governou o país durante 14 anos e foi incapaz de promover um espaço democrático duradouro para que as diferenças fossem colocadas. Pelo contrário, o PT tentou estabelecer equivalências para construir a “governabilidade”, fazendo alianças com setores heterogêneos e antagônicos: MST e agronegócio, sindicatos patronais e sindicatos de classe, partidos de esquerda e partidos de direita, cancelando a possibilidade de qualquer diferença se manifestar.

Safatle (2017) entende que passamos por um processo de esgotamento, tanto das iniciativas liberais que formaram a Nova República, quanto da versão lulopetista. O pacto que constituía a democracia liberal brasileira faliu — a democracia parlamentar de coalizão se esgotou e não conseguiu produzir o Estado de bem-estar social prometido pela constituinte de 1988. O lulismo, na visão do autor, promoveria um imobilismo fundamental na sociedade brasileira, impossibilitando que as tensões sociais se manifestassem, em troca de promover um “reformismo fraco” (SINGER, 2012); reformas essas que não modificaram as relações de poder e dominação. Parte dessa falência pode ser explicada através do pemedebismo, termo proposto por Nobre (2013). O pemedebismo é entendido como um arranjo político no qual é impossível constituir uma maioria parlamentar orgânica; a única forma de governar passa a ser cedendo cargos no governo e em empresas públicas, em troca da formação de um grande bloco suprapartidário para conseguir votos no parlamento. O “toma-lá-dá-cá da política brasileira” produziu uma vasta gama de partidos que não possuem valores políticos e só existem para se manter no poder, aproveitando-se da máquina do Estado. Desde a redemocratização, não importa qual fosse a força dirigente do momento, o MDB também faria parte do governo. O pemedebismo apresenta cinco características principais que o definem:

O governismo (estar sempre no governo, seja qual for ele e seja qual for o partido a que se pertença); a produção de super maiorias legislativas, que se expressam na formação de um enorme bloco de apoio parlamentar ao governo que, pelo menos formalmente, deve garantir a “governabilidade”; funcionar segundo um sistema hierarquizado de vetos e de contorno de vetos; fazer todo o possível para impedir a entrada de novos membros, de maneira a tentar preservar e aumentar o espaço conquistado, mantendo pelo menos a correlação de forças existente; bloquear oponentes ainda nos bastidores, evitando em grau máximo o enfrentamento público e aberto (exceto em polarizações artificiais que possam render mais espaço no governo e/ou dividendo eleitoral). (NOBRE, 2013, p. 14)

As manifestações de junho demonstraram a incapacidade do PT, como partido e, sobretudo, como hegemônico do discurso, de gestionar o imobilismo do pemedebismo; o país, ao contrário, convulsionava. O PT não era mais capaz de suprimir o antagonismo da sociedade brasileira, do qual a política liberal dependia. Esse modo de governo equivale a negar a política como confronto adversarial e apostar em um consenso apolítico liberal. Os políticos não estariam conectados a velhas polarizações: esquerda ou direita. A polarização era vista como ultrapassada, mas trabalhando em conjunto, em “diálogo”, para solucionar as demandas da sociedade como um todo; aqueles que não aderissem a este modo, seriam os radicais tradicionalistas, inebriados pela ideologia. Tal visão é fundada nos pensamentos de Beck e Giddens, dois teóricos liberais, criticados por Mouffe por fundamentalmente negarem o fator central do embate na política.

Se concordarmos em pensar o campo da política de acordo com a estrutura proposta por eles (Beck e Giddens), acabaremos com o seguinte quadro: de um lado, uma multiplicidade de lutas “subpolíticas” acerca de uma variedade de questões de vida” que podem ser tratadas por meio do diálogo; do outro, os “tradicionalistas” antiquados ou mais preocupante, os fundamentalistas que conduzem uma luta retrógrada contra as forças do progresso. (...) Eles enfatizam a fluidez do social e ignoram completamente o modo pelo qual a modernidade ‘reflexiva’ tem assistido ao surgimento de uma nova classe cujo poder terá de ser questionado se quisermos democratizar as instituições da sociedade (MOUFFE, 2015, p. 48-49)

Junho era o outro lado, uma articulação incapaz de estabelecer qualquer tipo de equivalência ou espaço agonístico político duradouro. Assim, desorganizando as cadeias discursivas que estabeleceram a hegemonia petista sem apresentar uma alternativa de governo, na medida que o movimento questionava a capacidade da promessa petista de Estado de bem-estar social se realizar como tal. Mesmo com as críticas das ruas, a socialdemocracia petista não foi capaz de se reinventar e estabelecer um espaço político no qual os anseios de junho pudessem tomar corpo. Acrescentar uma maior participação popular significaria contrariar o pemedebismo e incluir novos agentes na divisão do poder político.

Se o campo hegemônico da esquerda não foi capaz de organizar a cadeia discursiva a partir de junho de 2013, por outro lado, os movimentos de direita proliferaram depois de 2013. Os movimentos Vem Pra Rua, Movimento Brasil Livre, Livres, Revoltados Online são apenas alguns dos nomes que, após 2013, foram responsáveis por organizar as manifestações que levaram ao impeachment de Dilma. Mas a pergunta colocada por Jessé de Souza permanece (2016, p. 87):

A grande questão é como protestos localizados com foco em políticas municipais foram manipulados de tal modo a se “federalizarem” e atingirem a popularidade da presidente Dilma, que àquela altura gozava dos mais altos índices de aprovação no seu governo.

O autor demonstra como na cobertura jornalística os acontecimentos de junho de 2013 se colocavam dentro da grade do Jornal Nacional ao lado de demandas da anticorrupção, como a PEC 34 e outras manifestações conservadoras, federalizando a pauta e tirando-a da responsabilidade municipal. O transporte público está diretamente subordinado ao município, mas acabava sendo, nesses discursos, transferido para a responsabilidade do governo federal. Tal movimento consolidou uma aliança entre classe média conservadora e imprensa conservadora que serviu de alicerce para o impeachment de Dilma, movendo um discurso anticorrupção moralista para a centralidade da pauta política.

As cadeias de significação não apresentam um sentido absoluto fixado *a priori*. Nem quando este sentido é fixado, ele o é permanente; a linguagem sempre “desliza” o sentido. Derrida desconstrói a noção de comunicação do senso comum filosófico ao apontar para o alargamento realizado nela pela escrita, assim, impossibilitando a fixação total de um sentido nos significantes e introduzindo a noção de ausência. A escrita provém dos sujeitos, mas existe como código independentemente deles e, até na sua total ausência, o sentido existe independente de uma intenção anterior ou presença do autor. O sentido e, por consequência, a linguagem sempre escapam aos falantes. No pensamento de Derrida esse escape, o “ponto de fuga” presente na linguagem, é o foco central na comunicação; não se trata de uma falha ou de um modo desviante de comunicação. O sentido é construído pela *différance* (“diferença”), ou seja, tem caráter relacional, não absoluto e sempre se desloca. A *différance* ao mesmo tempo que destrói a possibilidade do sentido com sua existência é o que o reconstrói:

A diferença não resiste à apropriação, ela não lhe impõe um limite exterior. Começou por encetar a alienação e termina por deixar encetada a reapropriação. Até a morte. A morte é o movimento da diferença enquanto necessariamente finito. Isto significa que a diferença torna possível a oposição da presença e da ausência. Sem a possibilidade da diferença, o desejo da presença como tal não encontraria sua respiração. Isso quer dizer ao mesmo tempo que este desejo traz nele o destino de sua insaciedade. A diferença produz o que proíbe, torna possível aquilo mesmo que torna impossível (DERRIDA, 2017 p. 176)

A visão pós-estruturalista de Derrida é o pilar filosófico e epistemológico para a teoria do discurso de Laclau e Mouffe (1993) (2015). A mesma visão abordada na comunicação, é utilizada em cadeias sógnicas particulares e estão sempre sujeitas a se transformarem a partir das relações de equivalência e diferença. Por consequência, nas relações políticas da sociedade aceitar a diferença como constitutiva do sentido é abandonar a categoria de totalidade, esta é apenas a ideação pretendida pelo discurso. As cadeias discursivas, ao contrário, estão sempre se modificando e se movendo. A partir deste pensamento, a questão levantada por Jessé de Souza também pode ser respondida se os deslocamentos das cadeias discursivas de junho forem analisados. O MBL serve como um exemplo de deslocamento.

O primeiro MBL: construção de equivalências para o “Fora, Dilma”

A primeira manifestação oficial do MBL, como grupo, data do final do ano de 2014. No entanto, como narrado pelo próprio movimento em seu documentário, ainda que o grupo não estivesse operando de maneira oficial, já havia atuado durante o ano de 2013 para “roubar as manifestações da esquerda”. O MBL aderiu às manifestações de 2013 junto com a massa de novos sujeitos. O próprio nome do grupo é um deslizamento da cadeia discursiva de 2013 e um exemplo claro. A substituição do “P” de passe para o “B” de Brasil. Não se tratou mais de um movimento daqueles que desejam ter um transporte livre, livre da tarifa, empresas ônibus, ou pautas específicas de mobilidade urbana ligadas à esquerda, mas sim de um movimento que fosse de todos os cidadãos de bem e que buscava libertar o Brasil como um todo; não individualizando o grupo em uma pauta, como aconteceu em junho de 2013. Seu principal alvo passou a ser a classe política, especialmente o PT. Segundo essa organização discursiva, o PT era o partido responsável por dividir os brasileiros entre pobres e ricos e promover corrupção para se manter no poder (MBL, 2014). O objetivo do MBL, e do campo conservador, foi conseguir organizar a indignação em volta de uma pauta universal, na medida que a articulação discursiva estabelecida pelo grupo colocava a corrupção petista como causa para todos os problemas levantados em junho de 2013: serviços públicos de baixa qualidade, baixa representatividade política, acesso limitado a bens de consumo etc. Todos os problemas do Brasil foram discursivamente amarrados direta ou indiretamente à corrupção. O movimento conseguiu, junto às suas alianças com outros movimentos sociais, como, VPR, RO e Nas Rua, estabelecer a identidade política dos manifestantes, não ligada à política tradicional, mas ao “povo brasileiro”. As diferenças entre MBL e MPL podem ser apresentadas em formato de tabela para melhor visualização:

Tabela 2 - Comparação entre MPL e MBL

MPL	MBL
Luta pela mobilidade urbana e acesso à cidade, contra o aumento das tarifas e pelo passe livre para todo o transporte público.	Luta contra a corrupção e a classe política - responsáveis pelo Estado brasileiro ineficiente - e aprovação da PEC 37.

Modo de manifestação desordeiro, enfrentamento com a polícia, bloqueio de vias, e destruição de vidraças de banco.	Modo de manifestação ordeiro, não atrapalha o direito de ir e vir, sem depredação ou confronto com a polícia.
Contra a repressão da polícia. Crítica à atuação policial, sendo ela a verdadeira responsável pela violência nas manifestações.	Em defesa da polícia, que garante a segurança do manifestante e prender os vândalos intrusos. <i>Selfie</i> com a polícia.
Anticapitalista.	Liberal.
Vermelho, preto e mascarado.	Verde-amarelo, sem máscara.

Fonte: do autor

A “corrupção” passou a operar como significante vazio, assim como descrito por Laclau (1994): na medida que este significa potencialmente tudo, exceto seu contrário, está “representando uma radical exclusão”, já que ele se esvazia de sentido para representar o sistema de significação na sua totalidade, como já dito, totalidade essa precária. O exemplo de Pinto (1999) do significante vazio “Deus” é didático: “Deus” pode assumir qualquer articulação discursiva, exceto a do “Diabo”. A corrupção significava o resumo de todos os males brasileiros. Era a explicação final que suturava a cadeia discursiva, o ponto de capitonê, ou ponto de basta que detinha o deslizamento e fixava um sentido temporário na cadeia de significação. Em diversos momentos da história do Brasil o combate à corrupção e ao ente corrupto foram pontos de costura da política brasileira, como no caso da oposição a Vargas, que falava em “mar de lama” para designar os malfeitos corruptos do governo federal e fixar, assim, um sentido para a cadeia que abarcava diferentes posições de sujeito contra o getulismo. Aécio Neves tentou replicar essa lógica discursiva em 2014 durante o processo eleitoral que disputou. No primeiro debate do segundo turno de 2014, na TV Bandeirantes, repetiu exatamente as mesmas palavras de Lacerda: “mar de lama”. No entanto, as palavras ainda eram muito ligadas à política tradicional e Neves não foi capaz de estabelecer as equivalências com os manifestantes pelo “Fora, Dilma!” e constituir um discurso hegemônico.

Ser capaz de estabelecer hegemonia é uma das principais características de um significante vazio quando este se consolida em uma cadeia de significação; é preciso que o significante vazio represente o que falta, o vazio, e o fazer político consiste em apresentar discursos que visem preencher essa falta (LACLAU, 1994 p. 72). O exemplo de Žižek (1996a)

sobre ecologia é didático: não existe a ecologia como tal, constituída como um todo fechado; o que cada grupo político, ou ideologia política faz é tentar preencher esse vazio e suturar a ecologia como um todo dentro de uma cadeia de significação: os liberais capitalistas com suas soluções de mercado, os conservadores com sua visão tradicionalista de comunidades rurais e os comunistas com o entendimento de que a exploração da natureza é decorrente da exploração do capital. A corrupção foi hegemonizada no Brasil pelo discurso antipetista-lavajatista, conseguindo gerar grande adesão e, inclusive, moldar o discurso de Dilma, que foi capturada também pelo discurso moral anticorrupção; aprovando maior autonomia para Ministério Público e Polícia Federal, que em última instância, permitiram que o golpe palaciano fosse executado e Temer assumisse a presidência findando a hegemonia discursiva do PT construída desde 2002.

O discurso conservador e moral conseguiu circular como apolítico e apartidário ao se escorar na adesão popular de junho, visto que hegemonizou a massa de novos sujeitos. Durante as manifestações de 2013, bandeiras de partido foram queimadas. “Os sem partido”, como também foram chamados na época das manifestações de junho, rejeitavam qualquer participação de partidos políticos na manifestação e cantavam em coro: “sem partido, sem partido”⁹ quando bandeiras de partidos somavam a manifestação. Na cidade de São Paulo, bandeiras do PT foram queimadas por manifestantes¹⁰. Não se trata de uma diferença tática: organizar-se de maneira autônoma ou partidária; mas de negar a possibilidade de existência do outro, por este ser “corrupto”, representa o antagonismo com a classe política imposto por junho. Diferentemente do discurso anarquista, que substitui os partidos pela organização popular, no discurso dos novos sujeitos, o qual se tornou hegemônico, os partidos são negados e, em seu lugar, são colocados significantes vazios universais: os brasileiros, o povo e a nação. O MBL fez amarração discursiva semelhante em seu nascimento nos primeiros vídeos do canal do grupo na plataforma YouTube: “01 DE NOVEMBRO: O vídeo que a mídia não quer mostrar” e “06 DE DEZEMBRO”, ambos são resumo em vídeo das manifestações, condensando imagens da passeata com discursos de lideranças e falas de pessoas comuns. Um canto que se repete nos dois vídeos: “A nossa bandeira jamais será vermelha”, é um ótimo recorte dessa formação: o PT estaria dominando o Brasil, impondo uma ditadura totalitária financiada pelas suas práticas de corrupção, “uma quadrilha patrocinada pelo PT”; com isso,

⁹Vídeo de Junho de 2013, onde é possível perceber a chegada do PSTU em uma manifestação ao coro de “Sem Partido” Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=bgCbkQb9HeI>>.

¹⁰ Registro do momento em que uma bandeira do PT foi queimada em SP nas manifestações de junho de 2013. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=mdd1LxgH0Bw>>.

produziu-se uma lógica discursiva que colocava de um lado os brasileiros e de outro os petistas. Ação fundamental para produzir a unidade que culminou no impeachment, já que essa pauta não poderia estar colada a um outro partido político ou grupo político, mas devia ser universal aos brasileiros. Para o antipetismo operar sua identidade, não poderia basear-se somente aos eleitores do PSDB ou aos liberais, mas deveria ser ampla o suficiente para abarcar todas as identidades e outras mais, como, por exemplo, os defensores da intervenção militar e os conservadores. É a dualidade da discursividade, diferença e equivalência, ao estabelecer as significações de “os brasileiros” também se estabelece as significações do petista:

O objetivo concreto de uma disputa não é somente o objetivo em sua concretude; ele também significa a oposição ao sistema. O primeiro significante estabelece o caráter diferencial daquela demanda ou mobilização vis-à-vis todas as outras demandas e mobilizações. O segundo significante estabelece o equivalente de todas as demandas na oposição comum ao sistema. (LACLAU, 1994 p. 70, tradução nossa)

Mesmo com o desgaste das manifestações de 2013 e 2014 Dilma conseguiu se reeleger:

Esse é o cenário de um vácuo discursivo, pois o que se fragmentava era a hegemonia do PT construída por longos anos através do discurso que incluía militantes e eleitores fiéis. Não perdeu seus eleitores como consequência imediata, tanto que Dilma Rousseff foi eleita e reeleita em meio aos grandes escândalos de corrupção, mas perdeu a sua capacidade de dar sentido à vida política, às causas políticas. E como tinha ocupado esse espaço por longo tempo e interpelado parcelas significativas da sociedade brasileira e, praticamente, todo o espectro da esquerda, a crise do discurso petista deve ser computada como uma importante razão da fragmentação discursiva em 2013 e dos primeiros ensaios de reorganização discursiva durante a Copa do Mundo de Futebol de 2014. Não é o caso de afirmar que esses novos discursos interpelaram a massa de eleitores do PT, pois não temos elementos para isso. Porém, a crise do discurso petista possibilitou um vazio discursivo e uma miríade de significantes flutuantes à disposição para serem articulados em novas cadeias de equivalência (PINTO. 2017, p. 143).

Em 2015 os escândalos de corrupção se intensificaram ao mesmo tempo em que a oposição, liderada por Aécio, perdia forças por também ter seu nome envolvido em esquemas políticos. A oposição em 2015 se desvinculou da política institucional discursiva que, por anos, dominou o lulismo, o PT e o PSDB. O antipetismo, agora, estava ligado às ruas e às manifestações populares, que pediam: “Fora, Dilma”. Neste momento, uma nova hegemonia envolvia a aliança de grupos heterogêneos e, depois, a classe política. Kim Kataguirí, principal liderança do MBL, conta no livro sobre a história do MBL - “Como Um Grupo de Desajustados Derrubou a Presidente MBL: A Origem” - que na época das primeiras manifestações, ainda no final de 2014, o grupo se juntou com o movimento “Vem Pra Rua”, que possuía mais equivalências com MBL, no entanto, era mais próximo dos ideais do PSDB; e com os

Revoltados Online, grupo radical, que pedia intervenção militar. Essas duas forças políticas se organizaram junto ao MBL para a grande manifestação do dia 15 de março pelo “Fora Dilma!”. No livro é narrada uma tensão dupla: controlar o radicalismo golpista do RO e convencer o VPR a apoiar a tese do impeachment, mesmo contra a vontade do PSDB.

A Lava jato e o fim da hegemonia petista

A formação do antipetismo, em 2015, também é tomada como lavajatista, ganhando novos contornos com a adesão do judiciário e do ministério público, que trataram em materializar os discursos em investigações, conduções coercitivas, grampos e julgamentos. A contribuição de Austin (1990) sobre a dimensão performativa da linguagem permite aprofundar o argumento de uma relação direta entre manifestações e ações do judiciário. Os atos de fala permitem realizar com o dizer, como um juiz sentencia um condenado ou como um padre realiza um casamento. Exemplificando de maneira direta: o próprio ato de dizer “eu prometo” é o que institui a promessa. Considerando a leitura pós-estruturalista de Derrida (1991, p. 27-35) sobre o ato da fala, na qual a possibilidade de um ato ser citado, isto é, sua iterabilidade, a capacidade de um ato ser repetido e reconhecido como tal, é a característica que constitui a possibilidade de o performativo funcionar; reconciliando o ato performativo com o não sério, o não intencional, os quais Austin rejeitava como anomalias. É justamente a iterabilidade que permitiu que os atos ilocucionários do judiciário, mesmo que alguns deles arbitrários, se efetivassem. Essa iterabilidade foi sustentada pelo antipetismo-lavajatista e seu discurso que conclamava a prisão dos corruptos nas manifestações pelo impeachment utilizando-se de palavras de ordem, bonecos infláveis com roupa de presidiário, discursos em carros de som etc. Ressonância e iterabilidade do discurso hegemônico antipetista foram o alimento para os atos ilocucionários do congresso e judiciário brasileiro, mais que qualquer contexto ou convencionalidade jurídica¹¹. As manifestações de 2015 e 2016 elegeram, na figura do juiz Sergio Moro, o herói moral capaz de combater a corrupção, um juiz destemido que condenava corruptos e era o rosto principal da operação Lava Jato. Os manifestantes o elegeram assim, pois o juiz personificava o antagonismo ao presidente Lula. A operação, parecida com a que acontecera com o Escândalo do Mensalão, tomava longos espaços na cobertura midiática e era a prova cabal da degradação promovida pelo PT. O Jornal Nacional exibiu artes gráficas em

¹¹ As trocas de mensagens entre os procuradores e juízes reveladas pelo site The Intercept Brasil, corroboram com a tese que havia um alinhamento político entre manifestantes, autoridades policiais e juízes. A força tarefa atuava para atender as demandas da população e se pautavam por elas.

seu cenário que continham canos de petróleo vazando dinheiro, como se fosse o “ralo da corrupção” para o qual o dinheiro do país estava indo. A corrupção é tematizada como algo sujo, simbolizada pelos canos enferrujados e soltando notas de cem reais. Fundos como este acompanhavam todas as matérias sobre corrupção no programa jornalístico.

Figura 6 - exemplo de fundo do Jornal Nacional



Fonte: do autor

A hegemonia construída pelo PT, em especial no governo Lula, foi forjada na constituição de alianças com setores amplos da sociedade e impulsionada pelo acesso ao consumo de milhões de brasileiros através das políticas de transferência de renda. No entanto, estas políticas não foram replicadas com sucesso no governo Dilma. Rousseff, que sofria pressões do congresso e das manifestações, tentou fazer sinalizações para estes seguimentos da sociedade. Aprovou um ajuste fiscal, sancionou a lei antiterrorismo e deu mais autonomia para PF; contudo, mesmo com estas sinalizações, o encadeamento de equivalências construídas não era mais capaz de ser suturado. Laclau (1994, p. 70) compreende que, para que a hegemonia possa ser constituída, deve haver um significante que possa tomar o lugar da cadeia toda e suturar as diferentes posições como um todo único. Quanto mais a cadeia for estendida, menor será a possibilidade de que cada articulação individual possa manter-se fechada em si. O movimento inverso, ao aprofundar-se nas relações de equivalências, entre as posições e nublar suas diferenças, quanto maior for a cadeia, menos concreto será o equivalente entre as posições. Toma-se como exemplo a ascensão social promovida pelo PT, a qual não poderia ser apenas a dos beneficiários do bolsa família ou a dos beneficiados pelas outras políticas públicas como, por exemplo, acesso à universidade, programas de infraestrutura, PAC e Luz Para Todos, mas precisava ser tão amplo quanto às posições de sujeito que abarcava. Assim, a promessa de ascensão social é o ponto nodal, pois perpassa todos os extratos sociais brasileiros, o qual poderia ser a sutura de setores heterogêneos da sociedade. Ao mesmo tempo, a ascensão social

tornou-se cada vez menos concreta e mais intangível, pois deveria significar tanto o acesso ao primeiro eletrodoméstico de uma família beneficiária de programas sociais, quanto a viagem para *Disney* dos setores médios da sociedade. Esta extensão da cadeia foi um dos fatores que proporcionou seu enfraquecimento, quando foi tensionada pelos protestos que apontaram a corrupção como uma das impossibilidades da realização do consumo pleno. Outro movimento, subordinado a este, foi o alargamento da noção de classe média: “O filho da empregada está na mesma faculdade do patrão”, “o pobre agora trocou a rodoviária pelo aeroporto”, “o sertanejo está vendendo o jegue para comprar a moto” são exemplos desse movimento no discurso lulista. Estabelecer pela ascensão social as equivalências entre ricos e pobres, patrões e trabalhadores, sertanejos e trabalhadores urbanos.

A ascensão social era sempre medida e relatada pela mídia pela régua do consumo, as matérias jornalísticas sobre “a nova classe C” mostravam como essa parcela da população tem acesso ao crédito e a bens de consumo que eram exclusivos das elites. Na matéria do telejornal “Jornal da Globo”¹² a compra do primeiro computador por uma família suburbana ilustrava o crescimento da economia voltada para as classes populares. O consumo, contudo, demanda uma substituição constante e nunca é capaz de cumprir a sua promessa de plenitude. Sempre há um computador mais moderno, um carro com mais funcionalidades. Sendo assim, o consumo nunca é plenamente saciado. A velocidade de aparecimento de outros marcadores sociais, por outro lado, é mais demorada. Pode-se citar como exemplo aos marcadores sociais as políticas de reparação histórica, como as cotas que possuem o intuito de ampliar o acesso à universidade, e por consequência a cidadania. A ascensão social era majoritariamente representada pelo consumo, tornando-se sua principal forma de aparecimento.

Neste cenário, a classe média não desejava ter sua identidade modificada pela relação com os setores populares, não se via representada pela “nova classe média” que emergia com a ascensão de setores antes relegados às periferias e desejava manter-se fechada em sua própria identidade. É por volta deste período que as tensões sociais brasileiras são tematizadas pelo consumo. Dois exemplos chamam a atenção. O primeiro, em 2011, que ficou conhecido pela frase “Gente Diferenciada”, foi um protesto dos moradores de Higienópolis, bairro nobre da capital paulista, contra a construção de uma estação de metrô. Segundo a associação de moradores da região, a estação atrairia para o bairro “gente diferenciada”: mendigos, drogados e camelôs. A repercussão foi grande e um protesto espontâneo foi convocado para a realização

¹² A nova classe média brasileira está cheia de vontade de comprar. Jornal da Globo. Disponível em: <<http://g1.globo.com/jornal-da-globo/noticia/2010/04/nova-classe-media-brasileira-esta-cheia-de-vontade-de-comprar.html>>

de um churrasco pela construção da estação de metrô. Este evento ficou conhecido como “Churrascão do Amor”. O outro episódio ocorreu em 2014, quando grupos de jovens de periferia começaram a se reunir em shoppings, nas capitais do país, para socializar. Esse feito provocou terror nos frequentadores dos shopping centers paulistanos, que acusavam os jovens de estarem fazendo baderna. No shopping Itaquera, a polícia foi chamada para coibir e “enquadrar” os jovens, em sua maioria negros, por estarem se reunindo naquele espaço. No shopping JK Iguatemi, um dos mais caros da cidade de São Paulo, localizado no centro financeiro da cidade, um *rolezinho* em forma de protesto foi convocado contra a proibição dos *rolezinhos*. A prefeitura posteriormente tentou resolver o problema criando os *rolezinhos* autorizados. Esses encontros não aconteceram mais em shoppings, mas no Parque do Ibirapuera, um lugar público que não perturbava a ordem do shopping, um espaço privado. Ocorreu um choque na ordem, não havia espaço para inclusão de novos sujeitos dentro da identidade da classe média. O consumo tem o poder de distinção, operando pela lógica da triagem, na medida que é expandido, perde sua exclusividade e, por consequência, seu valor de distinção.

O MBL apresentava pelo antipetismo e, conseqüentemente, pelo movimento “Fora Dilma!” uma amarração em que o problema moral da corrupção desapareceria. Desta forma, eliminando seu causador, e, assim, permitindo a realização da promessa plena do consumo que estava bloqueada pela regulação de mercado petista, que buscava controlar todo o Estado e não permitia o livre mercado. Contudo, como postulado por Laclau (supracitado), o sistema deve ser analisado por aquilo que impede que ele se realize plenamente. O consumo é um ponto sintomático da contemporaneidade, já a corrupção é uma das formas de significar esse sintoma e explicar o porquê não se realiza. O MBL apresentava a corrupção do Estado como principal impeditivo do livre mercado, se o Estado brasileiro fosse enxuto e os políticos corruptos fossem expulsos, o consumo poderia se realizar plenamente. Uma relação entre mercado e corrupção, na qual o consumo não se realiza como pleno, não por sua natureza, mas pelo outro corrupto.

As técnicas comunicacionais do MBL: captura e convocação pulsional

O consumo, por sua natureza, é capaz de convocar os actantes um eu, que possam pagar, para um gozo absoluto, na medida que apresenta discursos capazes de produzir identificação entre os sujeitos e os objetos do consumo. Contudo, o gozo não reside somente na posse e no uso da mercadoria, ele é também propagado e validado pelos *media*. Nos programas televisivos,

revistas semanais, publicidades e, mais recentemente, nas redes sociais, o sujeito é interpelado com um contrato comunicacional, no qual o capitalismo comunicacional apresenta para o sujeito um manual do bem gozar. Nomear o estágio atual do capitalismo como comunicacional (PRADO, 2013) é reconhecer a relevância da comunicação no processo de circulação do capital.

Rocha (2010), em sua visão antropológica sobre o consumo, destaca o papel que a publicidade desempenha em transformar o produto em um objeto mágico, totêmico e, dentro do universo da propaganda, possa desatar conflitos, atuar como objeto modalizador e permitir ao sujeito ser o “sujeito do gozar”; pode-se tomar como exemplo de gozo a cerveja que traz felicidade e reúne os amigos ou o cigarro que te deixa mais *sexy*. Para o autor, trata-se de que a publicidade também oculta as relações de produção que existem na mercadoria, a reificação apaga o produto como produzido em série e manufaturado, colocando-o no centro das propriedades mágicas, da singularidade e da exclusividade, capazes de atender as necessidades do consumidor e modalizá-lo para resolver seus conflitos; qualidades essas construídas pelo processo comunicacional. A publicidade se vale desse império de imagens e assume na sociedade burguesa o papel classificatório semelhante ao totem:

O fluxo constante de serviços, produtos e bens a que somos submetidos é fundamentalmente categorizado para nós pela publicidade. Muitos deles não fariam sequer sentido se não lhe fosse colada uma informação constante do sistema publicitário. A catalogação da produção, as hierarquias do mundo do objeto, o posicionamento dos artigos, a significação dos serviços é, fundamentalmente, traçada e articulados dentro dos quadros que compõem o universo dos anúncios. Ali temos um mapa de nomes. Uma sinalização de posições. Um roteiro de sentidos que emprestam conteúdo aos gêneros de produtos, fazendo deles marcas específicas dotadas de nome, lugar, significado. É este sistema publicitário que funciona transmitindo a informação básica que sustenta um conhecimento sobre o produto. É dessa maneira que ele se constitui num instrumento seletor e categorizador do mundo. É na forma com que introduz nuances e particularidades do domínio da produção e, reciprocamente, diferencia grupos de homens, situações e estados de espírito no domínio do consumo, do humano. (ROCHA, 2010, p. 87)

A publicidade organiza o mundo do consumo dando a ele sentido, classificando e distinguindo os produtos; “a publicidade é o passaporte, visto de saída da produção e de entrada do consumo” (*Ibidem.*, p. 89), pois é ela que reveste a mercadoria com psicologia, personalidade, história e afetos. O fazer publicitário tem o mesmo devir do *Bricoleur*, como articulado por Lévi Strauss, na medida que a produção de um anúncio publicitário envolve a articulação dos saberes dispersos na sociedade, que são organizados dentro do mundo do anúncio, (*Ibidem.*, p. 68), é utilizado o ato de recortar fragmentos do mundo cotidiano e

recombiná-los dentro da lógica da mercadoria, que constitui a publicidade como um ato classificatório totêmico.

Bifo (2007), militante italiano e filósofo da mídia, nomeia esse processo de “semiocapitalismo” ou capitalismo semiótico. Nele a centralidade do processo produtivo contemporâneo não está na produção material, mas na capacidade de revestir de sentido as mercadorias produzidas, a produção de valor passa ser de natureza semiótica:

Quanto mais denso de significado é uma mensagem, tanto mais lenta é a transferência de informação. Quanto mais tempo é necessário para a interpretação de um signo-mercadoria, tanto menos a mercadoria cumpre sua tarefa principal, a de valorizar o capital investido para sua produção. Aqui está por quê todo o ciclo de inovação tecnologia é dirigido para a simplificação dos percursos dos usuários, do consumo e da interpretação.

O interesse fundamental do capital é o aumento da produtividade e a aceleração do ciclo de consumo para a realização e a valorização do capital investido. Por isso o inimigo principal é o significado. Para acelerar o intercâmbio e a valorização é necessária uma simplificação dos percursos para produzir e consumir mercadorias semióticas. (BIFO, 2007, p. 109)

O capitalismo não busca signos quaisquer, mas aqueles de fácil e rápida assimilação. Logo, de fácil consumo, já que, apesar de semiótico, o capitalismo não tem o sentido como seu objetivo, mas o lucro. Diferente da crítica adorniana, a qual coloca a indústria cultural como a perversão da alta cultura e forma de dominação pela colonização do tempo de lazer, até a reificação absoluta (ADORNO e HORKHEIMER, 1985). Não se trata de puro ou impuro, legítimo ou ilegítimo, *kitsch* ou autêntico, mas compreender o fenômeno pela velocidade de circulação sónica, possibilidade de substituição e recombinação dos elementos, os quais são a presença social do mercado e das marcas. “O ponto mais alto do poder social corresponde a seu ponto de virada; quando se vulgariza por completo, começa ao mesmo tempo a neutralizar-se em uma condição de vida, um tipo de necessidade natural do homem” (TÜRCKE, 2010 p. 38). A dominação do consumo, portanto, não se realiza como totalitarismo pela imposição máxima da ordem industrial, mas como modo de sociabilidade no qual o existir midiaticamente aparece como necessidade natural, imposta, também, ao mercado que a criou, o qual precisa estar constantemente anunciando para cumpri-la. Há um fluxo informacional que batalha pela atenção, convocando o consumidor a ser, ver, ouvir, consumir constantemente; a “sociedade excitada”, como proposta por TÜRCKE (2010), a qual está toda empenhada no ritual de consumo dos *medias*, de captura pelo fluxo comunicacional. Partindo do ritual, o autor contextualiza a repetição compulsiva da sociedade contemporânea, na medida que toda sociedade humana se estabelece a partir das suas repetições, dos rituais e das profanações, que organizam a sociedade.

No caso da sociedade contemporânea, o ritual de consumo é a captura midiática, que valoriza, sobretudo, as sensações.

O MBL atua de maneira a capturar a atenção dos públicos, utilizando-se de técnicas midiáticas. Um tipo de vídeo, muito comum no canal do grupo durante os anos de 2016 e de 2018: debates entre uma figura pública da esquerda e figuras públicas do MBL. Durante o processo de impeachment, o tema da polarização era bastante presente, sendo assim, surgiram programas de debates entre os polos da política brasileira. O programa *Fla Flu*, da TV Folha, colocou cara a cara Arthur do Val, conhecido por seu pseudônimo Mamãe Falei, e Josué Rocha, liderança do MTST; Carina Vitral, presidente da UNE, e Kim Kataguirí; entre outros. O MBL republicava cortes de debates como estes, realizados em universidades, assembleias legislativas e na mídia, nas suas redes. O momento de glória argumentativa de seus líderes é o clímax destes vídeos, que além de defender suas pautas, humilhavam e calavam os argumentos de esquerda. Os vídeos são sempre curtos, não mais que quatro minutos, acompanhados de um título chamativo, como: “Fernando Holiday dá uma aula de liberalismo.”, “Kim Kataguirí leva plateia (sic) ao delírio em debate com Carina Vitral (de novo)”, “Militantes do PSOL atacam o MBL novamente, mas Kim não perdoa”. Os vídeos republicados pelo MBL capturam trechos capazes de produzir estímulos de gozo para seus iguais e produzir repulsas em seus opositores; a política, neste caso, está regulada pela lógica de atenção midiática, a mesma do consumo. É preciso produzir estímulos rápidos e intensos, capazes de capturar a atenção e, com isso, conseguir a adesão aos contratos comunicacionais.

A edição colocada no vídeo é utilizada para reforçar a humilhação sofrida pelo interlocutor de esquerda, utilizando-se de *memes* e colagens oriundas da cultura *pop* para compor o vídeo de modo lúdico. O exemplo mais conhecido dessa linguagem consistia em adicionar a música “*Turn Down for What*” ao final do argumento arrebatador, junto de óculos escuros pretos para o argumentador que calara o esquerdista, reforçando a desqualificação pública de seu adversário político. A captura da atenção é fundamental, pois a política é dependente da captura para se comunicar com os eleitores. Ao mesmo tempo que a política é usada para captura da atenção pela mídia, o político precisa construir sua imagem midiática tanto quanto suas costuras políticas. Ser o foco da atenção das lentes midiáticas é fundamental para construção do capital político, por isso, políticos aceitam participar de programas de entrevistas, mesmo que os coloquem em uma situação constrangedora. Um aparecimento midiático, mesmo que negativo, é melhor que nenhum (TÜRCKE, 2010 p. 53-52).

O MBL se aproveitou dessa lógica midiática: o grupo buscava criar polêmicas, e mesmo que para parte do eleitorado gerasse antipatia, garantia aparecimento midiático e fortalecia sua posição como importante no campo da direita. Além das discussões com os esquerdistas, o MBL brigou com o Facebook. Em 2018 o grupo realizou um acampamento na sede da empresa, em São Paulo, para protestar contra a censura de páginas de direita na rede Facebook, as quais foram removidas por espalhar *fake news*. O protesto do grupo não obteve efeito sobre as políticas da rede social, mas, por outro lado, rendeu *lives*, discursos e matérias de jornais relatando a disputa do grupo. As polêmicas proporcionam ao grupo engajamento midiático que retroalimenta a geração de conteúdo, vídeos, debates e novas polêmicas. Anos antes, em 2015, uma marcha, até Brasília¹³, foi realizado com o mesmo objetivo: chamar atenção e produzir conteúdo para o projeto de impeachment. O MBL, em pouco tempo, saiu de um grupo desconhecido para o principal movimento de juventude de direita, vocalizando o discurso da direita em diversas pautas: na educação, levantou a bandeira da Escola Sem Partido; na economia, defendeu a privatização dos Correios e da Petrobras; nos costumes, se opôs a “ideologia de gênero”. O aparecimento midiático norteou as ações do grupo, pois este era o fiador do seu capital político. Os *likes* surgiram antes de qualquer base eleitoral, de alianças políticas ou de cargos públicos; como é contado no documentário, o grupo tem suas raízes em uma produtora audiovisual que, em 2014, realizou a campanha de Paulo Batista para deputado estadual. O candidato ficou conhecido pelo “raio privatizador”, campanha que já se utilizava da linguagem audiovisual própria da internet. O conhecimento do funcionamento e da operação dos dispositivos comunicacionais permitiu ao grupo se consolidar como força política.

O consumo e o mercado são reguladores pulsionais na medida que apresentam manuais do bem gozar, não como artimanha da ideologia para dominação de classe, mas como enganação pura. O público não é enganado, é interpelado e capturado. O comando da indústria cultural ainda está presente: “compre”, porém, acompanhado de “seja” (TÜRCKE, 2010, p. 39).

É preciso que o discurso encare. Ao interpelar, a pessoa tem de sentir o chamado no corpo, tem de responder, com o corpo. O enunciador, para se fazer ouvir, trabalha o texto em sua força de apelo, de interpelação, de narrativa carregada de sentidos ligados ao mundo cotidiano; para se fazer seguido, constrói enquadramentos a partir de sua força de autoridade de sabedor, edifica mundos imaginários em que os usuários mergulham. A biopolítica, nessa fase midiática, orienta cada um para construir sua vida a partir dessas convocações discursivas que encarnam, pois são empuxos pulsionais ligados à fantasia (PRADO, 2013, p. 58)

¹³ A manifestação foi denominada de Marcha pela Liberdade. A marcha saiu de São Paulo e foi até Brasília para entregar um pedido de Impeachment para o presidente da câmara, Eduardo Cunha.

Reconhecendo o consumo e os *media* como modalizadores do sujeito, na medida que apresenta guias para atingir o gozo. O consumidor é modalizado para ser o melhor, no trabalho, no amor, na vida pessoal; ter o *plus*, de atingir o gozo absoluto e, para isso, as técnicas da publicidade e dos *medias* formatam esses manuais do bem gozar (Ibidem. p. 60). Se desvincular do beco sem saída adorniano não é abandonar o papel da ideologia no processo de consumo, já que a ideologia ainda se faz presente, na medida que ela apresenta a fantasia da possibilidade do gozo absoluto, capaz de cessar as diferenças fundamentais impostas pelo real (Ibidem p. 62). A capacidade de convocar midiaticamente foi o que possibilitou ao MBL, junto de outros movimentos de direita, colocar milhões de pessoas nas ruas pelo impeachment e, posteriormente, eleger vereadores e deputados pelo país. “Por uma direita festiva”¹⁴, coluna de Luis Felipe Pondé para a Folha de São Paulo, aponta para um dos motivos do fracasso da direita entre os jovens: a direita era pouco festiva, um universitário de esquerda teria mais chance de “pegar mulher” que um jovem de direita, a esquerda levaria uma vantagem por seus jovens “pegarem mais mulher”. A juventude de direita seria taxada como chata, enquanto a de esquerda seria mais “descolada”. O argumento, que no texto se faz envolto de machismo e misoginia, é de que a direita precisa aprender a gozar, já que a esquerda sabe gozar muito bem. O que faltava à direita não eram argumentos ou aprofundamento teórico político, mas a capacidade de convocar para o mundo do gozo, apresentar as suas posições políticas de maneira festiva, assim como faz a esquerda. O MBL foi a direita capaz de convocar os corpos para a festividade colocada na coluna, trazendo os afetos e a captura da atenção para o discurso de direita. E foi assim que o grupo se apresentou, de modo mais lúdico, menos sério, como por exemplo, uma banda de rock de garagem, temática que inspira o vídeo: “Conheça os 10 passos para a liberdade”, no qual os membros do grupo estão tocando instrumentos musicais e apresentando 10 propostas para melhorar o Brasil, todas conhecidas como pautas liberais: teto de gastos, reforma previdenciária, privatizações, entre outras. O jornal El País apresentou o grupo dessa maneira “descolada”, chamando-o de “grupo de jovens *hipsters*”, destacando a ligação cultural do grupo com o cinema e a música, para além da sua atuação política. O mapeamento da atuação do MBL no Instagram, feito por Santos e Chagas (2018), demonstra que as publicações do grupo convocavam um engajamento virtual através de uma linguagem perpassada por *memes* e referências culturais oriundas das redes sociais.

¹⁴ Luiz Felipe Pondé. Por uma direita festiva. Disponível em: <https://m.folha.uol.com.br/colunas/luizfelipeponde/2014/04/1443306-por-uma-direita-festiva.shtml>.

É retomada a ideia de fantasia pelo resgate da correlação entre a forma mercadoria de Marx e o sonho segundo Freud, como articulado por Žižek (1996b). Sonho e mercadoria se assemelham na medida que ambos se constituem pela forma, não por um suposto conteúdo oculto; a magia da mercadoria se constitui na medida que ela se relaciona com outras mercadorias, servindo como um equivalente do valor, uma característica exterior derivada da relação com outras mercadorias que se introjetam como natural e interior a ela. De maneira análoga, o mesmo acontece com o sonho, não entendido pela busca de seu cerne oculto, suposto mistério a ser desvelado, mas entendido pela relação dos seus conteúdos manifestos, os quais podem ser articulados na linguagem cotidiana por uma pessoa acordada. A pergunta correta não é qual é o sentido deste sonho, mas porque este sonho se expressou a partir deste conteúdo e quais foram os mecanismos de deslocamento que foram colocados em movimento para o sonho assumir tal forma. Este pensamento também é válido para a forma da mercadoria, a pergunta correta seria porque trabalho só pode ser expresso no social pelo valor-mercadoria.

O desejo inconsciente aquilo que supostamente constitui seu núcleo mais oculto, articula-se precisamente através do trabalho de dissimulação do “núcleo do sonho”, de seu pensamento latente, através do trabalho de disfarçar esse conteúdo-núcleo por meio da sua tradução no “rébus” do sonho” (ŽIŽEK, 1996b p.299)

Para o capitalismo, para desenrolar-se e as trocas acontecerem, é preciso um desconhecimento da forma da mercadoria, pois a própria percepção da contradição impossibilitaria a realização dela mesma, assim se relacionando com a ideia de sintoma (*Ibidem.* p. 305). O sujeito só pode obter o gozo do seu sintoma se não compreender a lógica do seu funcionamento, no momento que esta lógica é reconhecida, a possibilidade de gozo se perde (*Ibidem.* p. 306). Este desconhecimento do funcionamento das relações do capital não parte de um ocultamento produzido por uma relação de falsidade, como a semiótica clássica descreve muito bem: não ser/parecer ser. Não existe uma relação de veridicção, mas um recalçamento:

Com o estabelecimento da sociedade burguesa, as relações de dominação e servidão são recalçadas: formalmente, parecemos estar lidando apenas com sujeitos livres, cujas relações interpessoais estão isentas de qualquer fetichismo; a verdade recalçada – a da persistência da dominação e da servidão – emerge num sintoma que subverte a aparência ideológica de igualdade, liberdade e assim por diante. Esse sintoma, o ponto de emergência da verdade sobre as “relações sociais entre as coisas”: “Em vez de aparecer em quaisquer circunstâncias com suas próprias relações mútuas, as relações sociais entre indivíduos se disfarçam-se sob a forma de relações sociais entre as coisas” – aí temos uma definição precisa do sintoma histórico da “histeria de conversão” que é própria do capitalismo (*Ibidem.* 310)

É justamente nesse movimento de recalçamento que a ideologia se aproxima da fantasia, mas, para isso, o sintoma deve estar articulado discursivamente como pertencente ao interior do sistema, não exterior a ele, como aponta Prado (2017, p.24). Žižek (1996b *apud.* Sloterdijk,

1988) localiza esta discursividade no capitalismo tardio, através do cinismo, subvertendo a frase clássica de Marx: “disso eles não sabem, mas o fazem” para “eles sabem muito bem o que estão fazendo, mas fazem mesmo assim”. As fantasias do consumo, portanto, não seriam a grande mentira perpetuada pelo capital, mas seu ponto de sustentação que permite sua existência, aquilo que organiza o real na medida que o sutura, prometendo um mundo para além dos antagonismos e, no qual, o mais gozar se torna possível; “a mentira ideológica” que precisa ser contada para o real se constituir com tal. A figura utilizada por Debord (2005): “o mentiroso mentiu para si próprio” preconiza o mesmo movimento. Há a necessidade de adesão ao espetáculo, o reconhecimento do mesmo como a vida. Apesar de Debord não se desvencilhar da ideia de falsa consciência, há um reconhecimento da adesão como categoria fundamental.

Jameson (1996) articula um conceito similar, porém não partindo da revisão lacaniana de Marx, e sim da crítica presente nos “*Grundrisse*”; a ideologia não seria fora da realidade social, capaz de assim distorcê-la. Ela é formadora da própria estrutura, elemento necessário, que não pode ser removido ou abandonado. A ideologia não é um penduricalho da realidade, a sua incapacidade de realização como tal é o que constitui a ideologia como real na medida que esta se articula como representação. Jameson cita a liberdade e a igualdade, promessas que o sistema de mercado faz que não podem se realizar universalmente: “Todo mundo precisa querê-las, mas elas não podem realizar-se. A única coisa que lhes pode acontecer é que o sistema que as gerou desapareça, assim abolindo as “ideias” juntamente com a própria realidade” (JAMESON, 1996, p. 281). A ideologia está ligada àquilo vivido na materialidade como promessa, repetida e validada, principalmente, pelos meios de comunicação: a promessa de gozo pleno. O autor aponta que a explicação do mercado para a não-realização de suas promessas sempre vai estar fora dele, nunca assumir no seu próprio funcionamento a impossibilidade de realização. Isso seria resolver o ponto sintomático do gozo e assim desfazê-lo. O mercado e seus ideólogos, por outro lado, sempre buscam identificar na exterioridade sua falha, aquilo que impede de se realizar como pleno: a criminalidade, o Estado regulador, a corrupção do sistema, a irracionalidade humana.

O ponto nodal do mercado serviu para aproximar as equivalências entre MBL e João Dória, candidato a prefeito da cidade de São Paulo em 2016. Dória era um nome forte entre o empresariado brasileiro e defensor de uma política liberal em oposição à política petista. A comunicação oficial de sua campanha construía a origem do candidato fora do curso político¹⁵,

¹⁵ Apesar de então postulante a prefeito já ter ocupado cargos públicos em 1983, como secretário municipal de turismo e, posteriormente em 1986, como presidente da Embratur.

como um gestor, por isso, um nome apropriado para gerir a cidade. A questão do trabalho, não se limitava a uma defesa da racionalidade liberal, mas se expressava, também, como crítica moral. Dória se apresentava na campanha como “João trabalhador”, construía uma equivalência com o eleitor paulistano, como pertencente ao mesmo grupo daqueles que trabalham muito.

Figura 7 - Primeiras medidas como vereador



Fonte: Twitter

Pela lógica inversa, estabelecia uma diferença com o outro: o petista e o político tradicional que não trabalhavam e viviam “sugando” o Estado. No programa eleitoral de João Dória, Lula era o encostado no sindicato que se aposentou cedo, enquanto “João trabalhador” começou a trabalhar ainda adolescente, e, assim, construiu sua fortuna. Em uma polêmica pública com Lula, João Dória gravou um vídeo¹⁶ mostrando sua carteira de trabalho. Dória, no vídeo, diz ser “honesto”, “decente” e “brasileiro”. Lula, por outro lado, era adjetivado como “ladrão” e “indecente”.

MBL e Dória, na época, eram aliados políticos, já que Dória conseguia expressar na sua candidatura as articulações das ruas de 2015 em torno dos significantes: antipetismo, discurso pró mercado e antagonismo à classe política. A promessa de Dória era de um choque de gestão na cidade de São Paulo, colocando o funcionalismo público para trabalhar ao mesmo tempo que enxugaria o tamanho do Estado paulistano. Fernando Holiday, homem negro e liderança do MBL, foi eleito como vereador na base de João Dória pelo DEM. Holiday apresentava como sua primeira proposta o “combate ao vitimismo”, que incluía o fim das cotas raciais em

¹⁶ Vídeo das declarações de Dória. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=w_AN85kWc00>

concursos públicos e a revogação do Dia da Consciência Negra que, em sua concepção, eram privilégios concedidos aos negros, os quais não ajudavam a mitigação do racismo, mas, pelo contrário, potencializavam-no. Os negros deveriam pelo trabalho conquistar os cargos públicos ou o acesso à universidade, não através da benevolência do Estado. Novamente, colocando o trabalho e a lógica da competição do mercado como reguladores da vida social.

Esse modo de funcionamento sintomático dos mercados, como aponta Prado (2017), não tem espaço para o incerto, para o indeterminado. Se a promessa de o mais gozar falha e o sujeito se encontra deprimido, o saber midiático é substituído pelo saber medicalizador que normatiza o sujeito de volta para o mundo do gozo.

Os biopoderes, ao realizar o sensoriamento das forças moventes do mundo da vida, sujeitam-nas, editam-nas, modalizam-nas, capitalizam-nas; para capturá-las, é preciso convocar os actantes que produzem as forças, seus corpos, suas biografias, coreografias, musicalidades, performances. Os biopoderes não deixam que as forças se percam, entrem numa direção errada, de fuga ou de subversão (PRADO, 2020, p. 59)

Os *black blocs* eram, ao seu modo próprio de enfrentamento como pela força e pela violência simbólica - quebra de vidraças, pichações, incendiar lixeiras etc. -, uma forma política desviante; foram reprimidos de forma enfática, não só em 2013, mas novamente em 2015 e 2016, quando novas manifestações contra os aumentos das tarifas de transporte público ocorreram. A convocação para o gozo midiático exige que não se ultrapasse certos limites, se mantenha dentro de certa ordenação; caso contrário, o cassetete será bem sólido para reprimir os desvios. Apesar do capitalismo comunicacional promover identidades flexíveis, este também realiza repressão das identidades desviantes (DUNKER, 2015). Os *blocs* não conseguiram ser capturados pela manifestação, muito menos pelos mecanismos de convocação midiática, por isso, foram sempre reprimidos. Por outro lado, o MBL expressa rebeldia e indignação sem romper com a ordenação neoliberal, sem escapar dos limites permitidos pelos biopoderes e se opunha ao MPL como a juventude *White-Collar*¹⁷, condenando os métodos de ação direta do movimento. Ao mesmo tempo que reforçam valores liberais, marcadamente em 3 eixos discursivos: corrupção, mercado e moral, o discurso do MBL se organizava em volta destes enunciados e sempre articulados dentro de um contexto de antagonismo, próprio do antipetismo.

¹⁷ Funcionário administrativo, escritural, executivo etc., em oposição a operários, trabalhadores braçais e afins.

II – O encontro de MBL e Bolsonaro As formações discursivas do MBL

Formações discursivas

Foucault (2008) questiona como se formam os saberes constituídos, como: medicina, história ou direito. Para o autor, não é possível construir uma unidade destes saberes *a priori*, mas estes são constituídos de forma arbitrária *a posteriori*. Os saberes constituídos são perpassados por descontinuidades e rupturas. Isso vale para um nível mais fechado, como na obra de um autor, as decisões do que incluir, quais textos, quais publicações, quais manuscritos devem ser considerados. A obra está sempre sujeita a ser reconfigurada, basta um texto ser considerado como apócrifo ou um novo texto ser descoberto e levado ao público. Na proposta epistemológica foucaultiana, buscava-se chegar à unidade discursiva, a qual o enunciado corresponde:

Uma vez suspensas essas formas imediatas de continuidade, toda ura domínio encontra-se, de fato, liberado. Trata-se de um domínio imenso, mas que se pode definir: é constituído pelo conjunto de todos os enunciados efetivos (quer tenham sido falados ou escritos), em sua dispersão de acontecimentos e na instância própria de cada um. Antes de se ocupar, com toda certeza, de uma ciência, ou de romances, ou de discursos políticos, ou da obra de um autor, ou mesmo de um livro, o material que temos a tratar, em sua neutralidade inicial, é uma população de acontecimentos no espaço do discurso em geral. Aparece, assim, o projeto de uma descrição dos acontecimentos discursivos como horizonte para a busca das unidades que aí se formam. Aparece, assim, o projeto de uma descrição dos acontecimentos discursivos como horizonte para a busca das unidades que aí se formam. (FOUCAULT 2008, p. 29-30)

O que era chamado anteriormente de eixos discursivos pode ser colocado, a partir da teoria de Foucault, como formações discursivas, isto é, um conjunto de enunciados que estão unidos pela mesma ordenação discursiva, as regras que permitem a sua enunciação, ou seja, enunciados, mesmo que dispersos, compartilham regularidades (*Ibidem*. p. 43). O antipetismo é uma das manifestações do conservadorismo no Brasil, a qual ficou mais latente a partir do enfraquecimento das cadeias discursivas do petismo e, subsequentemente, o processo de impeachment. Na história do país as identidades de esquerda sempre foram colocadas como anti-sujeitos da sociedade. O conservadorismo brasileiro está ancorado neste antagonismo, que sempre reaparece na sociedade brasileira. O que muda são as figuras: os militares em 64 lutavam contra o suposto “perigo vermelho”, em 2018 o bolsonarismo lutou contra o “bolivarianismo petista”.

O conservadorismo estrutura o antagonismo discursivamente, ao colocar seu adversário político como inimigo central da sociedade, corrupto e perverso. Pode-se localizar certos enunciados, cada qual articulando um saber diferente, que estruturam o conservadorismo e o seu antagonismo. Destacam-se três: Mercado, Segurança e Moral. Estes foram apresentados e descritos até aqui de forma não-sistemática e foram organizados em tabela como é visto a seguir:

Tabela 3 - Formação discursiva do Conservadorismo

Formação Discursiva	Enunciados	Descrição dos enunciados	Ponto nodal	Sujeitos	Anti-sujeitos
Conservadorismo	Mercado	Meritocracia contra cotas e bolsas; direito ao consumo e a escolha do consumidor; crítica aos serviços públicos ineficientes; a política deveria ser gerida pela lógica do mercado	Liberdade de mercado	Cidadão consumidor	Esquerdistas; funcionários públicos; Estado regulador
	Segurança	Corrupção impede o bom funcionamento dos serviços públicos; política e corrupção são indissociáveis: todo político é corrupto;	Proteção da propriedade	Cidadão de bem	Petistas; ditaduras latino-americanas; classe política
	Moral	Contra o politicamente correto que censura a liberdade de expressão; busca a proteção da família e dos valores tradicionais	Defesa da família		Professor doutrinador; lacradores <i>mimizentos</i>

Fonte: do autor

A seguir, cada um dos eixos será detalhado.

Mercado

Enunciados: neste conjunto, os discursos replicam a lógica de funcionamento do mercado, defendendo os mesmos princípios que norteiam sua lógica a partir da convicção de que a liberdade se expressa através das trocas e da atividade econômica. A livre concorrência deve ser garantida, nunca regulada pelo Estado. Qualquer regulação é um cerceamento das liberdades, mesmo que as medidas não incidam diretamente no mercado, como bolsas e cotas - tais medidas não levariam em consideração o mérito e esforço dos indivíduos, quebrando uma concorrência justa. Os serviços públicos, por não atuarem sob a lógica do mercado, são ineficientes, pois não precisam atender a demandas concorrenciais. O setor privado, por outro

lado, por sofrer a pressão do mercado, seria mais eficiente e mais preparado para atender a demanda dos consumidores. Esta formação discursiva não seria, entretanto, estritamente econômica, somente presa nos enunciados relativos ao Estado e sua economia, manifestando-se em enunciados que falam sobre educação, saúde, segurança pública, amor, sucesso e bem-viver. O discurso de mercado consegue se incorporar em outros discursos e regulá-los a partir de sua lógica.

Ponto nodal: A liberdade é o que está em jogo na defesa do mercado, pois a interferência do direito de escolha do consumidor seria uma forma de ditadura e controle sobre os indivíduos. A condição da liberdade está diretamente ligada ao processo de escolha do consumo, portanto, só pode haver liberdade se houver liberdade econômica.

Sujeitos: cidadão consumidor, que exige ser atendido pois está pagando, demanda do estado como cliente; gestor, o empreendedor de si mesmo competencializado pelos saberes do mercado para produzir valor, o mais qualificado para gerir o patrimônio público.

Anti-sujeitos: o funcionário público que é considerado caro e improdutivo para o contribuinte, aquele que “mama nas tetas” do Estado. O Estado que regula a economia e interfere no mercado, ineficiente e burocratizado. O esquerdista que se aproveita dos serviços públicos para espalhar sua ideologia: “os órgãos públicos estão aparelhados por esquerdistas”.

Segurança

Enunciados: a corrupção é o principal crime que acomete o Estado brasileiro, responsável pelo fato de o Brasil não realizar seu potencial de nação; ela está diretamente ligada à índole dos indivíduos. Os corruptos são pessoas de pouco caráter, que, por ganância, roubam e fazem conchavos. A corrupção é sempre associada à política e aos políticos, e à ideia de propina (Pixuleco), de compra de votos de políticos, de propinas para licitações e de contratos públicos. As demais formas de corrupção como sonegação fiscal e outros crimes financeiros são invisibilizadas. As empresas públicas seriam a fonte máxima desta corrupção, cabide de empregos e moeda de troca entre os políticos; uma fonte de influência política para conseguir articular esquemas corruptos. Petrobras, Correios e outras empresas públicas seriam antros para a prática da corrupção, a qual deveria ser combatida pelas forças de segurança, em especial, pela polícia federal. Os corruptos deveriam ser condenados a penas severas pelo judiciário. Há uma série de projetos de lei e iniciativas, apoiadas pelo MBL, nesse sentido: transformar corrupção em crime hediondo, igualando-a ao homicídio; “As 10 medidas contra a corrupção”

encabeçada pelo MPF era outra iniciativa que ampliava os poderes de investigação e punição dos corruptos. A corrupção também está dentro de um esquema internacional, de acordo com o MBL, envolvendo os governos da América Latina. O governo brasileiro financiou as “ditaduras latino-americanas” com dinheiro do BNDES. O Porto de Mariel em Cuba é um dos exemplos levantados por estes enunciados.

As punições severas e o Estado de segurança proposto devem se estender para o “bandido da esquina”, o qual, tal qual políticos e criminosos de colarinho branco, se aproveita da impunidade que existe no Brasil.

Ponto Nodal: Criminalização da política. O discurso se fecha estabelecendo a política como corrupta por natureza. Os políticos corruptos devem receber punição severa e serem investigados com ostensividade policial.

Sujeitos: Cidadãos de bem, cansados de ver seus impostos levados pelo ralo da corrupção; juízes e forças de segurança pública que lutam contra a corrupção e o sistema político que tenta dificultar seu trabalho.

Anti-sujeitos: Petistas, políticos do partido tomado como símbolo máximo da corrupção brasileira, utilizam o dinheiro público para financiar ditaduras e comprar votos por meio de programas sociais.

Moral

Enunciados: Nesta formação discursiva se reúnem os enunciados relativos ao tradicionalismo, colocando a família como entidade nuclear da sociedade, a qual deve ser protegida, pois estaria sob ameaça. O perigo está em: professores doutrinadores das escolas e universidades que são antros de uso de drogas; feministas com a defesa do aborto e da liberdade sexual; artistas que buscam perverter a infância e tentam atacar a família e seus valores¹⁸. A ideia de família é entendida de um modo restrito: composto por um pai, uma mãe e seus filhos. Desta maneira, invisibilizando outras formas de organização familiar. Não só a família está sendo atacada pela esquerda, que também impõe o politicamente correto, impedindo o tradicionalismo de se expressar livremente, pois a ditadura do politicamente correto censura expressões legítimas de humor, cultura popular e opiniões do “cidadão de bem”. A Escola Sem

¹⁸ O MBL comandou ataques em duas ocasiões contra expressões que subvertem os valores tradicionais: a palestra da pesquisadora Judith Butler no SESC Pompeia e a exposição do *Queer Museu* em Porto Alegre. A exposição estaria expondo crianças a nudez e a pornografia, enquanto Judith Butler defendia uma teoria de gênero que atentava, também, contra os valores tradicionais.

Partido e a luta contra a ideologia de gênero são exemplos dessa referida formação discursiva, pois colocam em sua centralidade a defesa de uma inocência infantil que estaria sendo pervertida nas escolas.

Ponto Nodal: Defesa da família tradicional que estaria sob ataque e seria o núcleo da família.

Sujeitos: Cidadãos de bem, pais de família e provedores, que têm suas opiniões censuradas pela esquerda.

Anti-sujeitos: esquerdistas que com sua ideologia pervertem os valores cristãos; professores universitários; feministas defensoras do aborto que querem acabar com o núcleo familiar; artistas produtores de uma arte pornográfica e profana. Identitários no geral.

Os mitos do Messias

Estes enunciados constituíram o discurso do MBL durante sua formação até o final do Governo Temer. O MBL foi um importante articulador do antipetismo e do impeachment, por meio de um discurso alinhado com o mercado e, também, com forte sentimento antissistema da população brasileira, expresso em junho de 2013. Após a primeira fase do MBL, iniciou-se o ciclo eleitoral de 2018 e a emergência de Jair Messias Bolsonaro como postulante ao Planalto, candidato que representava as ideias conservadoras do Brasil. Capitão reformado do exército, Bolsonaro ganhou notoriedade por defender o porte de armas, dar declarações homofóbicas, defender o golpe civil-militar de 1964 e a tortura. “O mito”, como é chamado por seus apoiadores, usava uma lógica polêmica para captura midiática semelhante ao MBL. Em meados de 2010, Bolsonaro aparecia em programas de TV como *CQC* e *SuperPop* para dar declarações polêmicas: ofender minorias, bancar o “machão rústico” que odeia gays e defender o direito da família tradicional brasileira. Mesmo que como personagem caricato, e até mesmo ridicularizado pelos programas, Bolsonaro seguia a lógica defendida por Türccke (supracitado): um aparecimento midiático para um político é melhor do que nenhum. Uma polêmica significava outro convite para aparecer na televisão, e, mais uma vez, causar controvérsia. Bolsonaro construiu, assim, o caminho para tornar-se o principal presidenciável dos setores reacionários da sociedade.

A construção de uma linha do tempo das alianças do MBL mostra como o grupo se aliou à força conservadora que hegemonizou o campo discursivo: Dória depois Temer e, por último, Bolsonaro

Ano	Sujeitos	Anti-sujeitos:	Conjuntura
13	Pré-MBL: Novos sujeitos, “os sem partido”.	<i>Black Blocs</i> , classe política.	Massa de novos sujeitos rompe a hegemonia do petismo. Discursos regulados pelo consumo criticam os serviços públicos.
14	MBL, novos sujeitos	PT e esquerda.	Reeleição de Dilma fortalecendo o antipetismo, devido a frustração dos novos sujeitos.
15	Movimentos sociais de direita (MBL, Vem Pra Rua, Revoltados Online), massa de novos sujeitos, lavajatistas	Dilma	Consolidação das alianças para o "Fora, Dilma!", apoio das forças que realizaram investigações sobre corrupção do governo federal.
16	João Dória, antipetistas, governo Temer.	Lula e esquerda	O discurso pró mercado, de ampliações de reformas, aprovação da PEC de Gastos e um choque de gestão no Estado, não é mais dominado pelo PT. Pró Governo Temer.
17	Governo Temer, conservadores, antipetistas	Lula e esquerda	Aprofundamento das reformas econômicas com a reforma da previdência, aliado a uma expansão de um discurso moral: Ataques a Judith Butler e ao <i>Queer Museu</i> .
18	Bolsonaro, conservadores, militares, antipetistas.	Lula (agora preso) e esquerda	Bolsonarismo aliando os discursos: pró mercado, anticorrupção e moral, consolida-se hegemonia no campo da direita.

Fonte: do autor

O “Mito”

Bolsonaro era um *outsider* da política, visto como político do baixo clero. O futuro presidente esteve, até a sua eleição, fora das grandes alianças políticas, como deputado federal, mantendo-se como uma figura marginal do congresso brasileiro. Bolsonaro, além das pautas morais, era um antipetista declarado, denunciando principalmente a aliança corrupta do Brasil com governos comunistas, como, por exemplo, os de Cuba e da Venezuela. Bolsonaro antagonizava com o PT, principalmente em questões de segurança pública, acusando a esquerda de “defender bandido”. O episódio mais famoso de Bolsonaro aconteceu quando ele agrediu verbalmente, com ameaças veladas de estupro, sua colega deputada federal, Maria do Rósario. O antipetismo-bolsonarista colocou o antagonismo ao máximo, projetando a morte do outro, seja o petista corrupto ou o bandido da esquerda.

O discurso de ódio de Bolsonaro reverbera nos seus seguidores políticos, os bolsonaristas que vibram com as falas de ódio do presidente e as repetem. Este seu lado “xucro” é mais um aspecto que figura Bolsonaro como um *outsider* político, pois o aproxima do homem comum. Ofender seus desafetos é a marca de “autenticidade” e “honestidade” do Capitão, que “fala o que pensa”. Este modo de comunicação, imitado pelos bolsonaristas, ganha apelo especial nas redes sociais. Os discursos bolsonaristas são replicados e remixados em

comunidades virtuais. Tais comunidades têm orgulho do lado “fanfarrão” do presidente. Foi através das redes sociais que Bolsonaro consolidou sua popularidade para além dos ciclos militares. Enquanto Bolsonaro era tratado como piada por grande parte da opinião pública, nos espaços virtuais do bolsonarismo, ele era o “Mito” ou o “Messias”.

Bolsonaro sempre propagou discurso de ódio, em especial em sua página do Facebook. Em um estudo que analisou postagens da página oficial de Bolsonaro de 2013 a 2016, o futuro presidente manifestava discurso de ódio, xenofobia, capacitismo, sexismo, LGBTQIA+fobia, racismo, aporofobia, etariedade, entre outros preconceitos (SILVA, SAMPAIO, BOTELHO 2021). Como o estudo, também, demonstrou-se que o discurso de ódio se repete nos comentários feitos pelos seguidores, existe uma ressonância entre Bolsonaro e bolsonaristas.

Há uma outra dimensão, observada por Marcelo Alves dos Santos Jr. (2016). Devido a uma aproximação das lógicas de comunidades de fãs e objetos políticos, formam-se comunidades de fãs políticos, tanto no espectro da direita, quanto no espectro da esquerda. O comportamento é parecido com o de outros fãs, que se ligam em uma comunidade, remixam e produzem discursos, desenvolvem uma identidade de sujeito (JENKINS, 2006), porém são mobilizados por um objeto político e não pelos signos da cultura pop, como normalmente são mobilizadas as demais comunidades de fãs.

Ao analisar-se o bolsonarismo o fenômeno dos fãs parece evidente; são inúmeras páginas criadas por fãs que reproduzem e produzem discursos que se apropriam das mesmas articulações discursivas de Bolsonaro, estes discursos não possuem, necessariamente, nenhum tipo de centralização organizacional ou relação direta com a comunicação profissional de Bolsonaro. Por outro lado, tratam-se de indivíduos que se ligam a figuras políticas e produzem discurso nas redes sociais de forma orgânica. São inúmeras páginas bolsonaristas desse tipo, de diferentes tamanhos e diferentes assuntos, nas quais Bolsonaro é o personagem principal.

Para esse grupo, Bolsonaro é figuratizado como um herói de um filme de ação. Bolsonaro aparece montando um dinossauro segurando uma bandeira do Brasil e carregando armas. Em outra montagem, Bolsonaro segura armas de fogo protegendo uma mulher, enquanto uma bandeira do Brasil tremula ao lado de uma bandeira do PT pegando fogo. Representações que se apropriam de signos ligados ao capitalismo comunicacional para construir a figura política de Bolsonaro. Nelas, Bolsonaro é o “machão” patriota capaz de defender o Brasil, o “mito” capaz de montar em um dinossauro.

Figura 8 - ilustrações de Bolsonaro



Fonte: Facebook

Essa lógica política, guiada pelo *fandom*¹⁹, obriga o estabelecimento de identidades coletivas e antagonismos, a constituição de um nós e eles (JENKINS, 2006), como nas Posições de Sujeito de Laclau. Porém, compreender esse fenômeno pela ótica da comunidade de fãs, permite ampliar as nuances desta costura discursiva. Em primeiro lugar, o papel desempenhado pela plataformização da vida, os discursos, para terem aparecimento, precisam se encaixar as lógicas impostas pelas redes sociais, para assim conseguirem circular. Facebook, Youtube, Twitter, WhatsApp moldam os discursos tanto pelos seus formatos e pela seleção do que pode ou não circular. Em segundo lugar, a produção das cadeias discursivas passa a ser horizontal, construída tanto pela comunidade quanto pelo político. Estas duas dimensões complexificam a formação da identidade de sujeito Bolsonarista, na medida que esta passa a ser entendida dentro de novas lógicas comunicacionais impostas pelas redes sociais.

Bolsonaro, durante seus anos de baixo clero, alimentou essa base de fãs com discursos preconceituosos e polêmicas, criando, assim, uma forte comunidade de seguidores. Se por um lado, há uma dimensão orgânica e horizontal nessa comunidade, por outro lado, há um conhecimento técnico do funcionamento das plataformas que permite impulsionar esse crescimento. Apesar das informações vindas das redes sociais e plataformas, como o Facebook, serem limitadas, Mark Zuckerberg prestou depoimento ao Senado²⁰ sobre a influência do Facebook nas eleições e na política estadunidense. Foi comprovado que empresas privadas de

¹⁹ Fandom é o diminutivo da expressão em inglês *fan kingdom*, que significa “reino dos fãs”, na tradução literal para o português.

²⁰ No depoimento o dono do Facebook tentou explicar para os congressistas americanos sobre o funcionamento da sua plataforma. Disponível em: <<https://g1.globo.com/economia/tecnologia/noticia/mark-zuckerberg-depoe-ao-senado-sobre-uso-de-dados-pelo-facebook.ghml>>

comunicação política, como a *Cambridge Analytics*, interferiram diretamente nos resultados das eleições estadunidenses.

Steve Banon, dono da *Cambridge Analytics*, deu conselhos para Bolsonaro durante sua campanha em 2018 e era próximo do seu filho, Eduardo Bolsonaro, deputado federal por São Paulo. Steve Banon atualmente é investigado pelo FBI por interferir nas eleições estadunidenses e participar dos atos que envolvem a invasão do Capitólio²¹. Outros líderes de extrema direita parecem atuar de forma semelhante. Putin e Abascal são exemplos de líderes que reproduzem tais estratégias, uma política comunicacional que se utiliza das comunidades de fãs políticos para costurar seus discursos. A figura do “machão” se repete na representação desses dois líderes, Putin montando em um urso sem camisa, e Abascal, do VOX da Espanha, como Leônidas de Esparta. Todos esses líderes, assim como Bolsonaro, são representados por articulações discursivas semelhantes, indicando para uma internacionalização do discurso da extrema direita. Deve ser reconhecida uma unidade entre os discursos dos líderes de extrema direita, muito mais que uma simples reverberação de signos que buscam capturar o macho que perdeu sua centralidade social. Há uma conexão tática e estratégica. Por isso, Bolsonaro não pode ser entendido como um fenômeno político e comunicacional fruto somente da política nacional, mas como parte de um movimento internacional.

Figura 9 - meme com o político Abascal



Fonte: El Periódico

²¹ Banon está sendo processado pelos fatos envolvendo a invasão durante a troca de poder. Disponível em: <<https://g1.globo.com/mundo/noticia/2021/10/19/comite-nos-eua-denuncia-steve-bannon-por-desacato-no-caso-da-invasao-ao-capitolio.ghml>>

O uso do sensacionalismo para circulação do discurso nas redes sociais

Para além de uma unidade discursiva há o conhecimento do funcionamento das plataformas. O que permite fazer o discurso circular são certas estratégias comunicacionais. Baltar e Lepri (2019), ao estudarem o Youtuber Mamãe Falei, analisam como o sensacionalismo é articulado pelo corpo-câmera que Mamãe Falei estabelece em seus vídeos acompanhando manifestações. Os autores indicam uma semelhança entre os vídeos no Youtube com o primeiro cinema, que convocava os espectadores para ver cenas chocantes, geralmente ligadas a sexo e a violência. O YouTube captura atenção pela convocação sensacionalista, que implica a convocação passional do telespectador, que nos Youtubers políticos é traduzido em adesão aos discursos políticos.

O Youtuber e guru bolsonarista, Olavo de Carvalho, foi um dos conservadores pioneiros na utilização do Youtube. O que começou como um programa de rádio, que misturava opiniões com aulas sobre conservadorismo, passou a ser gravado e postado no Youtube, o “*True Outspoke*”. Olavo chamava atenção pela série de opiniões polêmicas e discursos que beiravam o absurdo: “a Pepsi cola utiliza fetos abortados na sua receita”, defesa do geocentrismo, críticas à teoria da relatividade e defesa do tabagismo como saudável. Olavo capturava atenção pela sua capacidade de produzir um discurso chocante e sensacionalista, recheado de palavrões e ofensas. Se por um lado Olavo era ridicularizado por parte da sociedade pelas suas falas, seu discurso sensacionalista foi capaz de capturar a atenção dessas comunidades políticas de extrema direita e, assim, elevar-se ao patamar de “guru” da direita.

O discurso sensacionalista parece circular com mais facilidade no Youtube, podendo sair do assunto político para exemplificar argumentos. Diversos vídeos que apelam para sensacionalismo, seja pela exposição da intimidade e da vida privada ou pela força imagética, fazem muito sucesso na plataforma – os vídeos de “tretas” e as banheiras de Nutella operam na chave do sensacionalismo. É possível encontrar o mesmo se for feito um regresso à história do Youtube; o primeiro vídeo a viralizar na plataforma: a modelo Daniella Cicarelli tendo relações íntimas na praia. Há uma combinação entre o discurso de extrema direita e o sensacionalismo como ferramenta para captura da atenção. Além de Olavo de Carvalho, pode-se citar Nando Moura, Allan do Santos, Bernardo Kuster e o MBL. O Youtube permite a circulação do discurso sensacionalista da direita que, em muitos casos, se confunde com puro discurso de ódio.

As comunidades de fãs ajudam a descrever o fenômeno do bolsonarismo, e este conceito também serve para o MBL. O grupo atuava diretamente por esses mecanismos, isto é, uma cultura participativa na produção de discursos sobre política, que forma uma comunidade que reverbera e remixa os discursos políticos do grupo. Os fãs eram conquistados pela constelação de discursos produzidos pelo grupo, em diversas plataformas (Facebook, Twitter e Youtube). Essa adesão permitiu a convocação das manifestações de 2015 e 2016. Vale lembrar que os eventos²² de Facebook eram fundamentais para a convocatória das manifestações pelo impeachment, sem eles não seria possível alcançar tantas pessoas e diversas cidades do Brasil. O alcance dos eventos do Facebook está diretamente ligado ao alcance das Páginas e Grupos. Por isso uma forte presença nas redes por parte da direita foi fundamental para a convocatória das manifestações. O grande engajamento das páginas de memes e figuras públicas políticas de direita permitiu o grande alcance dos eventos do Facebook, os quais se traduziram em manifestação política de fato nas ruas. O MBL nesse contexto era dono de uma das maiores páginas de Facebook de direita, por isso capaz de convocar tantas pessoas para diversas manifestações políticas.

O MBL em 2018 saiu em defesa de páginas políticas do Facebook, as quais haviam sido removidos pela empresa por não estarem dentro das políticas da comunidade, as páginas misturavam discurso de ódio e notícias falsas. O MBL montou um acampamento na sede do Facebook para protestar contra a “censura” que as páginas de direita haviam sofrido. O MBL depende das comunidades digitais de direita, pois é através delas que o grupo espalha seu discurso. O grupo também já foi acusado de comprar uma página popular de memes do Facebook, Corrupção Brasileira Memes, para ter o controle editorial sobre as suas publicações. Os fãs políticos, sejam orgânicos ou comprados, constituem um capital político relevante, em especial a partir da centralidade que as redes sociais ganham no cotidiano. Portanto, ressalta-se, novamente, que há uma dimensão política e estratégica nas comunidades de fãs para a direita, as quais são profissionalmente geridas

“O posto Ipiranga”: equivalências entre Bolsonaro e MBL

Ainda seguindo a lógica de análise dos fãs, é preciso reconhecer que o MBL atuava em um “nicho” diferente do bolsonarismo. Enquanto Jair falava mais diretamente com saudosos da

²² Os eventos do Facebook são uma ferramenta para marcar encontros sociais com sua rede de contatos do Facebook. É possível confirmar presença, a informação de confirmados fica disponível para todos os usuários

ditadura, militares e polícias; O MBL fala mais diretamente com os *White-Collars*, membros do mercado, empreendedores - visto que o discurso econômico é central para o MBL, enquanto o armamentismo e o militarismo eram centrais para o Capitão. Mesmo pertencendo ao espectro da extrema direita, dentro da lógica da cultura de fãs, MBL e Bolsonaro falavam para grupos diferentes.

Em 2018 o MBL, primeiro apoiou Flávio Rocha, presidente da empresa de *fast-fashion*, Riachuelo, como nome presidenciável. Flávio encarnava o liberal, empresário de sucesso, defendia e apoiava as reformas econômicas. A candidatura de Flávio não chegou a ser lançada, o empresário desistiu do pleito. Outro candidato que o MBL demonstrou simpatia foi João Amoedo, outro forte defensor das pautas econômicas liberais. Amoedo saiu candidato pelo Novo, mas não foi capaz de hegemonizar o campo da direita. Bolsonaro, por outro lado, não era o candidato mais versado nas pautas econômicas ou na cartilha liberal. O “Mito” tinha um discurso econômico nacionalista e antiprivatista, reflexo de sua formação militar, era contra a privatização da Petrobrás, Eletrobrás e dos bancos públicos.

A mudança acontece com a entrada de Paulo Guedes na equipe de governo de Bolsonaro. O “Posto Ipiranga”, fazendo referência a uma campanha publicitária da rede de postos, seria a função de Paulo Guedes, um consultor que Bolsonaro recorreria para todos os assuntos econômicos. O futuro ministro da economia agradava, em especial, o mercado financeiro e os *White-Collars*, que eram públicos do MBL. Paulo Guedes, foi um dos *Chicago Boys*²³ que formulou o plano econômico na ditadura de Pinochet, diferente de Bolsonaro, visto como liberal autêntico.

É a entrada de Paulo Guedes que permite a aliança entre Bolsonaro e o MBL, através do estabelecimento de equivalências na pauta econômica, que antes não existiam. Paulo Guedes é o fiador do liberalismo de Bolsonaro, pois Bolsonaro consultaria Paulo Guedes para qualquer assunto econômico. Paulo Guedes, por sua vez, estabeleceu o compromisso de realizar as reformas liberalizantes do Brasil.

²³ Chicago Boys (em português: Garotos de Chicago) foi um grupo de aproximadamente 25 jovens economistas chilenos que formularam a política econômica da ditadura do general Augusto Pinochet.

III - Análise dos vídeos da Lista de reprodução eleições (2018)

Retomando o que já foi apresentado anteriormente, nossa análise está concentrada nos 46 vídeos do mês de outubro de 2018 da lista de reprodução “eleições 2018”, disponível no canal do MBL.

Grupos Temáticos

Os vídeos foram primeiro organizados por uma classificação temática: ataques à esquerda (18), cálculo eleitoral (15), defesas da candidatura de Bolsonaro (8), campanha eleitoral (4), compilações de manifestações (1). Essas informações foram cruzadas com dados quantitativos dos vídeos (visualizações, *likes*, *deslikes* e comentários):

Tabela 5 - grupos temáticos

Classificação	Casos	Visualizações totais	<i>Likes</i> totais	<i>Deslikes</i> totais	Comentários totais
Ataque às esquerdas	16	5.649.552	900.826	10.585	39.001
Cálculo eleitoral	15	4.731.216	700.586	8.776	30.743
Campanha	4	1.343.549	234.023	1.856	10.937
Compilação	1	360.314	63.558	178	2.729
Defesa bolso	9	2.402.736	378.935	7.782	14.831

Fonte: do autor

A categorização nos serve para definir quais são os principais temas dos vídeos, e abrir um primeiro caminho de análise, que será aprofundado, acrescentando os pontos nodais e os respectivos afetos. As categorias podem ser descritas da seguinte maneira:

Ataques às esquerdas

Este agrupamento temático inclui os vídeos que diretamente tematizam como denúncia ou ataque às esquerdas. O que move esses vídeos são novos fatos envolvendo denúncias de corrupção petista, O MBL narra as “falcatruas” do PT para enganar o eleitorado e apresenta o programa eleitoral de Haddad como farsesco. O significante “esquerda”, no discurso do MBL,

categoriza posições de sujeita amplas, que em outros discursos são postas como antagonistas. O MBL tem uma visão ampla da esquerda, para o grupo a esquerda envolve desde os comunistas do PSOL e PCdoB, até políticos do PSDB, como FHC e Serra – todos são alvos de ataques e ofensas do grupo. Os veículos de imprensa, também são colocados dentro do espectro da esquerda. Folha de São Paulo, Estadão e Globo são jornais esquerdistas. Isso também vale para os artistas, em especial os da TV Globo, que são todos articulados disforicamente dentro da mesma posição de sujeito “esquerda”, junto de outros inimigos: professores, movimentos sociais, movimentos identitários.

Cálculo eleitoral

Estes vídeos apresentam análises que avaliam as possibilidades de cada candidato nas eleições, quais são os melhores caminhos para vitória eleitoral e quais são os cenários nas casas legislativas para aprovação de projetos fundamentais. Há também análises eleitorais que envolvem um tom mais conspiratório, como os discursos sobre fraude nas urnas e a suposta desistência de Haddad para favorecer Ciro Gomes. As análises são sempre acompanhadas de guias, e convocações para ação: se juntar às manifestações, convencer mais pessoas a votarem em Bolsonaro.

Os cálculos feitos pelo grupo são baseados nas pesquisas eleitorais, os resultados de cada força política e respectivos candidatos nas eleições e debates são avaliados pelo MBL junto com as pesquisas. A promessa é fazer uma análise mais técnica, e não ser levado por conclusões simplistas.

Defesa da candidatura de Bolsonaro

Nesse grupo temático a centralidade está em defender Bolsonaro das acusações feitas durante o período eleitoral, destacando Bolsonaro como candidato honesto e comprometido com as reformas econômicas. Bolsonaro não se envolve nas negociatas da velha política, não governa com o “Centrão”. Bolsonaro, por outro lado, aposta nas bancadas temáticas para garantir seu apoio.

Campanha eleitoral

Neste conjunto temático de vídeos se concentram aqueles destinados a promover as candidaturas de membros do MBL às casas legislativas e, posteriormente, promover a candidatura de Kim Kataguiiri à presidência da Câmara.

Compilações de manifestações

Este último grupo reúne um único vídeo, com flash e imagens de manifestações; nesse grupo não há animadores e o formato *vlog* não é seguido. Há apenas um vídeo desta categorização em toda a base. O vídeo consiste em inserir *flashes* das manifestações de todo o Brasil, montando um compilado nacional das manifestações do dia 21 de outubro de 2021.

As sequências genéricas do Youtube do MBL

As publicações dos vídeos do MBL podem ser organizadas, em primeiro lugar, partindo da descrição de uma sequência genérica, que organiza a maioria dos vídeos do objeto, e o canal do YouTube do MBL, como um todo. Fontanille (2005a) organiza um modelo para análise de emissões televisivas; elas por serem dependentes da familiaridade do público, se organizam dentro de sequências que se repetem em todas as edições de um programa. São, geralmente, introduções, encerramentos e recapitulações. A elas Fontanille dá o nome de *sequência genérica*. Apesar das diferenças entre emissões televisivas e Youtube, encontra-se dentro do *corpus* de pesquisa duas sequências genéricas que fazem parte da construção do sentido dos vídeos.

A sequência genérica de introdução, que está presente no objeto, é composta de tela título seguida de introdução. A tela título é um formante visual que pode conter o nome da atração, nome dos participantes ou informações relevantes sobre o programa; comumente utilizada nas emissões televisivas para informar o público sobre determinada emissão. A plataforma Youtube combina modos sincréticos de comunicação e, diferentemente da televisão, pressupõe interação participativa. Apesar das diferenças, há formantes visuais que exercem a função de tela título no Youtube. Em todo vídeo do Youtube há título e uma descrição, que podem ser lidos enquanto o vídeo é reproduzido. Há, também, uma imagem que acompanha o título antes da reprodução do vídeo, chamada de *Thumbnail*. Estes dois elementos,

presentes em todos os vídeos da plataforma, são articulados conjuntamente, muitas vezes, de forma redundante (figura 7).

Figura 10 - Exemplo de tela título



Fonte: do autor

Estes dois formantes compõem o que é chamado de tela título no objeto, diversamente de um programa televisivo, no qual a tela título está contida dentro do programa. No YouTube é preciso clicar e interagir. Combinam-se texto e imagem para criar a tela título. No Youtube o usuário precisa clicar para iniciar o vídeo. Estes dois formantes visuais cumprem a mesma função: estabelecer uma familiaridade com o espectador, anunciando do que se trata aquela atração e, com isso, capturar a sua atenção. Nas telas título do MBL, as imagens em sua maioria colocam rostos de políticos junto de *letterings* que replicam o título, parafraseando ou repetindo os textos. Os textos são construídos para cativar a atenção, são perguntas e denúncias que se misturam para atrair quem navega nas redes. “Lula tá preso, babaca! A farsa no chique do Cid Gomes” (Anexo 21); “Fraude nas urnas Bolsonaro ainda pode perder?” (Anexo 22). *Clickbait*, que pode ser traduzido como caça-clique, é um termo que designa conteúdo da internet que buscam gerar tráfego de usuários e, para tal, são articulados de forma apelativa; tanto a publicidade, quanto o jornalismo recorrem a esse recurso para cativar a atenção dos usuários nas redes. O conteúdo deve ser apelativo para ser notado, pois há uma constelação enorme de informações, que a todo momento disputam a atenção dos usuários nas redes sociais.

É preciso que o usuário clique. No esquema clássico da interpelação althusseriana o “ei, você aí” parte de um enunciador, geralmente uma figura de autoridade, para um passante que, ao se virar para responder, constitui o sujeito desse discurso. O que pode ser observado nas redes sociais e, de modo mais amplo, no capitalismo comunicacional (PRADO, 2013), são diversas interpelações simultâneas, que no objeto, são reguladas por algoritmos, que apresentam novos vídeos e recomendações de conteúdo, disputando a atenção do usuário. Para os criadores de conteúdo se destacarem no Youtube, o recurso utilizado é serem apelativos, assim aumentando a chance de os usuários clicarem nos vídeos.

Figura 11- Exemplos de telas título



Fonte: do autor

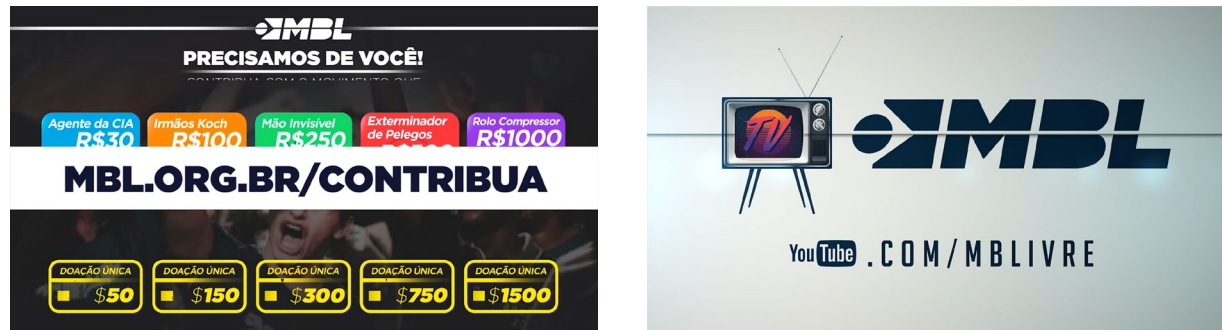
Ao clicar na tela título a emissão propriamente dita começa e inicia-se a introdução feita pelo animador, a qual também faz parte da sequência genérica de introdução; vale ressaltar que os vídeos não possuem nenhum tipo de vinheta de introdução ou tela título subsequente. A introdução toda é feita pelo animador, que está presente no quadro e é responsável por mover o programa, encadear assuntos, emitir opiniões, realizar as debreagens e embreagens. O animador é a principal voz, quando não a única, dos vídeos. Os animadores do MBL assumem dupla função, são tanto animadores-controle quanto apresentadores-avaliadores, seguindo as categorizações propostas por Fontanille (2005). Ao mesmo tempo que regem a dinâmica do programa, são eles que emitem juízos de valor e fazem as avaliações. Não há voz delegada a um especialista convidado, por exemplo, como muitos programas jornalísticos fazem. São os próprios membros do grupo que cumprem esse papel de desvendar os meandros da disputa política.

O animador, portanto, fica também responsável pela introdução, que se desenrola da seguinte maneira: o assunto é apresentado de forma sucinta, em seguida, um pedido de adesão ao MBL no YouTube, convocando o usuário para curtir a página e se inscrever no canal. O MBL, também, convoca os usuários a se juntarem ao seu programa de financiamento coletivo

e aos eventos organizados pelo grupo. Não há uma unidade estética entre essas introduções, os formantes visuais variam, mas como esquema ela permanece sempre o mesmo (figura 8). Outra característica importante é que a introdução não é seguida em todos os vídeos. Em vídeos em que o enunciador declara ter uma denúncia urgente contra seus antagonistas, a sequência genérica de introdução se reconfigura, para abrir espaço para este outro tema, mais importante (Anexo 5).

Todas as emissões do MBL têm uma sequência genérica de abertura estruturada, que envolve a junção dos formantes visuais: tela título e introdução. Outra sequência genérica presente nos vídeos do grupo é a vinheta de encerramento, que finaliza o vídeo e convoca o enunciário, mais uma vez, a se inscrever no canal do Youtube do MBL. A vinheta é composta por uma tela título animada com o nome do grupo, ao lado de uma televisão. Durante a animação a televisão é ligada e sintonizada, formando na tela: “TV MBL”. A primeira animação, então, é substituída por uma imagem dos planos de contribuição do MBL, ao mesmo tempo que uma voz em *off* pede contribuições: “Precisamos da sua ajuda! Acesse: mbl.org.br/contribua”.

Figura 12 - Exemplos de telas de encerramento



Fonte: do autor

Regimes de evocação do MBL

Fontanille (2005) afirma que uma sequência genérica precisa mobilizar promessas para cativar o espectador, transmitindo mesmo antes do andar do programa o que se trata aquela emissão, qual assunto irá abordar e como. Todo programa, além de um gênero, apresenta um regime de crenças que o define, o qual deve ser compartilhado entre enunciador e enunciário. Fontanille questiona a partir disso: que prazeres aquela emissão promete? Que emoção suscita? Em que estado afetivo o telespectador deve se colocar para apreciar o espetáculo? Os vídeos do MBL dependem da crença nos mesmos valores do enunciador, uma relação fiduciária

constituída entre enunciador e enunciatário. Apenas compartilhando o ódio e a repulsa para com as figuras de esquerda pode-se estabelecer este mesmo um regime de crença. Os *vlogs* do MBL dependem de uma adesão prévia ao seu sistema de valores; pode-se sentir raiva de mais um malfeito do bandido Lula ou aprender com o MBL a melhor tática para combater a esquerda em dado cenário eleitoral. Este sistema de crenças está presente nas apresentações dos vídeos, que chamam atenção para a polêmica política, a última decisão bombástica do judiciário nas eleições ou a última pesquisa eleitoral. Contudo, o objetivo não é informar sobre os eventos, mas sim apresentar um caminho passional, portanto moral, para interpretá-los e obter do enunciatário a adesão ao contrato de comunicação.

A dimensão dos regimes de evocação e crença é tão importante quanto a concepção de gênero. Os *vlogs* são caracterizados pela relação entre sujeito e câmera próximos, o enunciador *vlogger* conversa com a câmera para conversar com o público, produzindo um efeito de sentido intimista. Lepri (2020) ao analisar os mecanismos fílmicos utilizados pelo MBL para produzir sentido, percebe a utilização de uma câmera-corpo para cobrir as manifestações de rua, assim aproximando o espectador dos acontecimentos. A câmera-corpo implica que a afetação corpórea de quem filma faz parte do registro fílmico, implicando em uma participação nos fatos que é transmitida para o espectador. No *vlog*, os recursos necessários de edição são simples e a produção não exige grande preparo, bastando uma câmera e um assunto para se comunicar. Apesar de não haver uma câmera-corpo, a câmera está muito próxima do enunciador, o que produz relação de proximidade, simulando uma conversa. Os primeiros *vlogs* tinham um caráter de diário pessoal, como, por exemplo, PC Siqueira (Paulo Cezar Goulart Siqueira), que no primeiro *vlog* tornar viral do Brasil reclamava de sua má sorte por não conseguir assistir ao filme Avatar. Com a popularização do YouTube, o gênero também se expandiu devido a sua fácil produção. Com a evolução das temáticas (moda, política, culinária etc.) e sua expansão de popularidade, multiplicaram-se os canais de Youtube que produziam *vlogs*. Nessa expansão, há o surgimento de um segmento de *vloggers* de direita que falavam sobre política. Daniel Fraga, em 2010, defendia o anarcocapitalismo e denunciava políticos de esquerda corruptos²⁴. Com a câmera próxima ao seu rosto e tomando o centro da tela, utilizava-se de cortes para encadear as frases e suprimir os erros e hesitações da fala, tornando-a mais rápida e clara. Daniel foi um dos primeiros *vloggers* de direita a viralizar no Brasil.

²⁴ Exemplos de vídeos de Daniel Fraga, os quais ressoam com os atuais *vlogs* de direita: “Como Lula prejudica o Brasil”; disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=XBVSD7OtjAE>>. “Bolsa família x Voluntarismo” disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=-_VKn0bgphs>.

O MBL não traz grandes inovações para o gênero *vlog* e pode-se elencar os seguintes recursos estilísticos utilizados pelo grupo:

A) Corte simples para encadear o assunto – os cortes são feitos para suprimir a respiração, espaço de pausas e hesitações da fala, assim tornando a fala mais dinâmica e trazendo a sensação de uma conversa rápida. Os cortes servem também para mudar de assunto e encadear temas. As ligações não são feitas pelas falas, mas sim pela própria dinâmica de edição. Mesmo quando não há interrupção da fala, que precisam ser suprimidas com cortes, há pequenos cortes que afastam e aproximam a câmera, estes são feitos para dar movimento e dinâmica ao vídeo, com isso, criando movimento e dinâmica na cena mesmo com uma câmera fixa e o animador parado.

B) Adição de notícias de jornal à tela – nos momentos em que o grupo referência alguma notícia, *prints* da manchete são colocados junto ao quadro, reforçando e embasando a fonte que suporta aquela informação. É um recurso referencial. Apesar de criticar a imprensa tradicional, como, por exemplo, *Folha de S. Paulo*, *Estado de São Paulo* e *O Globo*, o grupo recorre a estes veículos para embasar suas informações. Em menor número, também há ocorrências em que são utilizados *prints* do corpo da matéria, geralmente quando se faz uma leitura mais direta da notícia dentro do vídeo.

C) Fotos na tela – imagens cobrindo a tela toda servem para ilustrar o que o animador está dizendo. Na maioria dos casos são figuras políticas que ocupam toda a tela ou parte dela, na medida que são referidas pelo enunciador, com uma particularidade, ao ilustrar os políticos antagonistas ao grupo as imagens escolhidas são de caretas ou expressões assustadas, enquanto os políticos aliados são colocados em posições ativas. As fotos na tela servem também como recurso visual para reforçar o escárnio; por exemplo, ao fazer referência pejorativamente ao MTST surgem na tela imagens de pneus queimados, e ao se comentar sobre feministas ocupam a tela imagens escolhidas com o intuito de diminuir ou ridicularizar o movimento, reforçando o estereótipo de feministas serem “sujas” e performarem o feminino de forma desviante.

D) Trechos de vídeos – trechos de outros vídeos são colocados em alguns *vlogs* para referenciar um fato que ocorreu na campanha eleitoral. Em especial, isso ocorre quando o tema do vídeo é alguma polêmica envolvendo uma figura de esquerda, como, por exemplo, a fala polêmica de Cid Gomes sobre Lula, ou a fala de Guilherme Boulos sobre invadir a casa de Bolsonaro.

E) Trilha sonora – as trilhas têm volume baixo, nunca acima da voz do animador e não são uma constante nos vídeos. A trilha ajuda a construir a carga tensiva do vídeo; quando há

urgência no assunto a trilha fica mais potente e acentuada; quando se trata de uma análise, a trilha é mais leve, às vezes, funcionando como ruído branco.

F) Alterar a tela para preto e branco – em alguns momentos a imagem perde sua coloração e é apresentada em preto e branco; nestes momentos, o animador conversa com aqueles que estão atrás da câmera ou faz exercícios vocais (Anexo 16). Com isso, se estabelece um fora de cena e um dentro de cena. Quando a tela está sem as cores não se vê o programa, mas seus bastidores. Este recurso estilístico é o marcador do movimento dentro e fora de cena.

Apesar de nenhuma grande inovação estética, o grupo tem maior qualidade de produção que a grande parte dos canais de YouTube. Percebe-se pela qualidade do áudio, da imagem, da iluminação e a frequência de publicações um trabalho profissional, mesmo que este recorra a um *modus operandi* aparentemente caseiro e amador. O MBL faz *vlogs* não com o amadorismo dos primeiros Youtubers, mas como produtora audiovisual, a qual existe no grupo desde a sua fundação.

Animadores

Os animadores que aparecem em cada vídeo, apesar de terem claras diferenças, compartilham algumas características comuns. Eles realizam *debreagens*²⁵ e *embreagens*²⁶ no discurso para relatarm as falas absurdas de seus afetos políticos, imitá-los. Os animadores dirigirem-se diretamente aos políticos que denunciam (Anexo 6, 19 e 2), falarem diretamente com os espectadores que os assistem (Anexo 26 e 29). Há sempre este movimento de *debreagem* e *embreagem* actancial para falar ao mesmo tempo com o público e com os políticos, instaurando um “você” (telespectador) dentro da enunciação; desta maneira, é construído o caráter de denúncia que grande parte dos vídeos apresentam. Referir-se diretamente ao político produz um efeito de sentido que reforça tanto a indignação quanto o escárnio, compartilhado entre público e animador. Não são palavras jogadas ao vento, mas endereçadas diretamente às figuras públicas famosas, as quais são atacadas ou cobradas por sua posição. Os animadores não somente comentam e opinam, mas mandam recados diretos para políticos em caráter de cobrança. Em algumas críticas feitas aos políticos, em especial aos de esquerda, os animadores se utilizam do pronome “você” mais uma vez, mas referindo-se aos políticos, criando a

²⁵ *Debreagens* no discurso são operações feitas dentro do discurso que permitem projetar o discurso para fora de si, gerando os sincretismos de “eu-aqui-agora”, que correspondem aos 3 tipos de *debreagem*: actancial, espacial e temporal. É pela *debreagem* que se muda a voz, ou o tempo de um discurso (GREIMAS; COURTÉS, 2020 p. 111).

²⁶ *Embreagens* é o dispositivo capaz de neutralizar, reconfigurar e alterar as *debreagens*, transformando a instância do “eu-aqui-agora” (GREIMAS; COURTÉS, 2020 p. 159).

impressão de que aquele texto também está chegando no político criticado – o que é uma tática muito importante para compartilhar o gozo do escárnio e da denúncia com o público.

Os programas são apresentados por cinco apresentadores diferentes: Renan, Kim, Holiday, Rubinho Neves, Eric e Pedro. Kim e Holiday, na época, também eram candidatos à legislatura federal e estadual, respectivamente. Cada enunciador se especializa em determinados temas, aparecendo em mais vídeos desse tipo de conteúdo.

Renan Santos é o principal enunciador, aparecendo em 15 vídeos diferentes. Renan foca nas análises do cenário eleitoral a partir das pesquisas (Anexo 4), denunciando o PT (Anexo 1, 18, 19 e 27) e outros candidatos das esquerdas (Anexo 5, 20 e 38). São as “análises renais”, como o próprio enunciador nomeia, fazendo um trocadilho com seu nome. Renan, como todo o grupo, faz análises viscerais do cenário político, apesar de se mostrar menos otimista e preocupado com um “clima de já ganhou” dentro da direita. Renan comenta os cálculos eleitorais, sem perder seu lado passional. Os comentários incluem formas de influenciar o jogo político proposto para seu público. Renan não se limita a comentar os assuntos, mas, sobretudo, dá uma direção política acerca do que deve ser feito para os espectadores. Renan aparece informal perante as câmeras, com o cabelo despenteado e a barba por fazer; suas falas seguem o mesmo padrão, utilizando-se de gírias e linguagem informal. Estes elementos dão uma roupagem de alguém “jovem” ao enunciador. Quando o assunto são seus opositores, não há pudor em ofender e rebaixá-los; Renan utiliza-se também de palavrões e ofensas (Anexo 24).

Kim Katagui é o segundo que mais aparece no recorte: 14 vídeos. Kim, diferente de Renan, parece mais um *Faria Laimer*²⁷. Camisa social abotoada, óculos discretos e cabelo penteado. Kim é o mais incisivo dos participantes quando o assunto é criticar o PT. Os vídeos de Kim mesclam análises de manifestações com denúncias aos malfeitos de esquerda (Anexo 2, 12 e 13). Ele também se utilizou dos vídeos para promover a própria candidatura para o legislativo federal em 2018 (Anexo 3 e 26). Ele busca a todo momento construir sua posição pelo antagonismo com outros políticos de esquerda, ao mesmo tempo que reforça suas posturas econômicas liberais.

Pedro faz o intelectual do grupo; em seus vídeos, o enunciador referencia diretamente livros de pensadores conservadores para embasar sua argumentação (Anexo 22 e 34). Pedro tem uma dinâmica mais lenta de fala, principalmente quando tomasse como base Renan e Kim,

²⁷ Termo usado para apelar pessoas que trabalham na Faria Lima, uma importante avenida da cidade de São Paulo.

que apresentam falas aceleradas. Pedro promete explicar o que está por trás dos eventos políticos (Anexo 21) e dar uma ordenação a eles a partir de um viés conservador. Outro lado da persona de Pedro vem de seu passado musical; antes do MBL, Pedro era membro da banda “Bonde do Rolê”, grupo independente que misturava ritmos consagrados com o Funk; a banda ficou famosa por seu lado irreverente e refrões de duplo sentido. Pedro, ao atacar a esquerda, recorre ao humor e à ironia, mecanismo que já desenvolvia durante sua época de Bonde do Rolê. Se comparado aos outros dois enunciadores, Kim e Renan, o achincalhamento das figuras de esquerda se dá pela ironia, não pela ofensa direta.

Fernando Holiday é negro e o único líder do grupo declaradamente gay. Holiday é o escalado para criticar os movimentos identitários (Anexo 15 e 39); em especial o movimento LGBTQIA+ e o movimento negro. Holiday é gay, porém é crítico aos movimentos identitários. Ele é contra qualquer tipo de medida afirmativa para a população negra ou LGBTQIA+, Fernando acredita que o discurso das minorias é divisionista e não meritocrático e, por fim, não reconhece o discurso como legítimo. O MBL é crítico das práticas identitárias e as considera um excesso do politicamente correto; no entanto, adota uma delas, o lugar de fala, ao escalar Holiday para falar de minorias.

Os valores religiosos são um fator importante da personagem de Holiday, como dito anteriormente. Holiday é extremamente enfático ao criticar os integrantes das esquerdas, gesticulando durante os vídeos. Seu modo de fala assemelha-se à cadência de um pregador, pois há um ritmo próprio que alterna pausas com palavras ditas enfaticamente e há uma gradação durante a fala, a qual começa calma e termina inflamada.

Rubinho Nunes, também conhecido como o advogado do grupo, é do interior de São Paulo. Rubinho foi o principal organizador do MBL fora da capital. Aparece em uma quantidade menor de vídeos, não tendo o mesmo destaque que as outras figuras. Ele também critica o PT (Anexo 23). Apesar de advogado, sua formulação e argumentação jurídica é bem semelhante à dos demais membros do grupo (Anexo 43). Ele faz as mesmas críticas que o restante do grupo destina ao PT e à esquerda; a maior diferença é que Rubinho, por ser mais velho que os demais, se apresenta mais formalmente e não usa tantas gírias, mas não alivia no escárnio ao partido opositor.

Os dados podem ser apresentados em formato de tabela para melhor leitura:

Tabela 6 - lista de apresentadores

Apresentador	Número de vídeos
Renan	15
Kim	14
Pedro	9
Rubinho	4
Holiday	2
Eric	1

Fonte: do autor

Eventos

Para melhor entendermos as condições de emissão em que os vídeos estão enunciados, foi construída uma linha do tempo que cruza as visualizações por data com os eventos que marcaram os 30 dias correspondentes ao recorte do objeto.

O pico de visualizações acima foi coletado após as votações do primeiro e segundo turnos. Na eleição em questão, ocorreram diversos acontecimentos atípicos que conturbaram o período como, por exemplo, o candidato Jair Messias Bolsonaro sofreu um atentado a faca e o ex-presidente Lula foi barrado pela Lei da Ficha Limpa. Já dentro do período de estudo, é chamada a atenção às controvérsias de judicialização das eleições, envolvendo a prática de Caixa 2 (Anexo 27, 28 e 29) para financiamento de disparo de mensagens em massa a favor de Bolsonaro. O caso surgiu após uma denúncia do jornal *Folha de S. Paulo*. A reportagem descobriu um esquema de financiamento envolvendo empresários bolsonaristas e empresas de disparo de mensagens; as mensagens continham notícias falsas e difamações e eram espalhadas como se fossem conteúdos orgânicos. O caso chegou ao TSE, que não impugnou a chapa de Bolsonaro, mantendo o tema dentro do período eleitoral apenas no campo da especulação.

Outros dois fatos chamam a atenção, pois envolvem uma quebra do contrato comunicacional de enunciadores ligados à esquerda. Tanto Cid Gomes (Anexo 21), quanto Mano Brown (Anexo 41) fizeram declarações críticas ao PT em comícios que eram para ser unicamente de apoio ao partido. A direita, por sua vez, gozou e reproduziu esses momentos, sinais de fraqueza do petismo e indicativos de uma vitória bolsonarista. Brown fez uma fala em um dos últimos comícios antes do segundo turno, cobrando o PT pelo abandono dado às bases e à periferia. A esquerda perdeu sua capacidade de diálogo, por isso perdeu eleitores para a promessa de salvação bolsonarista. Já Cid Gomes discutiu com um eleitor do PT, após criticar

a linha geral do partido no segundo turno, e proferiu a frase que ganhou fama: “O Lula tá preso, babaca!”.

No começo do período de análise, duas manifestações aconteceram: o #ELENÃO e o #ELESIM (Anexo 2). Uma de crítica e a outra em apoio a Jair Bolsonaro. #ELENÃO aconteceu em diversas cidades do país e contou com a oposição à Bolsonaro e aos setores amplos da sociedade civil em defesa da democracia. A manifestação atacou fortemente pontos como misoginia, machismo e homofobia, atitudes louvadas pelo bolsonarismo mais engajado. A manifestação #ELESIM repetiu a dinâmica das manifestações pelo impeachment de Dilma: a massa de verde e amarelo nas principais avenidas do Brasil, unida pelo seu antipetismo e pelo desejo de expulsar o PT da política.

No dia 21 de outubro outra grande manifestação de direita chamada “PT nunca mais” (Anexo 35) foi convocada pelo MBL e outros grupos políticos, em apoio à Jair Bolsonaro. Bolsonaro não compareceu presencialmente, mas discursou por meio de telões espalhados pela Avenida Paulista. Outras figuras envolvidas no segundo turno também estavam presentes; João Dória, candidato à reeleição do governo do Estado, também falou na naquele dia e sua manifestação repetiu a mesma fala das demais manifestações verde-amarelas em apoio a Bolsonaro.

Outro diferencial dessas eleições é a ausência de Bolsonaro na maioria dos debates, em especial no segundo turno. O então deputado Bolsonaro só compareceu a dois debates, nas emissoras Rede TV e Band, e depois decidiu que não participaria mais. Durante o segundo turno alegou que questões médicas ligadas à facada o impediam de participar do debate.

O MBL também se mobilizou para eventos internos aos movimentos. São de destaque dois episódios comentados durante a análise: a Jornada Patriótica e o Congresso do MBL.

A Jornada Patriótica (Anexo 32) foi um evento realizado pelo MBL em diversas cidades do nordeste, como Salvador, Juazeiro, Petrolina, Recife, Ipojuca, Caruaru, entre outras. O MBL rodou o Nordeste para fazer comícios e subir em palanques para defender as ideias liberais e angariar votos para Bolsonaro dentro dos “rincões eleitorais petistas”. O MBL foi àquela região também para levar seu denunciamento e seu combate aos “burocratas” e políticos corruptos. O MBL visitou prefeituras, fez falas em assembleias legislativas, críticas aos políticos petistas e cobrou políticos das cidades do interior, tática bem parecida com “A Marcha até Brasília”. Na ocasião que o MBL marchou de São Paulo até Brasília, o movimento realizou o mesmo *modus*, subiu em palanques e foi às assembleias legislativas, mas, nesse caso, para pedir o impeachment de Dilma. Outra dimensão importante foi a interação com seus fãs das

regiões pouco visitadas pelo grupo. Nos vídeos da jornada é possível ver momentos em que os líderes políticos do MBL são abordados como celebridades, atendem os fãs com *selfies*.

O MBL, segundo a perspectiva do próprio grupo, esteve no interior do Nordeste para desafiar o “coronelismo” petista e virar votos para Bolsonaro justamente onde a “máquina” petista é muito forte. O ato é extremamente simbólico e a todo momento é figuratizado como uma luta perigosa. Renan relata no vídeo que o grupo fora ameaçado em certas cidades onde o controle petista é mais forte, mesmo assim é “essa força do Nordeste que vai acabar com o PT”. O MBL articula em seu discurso que o novo fator dessas eleições poderia ser o antipetismo no Nordeste quebrando a hegemonia petista na região.

A Jornada Patriótica foi financiada por programas de financiamento coletivo, o *crowdfunding*²⁸; independente da relevância desse valor para a organização dos eventos de fato ou a veracidade desse financiamento coletivo ²⁹. O financiamento coletivo permite organizar a jornada como algo coletivo, não realizado somente pelas figuras públicas do MBL, mas por todos os apoiadores e militantes. O MBL se articula como autêntico e se anuncia ligado a demandas reais. Foi propagandeada pelo grupo tanto a dimensão de enfrentamento do “coronelismo”, quanto a possibilidade de encontro com os fãs para abraços e *selfies*. A jornada patriótica é narrada nos vídeos como um grande sacrifício feito pelo MBL para garantir a vitória do Capitão.

Outro grande evento organizado pelo grupo foi o **4º Congresso do MBL**, realizado em São Paulo, no dia 24 de novembro de 2018. O congresso consistiu num ciclo de palestras envolvendo figuras públicas ligadas ao MBL: Kim, Holiday, Artur estavam no congresso junto dos aliados que o MBL construiu ao longo desse período: Janaina Paschoal, Danilo Gentili, Rodrigo Constantino e Paulo Guedes. Três painéis estavam na programação: “economia”, “imprensa” e “segurança pública”

O congresso promete preparar o sujeito para encarar a vida política, e tornar-se o próximo responsável pela mudança do Brasil, para tal o congresso serviria para aprender “com quem já tem experiência” para ser modalizado por eles. A promessa é também de uma formação que envolva o domínio de técnicas midiáticas, por isso há outros eventos além de palestras, “Oficinas de memes”, “concursos de debates” são para atender esta outra demanda.

²⁸ *Crowdfunding* ou Financiamento Coletivo é uma ação realizada por meio de plataformas colaborativas, onde pessoas ou equipes cadastram seus projetos e conquistam o apoio de colaboradores para a realização de suas ideias.

²⁹ É sabido que o processo de financiamento do MBL é turvo, assim revelou a reportagem da Agência Pública e Revista Piauí. “A Nova Roupas da Direita”. Disponível em: <https://apublica.org/2015/06/a-nova-roupa-da-direita/>. “O Grupo Da Mão Invisível”. Disponível em: <https://piaui.folha.uol.com.br/o-grupo-da-mao-invisivel/>.

Os mesmos espaços da sequência genérica de introdução, utilizados para convocar o público a deixar *likes* e seguir as redes sociais do MBL, foram utilizados também para promover e convocar para o congresso. Os apresentadores deixaram testemunhos de como o congresso do MBL poderia transformar o espectador para ser o mais preparado para encarar a vida política.

Afetos

Os afetos são fatores fundamentais para o entendimento do objeto. Eles são o “perfume” exalado pelo objeto de estudo, os quais presidem o sentido do texto, na medida que são eles os responsáveis pela alta carga tensiva dos vídeos, característica do MBL. Dois afetos centrais foram identificados, cólera e medo. Estes afetos são articulados em conjunto e ambos são responsáveis pelo andamento dos vídeos. Sem eles o processo de significação não pode ser esclarecido, pois são eles que regem os vídeos, como um maestro que dá vida à uma música ao interpretar uma partitura.

Os afetos devem ser entendidos como uma sequência, uma sucessão de modalização que proporciona o efeito de sentido do afeto. Os afetos descritos a seguir, se relacionam também como sequência, pois a Cólera é alimentada pela constituição de um saber sobre o medo.

Cólera

O percurso passional colérico é o principal caminho afetivo percorrido pelos enunciadores do MBL dentro do objeto de estudo. Ele está ordenado por uma rejeição irreconciliável de determinados atores sociais: professores, artistas (Anexo 17), políticos, burocratas (Anexo 9), esquerdistas (Anexo 10, 19 e 27), falsos direitistas (Anexo 31 e 38), imprensa (Anexo 28) e movimentos identitários (Anexo 15). A cólera tem como pivô passional enunciados ou ações cometidas por esses sujeitos, as quais inflamam os enunciadores e o público. Os enunciadores do MBL estão sempre indignados com a “última canalhice do PT” ou revoltados com alguma decisão do STF (Anexo 22 e 32). Há sempre um novo fato na política do dia capaz de desencadear o percurso passional colérico e manifestar as diferentes sensibilizações possíveis do percurso, não é à toa que as emissões são quase diárias.

A cólera está diretamente relacionada com o “fazer” e o “ser” do Outro, que produz no MBL a raiva, o ódio e as demais aspectualizações do estado colérico. As quais dizem respeito a durabilidade do afeto, como por exemplo, o rancor que é cólera durativa e consolidada no

sujeito, ou a raiva que pode ser pontual, se manifesta como acesso. O estado colérico, como as demais paixões, são estados constituídos através de uma sequência, isto é, modalizações que estão ligadas à uma aspectualização temporal que, juntas, constituem uma paixão:

A sintaxe aspectual que preside à colocação das disposições traduz-se mais superficialmente sob a forma de uma aspectualização temporal, que é um dos traços mais evidentes e de mais imediata identificação do universo passional, em particular nas definições que propõem os dicionários de língua dos diferentes sentimentos ou paixões. O "rancor" é ressentimento-durável (...) o encolerizado é visto como sempre prestes a encolerizar-se (GREIMAS; FONTANILLE, 1993 p.72)

O fazer corrupto do petista, o fazer-doutrinar dos professores e artistas, mas também o ser dos movimentos identitários no mundo, que é organizado pelo grupo como “*mimimi*” e contra os valores tradicionais, que organiza o Estado colérico do MBL e o sensibiliza. O sujeito tomado pela cólera crê que está sendo privado de algo que lhe é de direito, o que pode ser dito de outra maneira como “gozo roubado”; na medida que Outro goza, ao mesmo tempo que o Eu se vê privado de gozar (PRADO e PRATES, 2021).

Os *pivôs passionais*, isto é, as formas de localizar o descontentamento, e figuratizar este “gozo roubado”, são distintos: Haddad tentando fingir-se de católico (Anexo 24), a mudança da identidade de visual da campanha do PT (Anexo 18), as falas de Guilherme Boulos (Anexo 20), os falsos direitistas aproveitadores dos movimentos de renovação (Anexo 12 e 31), às *Fake News* espalhadas pela imprensa (Anexo 28 e 39), os escândalos de corrupção (Anexo 1), as tentativas do PSOL de censurar o WhatsApp (Anexo 30). Os eventos citados são gatilhos para a produção de novos vídeos coléricos sobre as eleições; motivos para um novo acesso de raiva, gravado e publicado no seu Youtube. Estes pivôs passionais, que sensibilizam os sujeitos em disposição colérica para o sentir, ligam-se a significantes vazios, dos quais o MBL diz ter sido privado, durante os governos petistas, “liberdade”, “democracia”, “meritocracia”; estes significantes, por sua vez, são a “falta objeto” que encadeia o estado colérico.

Dos pivôs passionais e da falta fiduciária que eles encadeiam, o MBL constitui a sensibilização do afeto colérico pelo escárnio.

Escárnio

O escárnio é um tipo de humor político presente nos discursos do MBL, aqui entendido como mecanismo de descarga tensiva, ao mesmo tempo que abala a moral e a honra de seus desafetos políticos. O escárnio é um tipo de ofensa, com fundo de humor e ironia, dirigido a um adversário com o objetivo de rebaixá-lo e fazer rir o enunciatário do discurso. A ofensa no escárnio é pública, diferentemente das outras ofensas, as quais podem ter um caráter privado. O escárnio só se efetiva como tal na medida que é colocado publicamente. O escárnio depende de um compartilhamento social da ofensa que o move. O discurso de ódio e a injúria, como descrito por Butler, são capazes de provocar sofrimento ao injuriado. O sofrimento decorre da nomeação injuriosa que faz com que o indivíduo perca sua definição social e seja colocado em lugar incerto: “Ser ferido pelo discurso é sofrer uma perda de contexto, ou seja, é não saber onde se está” (BUTLER, 2021, p. 15). Dentro do escárnio a nomeação e a gestão do aparecimento social devem ser publicados a fim de fixar o lugar da injúria, trocando os sinais sobre aquele sujeito. Praticamente todos os vídeos apresentam um momento de achincalhamento público das figuras políticas de esquerda. Lula é nomeado de: “ladrão”, “corrupto”, “bandido”, mas também é o “9 dedos”, “bêbado”; Haddad é o “marmita de bandido”, “poste” (Anexo 23), Manuela é “grotesca” (Anexo 19), Boulos é o “cafetão de sem-teto” (Anexo 20), Marina Silva é o “E.T.” (Anexo 5). O escárnio tem um papel fundamental no denunciismo do MBL, que pretende revelar o verdadeiro por trás do falso que constitui o discurso de seus desafetos políticos. A esquerda é falsa na medida que apesar de defender um discurso pela “liberdade” e pela “democracia”, quer implantar uma “ditadura” - escarnecer é o modo escolhido para operar as denúncias contra a esquerda e dar destaque a elas. O escárnio é o mecanismo pelo qual ocorre a descarga libidinal da cólera. Dentro do percurso passional colérico, o sujeito movido pela *disposição* cólera recorre ao escárnio para *patemizar* seu ódio. O escárnio é responsável pela descarga tensiva que é possível transformar ressentimento e sofrimento da raiva no prazer, como no esquema de Greimas (2014, p. 248-249) da vingança, no qual o prazer do Sujeito 1 está diretamente ligado ao sofrimento do Sujeito 2. O objetivo dos PN's de vingança é o “reequilíbrio”, pois o Sujeito 2 que causou sofrimento merece sofrer na mesma medida; por isso, trata-se de um programa de “*compensação*”. Infligir este sofrimento, portanto, como aponta Greimas, é motivo de prazer: “Tal equilíbrio de sofrimentos é fenômeno

intersubjetivo, uma regulação social das paixões. Mas o PN de vingança ainda não se esgotou. Efetivamente, o sofrimento de S_2 provoca prazer de S_1 ” (GREIMAS, 2014, p. 249).

É através da nomeação compartilhada do outro como pertencente ao fora da sociedade que se localiza a satisfação; é pela capacidade de infligir sofrimento e flagelar com as palavras que essa satisfação de compensação é regulada. Portanto, existe uma *moralização* do escárnio na medida que este gozo é compartilhado e se espalha, e na medida que ele próprio é capaz de flagelar. Alguns vídeos inclusive são promessas desse escárnio público. “TOP 5: Maiores FRACASSOS dessas eleições! | por Renan Santos” e “O Lula tá preso, babaca! A farsa no chique do Cid Gomes | por Pedro Deyrot”, tem como único objetivo rir da desgraça de seus adversários políticos e achincalhá-los. O MBL era reconhecido justamente por este modo de debate público, que prometeu humilhar os esquerdistas, pelo seu jeito “politicamente incorreto” de dar opiniões ou falar sobre política. Esta não é parte menor do contrato comunicacional do grupo, ou simples modo de manifestação discursiva, mas é parte constitutiva do grupo e de seu discurso.

O escárnio é também a forma que estrutura o discurso como antissistema e “politicamente incorreto”, na medida em que diz o que ninguém mais tem coragem de dizer. A injúria não faz parte do uso cotidiano da linguagem, é uma exceção, passível de punição judicial. Na política parlamentar a injúria é considerada “quebra de decoro”, pois não pertence à ordenação política. O “politicamente incorreto” se propõe a desafiar esses dispositivos de regulação e dizer o que é proibido. A quebra de decoro é motivo de orgulho, e sancionada pelos espectadores, que esperam e demandam isso do MBL.

Nessa organização discursiva o humor e a ironia são subterfúgios comuns do escárnio, pois há um fundo humorístico que consiste em rir da posição social que o outro foi definido, que ao mesmo tempo serve de escudo para acusações de discurso de ódio. É uma estratégia discursiva observada por Chagas (2020) em *trolls* de internet, na qual o discurso de ódio é reconfigurado em humor *a posteriori*. O enunciador declara sua intenção de humor após seu ato de fala ser reconhecido como ofensivo e ter ferido o outro; o objetivo é reconfigurar aquele discurso como “não-sério”, por isso a ofensa seria apenas ruído de um discurso lúdico, logo não deveria ser punida, ou o discurso considerado ofensivo. Com isso, também se deslegitima a posição do injuriado e sua dor, pois este não seria a vítima, mas um “*mimizento*” que não sabe levar uma brincadeira. O objetivo não é humor ou fazer-rir, o objetivo é a ofensa e o rebaixamento dos adversários, Chagas (2020) observa que os *trolls* de internet se deliciam com

o sofrimento das vítimas e suas reações, pois o prazer está em fazer sofrer e compartilhar este sofrimento entre os usuários *trolls*.

Se a direita teve “seu gozo roubado” pela esquerda durante os anos de Lula e Dilma, o escárnio é uma forma de buscar retomá-lo e vingar-se. Renan, Kim e Holiday xingam seus desafetos políticos pelos seus crimes, aparência, sexualidade e posições políticas, e se divertem com infortúnios de seus adversários políticos; a euforia advém de que o outro que me proibiu de gozar agora não gozará mais – escarnecer é uma forma de reforçar essa posição de sujeito castrada e fraca, assim como no discurso de ódio descrito por Butler, que produz uma relação de subordinação entre injuriador e injuriado (BUTLER, 2021, p. 39). O MBL projetava um futuro, no qual o gozo da esquerda acabaria. A instituição da “Nova Era” (Anexo 46) guiada pelo bolsonarismo iria acabar com as “mamatas” da esquerda e restaurar a “ordem” que foi pervertida por ela.

O escárnio permite reconfigurar o outro, ao mesmo tempo que se faz capaz de mobilizar a repulsa do outro, pois reconhece-o em posições de sujeito ilegítimas, impuras e criminosas, por isso permite mobilizar mais cólera para estas identidades, - no léxico do português os sentimentos ligados à cólera podem ser “nutridos” / “cultivados”. O MBL, em certa medida, responde a essas demandas e consegue nutrir a cólera do seu público, reforçando o lugar do impuro, sujo, criminoso de seu adversário político, e com isso tenta produzir adesão dos conservadores e antipetistas ao seu discurso. Há também a dimensão algorítmica que contribui para esse processo. Apesar das *big techs*, como o Google, não revelarem os detalhes de seus algoritmos, sabe-se que Youtube recomenda aos usuários vídeos semelhantes aos quais ele já assistiu. Sendo assim, os algoritmos também contribuíram para a publicização desse escárnio, que potencializa seu alcance e, por consequência, seus efeitos, retroalimentando os usuários com mais e mais conteúdo desse tipo.

Como em todo percurso passional há uma *moralização* envolvendo o sentir, neste caso é possível pensá-la pela distribuição do castigo pelo escárnio na sociedade. Este castigo é destinado a certas identidades; porém, outras identidades devem ser tratadas com empatia e outros métodos devem ser utilizados. As identidades que poderiam aderir à campanha bolsonarista pelo seu viés antipetista: eleitores do Amoedo, Alckmin e Meirelles, não podem receber o mesmo tratamento que os petistas e militantes do PSOL. O público sanciona, ou não, quem deve ser alvo desse escárnio, sendo possível visualizar isto nos comentários dos vídeos. O público repete, replica e ri junto com os enunciadores das ofensas proferidas, reproduzindo-as nas caixas de comentários. Quando esta sensibilização é dirigida a alguém que não é digno,

o público também se manifesta, como no caso do vídeo em que Eric crítica Marcos Pontes (Anexo 11), a atitude rechaçada nos comentários, o MBL recebeu comentários negativos sobre suas críticas ao astronauta brasileiro. O vídeo teve 4921 *deslikes* em 24 mil visualizações, indicando que a audiência pode não sancionar o escárnio quando esse está dirigido para aliados do bolsonarismo.

Medo

O estado de disjunção não precisa se efetivar em si para a cólera se manifestar. A mera ameaça de ruptura das expectativas dos sujeitos já é capaz de provocar a cólera. Isto se dá, pois, o estado colérico depende de um simulacro. Greimas descreve que o sujeito no estado patêmico da cólera produz contratos imaginários, que só existem no mundo percebido pelo próprio sujeito, e não estão por assim dizer ‘firmados’: “Quer se trate da confiança em outrem ou da confiança em si (...), estamos diante de uma relação fiduciária que se estabelece entre sujeito e o simulacro construído por ele, e não de uma relação intersubjetiva” (GREIMAS, 2014, p. 238). No caso do MBL, a própria ideiação da desconjunção com os objetos de valor já é suficiente para provocar o estado colérico. Greimas (2014) coloca a “espera” como uma das categorias que constituem o percurso colérico, compreendendo as paixões como percursos não pontuais, mas sequenciais; o sujeito da cólera já foi o “sujeito da espera” que “crê” na realização de dado plano narrativo. O sujeito da espera é regulado pela sua “paciência”, entendida pelo autor como a modalização do /poder-querer-ser/. A quebra, ou o descontínuo da paciência decorre do saber sobre o plano narrativo a que se é assujeitado; este saber é que pode produzir a ruptura e transformar o sujeito da espera no sujeito da cólera.

Para encurtar a espera e produzir o estado de cólera permanente, que pode-se observar no objeto, o MBL precisa atualizar constantemente seus espectadores com os “saberes” capazes de produzir o estado de urgência, que não permite que a cólera seja substituída pela espera, ou se dissipe. Estes saberes, que produzem a constante atualização dos sujeitos para cólera, estão ligados à capacidade de localizar, narrar e projetar os perigos no simulacro de futuro compartilhado pelo grupo e espectadores.

Há, sobretudo, uma gestão dos medos e das fobias sociais que permite ao MBL nutrir a cólera e, conseqüentemente, o escárnio pela via do medo. O medo é aspectualizado de diferentes formas, seguindo o esquema proposto por Fontanille (2005b) no qual essa paixão é dividida em quatro categorias de aparição reguladas por intensidade e extensidade:

Tabela 7 - Tipologia do medo

Tipologia	Intensidade	Extensidade	Descrição
Atores do Medo	+	+	Figuras altamente reconhecíveis e potentes
Forças do Medo	+	-	Ameaça palpável e forma não identificada
Formas do Medo	-	+	Figuras fantásticas e extraordinárias, monstruosidades
Auras do Medo	-	-	Presença não definida, mal-estar não localizado

Fonte: Fontanille, 2005, adaptação nossa

Dentro do objeto existe a gestão de “Atores do Medo”, na medida que o enunciador localiza e particulariza se utilizando de figuras consagradas do imaginário da direita brasileira. O risco da “venezuelização” e o fim da democracia do Brasil através de um plano do Lula e do PT (Anexo 10), que envolve “censura dos meios de comunicação (Anexo 27 e 30) e não aprovação das reformas liberais, as quais colocariam o Brasil em uma “guerra civil. (Anexo 10 e 32). Os atores do medo são diversos: o professor doutrinador que perverte a moral, o invasor sem teto que destrói o direito à propriedade e o político petista corrupto que rouba o país.

Por outro lado, o MBL apresenta um medo de uma dominação difusa pela sociedade. A diminuição se dá pela substituição de figuras, com, por exemplo, Lula e Haddad, por teorias da conspiração: a “estratégia da risca de giz” (Anexo 15 e 24), como foi nomeada, de dividir o país para controlar as forças políticas e atingir o totalitarismo, recorrendo a um medo conhecido na direita brasileira, o espectro comunista que se infiltra na sociedade brasileira pelo “marxismo cultural” (Anexo 17 e 34). Com isso, o MBL articula a esquerda como gestora de um Estado profundo, construído pela infiltração esquerdista nos mais diversos espaços da sociedade, como, escola, Igreja Católica e espaços midiáticos.

Essas duas formas de localizar as fobias sociais permitem, ao projetar simulacros de mundos possíveis, encurtar a “espera” a ponto de produzir uma cólera permanente que não pode ser interrompida pois os saberes sobre o “mundo da bagunça” ou a “venezuelização” mobilizam o sujeito para cólera. O medo pode ser paralisante, mas também pode mobilizar para ação; tudo depende de qual percurso o afeto tomará. No objeto de estudo, o medo contribui para mobilização contra o inimigo irreconciliável, na medida que este passa a ser narrado e apresentado dentro do percurso passional da cólera.

Pontos nodais

Deste arranjo afetivo descrito acima, que envolve cólera e medo, pode-se articular os principais pontos nodais identificados dentro do período de enunciação analisado, os quais apresentam-se primeiro em formato de tabela:

Tabela 8 - Pontos nodais e afetos

Pontos nodais	Afeto regente
Bolsonaro diferenciado	Cólera
Voto de cabresto	
Risco da criação do “Mundo da Bagunça”	
Aliança da imprensa com à esquerda contra Bolsonaro	
Esquerda farsesca	
Falsos direitistas	Cólera atenuada; escárnio irônico
Esquerda criminalizada	Cólera acentuada; escárnio ofensivo
Reformas para impedir a destruição do país	Medo
Fraude eleitoral	
Ameaça totalitária	
Soberba da base bolsonarista: “já ganhou”	

Fonte: do autor

Bolsonaro diferenciado

Nessa amarração discursiva, Bolsonaro é colocado como único candidato capaz de vencer o petismo (Anexo 4) e, por ser uma figura política secundária, não estaria envolvido com corrupção. Sua capacidade de se comunicar com o brasileiro comum, junto de seu jeito enfático, dizendo tudo que pensa, de maneira direta e popular, por isso sua fala é melhor que os discursos economicistas dos outros candidatos de direita. Bolsonaro é “direto”, “honesto”, “verdadeiro”, “patriota”, “autêntico”.

Por essas características Bolsonaro teria um modo de governar bem diferente dos demais políticos (Anexo 7), um “fazer” que envolve alianças ideológicas com as principais bancadas do país (Bancada da Bala, Bancada da Bíblia, Bancada do Boi) e não as velhas alianças compradas pela corrupção: loteamento de cargos, e outras formas “burocratizantes” de fazer política. Bolsonaro seria nessa versão político honesto capaz de derrotar o PT e aprovar as reformas.

A questão colérica se manifesta mais diretamente na adjetivação à Bolsonaro que caracteriza seu enfrentamento aos seus antagonistas. Bolsonaro não hesita em atacar o PT, diversamente dos outros candidatos da direita como Alckmin e Meirelles, que não têm tal tensão

afetiva direcionada ao Outro (Anexo 12). O lado mais belicoso de Bolsonaro é comemorado e saudado nos vídeos do MBL. Nas ocasiões em que Bolsonaro não é enfático ou incisivo o suficiente, ele é cobrado por pegar leve.

Voto de cabresto

Nessa amarração discursiva se aglutinam os enunciados que denunciam um controle político das regiões norte e nordeste, que seriam territórios dominados pelo assistencialismo petista e responsáveis por uma grande quantidade de votos “não-ideológicos” para o Partido dos Trabalhadores (Anexo 2). A política dessa região é dominada por “burocratas” que controlam os programas sociais e forçam as regiões a votarem no PT (Anexo 16). Para tal é preciso articular discursivamente um Norte e Nordeste pobres, não escolarizados e que, sobretudo, votam mal. Dentro dessa formação discursiva, os programas sociais são articulados como “esmola” dada para capturar votos, não havendo reconhecimento deste eleitorado como de sujeitos políticos (Anexo 18); a articulação discursiva caminha, no sentido contrário, para deslegitimar tais identidades.

O estado afetivo colérico decorre da indignação do enunciador com essa situação, isto é, decorre do *saber* sobre o /poder-fazer/ do PT e da esquerda na região. Tal poder pode comprometer a vitória eleitoral de Bolsonaro, assim modalizando o sujeito para a cólera.

O risco da criação do “Mundo da Bagunça”

Essa amarração discursiva se concentra na denúncia da perversão da sociedade promovida pelas esquerdas, que estariam destruindo a família (Anexo 24), a propriedade (Anexo 13) e as identidades de gênero (Anexo 17 e 34). Os sujeitos desta perversão moral seriam diversos: professores (Anexo 40), feministas (Anexo 2), políticos (Anexo 1), artistas (Anexo 17) e jornalistas (Anexo 28).

A crítica não se limita a um /fazer/ mas se estende ao /ser/ dessas identidades, em especial quando o assunto é gênero e sexualidade. As identidades fluidas e não normativas são colocadas no campo da bestialidade e comparadas aos animais. A perversão dos valores morais conduz à criação de um “mundo da bagunça”, no qual está tudo fora do lugar e a esquerda reina.

Essas identidades causam repulsa e asco ao enunciador MBL, de modo a mobilizar a cólera que se manifesta como escárnio público às posições de sujeito apontadas como perversas.

A perversão da esquerda ameaça, sobretudo, o modo de existência desses sujeitos, através do “politicamente correto” que regula as identidades. Contudo, tais posições já estariam em declínio e por mais que a esquerda, imprensa e artistas tentem reabilitá-las; o “povo”, “as pessoas”, “o eleitor comum” está contra essas posições. O papel do MBL é, então, o de escarnecer de tais posições para denunciá-las e demonstrar a sujeira da esquerda, reforçando, assim, a posição que é da “maioria” da sociedade brasileira.

Aliança da imprensa com à esquerda contra Bolsonaro

Nessa amarração discursiva se encontram as críticas direcionadas aos sujeitos da imprensa. Ao contrário do que a imprensa alega, não são os bolsonaristas os propagadores de *Fake News*, mas sim a imprensa tradicional (Anexo 28) como, por exemplo, Folha, Estadão, Globo, que espalham mentiras sobre Bolsonaro e sua campanha com objetivo de prejudicar a eleição. Bolsonaro é falsamente articulado pela imprensa como autoritário, homofóbico e misógino. Por outro lado, os veículos de informação independentes, blogueiros, Youtubers e páginas de Facebook bolsonaristas trariam a verdade.

A imprensa é articulada como antagonista, pois é esquerdista, trabalha para favorecer Haddad, já que tem medo de perder seus privilégios: as verbas de empresas estatais e contratos de publicidade com o governo (Anexo 16). A partir dessa denúncia, a cólera se instala ao articular a imprensa como “esquerdista” que, assim como os políticos de esquerda, se aproveitam das “boquinhas” e “mamatas”, que advém da proximidade do poder.

Ao colocar a imprensa no lugar do antagonismo irreconciliável se deslegitima o papel actancial da imprensa de transmitir informações. Os sinais estão trocados e a imprensa é responsável por mentir ou falsear, e nada que estes veículos publicarem pode ser considerado “verdadeiro”. A imprensa é sempre “falsa”, por isso tratada com cólera, pois está articulada junto das identidades do Outro, esquerdista e identitário que não aceitam a ascensão bolsonarista. A imprensa faz parte de uma organização que envolve os demais atores da esquerda, sempre tomando posições esquerdistas, ao mesmo tempo que marginaliza e criminaliza o bolsonarismo, como nos casos das denúncias de disparo em massa feitas pela Folha.

Esquerda farsesca

A esquerda é farsesca, finge ser algo que não é, e seu discurso sempre tem a intenção de enganar e confundir os eleitores. Surge uma questão de veridicção, na qual a esquerda é articulada como “falsa” (/parecer-ser/ e /não-ser/): ao mesmo tempo que diz defender a “democracia”, quer implantar uma “ditadura” no Brasil. Neste ponto nodal, a questão da mudança da identidade visual da campanha de Haddad é articulada como parte do plano farsesco da esquerda. A questão levantada é de veridicção, estabelecida pela relação entre as modalizações em nível de manifestação (parecer) e imanência (ser) (BALDAN, 2001). O PT parece ser “limpinho” e preocupado com o povo, mas é “corrupto” e “canalha”. Essas temáticas também se ligam a denúncias de uma teatralidade dos candidatos da esquerda (Anexo 9), que estavam chocados com as declarações de Bolsonaro, e fizeram discursos sobre a ameaça da democracia, mas calaram-se durante os anos de corrupção petista. Nessa visão, tanto Haddad, quanto Boulos são atores que fingem choque e espanto com as falas antidemocráticas de Bolsonaro, mas na verdade querem implantar uma ditadura (Anexo 10). São, sobretudo, hipócritas e, através da exposição dessa hipocrisia, a cólera emerge e se manifesta. Ao narrar as contradições entre ações e discurso petistas, os enunciadores do MBL elevam sua cólera.

Falsos direitistas

Há identidades de direita que não são verdadeiramente puras, isto é, tem desvios de opinião, defendem pautas da esquerda, possuem um passado esquerdista, hesitação em apoiar o Bolsonaro ou não são antipetistas o suficiente. Alckmin, Márcio França, FHC (Anexo 12 e 38) e Tabata Amaral (Anexo 5) são alguns exemplos desses que estão articulados dentro do campo da direita, mas falham em serem verdadeiramente de direita.

Merecem ser escrachados, são ridicularizados e humilhados pelo grupo, de uma forma irônica e sarcástica. Alckmin foi ridicularizado por sua campanha rica que naufragou; França pelo seu passado petista e por estar em um partido de esquerda. Porém os eleitores desses políticos devem ser tratados com empatia (Anexo 4), por isso a cólera é atenuada, pois estes devem ser convencidos e mobilizados para aderir à campanha bolsonarista, e assim, derrotar o PT.

Esquerda criminalizada

As identidades de esquerda devem ser denunciadas pelo seu fazer corrupto (Anexo 1), por perversão dos valores morais, hipocrisia e desejo totalitário. Este ponto nodal é o desfecho colérico que se manifesta como denúncia e escárnio das posições de sujeito esquerdistas. Elas são impuras, corruptas e imorais, por isso aqueles inimigos merecem ser xingados e humilhados publicamente (Anexo 13, 19, 27).

Manuela é xingada por ser feminista, apoiar manifestações de sexualidade promiscua; Haddad é ofendido por ser mentiroso, falso e defensor do bandido Lula (Anexo 23); Boulos é o “cafetão de morador de rua” (Anexo 20) que se aproveita da pobreza; Marina Silva é ridicularizada pela sua origem humilde, aparência e defesa da pauta ambiental (Anexo 5). Estes sujeitos recebem este tratamento como parte de um castigo por seus malfeitos, por isso devem ser expostos e escarnecidos publicamente.

Reformas para impedir a destruição do país

As reformas são o principal objeto de valor que precisa ser protegido e defendido pelo MBL para garantir o futuro do Brasil (Anexo 7). As reformas são um dos pontos de adesão do MBL ao governo Bolsonaro; é a perspectiva que, dentre todos os candidatos, Bolsonaro é o mais capaz de aprovar as reformas da previdência, política, tributária, privatizações e enxugamento do Estado (Anexo 13 e 16). Apesar de Amoedo e Meirelles terem mais equivalências com o grupo, Bolsonaro tem maiores possibilidades de vencer a esquerda e realizar as reformas (Anexo 6).

O risco de não aprovação das reformas permite constituir um simulacro do futuro do país de “venezuelização”, uma crise econômica que produziria o caos social, e assim, transformaria o Brasil em uma Venezuela. Mesmo eleito, Bolsonaro teria que enfrentar outros obstáculos para aprovar as reformas: o Centrão e o seu próprio temperamento impulsivo; por isso a mobilização deve continuar mesmo após a eleição. Se as reformas não forem aprovadas em um governo Bolsonaro, a esquerda pode retornar mais forte ao poder.

Fraude eleitoral

Nesse grupo, a visão do MBL afirma que a eleição de Jair Bolsonaro está sob ameaça, pois as identidades de sujeito do *establishment* não querem a vitória da campanha bolsonarista, e por isso tentam fraudar o processo eleitoral. Imprensa e PT tentam anular as eleições através das denúncias de disparos em massa financiados por caixa 2 (Anexo 27). Já o judiciário rejeita o projeto de autoria de Bolsonaro, o qual tornava obrigatório a emissão de um canhoto eleitoral, o que ficou conhecido como “voto impresso” (Anexo 22). Esses são indícios de uma fraude orquestrada para prejudicar o candidato Bolsonaro. Neste ponto nodal a candidatura de Bolsonaro está ameaçada de sofrer uma virada de mesa (Anexo 25 e 27), e ser derrotado mesmo tendo mais votos que os demais candidatos.

O medo de perder as eleições por um possível golpe ou manipulação das urnas é que mobiliza a cólera contra os anti-sujeitos do bolsonarismo. Caso a fraude de fato aconteça, os sujeitos do MBL preconizam que ela resultará em uma guerra civil (Anexo 29 e 32); a possibilidade é posta como remota, ou improvável, mesmo assim exigindo que a mobilização deva seguir, pois é preciso vigilância e atenção. O medo pode ser organizado como “Forças do medo”, isto é, um perigo real que espreita, não constituído e localizado em apenas uma figura, mas em movimentações difusas que aconteceriam por fora do pleito eleitoral, “as forças do *establishment*” atuando contra Bolsonaro, o candidato que está fora do sistema corrupto. O medo também pode ser organizado como “Atores do medo”, quando a fraude eleitoral é diretamente dirigida a figuras específicas como PT, Patrícia Campos Mello, ministros do supremo, articuladas com intenções claras de atacar Jair para garantirem seus privilégios.

Ameaça totalitária

O principal simulacro construído, caso uma vitória do PT ocorra, é a implantação de um governo de esquerda totalitária (Anexo 10). Há o estabelecimento de uma equivalência entre esquerda e totalitarismo, pois esta tenta chamar atenção para o lado antidemocrático de Bolsonaro para ocultar seu próprio lado antidemocrático, de apoio das ditaduras como Cuba e Venezuela (Anexo 17). O anticomunismo é central para este ponto nodal, pois é da ideologia comunista da esquerda que advém de sua vontade totalitária.

Esta ameaça pode ser percebida já nas eleições, pelas tentativas do PSOL de censurar o WhatsApp" (Anexo 30), ou ameaças feitas por Guilherme Boulos à propriedade privada em discurso (Anexo 20). As comparações com distopias das ficções são recorrentes, em que o PT pode ser o novo "Grande Irmão" (Anexo 10), caso vença as eleições.

Soberba da base bolsonarista - "já ganhou"

O principal perigo interno que ameaça é a achar que Bolsonaro "já ganhou" (Anexo 4) o pleito antes da sanção das urnas no dia da votação. Esse espírito que se espalha dentre alguns bolsonaristas é perigoso, pois pode diminuir os esforços de mobilização, e na mesma medida abaixar a guarda para um inimigo esquerdista, articulado como ardiloso, que não pode ser subestimado, nem menosprezado (Anexo 26).

O medo aqui não é do Outro, mas da complacência que pode vir dos próprios sujeitos bolsonaristas, por isso é preciso não ser levado pela empolgação, é preciso manter-se sóbrio, e continuar trabalhando forte na mobilização e na campanha de Jair.

Conclusão

O MBL, que se aliou ao Bolsonarismo só em 2018, às vésperas da corrida eleitoral, já era relevante nas redes sociais desde 2014. O impeachment foi mobilizado por diferentes atores sociais e não pode ser resumido à capacidade de mobilização do MBL nas redes. Contudo, o uso de redes sociais, em especial na convocatória das manifestações, foi fundamental. O MBL só teve esse alcance para convocar milhões de pessoas para as ruas do Brasil, graças a um trabalho profissional de produção de conteúdo em suas redes, que gerou, e ainda gera, relevância para o grupo nas plataformas, aumentando seu alcance. O tipo de conteúdo, como vimos, é centrado na ofensa e achincalhamento das posições antagonistas ao grupo. Os membros do MBL espalham e compartilham, com seu público, o ódio dos seus adversários políticos; esta é a semelhança fundamental que os jovens liberais têm com Bolsonaro. Apesar de ambos compartilharem opiniões de direita, o que verdadeiramente aproxima MBL e Bolsonaro não é sua empatia com Paulo Guedes, mas sim a defesa das pautas morais.

O casamento entre MBL e Bolsonaro não durou muito; acabou antes do primeiro turno. O MBL lançou uma nota de autocrítica, após um racha com Holiday e o distanciamento do governo Bolsonaro. Na carta, Renan Santos se arrepende de ter espetacularizado a política, de ter sido agressivo demais, porém tudo é justificado, pois o objetivo era impedir a vitória do PT. Apesar da autocrítica e da debandada do governo Bolsonaro, o MBL continua mesmo em 2021 com postura muito semelhante à que sempre teve, construindo-se politicamente pelo antagonismo. Mesmo com o ensaio de terceira via, o MBL segue postulando que é imprescindível derrotar o petismo, custe o que custar. A mudança agora é que Renan não faz mais vídeos; modernizou-se e agora faz *lives* no Youtube, nas quais as reações e interações com público são imediatas.

A entrevista de autocrítica na Folha serve para amarrar e fechar o ciclo de discursos que envolviam MBL e Bolsonaro, mais do que apontar para qualquer tipo de mudança real de prática política. O MBL parte agora para outra empreitada, e indica apoio à candidatura de Sérgio Moro, mas nada sugere que sua forma de captura de atenção, que aposta no escárnio do seu desafeto político e na propagação do ódio, irá mudar.

Ódio e medo estão articulados dentro do discurso do MBL. Os dois afetos são centrais no discurso do MBL, pois permitem uma intensidade tímica elevada e permanente, a qual é central para a circulação do discurso. Os acessos de raiva do MBL constituem parte central do espetáculo necessário para ganhar relevância nas redes. Para além da facilidade de circulação

do ódio nas redes sociais, é preciso reconhecer que estes afetos já foram articulados antes na política brasileira. O medo vermelho e o ódio aos marginalizados são históricos no Brasil, e insistem em se repetir. O MBL localiza no seu opositor político todas as mazelas do país, nutre o ódio ao seu opositor político, o ódio que é alimentado pela criação de simulacros, os “mundos da bagunça” que seu opositor pode produzir. Semelhante com o que fez a ditadura civil militar para combater o suposto perigo vermelho que assombrava o Brasil.

Essa bomba de afetos precisa ser descarregada de alguma maneira, e o escárnio cumpre esse papel dentro do percurso passional da cólera. Os inimigos políticos são xingando, humilhados e escarnecidos. Professores, feministas, militantes e políticos de esquerda, funcionários públicos, assentados, identidades indignas, todos aqueles que devem ser “expulsos” da sociedade. Dentro do discurso do MBL essas identidades não pertencem a sociedade brasileira e são inimigas do Brasil. O escárnio permite acirrar este antagonismo e impede que qualquer tipo de diálogo se estabeleça. Por outro lado, o escárnio, também é peça chave da estratégia de circulação, pois ele tem um caráter sensacionalista, o qual instiga a criação de uma polêmica na rede social, a qual cria atenção e engajamento, mesmo que negativos, para os vídeos. O escárnio depende do compartilhamento social do discurso de ódio, que nas plataformas digitais, pelo seu viés sensacionalista, se espalha com maior facilidade.

Por esse arranjo afetivo mostrado, compreendesse que a mudança anunciada é apenas uma forma de tentar se descolar do governo Bolsonaro. O mesmo arranjo de afetos aconteceu no Impeachment de Dilma, no Governo Temer e na eleição de Bolsonaro. O MBL se constitui por fases, que indicam quem são seus aliados políticos e quais são pautas mais imediatas, o que há de constante entre todos os estágios é o arranjo afeito. O MBL não pode abandoná-lo, pois é ele que garante que não se estabeleça um debate político, na qual o grupo precisaria dialogar com seus inimigos mortais. Não há interesse de diálogo, pois o MBL não crê no político, o MBL defende que o Estado deve ser administrado pela racionalidade neoliberal, não pela construção política conjunta para o estabelecimento de uma sociedade democrática. Por isso, é tão importante manter os antagonismos à flor da pele

Da reflexão do *corpus* pode-se pensar em contextos mais gerais. No início do estudo foi localizado o consumo como um dos pontos sintomáticos da sociedade brasileira. As demandas e conflitos da sociedade brasileira tiveram no consumo sua forma de expressão e significação. Por consequência, a imaginação política imposta por essa expressão apaga a figura do cidadão, em privilégio da figura do consumidor – o pertencimento, nesse arranjo, é regulado pelo consumo. Há uma contradição imposta por esse arranjo, que gera tensões na sociedade. Se por

um lado, o consumo assume o papel de significar a cidadania. Por outro lado, o consumo, como estruturado pelo capitalismo comunicacional, se baseia na exclusividade e na distinção, logo não pode ser universalizado e oferecido à toda sociedade brasileira, ficando restrito há quem pode pagar. É claro que o consumo não pode ser compreendido como o grande causador do caos político, que fomos jogados nos últimos anos, existem outros fatores. São inúmeros, mas alguns foram abordados durante o trabalho: enfraquecimento da sutura discursiva e hegemonia petista, o aparecimento de uma massa de novos sujeitos nas manifestações de rua em 2013, avanço da extrema direita no Brasil e no mundo, o acirramento dos antagonismos da sociedade. O que perpassa todos esses aspectos da conjuntura política brasileira são as novas condições de enunciação estabelecidas após 2013. As redes sociais passaram a ser chave para qualquer articulação política, desde convocatórias de manifestações populares à simples discussões e opiniões políticas. Todos os grupos políticos, de uma forma, ou de outra, são dependentes das redes sociais (Twitter, Youtube, Facebook). Hoje é inconcebível uma figura política não ter uma conta ativa nas redes sociais, ou uma manifestação popular não ser acompanhada por dezenas de *lives* diferentes. Existir politicamente e ter capital político para disputar a sociedade passa pela presença e força que os grupos políticos têm nas redes sociais, para muitos grupos esse é o único capital político operado.

Deste movimento existem duas implicações imediatas. A primeira, é uma especialização técnica da política, a qual passa a depender mais e mais das técnicas de captura de atenção oriundas da cultura do consumo para conseguir engajamento e crescimento nas redes sociais. A segunda, é que a necessidade pelo aparecimento midiático se torna imprescindível, a ponto de ser mais importante que política em si, tornando-a simples temática; apesar do surgimento de comunidades de fãs políticos, não há o surgimento, com a mesma força, de identidades políticas coletivas. Os grandes cultos às personalidades.

A imbricação entre práticas políticas e o consumo joga luz sobre a polarização política, tão falada na mídia desde 2013. A política por excelência é o território da disputa, mesmo que certos atores políticos coloquem a polarização como grande mal do século XXI, a polarização e o embate político entre polos são tendência geral; nunca haverá um consenso absoluto ou sutura discursiva totalmente hegemônica. Uma política atravessada por técnicas de convocação do consumo implica na impossibilidade de se estabelecer qualquer tipo de embate adversarial, pois a promessa parte da premissa, oriunda do consumo, que a sutura total existirá. Na articulação discursiva observada na extrema direita, a ideia de sutura total da sociedade está diretamente ligada com a eliminação do seu adversário político.

As redes sociais, por sua vez, privilegiam o debate político adversarial, pois não o regulam, a injúria é tolerada, isto fica evidente na quantidade de ofensas que são encontradas ao longo do corpus do objeto. As plataformas privilegiam os conteúdos polêmicos, apelativos e sensacionalistas; mesmo sendo difícil afirmar que os algoritmos dessas plataformas privilegiam determinados conteúdos em detrimento de outros, já que os algoritmos são caixas-pretas guardadas pelas grandes empresas de comunicação, a relação parece provável. Observasse uma série de vídeos dentro do objeto, que apelavam para a polêmica e para o sensacionalismo para capturar a atenção do espectador. Tanto sensacionalismo, quanto a não regulação das ofensas nas redes sociais facilitam a circulação de afetos como a cólera. As redes sociais são espaços nos quais descargas de ódio são corriqueiras. O espaço em si, seja pelo distanciamento dos corpos ou pelo anonimato gerado na rede, é permissivo ao embate colérico adversarial.

A política tornou-se dependente do aparecimento nas redes para sua articulação. Se por um lado isso permitiu uma proliferação de manifestações políticas, em todos os espectros políticos, por outro, foi responsável por um aumento dos antagonismos e pela naturalização do ódio como afeto político central. Esse conjunto de elementos que afetam a política coincide com a expansão da extrema direita pelo mundo. Uma extrema direita conectada às redes, que soube se articular através das redes sociais ganhando relevância. As identidades de sujeito conservadoras, de maneira ordenada ou não, ocuparam os espaços nas redes sociais, em muito maior número e mais expressão que as identidades progressistas. De Olavo de Carvalho à Allan do Santos, muitas das figuras que fazem parte da chamada “Ala Ideológica” do governo Bolsonaro (2019-2022), são oriundos das redes sociais, antes de políticos eram Youtubers e blogueiros profissionais.

Anexos

Análise dos vídeos

Os vídeos foram organizados em ordem cronológica, cada vídeo também possui uma categorização referente ao grupo temático. Cada vídeo conta com uma descrição analítica, a qual busca sintetizar os principais pontos do vídeo, quais posições de sujeito foram acionadas, quais afetos foram mobilizados e como se dá o processo de produção de sentido. Ao todo são 46 vídeos analisados, os quais embasam a construção das análises do terceiro capítulo. Os vídeos se encontram organizados em ordem cronológica, pois retomam vídeos anteriores.

Anexo 1- URGENTE: Palocci revela mais crimes de Lula e PT! | por Kim Kataguirí

(<https://youtu.be/q6bY3F6bgeA>)

Duração: 05:25

Publicado: 01/10/18

Visualizações: 162551

Likes: 34 mil

Deslikes: 119

Grupo temático: ataques às esquerdas

Kim Kataguirí aparece no quadro próximo à câmera; no fundo do quadro há uma porta e no segundo plano uma escada. Um cenário precário, arranjado às pressas, que dialoga com a notícia urgente de que o enunciador pretende comunicar - esse fato não pode esperar. Kim fala acompanhado de uma trilha sonora tensa, com batidas ritmadas fortes com trombetas, semelhante a uma marcha militar, a qual convoca para uma guerra. Kim fala em ritmo acelerado; não há muitos cortes durante o vídeo. O mecanismo usado para dar cadência ao vídeo é aproximar e afastar o zoom do mesmo quadro. Quando o enunciador faz referências às notícias um *print* delas surge na tela.

A delação do Palocci teve seu sigilo levantado pelo então juiz Sérgio Moro. As revelações trazidas pela delação reforçam a necessidade de derrotar o candidato petista Haddad. Na primeira menção a Palocci e sua delação, uma imagem de Lula e Palocci juntos rindo toma todo o *frame*, como se não houvesse remorso sobre o crime cometido.

O foco central não é a delação ou as implicações dela para o cenário eleitoral, mas uma denúncia aos supostos crimes de Lula. A “estrutura gigante de corrupção” que está por trás do programa do Haddad, a verdade escondida sobre o Lula. Da delação feita por Palocci, Kim começa elencando os esquemas de corrupção postos na delação sem se aprofundar, todos acompanhados de manchetes de sites jornalísticos. “900 das medidas provisórias nos governos Lula e Dilma eram esquemas de propina”, corrupção na Petrobras para financiar campanhas eleitorais, Caixa Dois nas eleições de Dilma. Kim destaca que todas as lideranças do PT sabiam que a corrupção era comum no partido, para Kim não há honestos nos quadros do partido, “ninguém se salva”. “E tem mais”, Kim segue seu denunciismo por outro caminho, agora apresentando uma leitura psicológica de Lula.

Kim qualifica seu desafeto político como “sociopata”, dizendo que ele era dissimulado sobre a corrupção, também para seus interlocutores políticos próximos, assim como era publicamente. O fingimento não estava somente no discurso público, mas era indissociável da

personalidade de Lula, a ponto de ser patológico. O significante “sociopata”, neste encadeamento discursivo, se relaciona com o discurso da cultura da mídia, como os vilões dos filmes de terror e assassinos em série.

A relação de falsidade é articulada pelo vídeo como dupla, em função do traço da personalidade do “bandido Lula” e característica das escolhas sobre políticas públicas. A defesa da Petrobras estatal era um exemplo dessa política dissimulada, segundo o enunciador. O governo defendia a petroleira não pelos motivos publicamente aventados, de manter a empresa pública para o desenvolvimento de uma indústria nacional, gerar emprego etc. A motivação verdadeira seria – segundo Kim – possibilitar que os esquemas de corrupção fossem feitos sem que “ninguém enchesse o saco”.

O vídeo narra os maus feitos sempre incluindo um “e tem mais” para ligar um fato de corrupção ao próximo. Os fatos estão encadeados em movimento de somação, aumentando a intensidade da indignação. Eles são somados para o enunciador desenhar um quadro maior, como em outros vídeos, indicando que a intenção petista era o domínio total do Estado, em uma estratégia totalitária, não a corrupção pela pura ganância do dinheiro.

No final do vídeo, Kim convoca os interlocutores a espalhar esta mensagem, sendo eles também sujeitos dessa denúncia pública ao PT. Denunciar os crimes do partido dos trabalhadores serviria para ajudar a derrotar o Haddad na campanha. Após construir a imagem negativa de Lula, Kim iguala Haddad à Lula, e insinua que juntos fariam parte de uma “estrutura criminoso”.

O repertório da denúncia da corrupção é acessado durante todo o vídeo; o foco central do vídeo é o denunciamento aos crimes de corrupção do adversário político. O MBL apresenta como solução para a corrupção a articulação do livre mercado, em oposição ao modelo estatal permissivo à prática de corrupção. Estabelecendo a oposição fundamental do vídeo, honesto/corrupto, livre mercado/estatal. O livre mercado e a livre concorrência são a chave para impedir que a corrupção aconteça. A Lava Jato apontou para um esquema que envolvia empresas ou contratos públicos, mas também agentes privados, regulados pela lógica do mercado. O discurso anticorrupção ressalta, porém, sempre a parte pública como causadora do problema e fonte da corrupção.

Anexo 2 - #Elenão X #Elesim - Quem ganhou essa "guerra" das manifestações? | por Kim Kataguiri

(<https://www.YouTube.com/watch?v=ijgRLSdgvrk>)

Duração: 08:09

Publicado: 01/10/18

Visualizações: 449198

Likes: 71 mil

Deslikes: 1,4 mil

Grupo temático: Cálculo eleitoral

Kim começa o vídeo dizendo que tem um “recado sério” para ser transmitido ao espectador. Na trilha sonora, um piano sóbrio tocando em andamento lento, transmite o mesmo tom. O recado advém da análise feita por ele sobre as duas manifestações, #Elenão e #Elesim, contra e a favor de Bolsonaro, as quais membros do MBL estiveram presentes.

Primeiro Kim faz uma comparação da quantidade de pessoas, mostrando fotos áreas do Largo da Batata e da Av. Paulista, fazendo um comparativo entre as duas imagens com relatos das manifestações. A conclusão de Kim, feita a partir de uma certa hesitação, é que a manifestação bolsonarista era um pouco maior. Contudo o que realmente chama atenção para Kim é que o discurso de Bolsonaro, que ganharia logo no primeiro turno, é uma ilusão. Para isso acontecer apenas “um milagre”. “A chance de Bolsonaro ganhar no primeiro turno é a mesma do Emayell virar presidente da república”, por isso a mentalidade do “já ganhou” não pode ser aceita, a manifestação do #Elenão para Kim é a prova que os eleitores do Bolsonaro não podem abaixar a guarda, “não é mentira da Folha, não é mentira de Globo.”. A manifestação do #Elenão, além de não ser invenção da mídia, inimiga de Bolsonaro, nas manifestações estavam presentes eleitores comuns “não militantes”. As “pessoas comuns”, em especial as “mulheres”, que foram na manifestação rejeitam Bolsonaro e não fazem parte de “partido ou sindicato”.

A falta de apoio das mulheres pode levar a problemas futuros, em um possível governo, os problemas são figuratizados através das “reformas essenciais” que podem estar em risco caso a rejeição do Capitão fique muito ampla. Essa “linha” que em um primeiro momento não é definida, mas pelo não dito se compreende tratar-se do jeito machista e misógino do candidato. A definição é sempre tangenciada, e referida por significantes abertos: “narrativa”, “estratégia”, “discurso” – a nomeação direta é evitada, e quando ocorre não é articulado como algo do sujeito

Bolsonaro, mas da sua “imagem”, Bolsonaro não é machista, mas tem uma “imagem de machista”.

Kim reconhece o tamanho do problema dando o exemplo de mulheres que eram anti-PT e agora vão votar em Haddad. A identidade das mulheres, neste caso, é mais central que o antipetismo, por isso é capaz de derrubá-lo e fazer uma mulher de direita votar nos “bandidos” do PT - “Se hoje as mulheres estão preferindo votar em um cara que é suspeito, que é investigado, que é réu ao invés de votar no Bolsonaro, é porque tem um erro estratégico, de narrativa fundamental, crucial e fatal na narrativa do Bolsonaro”.

Segundo Kim, a imagem machista que recai sobre Bolsonaro, é criada pelo Outro petista, que sabe muito bem usar as artimanhas da comunicação ao seu favor. A imprensa, também, espalha mentiras sobre o comportamento de Bolsonaro, aumentando e distorcendo falas para prejudicar o candidato de direita. A tarefa dos eleitores do Bolsonaro, posta por Kim, é “desmistificar” para os demais eleitores a imagem de Bolsonaro, em especial para quem “não está na bolha liberal”. Kim entende que é o momento de “aglutinar todas as forças de direita”, a “mentalidade de bolha” não vai levar à vitória.

Kim se referindo diretamente ao eleitor, alerta que no “interior do Ceará”, “Bahia” e “Pernambuco” ainda há muito apoio ao PT, retornando a uma imagem do nordeste preconceituosa, difundida no sul do país. O Nordeste, nesta visão, é um rincão eleitoral da esquerda, regido pelo voto de cabresto, no qual os eleitores não votam por convicção política, mas são comprados pelos programas sociais. Há uma oposição clara entre um Sul esclarecido e que sabe votar, e um norte e nordeste dominado e que não sabe votar.

A questão central é não subestimar os adversários, o PT ainda apresenta perigos que podem ser descritos e referenciados: “força no Nordeste”, manipulação da opinião pública, aliança com imprensa, discurso feminista. Os bolsonaristas não podem abaixar a guarda diante do “inimigo” e crer que a manifestação do #EleNão é pura enganação da mídia, é preciso a mobilização continua mesmo liderando as pesquisas, pois o inimigo espreita e é perigoso. O medo está sendo nomeado e localizado dentro das manifestações que ocorreram contra Bolsonaro, críticas à sua misoginia.

Anexo 3 - ATENÇÃO: O perigo não está só na presidência da república! | por Kim Kataguirí

(<https://youtu.be/QJaeD5bGw18>)

Duração: 05:20

Publicado: 01/10/18

Visualizações: 229070

Likes: 16 mil

Deslikes: 193

Grupo temático: Campanha

Kim abre o vídeo chamando atenção sobre o cenário pós-eleitoral: “o próximo presidente da república vai ser o mais fraco da história”. Para o enunciado não importa quem ganhará a eleição, este candidato vai ganhar com “número recorde de nulo, branco e abstenção”; demonstrando que este número conta com mais da metade da população brasileira. O futuro presidente teria apoio de apenas um quarto do país. Kim passa a caracterizar esse futuro Brasil, o qual será “difícilimo” de governar e o “principal” poder será o legislativo. Mesmo as pessoas não dando atenção para os cargos do legislativo, “quem vai governar o país é próximo presidente da câmara, esse cara vai ter o presidente da república na mão”.

O presidente da câmara tem controle sobre os orçamentos do governo e pode abrir processo de impeachment, caso o governo federal quebre a “regra de ouro” do orçamento. Kim materializa essa possibilidade pela reforma da previdência não aprovada pelo governo, destacando que isso seria um crime contra o orçamento, podendo levar ao impeachment.

Kim faz articulações para equiparar o poder entre deputados e presidente, mostrando para o eleitor desatento que a câmara também pode ser um risco para os planos da direita. “O presidente é refém do presidente da câmara”, “sem a câmara o presidente não faz absolutamente nada”, “o presidente só executa”, por várias vezes o legislativo é colocado como verdadeiro fiador dos poderes do presidente. “Privatização”, “reforma política”, “extinguir ministérios”, “fechar BNDS”, “reduzir maioria penal” e todos os outros sonhos liberais estariam diretamente ligados ao congresso nacional.

Kim pede para que os espectadores “foquem” no que vai ser “o poder mais poderoso da república durante a próxima legislatura que é a câmara dos deputados e o senado nacional”. Esse foco vai possibilitar trazer mais “governabilidade” e “parlamentares liberais” com o perigo do Brasil ter uma “ruptura” ou “caos institucional”. Para o enunciador o movimento de “escolher” um candidato não é suficiente, é preciso “militar” por ele, pois o congresso é definitivo na sanção das ações do presidente. Neste contexto, Kim compara à omissão, ou “votar

só na legenda”, com o voto de cabresto, assim como os petistas fazem. Para Kim, tão ruim quanto o voto manipulado, associado à esquerda no Nordeste, é achar que basta votar no Bolsonaro. O futuro presidente não resolverá tudo, é preciso “espalhar a mensagens” dos deputados comprometidos com os objetos de valor do MBL: “as reformas”.

O perigo se relaciona com a capacidade de o presidente cumprir as reformas e aprovar pautas morais. Kim aponta para o risco que a desatenção no voto para as casas legislativas pode ter. A fraca presença da direita no legislativo pode abrir espaço para a esquerda perpetuar o caos. O título do vídeo aponta para o mesmo sentido: “O perigo não está só na presidência da república”, há também ameaças nas casas legislativas.

Kim é candidato, mas no vídeo não faz uma campanha direta, não há pedidos de votos ou anúncio de número, mas chama atenção para causa e ressalta os poderes da casa legislativa. O pedido de adesão é a uma causa política mais ampla, adesão aos “políticos liberais” capazes de fazer aprovar as reformas, não centralizando em uma figura, mas em garantir poderes para o presidente Bolsonaro.

Anexo 4 - Vitória no primeiro turno? O guia definitivo | por Renan Santos.

(<https://youtu.be/QJaeD5bGw18>)

Duração: 12:31

Publicado: 02/10/18

Visualizações: 335025

Likes: 46 mil

Deslikes: 566

Grupo temático: Cálculo eleitoral

No vídeo Renan analisará, a partir da pesquisa mais recente do Ibope, quais são os caminhos para uma vitória eleitoral de Bolsonaro no primeiro turno. Renan começa comentando a pesquisa do Ibope. Enquanto fala, os números surgem em lista na tela: Bolsonaro 31%, Fernando Haddad “estagnado” tem 21%, Ciro 11% e Geraldo Alckmin “com sua grande arrancada ficou com 8%”. Em seguida apresenta a pesquisa da Record Big Data, que surge também como lista à esquerda da tela, Bolsonaro 29%, Haddad 24% “quase ficando empatado na margem de erro”, Ciro 11%, Alckmin 7%. Marina, não mencionada nas pesquisas, é adjetivada ironicamente como “coitada”.

Outro dado fornecido é do próprio MBL, no site “www.mbl.org.br/analise” o grupo disponibiliza uma média entre as pesquisas dos últimos 7 dias. Nesta pesquisa Haddad tem 22,5% e Bolsonaro 29,5%. Renan chama atenção que a opinião sobre o instituto de pesquisa não pode se basear no desempenho do candidato. Renan, por outro lado, diz manter uma postura de incluir todas as pesquisas, mas dando mais atenção para três: Datafolha, Ibope e Paraná Pesquisas.

A pesquisa do Ibope está deixando o eleitorado bolsonarista “empolgado”, na pesquisa Bolsonaro cresceu em setores chaves: nordeste, pessoas escolarizadas e mulheres. O eleitorado feminino era seu principal “calcanhar de Aquiles”, assim dando um “banho de água fria” na campanha de Geraldo Alckmin, que esperava um movimento de voto útil em sua campanha, o que não aconteceu.

Renan passa, então, a articular a identidade das mulheres que apoiam Bolsonaro. O crescimento desse segmento deixou a imprensa, figurativizada como “comentaristas da Globo News”, “muito puta”. A manifestação do “#Elenão”, convocada pelas “artistas lacradoras”, não minou a popularidade de Bolsonaro, pelo contrário, sua aprovação cresceu entre as mulheres. A explicação que Renan dá é de que as mulheres que foram no #Elenão não representam a “mulher”. As mulheres que estavam na manifestação são articuladas como “da elite urbana”, “a mulher urbana, meio moderninha, com ideias de esquerda, essa é um tipo específico de

mulher, que a esquerda tenta generalizar e fazer com que todos achem que essa é a mulher”. Em seguida, Renan, apresenta várias articulações de mulher que não se encaixam no estereótipo de mulher de esquerda: “a dona de casa”, “a mãe brasileira que tem filho, que tem que colocar o filho na creche; as meninas que têm lá nem filho tem a maioria, que tem problemas reais do cotidiano. Tem a menina que gosta de sertanejo que não é a menina empoderada, alternativa.”. O performativo da mulher articulado por Renan envolve ser mãe, cuidar do lar e não se conformar com os padrões da esquerda. E por outro lado, Renan, também, estabelece pelo contrário a identidade da mulher de esquerda, a qual não é “dona de casa”, “mãe brasileira que tem filho”.

O enunciador diz que essa “generalização” feita com as mulheres é a mesma feita com as demais minorias, Renan dá o exemplo do negro: “o negro pichador, ligado ao movimento afro, que gosta muito de dançar *brake* e de RAP que aparece nas propagandas”. A esquerda não estaria retratando a mulher do mundo real, mas um estereótipo, o qual “as pessoas normais” não se reconhecem. “As mulheres retardadas” que estavam na manifestação do #EleNão serviram de exemplo para as mulheres comuns apoiarem Bolsonaro, mesmo ele sendo “meio maluco”. Bolsonaro trata das pautas fundamentais, como “segurança”, negligenciadas pela esquerda. O mais importante, “ele não é corrupto”. As esquerdas, tanto os partidos, como os jornais, estão em “bug”, pois “o mundo real está se chocando com o mundo da fantasia da esquerda”.

O enunciador passa então a analisar as manifestações do #EleSim e #EleNão, enquanto imagens das duas dividem a tela, e conclui que o que ambas têm em comum é o significante “ELE” em alusão a Bolsonaro, na conclusão as imagens das duas manifestações são substituídas por uma imagem de Bolsonaro gesticulando. Bolsonaro ser o centro da política é o que tira os analistas do “sério” e faz a campanha de Geraldo Alckmin errar a estratégia naufragando. Esse fator Bolsonaro não foi entendido por todos, Alckmin, por exemplo, segundo Renan, apostou em uma estratégia divisionista, atacando Bolsonaro, enquanto deveria se construir como alternativa.

A campanha do #Elenão foi feita conjuntamente por: “Marina Silva”, “Alckmin”, “Haddad”, “PSOL”, porém aumentou a popularidade de Bolsonaro, não o fez perder força. Renan se coloca como alguém que tem “inúmeras discordâncias de Bolsonaro”, mas ao atacar Bolsonaro, como esses sujeitos fizeram, “atacando os valores do brasileiro comum, eles me atacam, atacam minha família, meus amigos, as pessoas que gosto e ao fazer isso somos todos nós contra vocês”. Os ataques a Bolsonaro ferem algo que é maior que as opiniões políticas,

mas a identidade nacional, uma essência que é dividida entre sujeito e família, a qual a crítica moral ao candidato Bolsonaro vai contra. A postura “divisionista” da esquerda “vai dar errado” e “a velha imprensa”, que também apostou nessa estratégia que fez Bolsonaro crescer, vão sair derrotados do processo políticos. Associando a esquerda e a imprensa como componentes de um conluio contra Bolsonaro.

Por isso, para Renan a discussão é: “se vai dar primeiro turno ou segundo turno”. Renan partindo da pesquisa do Ibope faz os cálculos eleitorais necessários para Bolsonaro ganhar no primeiro turno, imaginando de quais candidatos Bolsonaro poderia absorver eleitores para ganhar no primeiro turno. Renan projeta dois cenários. Um cenário divisionista, no qual os eleitores bolsonaristas não conseguem ter “empatia” com eleitores de Amoedo, Alckmin e até Marina, e estão em um clima de “já ganhou”, dificilmente a vitória no primeiro turno virá. Sem o clima de “já ganhou” e com o convencimento dos outros eleitores fazerem voto útil em Bolsonaro contra o PT, a vitória no primeiro turno seria possível, mesmo sendo difícil. Uma das raras vezes que o enunciador evoca afetos felizes para ordenação do discurso. Renan não reforça o ódio, mas sugere que o caminho para vencer no primeiro turno é, também, pela empatia com outras identidades de sujeito. Não se trata de identidades que estão no campo da esquerda, por isso podem ser absorvidas por Bolsonaro.

Para a vitória acontecer será preciso fiscalizar as cidades do interior e do nordeste do país, lugares onde o PT tem práticas eleitorais coronelistas; “comprando” o voto daquelas populações, por isso, é preciso “atacar essas fraudes do PT”. O outro caminho, para vencer o PT no primeiro turno, é pregar o voto útil dos demais candidatos da direita, o discurso bolsonarista não pode se manter atacando essas identidades não bolsonaristas, é preciso “ser receptivo”.

O ódio do MBL não é completamente cego, o movimento consegue reconhecer em que situações e para quem o ódio pode ser direcionado. Determinados sujeitos, mesmo quebra fiduciária inicial por não terem apoiado Bolsonaro, não podem ser respondidos com o percurso passional do ódio. Para a vitória acontecer esse ódio deve ser reprimido e as outras identidades de sujeito, que não são de esquerda, tratadas com “empatia”, apesar de contraditório, pois no começo do vídeo Alckmin é objeto de piadas, fica claro que existem certas identidades que o ódio pode ser direcionado, para outras é melhor estratégia a empatia.

Anexo 5 - TOP 5: Maiores FRACASSOS dessas eleições! | por Renan Santos

(<https://youtu.be/SupdgcH840g>)

Duração: 17:49

Publicado: 03/10/18

Visualizações: 122671

Likes: 19 mil

Deslikes: 172

Grupo temático: ataques às esquerdas

Neste vídeo Renan analisa quem foram os “fracassados” da eleição e quem foram os “vencedores”. PT e Bolsonaro são colocados como vencedores, mesmo com chances de Bolsonaro levar no primeiro turno e, consequentemente, o PT perder. Neste vídeo há uma quebra do movimento de introdução canônico, ao invés de “deixar o *like*” ou se inscrever, Renan pede para o enunciário prestar bastante atenção no recado. O MBL está promovendo seu quarto congresso nacional, o diferencial desse congresso é que ele promete “treinar” os participantes em “oratória”, “ser líder de um grupo”, “fazer *meme*”, “como articular política na sociedade”, “como criar um canal no YouTube de política”, “como debater”, ensinado pelas figuras públicas do MBL: Kim, Holiday, Artur etc. Há uma convocatória do público para participarem do congresso. Há um apelo para adesão ao MBL que, inclusive, se coloca acima do bolsonarismo, pois aposta no individualismo: “a gente quer que o mito no caso seja você, você construir você mesmo como alguém diferente na sua escola, na sua família, na sua cidade, você construa a sua realidade”. O congresso promete transformar o sujeito e modalizá-lo para ser um novo eu, capaz de ser o próprio “Mito”, não seguir outro “Mito”. Neste movimento discursivo MBL não nega os discursos que formam o bolsonarismo, apenas tensiona para uma descentralização do discurso da figura de Bolsonaro. O mote não propõe um trabalho coletivo, mas ascensão dos sujeitos no lugar de poder, na possibilidade de ser o indivíduo também agente transformador da realidade.

A capacitação prometida no congresso é técnica, midiática e política. O congresso promete formar políticos youtubers e youtubers políticos, em uma compreensão que estes campos se interseccionam, já que não basta saber-fazer “articulações”, “debater”, “liderar”. É preciso, também, saber-fazer “memes”, “canais de YouTube”. Os saberes estão relacionados e articulados juntos em um contexto de “formar novos Kims, novos Arthurs”, novas lideranças políticas midiáticas, as quais formariam um “exército” para “varrer o PT”.

Superada essa quebra de procedimentos de introdução, o vídeo é retomado. Renan começa apontando quem são as forças políticas que não tiveram sucesso. Para alegria de Renan,

as identidades que ele considerava “picaretas” ou “oportunistas”, foram aquelas que não obtiveram sucesso. Renan então passa a descrever grupo a grupo, fazendo um top 5.

Em quinto lugar Renan coloca Marina Silva, quando o nome é dito pela primeira vez uma imagem do E.T., personagem do filme de Steven Spielberg de mesmo nome, aparece em *flash*. O efeito de sentido obtido ao comparar Marina Silva com o personagem para diminuí-la, é o escárnio irônico, típico do humor dito “politicamente incorreto”. Renan, aos risos, diz que a candidata está sendo chamada de “sub-Marina Silva”; em seguida um submarino surge na tela afundando. Renan então imita o sotaque e o trejeito de Marina Silva para relatar a queda de 20% para 4% das intenções de voto da candidata. Renan alerta, de maneira irônica, que ela pode ser atropelada por Daciolo e João Amoedo. Marina recebe vários nomes como “rainha das plantas”, “samambaia que adquiriu pernas e saiu andando”; não apenas a pauta ambiental de Marina é ridicularizada, mas ela é enquadrada enquanto seu performativo de mulher, na medida que tem sua aparência ridicularizada e é ironizada como “rainha das plantas” ou com um alienígena.

A crítica segue ao partido de Marina, segundo Renan, inspirado no repertório intelectual de Castells, o que não atraiu eleitores para a Rede, para o enunciatório o partido se tornou uma “piada”. Renan clama para que Marina “encerre sua carreira para parar de atrapalhar o agronegócio”. O enunciador faz um paralelo entre as pautas do agro fortes e Marina Silva perdendo força eleitoral. Há uma oposição entre agronegócio e ambientalistas, as identidades são articuladas de maneira antagônica, e reguladas pela euforia e disforia do enunciatório para cada uma delas.

Em quarto lugar, os fracassados foram os “movimentos de renovação política”. Renan faz uma pausa para diferenciar o MBL, que é “um movimento de posicionamento”, dos outros movimentos. Devido ao seu modo confrontante de fazer política “desagradou alguns ricos a elite brasileira” que criaram os movimentos de renovação. Renan passa a ofender os quadros eleitos pelos movimentos de renovação política, chama-os de: “um bando de pau mole covarde”. A oposição é fálica e direta: o MBL é pujante e se posiciona, não tem medo, enquanto os movimentos de renovação são sua antítese. Os novos movimentos de renovação misturam pautas liberais com pautas de esquerda. “É tipo aquela Tabata Amaral”, tirando da abstração e nomeando a futura deputada do PDT, que teve seus estudos financiados pelo RenovaBR. Renan ironiza o fato dela ter sido bancada pelo Leman e terminar “com a turma do Ciro Gomes”. Renan faz piada com um certo desvio esquerdista de Tabata.

Os nomes da “renovação” são para Renan uma “putaria, a elite brasileira é uma vergonha”. Renan organiza o MBL como uma vítima desse processo político, pois não é reconhecido pelo seu apoio a “reforma da previdência” e “reforma tributária”, enquanto “um bando de jovem inútil” ganha destaque e podem ser eleitos. A renovação só serve se tomar “posição”. Há uma contradição, pois pertencer aos movimentos de renovação é relativizado por Renan, já que os aliados do MBL, pertencentes ao partido Novo, fazem parte desses movimentos de renovação, mesmo podem “ganhar sem eles (movimentos de renovação política)”. O problema central são os desvios esquerdista do movimento, a não adesão total à pauta liberal, estar ou não estar dentro de um movimento de renovação política não é um problema por si. O problema é se dizer “renovação” e apoiar pautas de esquerda.

Quinto lugar “a máquina e o modelo velho de ganhar eleição”, e o principal alvo dessa categoria é Geraldo Alckmin, que mesmo “com máquina e tempo de TV” não conseguiu resultados eleitorais. Alckmin e Bolsonaro são comparados para enaltecer o capitão. Bolsonaro, que não faz campanha por causa da facada, com seu modo simples de “tiozão”, está se saindo muito melhor que a máquina política de Geraldo. A oposição feita aqui é entre velha política, representada por Alckmin e a nova política de Bolsonaro. A campanha bolsonarista conta com menos recursos e mais próxima do povo, por isso está vencendo. Renan localiza esse movimento como originário de 2016, pois diversos outsiders políticos foram eleitos naquela época: “a política está sendo feita a despeito das velhas estruturas”. Renan agora pontua quem são os candidatos que representam a novidade política, são eles políticos do “Novo”, “PSL” e os membros do MBL. Os partidos da “velha máquina” passaram “vergonha” nessas eleições; a esquerda também não conseguiu superar a máquina política; “a não ser alguns nomes do PSOL”.

Em segundo lugar no ranque de Renan está a imprensa. Quando Renan diz o significante “imprensa”, vem a imagem de um repórter sendo agredido com um soco. Renan começa por pontuar que no passado a imprensa já tentou “calar” e “rotular” o MBL, mas o movimento derrotou a imprensa – “eles perderam”. Segundo Renan houve uma guerra entre MBL e imprensa, que culminou no caso do Queer Museu: “quando toda a classe artística se juntou contra a gente”.

Renan cita os outros perseguidos pela “imprensa” e “artistas”. João Dória e Bolsonaro também foram atacados e perseguidos. A estratégia foi a censura, para materializar a censura Renan exemplifica dando destaque especial às comunidades de fãs: “a perseguição de inúmeras páginas de Facebook, YouTube e de pessoas que são ativistas políticos, e defendem ideias,

curiosamente, de direta”. Para Renan ações da imprensa, como a criação das agências de checagem, foram uma forma de perseguir e censurar os canais de direita. Mesmo com todo esse cenário, Renan diz que não houve resultado nenhum e a imprensa saiu perdendo. Na visão de Renan, a imprensa estaria sendo desacreditada pela “sociedade brasileira” e pelo “brasileiro comum” que usa a internet, pois “a imprensa produziu muitas *fake news*”. A imprensa está com sua “credibilidade na lama”, o tom muda para quase uma ameaça: “ou a imprensa começa a respeitar a pessoa que paga para assinar seu jornal, assinar seu site, ou mesmo mero telespectador ela vai ser jogada na lata de lixo da história”

Em primeiro lugar, Renan, coloca o “PSDB”. O partido está “derrotado no processo histórico”, mesmo com as eleições de certos candidatos, estas vitórias são definidas como “residuais”. Para seguir ridicularizando o PSDB, Renan define “o tucanismo” como “a virtude da bundamolice”. O deboche de Renan segue: “O PSDB elevou o murismo a estado de arte”. A falha do partido foi “não se posicionar junto dos setores que defendiam os candidatos deles, e que mais votam nos candidatos deles”. O PSDB é acusado pelo MBL de traição. O PSDB desprezou os votos “desse mesmo Brasil que está elegendo o Bolsonaro”, rejeitando suas principais pautas e se aproximando da esquerda. Novamente, o problema é da mistura, o PSDB fracassou, pois tentou assumir para si pautas da esquerda, tanto com a candidatura de Alckmin, quanto com a de Serra em 2010. Já Aécio, em 2014, foi “covarde”, pois sua “forma de fazer política impedia que outras forças políticas mais à direita florescessem”. A hegemonia do PSDB “sufocava” a direita. Apenas com impeachment a direita conseguiu se “libertar do PSDB” e “a vontade dela começou a encontrar reflexo no congresso”. Renan começa a imitar o trejeito de Alckmin ao falar: “O Brasil quer representação de verdade, o Brasil quer meter bandido em cana”. A explosão de Renan ganha mais intensidade ao listar o que o Brasil quer: “inclusive policial ter mais armas e meter tiro para matar bandido que sai na rua querendo matar gente”. Geraldo teria um discurso “molenga” e seria um obstrutor dos discursos mais pujantes, como o discurso liberal do MBL, “o PSDB era um obstrutor da classe média de mentalidade mais liberal”. A crítica feita ao PSDB está centrada em seus desvios esquerdistas que impediam a direita de realizar seu potencial.

Anexo 6 - Recado para João Amoedo. | por Kim Kataguirí

(<https://youtu.be/af06wiX77W0>)

Duração: 05:10

Publicado: 04/10/18

Visualizações: 506355

Likes: 63 mil

Deslikes: 2,1 mil

Grupo temático: Cálculo eleitoral

Diferentemente da maioria dos vídeos, que os recados do MBL são dirigidos a políticos antagônicos ao grupo, neste vídeo o recado vai para os “amigos” do partido Novo. No início do vídeo, Kim dá destaque especial para aliança entre MBL e NOVO, ressaltando que muitos membros do MBL são filiados ao partido Novo. Este é um dos únicos vídeos do *corpus*, no qual o tema é única e exclusivamente sobre um aliado político, o qual MBL tem equivalências, mesmo assim a esquerda ainda é figurativizada e representada.

O NOVO para Kim é uma força “significativa do debate público nacional”, por isso o enunciador reconhece a importância do partido: “nessa janela de oportunidade que a gente tem, o Novo não pode ficar de fora”. Kim se coloca ideologicamente mais próximo à política do NOVO para o Brasil. O enunciador entende que ela é um “norte a ser seguido”, mas “infelizmente” João não consegue chegar ao segundo turno. Junto a este fato, o Brasil tem uma “ameaça iminente”, o candidato Fernando Haddad. Kim referencia os perigos de Haddad convidando o espectador a assistir um vídeo anterior, referenciando a ameaça totalitária que paira sobre a candidatura de Haddad.

Kim entende que o país passa por um “momento histórico”, no qual seria possível “varrer” o PT da política brasileira e “reconstruir o país”. A candidatura de João não estaria contribuindo para essa mudança histórica, seu discurso, apesar de correto, é muito técnico e não consegue “dialogar” com as periferias, por isso, incapaz de chegar no segundo turno. As oportunidades desse momento histórico são sempre organizadas como as reformas econômicas que podem ser feitas no país, as quais João Amoedo também apoia.

João, na sua falta de tato para transmitir as ideias liberais, estaria “comentando o mesmo erro de Henrique Meirelles”. Os dois são capazes de dialogar com uma elite intelectual, mas não com a maioria da população. O movimento de João é classificado como: “importante para o desenvolvimento do liberalismo e conservadorismo brasileiro”, mas Kim entende que o momento é ser “pragmático”.

Nessas condições, a candidatura de João Amoedo “não vai para frente”, por isso seria a hora de apoiar uma candidatura mais “forte” e “mais pragmática”. Em nenhum momento do vídeo Kim cita o nome de Bolsonaro, mas operando pelo não-dito, sugere que o melhor caminho para “liberais, conservadores de direita e centro-direita” para tirar o “PT” do poder seria apoiar Bolsonaro. Kim, durante todo o vídeo, joga com a dualidade discursiva da diferença e de equivalência. Ele une por equivalência: liberais, conservadores, eleitores do Amoedo, eleitores do Meirelles, pessoas de direita e centro direita. Todas as posições de sujeito que querem melhorar o Brasil e implantar reformas estruturantes são colocadas em equivalência. Por outro lado, o enunciador apresenta as diferenças com inimigo petista, estabelecendo uma unidade entre as identidades de direita para derrotar o PT. Kim sugere que seja feito um bloco entre as posições de sujeito levantadas para derrotar Haddad, reforçando, novamente, que prefere as posições de Amoedo, mas entende que o “risco PT” é maior que tudo, obrigando a direita a “agir com responsabilidade” e pragmaticamente. No final do vídeo, Kim convoca o enunciador a compartilhar o vídeo com seus amigos eleitores do Novo, “aquele seu amigo indeciso”. Além de marcar a posição do MBL, o vídeo serve como instrumento de convencimento político para convencer as posições de sujeitos citadas a votar em Bolsonaro.

Anexo 7 - #eleições: A direita em um possível governo Bolsonaro. | por Kim Kataguirí

(<https://www.YouTube.com/watch?v=ijgRLSdgvrk>)

Duração: 06:03

Publicado: 04/10/18

Visualizações: 229070

Likes: 36 mil

Deslikes: 320

Grupo temático: Defesa de Bolsonaro

O enunciador, Kim, introduz o vídeo apresentando um panorama das eleições: esse cenário estava ficando cada vez mais claro. A direita mostrava uma vitória eleitoral desenhada. Além da vitória eleitoral, a direita ganha espaço na mídia, quebrando uma hegemonia da esquerda. A quebra da hegemonia acontece por uma “traição do PT”, narrada da seguinte maneira aos 29 segundos: a tela passa a ser dividida com imagens do Lula dos anos 80, das greves sindicais, o enunciador figuratiza as promessas do “PT dos anos 90” como: “limpinhas” e que colocariam “um operário, gente como a gente no poder”. O PT traiu o “povo”, pois, após instalado no poder, praticou atos de corrupção. Há uma progressão de imagens ao lado da tela durante o relato da desilusão: uma foto da mão de quatro dedos de Lula acenando para uma multidão e, por último, Lula preso pelo DOPS.

O efeito de sentido produzido pela sequência de imagens enfatiza Lula como um criminoso. As “ideias limpinhas” e seu lado popular ocultaram sua verdadeira intenção. Kim articula Lula e o PT como mentirosos (parecer/não-ser); O PT parece ser “limpinho” e preocupado com o povo, mas é “canalha”. A Venezuela foi o “mau exemplo” pelo qual se reconheceu “o verdadeiro desastre” que são as ideias de esquerda, provocando uma diferença dos anos 90 para os dias de hoje. O discurso petista não é reconhecido mais como verdadeiro. “As pessoas” aderiram ao discurso de direita, não há mais crença no contrato comunicacional petista. Segundo Kim: “Agora as pessoas já sabem que estas ideias não prestam”, tanto em promessa, quanto em ato.

Neste cenário relatado, para Kim, “as pessoas” estão em busca de ideias conservadoras, apontando para uma vitória eleitoral em 2018. Isto configura um desafio para a direita. Com a eleição de um presidente e uma bancada alinhada aos novos anseios da população, o desafio, agora, é provar que as ideias liberais funcionam na prática. Kim enumera as dificuldades: aprovar leis nas assembleias legislativas, no congresso nacional e, outro ponto enfatizado, lutar uma batalha cultural e midiática, que será travada no governo Bolsonaro. Para isso, será

necessário “engajamento” para defender as propostas de direita para além da eleição; Kim, destaca as reformas, “estruturantes para nosso país”, que a nova bancada precisa aprovar: previdenciária, tributária e política. O engajamento será necessário, pois os Outros (“partidos”, “movimentos sociais” e “imprensa que vai cair matando no eventual governo de J.B.”), estes serão os adversários das reformas. Para vencê-los será preciso uma estrutura de enfrentamento midiática e militante, assim como fez Donald Trump nos EUA. A “tática Trump” é dada como exemplo: “uma postura bastante ativa e bastante agressiva em relação com a imprensa, agressiva, mas democrática. E ao mesmo tempo ele tem seus próprios meios, suas próprias redes sociais”. O engajamento, muito forte no momento eleitoral, deve perdurar para depois das eleições, só assim será possível vencer. O objeto de valor “reformas” deve ser defendido através de um engajamento nas redes, enfrentando aqueles que atuam contra o governo Bolsonaro.

O enunciador realiza articulações discursivas para aproximar as suas ideias, de direita e alinhadas com o Bolsonaro, com significantes vazios amplos: “o povo”, “as pessoas” etc. Essa identidade antagoniza com seu inimigo: “esquerda”, “imprensa”, “movimentos sociais”, ambos colocados fora da sociedade; esses anti-sujeitos devem ser enfrentados com “postura agressiva” e mobilização permanente.

O vídeo segue detalhando melhor as estratégias do adversário “partidos de esquerda”, os quais são bons em fazer oposição, não atuando por suas ideias, mas na “oposição do quanto pior melhor”, votando contra o país. Kim exemplifica com a votação da PEC do teto de gastos: a esquerda é classificada como alarmista; perante as reformas ela “quer produzir o caos e dificultar a aprovação”, atuando para difundir o pânico entre a população.

Com a eventual eleição de Bolsonaro, o desafio colocado no começo do vídeo é mostrar “às pessoas” que as ideias liberais e conservadoras funcionam na prática. O perigo, se este processo falhar, é: “a esquerda viria com muito mais raiva, com muito mais mídia e com muito mais máquinas, com todos os veículos de imprensa jogando contra. Praticamente todos os partidos políticos de esquerda, sindicatos, movimentos estudantis jogando contra”. A esquerda, colocada dentro de um percurso passional de vingança, poderia retornar.

Bolsonaro é nesse discurso o *outsider*, cuja tarefa é combater os inimigos das reformas: imprensa, esquerda, políticos. Só o engajamento da população vai salvaguardar as “reformas”, as quais, mesmo em um governo Bolsonaro, estão sob risco. Não basta vencer a esquerda, há um dever-fazer. Deve-se aprovar as reformas. Kim entende que se trata de uma “oportunidade histórica” da direita. Desperdiçá-la significará o perigo da volta da esquerda ao poder. O objeto de valor, “reformas”, tem duas potencialidades: pode garantir a melhora do país e o

estabelecimento de uma hegemonia da direita, isto é, fazer/crer que as ideias de direita funcionam perante a população. Por outro lado, o fracasso deste projeto seria combustível para o retorno da esquerda com mais força.

As reformas atuam como ponto nodal do vídeo, amarrando a cadeia de significação: a desilusão com o PT, a ascensão do discurso liberal e conservador, as táticas de Trump, o engajamento que se tem em torno da eleição de Bolsonaro. Tudo isso deve estar a serviço das reformas estruturais de direita, ou a eleição de Bolsonaro só serviria para potencializar a esquerda em um próximo ciclo eleitoral. Apesar de ser um discurso em defesa das reformas, o vídeo não se utiliza majoritariamente dos argumentos do repertório de mercado e da economia; estes são referidos só em uma ocasião, quando Kim faz alusão a uma declaração de Bolsonaro: “ou se tem empregos ou se tem direitos trabalhistas”. O caminho argumentativo escolhido, não é o de justificar a importância das reformas, pelo aumento de empregos, produtividade ou eficiência, mas ressaltar o perigo da esquerda raivosa e dissimulada voltar ao poder junto com a corrupção. Os enunciados articulados relacionam mercado e corrupção, à medida que um é antídoto para o outro; nessa formação discursiva para a esquerda corrupta não retornar é preciso aprovar as reformas liberais.

A esquerda não está completamente derrotada, mesmo com uma vitória eleitoral de Bolsonaro; ela ainda é capaz de oferecer perigos: “dificultar aprovação das reformas”, “produzir caos”. O medo não é um afeto exclusivamente paralisante, pois ele também pode produzir um sujeito desconfiado e cauteloso ou até raivoso, como um animal que, quando encurralado, ataca ao sentir-se ameaçado. O medo de Kim decorre da possibilidade da quebra fiduciária do contrato comunicacional da direita. O enunciador, por sua vez, apresenta formas de remediar tal perigo: utilizando-se da mobilização permanente e agressiva para combater a “imprensa” e a “esquerda”. O medo, portanto, não seria o resultado, a emoção em si; ele atuaria na disposição passional do sujeito. O percurso passional, construído pelo MBL, implica em um perigo à espreita, o qual ameaça os sujeitos de direita. O perigo é respondido com raiva e agressividade, dando início ao percurso passional da cólera. No ódio do MBL a espera fiduciária da cólera não precisa se concretizar, a própria idealização da disjunção já justifica a necessidade de uma reação agressiva e move o sujeito em direção à descarga colérica.

Anexo 8 - Governando sem partidos: os novos aliados de Bolsonaro. | por Pedro Deroyt

(<https://youtu.be/ZZHIGVyuXIk>)

Duração: 09:05

Publicado: 04/10/18

Visualizações: 2110596

Likes: 29 mil

Deslikes: 287

Grupo temático: Defesa de Bolsonaro

Pedro Deroyt abre o vídeo apresentando o assunto da governabilidade de um eventual governo Bolsonaro como “muito sério”. As pesquisas indicam uma tendência de vitória para Bolsonaro, porém fica a dúvida: como seria um governo Bolsonaro? Pedro apresenta dois fatores que preocupam “as pessoas” quanto a governabilidade. O primeiro é sua atuação legislativa marginal, aprovando poucos projetos, demonstrando de fraca articulação legislativa. Por outro lado, para quem defende Bolsonaro, isto é sinal de sua honestidade: não aprova projetos, pois não participa dos conchavos políticos. O segundo fator, que reforça sua articulação legislativa fraca, trata-se da tentativa fracassada de Bolsonaro de se eleger presidente da Câmara, recebendo apenas quatro votos.

Em seguida é colocado um “mas”, dito de maneira pausada e enfática. Bolsonaro poderia fazer um arranjo político “bem revolucionário” e, com isso, “fazer uma das maiores mudanças na forma de governo desse país”. Essa mudança é o apoio das bancadas temáticas. Tereza Cristina, líder da Bancada do Agronegócio, declarou apoio à campanha. Pedro qualifica a bancada do agro como “a maior bancada do congresso nacional, que nunca perde nenhuma votação”. A Bancada do Agronegócio seria uma das forças responsáveis por aprovar as reformas que o Brasil precisa. Outra bancada que declarou apoio ao futuro presidente Bolsonaro, foi a Bancada Evangélica. Endossado por figuras importantes do meio evangélico, Edir Macedo, Bolsonaro teria apoio da Bancada Evangélica. “Bancada Evangélica estaria amarrada, e poderia estar nessa agenda (das reformas) votando junto, como bancada”. Por último, “a cereja do bolo”: a Bancada da Bala, a qual Bolsonaro fez parte enquanto deputado federal, também o apoiaria.

Apresentadas as bancadas um cálculo eleitoral surge no quadro: 119 votos da Bancada do Agronegócio; Bancada Evangélica 70 a 150 votos; Bancada da Bala, 40 votos. O argumento que, primeiro, partiu de uma possível falta de apoio ao candidato Bolsonaro, demonstra que Bolsonaro tem apoio as bancadas temáticas de direita, também conhecidas como BBB (Boi, Bíblia e Bala), as quais, teriam condições de aprovar “reformas sérias”.

Para Pedro, essas forças “representam tanto os interesses dos setores produtivos, quanto a reserva moral de bons valores de nossa sociedade”. O enunciador resgata uma matéria da Folha de 2016, “MBL, ruralistas e evangélicos se unem por agenda Liberal”, dois anos antes do vídeo, na qual narra como o MBL já apostava na junção dessas forças para aprovar as reformas liberais. Essas forças em conjunto aprovaram o Impeachment, a reforma do teto de gastos e o fim do imposto sindical, segundo Pedro. A aliança, entre bancadas temáticas e grupos políticos de direita, que no começo foi apresentada como “inovadora” e “revolucionária”, aparece novamente como um processo, no qual o MBL é vanguarda.

A política será “revolucionária” se essas três bancadas trabalharem juntas, se apoiarem mutuamente para aprovar as reformas liberais e, assim, pela “primeira vez no Brasil, uma política sem toma lá-dá-cá”. As equivalências, mostradas no vídeo, não são construídas por um interesse econômico escuso, como as da esquerda, mas por equivalências políticas que compõem um mesmo bloco em prol do Brasil e das reformas. Os deputados das diferentes bancadas temáticas estariam unidos por “interesses ideológicos, mas bons interesses”. Caberia ao presidente unir estes interesses, demonstrando que são mutuamente benéficos, ou seja, uma bancada precisaria assumir o interesse de outra, em um movimento de subdeterminação e, assim, superar o modo corrupto de fazer política.

O que foi apresentado no começo do vídeo como fraqueza, Bolsonaro ser um outsider, se transforma em oportunidade de construir um governo sem conchavos corruptos, já que Bolsonaro afirmou que não realizaria trocas de cargos por apoio ou qualquer outro tipo de conchavo. Segundo Pedro, “os caciques partidários” não poderiam pressionar Bolsonaro por cargos, pois elas serão beneficiadas pela agenda bolsonarista. “Vai baratear o custo do voto deles (bancadas), a agenda que eu (Bolsonaro) defendo, faz parte dos financiadores deles, dos eleitores deles”. As bancadas temáticas teriam mais força que os partidos, e, não seriam movidas pelos interesses de acordos, mas sim por uma agenda.

Pedro ressalta que, para esse cenário de fato acontecer, Bolsonaro teria uma janela de tempo curta para colocar as reformas em prática e começar a melhorar a economia; os 100 primeiros dias de governo seriam extremamente importantes, caso contrário, perderia o apoio que conseguiu construir para se colocar no poder. Para o enunciador, tudo pode ser resumido na capacidade do próximo presidente atender as demandas econômicas e realizar reformas. Esse seria o fator que provaria se o governo de Bolsonaro se trata de algo genuinamente novo ou mais do mesmo.

Anexo 9 - Análise (SIC): Como se saiu cada candidato no último debate? | por Kim Kataguirí

(<https://www.YouTube.com/watch?v=ijgRLSdgvrk>)

Duração: 06:03

Publicado: 04/10/18

Visualizações: 229070

Likes: 36 mil

Deslikes: 320

Grupo temático: Cálculo eleitoral

Kim, neste vídeo, promete analisar o último debate presidencial do primeiro turno. Ele lembra que, por o debate da Globo ser o último, é comum vários candidatos adotarem o que ele chama de “estratégia kamikaze”. Neste debate de 2018, isto não aconteceu; para Kim os candidatos ficaram trocando afagos, fazendo dobradinha. Kim resume o debate como: “um show de camaradagem”. Kim fala em tom debochado dessa estratégia, figuratizando pela interação de Ciro e Marina. Para diminuir Ciro, Kim desdenha de suas pautas em defesa da democracia. Já para Marina, o ataque é feito à sua identidade, ridicularizada e diminuída, posta como “mulher do acre que pegou malária”, reorganizando os traços identitários da candidata como vitimismo.

Kim primeiro focou suas críticas a Geraldo Alckmin, para o enunciador o ex-governador de São Paulo falhou ao não aderir ao antipetismo, focando sua campanha em críticas a Bolsonaro. Kim dirige suas críticas diretamente ao candidato: “Agora, Alckmin, nos 47 do segundo tempo, não adianta fingir ser antipetista”. Deste cenário de derrota de Alckmin, Kim entende que o PSDB se coloca em uma posição política enfraquecida, tendo que apostar suas fichas em Dória, que diferentemente de Alckmin, foi um bolsonarista autêntico desde o começo adotando uma estratégia oposta. A crítica é dirigida a Alckmin na segunda pessoa, o enunciador emprega o “você” para referir-se ao ex-governador.

Kim define a participação de Boulos como um “teatrinho”, e mais um exemplo de afagos trocados entre os participantes dos debates. Kim desdenha de Boulos, qualificando-o como “terrorista”, “invasor de casas e lidera movimento terrorista”. No debate o candidato do PSOL merecia um “Oscar” por atuar muito bem, fingiu chorar pela democracia brasileira e estar preocupado como uma vitória do Bolsonaro. As falas em defesa da democracia de Boulos estão, no discurso de Kim, colocadas como motivo de piada. A defesa da democracia é um discurso fingido, que busca apelar para o emocional, e sem fundamentação. Kim, organiza a fala de Boulos como fingimento, pois “ele sabe que Bolsonaro vai ter que compor com o congresso

para governar e não vai ter baboseira nenhuma de golpe militar.”. Para Kim, o golpe pode acontecer, mas não em um governo Bolsonaro. O risco de golpe reside em um eventual governo Haddad. “Ai sim vai ter venezuelização, aí sim vai ter preso político, aparelhamento do judiciário”. O discurso de Boulos era endereçado para a “bolha da lacração”, por isso precisou fingir preocupação para agradar seu público, argumenta Kim.

Kim, em seguida, muda de assunto para Bolsonaro. O capitão no mesmo dia do debate da Globo, concedeu uma entrevista para a Rede Record. Kim é um pouco crítico com a entrevista de Bolsonaro, “a qual não trouxe nenhum discurso novo”, focado nas pautas de segurança pública, enumeradas por Kim da seguinte maneira: “Segurança Pública, estatuto do desarmamento, etc.”. Kim esperava que Bolsonaro “desse uma aumentada no tom do discurso, pelo menos, contra o PT”. Bolsonaro não estaria sendo incisivo suficiente. A chave para a vitória segundo esta articulação é a articulação do antipetismo em um tom aumentado. É preciso ser mais incisivo ainda com o opositor, assim partindo de um entendimento no qual um maior antagonismo com o petismo vai favorecer Bolsonaro.

O debate é resumido de duas maneiras ao decorrer do vídeo, como uma “puxação de saco” entre os candidatos de centro, os quais que criticaram tanto Haddad e Bolsonaro; e como palco para os atores, Boulos e Haddad, fingirem preocupação com a democracia, enquanto preparam para implantar uma ditadura no Brasil. A esquerda é novamente posta como farsesca, o perigo advém dessa capacidade e simulação que pode patemizar o enunciário comovendo-o. Esse discurso serve para inflamar as bases da esquerda, mas é puro fingimento, pois Boulos é “terrorista” e não está preocupado com a verdadeira democracia. Já os políticos tradicionais, por outro lado, são escarnecidos, não denunciados. Geraldo, Ciro e Marina são articulados pelo enunciador como não sérios e covardes, por não aderirem a uma campanha de confrontação direta. Segundo Kim, os candidatos preferem “puxar o saco” um do outro, por isso, cada qual é humilhado de uma forma. Marina é diminuída em suas identidades, Ciro pelas suas pautas econômicas, Alckmin pela sua vacilação em não aderir ao bolsonarismo.

Bolsonaro por sua vez peca por não ter sido Bolsonaro o suficiente, não conseguindo representar o antipetismo como deseja o enunciário. Bolsonaro precisa ser ainda mais incisivo e apostar ainda mais no discurso antagônico e de ódio ao petismo. O caminho percorrido pelo vídeo estabelece as figuras políticas que foram ao debate, em certas medidas, como iguais, por pertencerem à velha política, e não serem “autênticos” – PSOL e PT operando pelo teatro do risco antidemocrático e os demais candidatos “trocando afagos”. Bolsonaro, por outro lado, é o outsider que não participa desse jogo político.

Anexo 10 - PT Lança nova campanha atacando Jair Bolsonaro! | por Kim Kataguirí

(<https://youtu.be/uqyNQWbNo2E>)

Duração: 05:21

Publicado: 05/10/18

Visualizações: 315579

Likes: 57 mil

Deslikes: 407

Grupo temático: Defesa de Bolsonaro

“O nível de canalhice do PT atingiu níveis estratosféricos”. Kim Kataguirí abre o vídeo com essa fala indignada e promete apresentar para o espectador as novas “armas”, com as quais o PT vai convocar eleitores e atacar Bolsonaro. A indignação é direcionada a campanha eleitoral petista, que comparava o discurso de Bolsonaro com o discurso nazista de Hitler³⁰. A prática de comparar Bolsonaro com o fascismo não foi exclusividade da campanha de Haddad. Kataguirí enumera uma série de sujeitos que partilham do mesmo discurso: “imprensa, partidos políticos, militância, coletivo feminista, coletivo negro, coletivo LGBT”. Contudo, para o enunciador, foram essas “acusações injustas”, feitas por estes sujeitos de esquerda, as responsáveis pelo crescimento de Bolsonaro, dando voz a Jair e possibilitando seu crescimento. Apesar de ser uma “canalhice”, a propaganda do PT é positiva para Jair Bolsonaro, sendo um erro de estratégia da campanha petista. O vídeo dialogava apenas com as elites: “um vídeo *hipster*, um vídeo culto (...), um vídeo para guerreiros da justiça social; um vídeo para aquele cara que é filho de rico, está na USP e se sente culpado por ser rico, e por isso, ele é socialista e vota no PSOL, mas como ele sabe que o PSOL não tem chance, vota no PT”, enquanto Bolsonaro ganha votos dentro das classes populares. Segundo Kim, as classes populares não entendem o que a campanha do PT quer dizer e “acham chato (...), não dialoga, não é direto ao ponto”.

Kim estabelece uma oposição entre o modo de comunicação do PT e o de Bolsonaro. PT é qualificado como “teatral” e “metafórico” e Bolsonaro iria “direto ao ponto” como em: “bandido tem que se foder e acabou, porra!”, exemplo dado por Kim, enquanto repete o gestual de bater uma mão contra a outra. Duas oposições são apresentadas: falso e autêntico; elitista e popular. O PT é colocado como disfórico por ser “elitista” e “falso”, enquanto Bolsonaro é posto como “popular” e “autêntico”. A figura do outsider não se estabelece por apresentar uma

³⁰ Campanha do PT, disponível em: <<https://twitter.com/ptbrasil/status/1047863916154433536>>

série de inimigos de Bolsonaro, mas por enfatizar um fazer político que difere da política tradicional. Sem “*mimimi*”, Bolsonaro não se prende ao “politicamente correto” por ser autêntico, mas diz o que precisa ser dito sem medo de ofender. Este modo de se expressar enfático do bolsonarismo seria uma linguagem mais próxima do eleitorado, enquanto o modo petista seria a linguagem das elites “culpadas”.

Para o enunciador, o movimento mais importante seria expor a “canalhice” do PT ao adotar discursos que comparam Bolsonaro a Hitler, pois, na verdade, golpe e volta de ditadura são parte do plano de governo do PT: “aparelhar o ministério público, aparelhar judiciário (...), substituir o congresso nacional por conselhos populares, censurar a imprensa, mandar nosso dinheiro para ditadura”. Kim compara a hipocrisia petista com os *black blocs*, os quais vestem-se de preto e atacam seus adversários políticos com coquetel molotov, “mas tem coragem de chamar o outro de fascista”. O PT seria um hipócrita, acusando o outro partido de práticas que ele mesmo faz para esconder seus próprios atos; diferente do mentiroso, que para mentir não precisa acusar o outro. A estratégia petista para atacar Bolsonaro é a de imputar intenções ditatoriais e esconder as próprias aspirações ditatoriais.

Kim faz comparações com o universo literário figuratizando o comercial petista como uma distopia totalitária: “digno de ministério da verdade, digno de uma distopia, digno de 1984, digno de um Revolução dos Bichos (...)”. Segundo o enunciador, se o PT estivesse no poder atuaria como o Grande Irmão do romance de George Orwell. O poder nas mãos do PT seria “um risco a vida, a economia e a democracia”, fingindo ser democrático e atacando Bolsonaro, “tentando levar o eleitor a acreditar que a eleição do seu adversário vai ser o apocalipse, quando na verdade o inferno foi trazido a terra nos 13 anos de governo do PT”.

O discurso coloca na centralidade uma questão moral: a esquerda seria elitista e desligada das classes populares, que outrora foram a base do PT. As classes populares preferem o estilo enérgico e sincero de Bolsonaro, que não fala como os outros políticos. O Mito vai direto ao ponto, não tem “*mimimi*” ou culpa, como os “guerreiros da justiça social de esquerda”³¹. A esquerda é hipócrita por acusar Bolsonaro de ser um novo Hitler, mas ter sido ela quem cometeu uma série de ações totalitárias. O risco da ditadura petista é iminente e um perigo real para o enunciador do MBL. Os enunciados de moral e de corrupção denunciam o risco totalitário petista: aparelhar as instituições, se aliar com ditaduras e censurar a imprensa.

³¹ Kim traduz uma expressão usada na internet em inglês para ironizar progressistas: *social justice warriors*. Essa identidade é construída como vitimista. A expressão é comumente usada pela direita norte americana para desmerecer militantes identitários

A defesa do presidente Bolsonaro das acusações de fascismo é feita apontando a hipocrisia do PT, o qual é o verdadeiro perigo. O PT coloca em risco valores fundamentais do enunciador: “vida”, “democracia” e “economia”.

É chamada a atenção para uma questão de aspectualização, a alta carga tensiva do vídeo. Os vídeos do YouTube são, em geral, rápidos, condensados em curta duração. Kim em sua fúria de denunciar o PT cumpre o protocolo da plataforma; o enunciador fala em ritmo acelerado, é enfático e gesticula denunciando “as canalhices”. Não há convocação para um guia de como agir para além do tradicional das redes: “compartilhe” e “curta”. O vídeo, por outro lado, tem função de compartilhar a indignação e fazer/sentir raiva dos petistas, chamando atenção para as contradições da esquerda. A raiva é produzida perante a indignação do enunciador com a hipocrisia petista.

A ditadura petista é comparada com os romances distópicos e o enunciador recorre às figuras da obra de Orwell para significar o perigo ditatorial: o Grande Irmão e o Ministério da Verdade. A possibilidade de vitória petista implicaria em uma dominação total, ela seria o perigo absoluto e a fonte do medo.

Anexo 11 - Quais os nomes que vão compor um possível Governo Bolsonaro? | por Eric Balbinus

(<https://youtu.be/uqyNQWbNo2E>)

Duração: 05:53

Publicado: 06/10/18

Visualizações: 261052

Likes: 24 mil

Deslikes: 4,9 mil³²

Grupo temático: Defesa de Bolsonaro

Eric Balbinus discutirá os nomes que podem compor o futuro governo Bolsonaro. O enunciador, após apresentar os ministeriáveis, com fotos de cada um surgindo junto de sua menção na tela, faz uma divisão entre os nomes, separando os bons dos que “não são tão bons assim”. Ruins: Gustavo Bebiano e Marcus Pontes; bons: Onyx Lorenzoni e General Heleno.

Gustavo Bebiano é apresentado como presidente do PSL, advogado, porém suas conexões são postas deseuforizadas: “ligado ao escritório de direito Sergio Bermudes, uma banca controversa, que tem entre seus quadros a mulher do ministro Gilmar Mendes”. A credibilidade de Bebiano é colocada em xeque, por estar relacionada à política tradicional e ministros do STF. Outro fator negativo seria a “truculência” e “inescrupulosidade” no modo de fazer política de Bebiano. Bebiano é articulado por Eric como divisionista, os atritos com os filhos do presidente são exemplos dessa postura divisionista.

Marcos Pontes, postulante a ministro, também é avaliado negativamente por Eric. Como ministro da Ciência e Tecnologia, ele não teria capacidade técnica, pois seu único grande feito foi sua ida ao espaço. Eric qualifica a missão espacial de Marcos Pontes como “apoteose da gestão petista”. Para Eric Pontes só viajou na missão espacial, pois seu o lugar no foguete havia sido comprado da missão russa. Desta forma, o feito não é articulado como um avanço da tecnologia brasileira, mas sim como um “malfeito da gestão pública petista”. A indicação de Pontes é adjetivada como “temerária” e, em oposição, o MBL sugere o nome do professor das USP Ricardo Felício³³, por este ter uma produção científica maior e conhecimento na área de ciência e tecnologia.

³² A quantidade fora da curva de likes é decorrente das críticas ao futuro ministro da Ciência e tecnologia Marcus Pontes, muitos dos comentários do vídeo são defesas ao primeiro astronauta brasileiro.

³³ Ricardo Felício é um notório negacionista climático brasileiro e professor da USP, o professor é convidado recorrente em programas sobre o tema aquecimento global. Ficou nacionalmente famoso quando participou do programa do Jô na Rede Globo.

Onyx Lorenzoni inaugurou os nomes aprovados pelo grupo. A principal qualidade destacada para o deputado é o antipetismo, “sempre denunciou o bolivarianismo”. Onyx mistura duas qualidades: oposição ferrenha às ideias petistas e boa articulação política.

General Heleno, é o último nome, “o mais técnico” de todos os nomes. Heleno é apresentado como um militar com características de diplomata, adido militar em Paris e Bruxelas. A credibilidade de Heleno vem de sua dualidade, é ao mesmo tempo militar e diplomata, por isso ideal para compor o governo de Bolsonaro.

O principal pedido de Erick é que Bolsonaro indique “notáveis de saber técnico reconhecido” para os cargos chave do governo. Os nomes do governo Bolsonaro, criticados por Erick, são aqueles vistos pelo enunciador como petistas ou incapazes politicamente. Os elogiados são os antipetistas e hábeis politicamente. Parece haver uma oposição entre as qualidades e defeitos das figuras do vídeo. O divisionismo de Bebiano e a diplomacia de Heleno. O antipetismo de Onyx e o passado petista de Pontes.

Este é o vídeo mais crítico ao bolsonarismo de todo o corpus; e é o único não apresentado pelas figuras públicas mais conhecidas do MBL, mas por Eric. As críticas não foram encabeçadas pelas lideranças que na época concorriam às eleições, mas tomaram voz em uma figura secundária, mesmo assim tensionando a posição do MBL dentro da articulação bolsonarista.

Anexo 12 - O que o primeiro turno nos mostrou? | por Kim Kataguiri

(<https://youtu.be/IuOQWZzOMSE>)

Duração: 05:21

Publicado: 08/10/18

Visualizações: 404388

Likes: 79 mil

Deslikes: 269

Grupo temático: Cálculo eleitoral

Neste vídeo os procedimentos padrões de introdução não são estabelecidos. Kim inicia o vídeo prometendo fazer uma análise dos resultados eleitorais do primeiro turno. “O que ficou para todo mundo”, na perspectiva de Kim, é que os nomes tradicionais da política fracassaram. Ele enumera tais políticos enquanto intercala fotos dos políticos na tela. Jucá, Dilma, Lindbergh Farias são os exemplos do fracasso. Para explicar esse movimento de fracasso, Kim compara sua candidatura com a de Dilma, no quesito dinheiro. Enquanto Dilma financiou sua rica campanha, com dinheiro público do fundo partidário e tempo de televisão, Kim, por outro lado, não utilizou dinheiro público e não teve tempo de televisão, mas foi o quarto deputado federal mais votado do Estado de São Paulo.

“Acabou essa história que só dinheiro ganha a eleição”. Kim parte para o exemplo de Geraldo, outro candidato que teve muito dinheiro e tempo de televisão, mas foi um fracasso eleitoral. Para Kim este cenário, no qual tempo de TV e dinheiro não são mais decisivos para uma eleição, é uma “reviravolta drástica”. Kim compara as campanhas pelo seu dinheiro investido, associando o recurso financeiro ao pertencimento à velha política. O dinheiro não é mais capaz de fazer eleger os candidatos da velha política. Em oposição ao dinheiro, regulando os candidatos da renovação política, está o apoio da população e a honestidade desses candidatos, pois, diferentemente da velha política, eles são não-corruptos. Tal tendência favorece Jair Bolsonaro, tornando “impossível” uma derrota do capitão. Os cálculos eleitorais favorecem Bolsonaro na medida que suas propostas são mais populares e a chance de uma mudança de lado é baixa. O tempo de televisão equivalente, no segundo turno, é outra força de Bolsonaro, “agora o Brasil vai poder conhecer as propostas” dele.

Essa mudança, políticos tradicionais perdendo espaço e novas figuras surgindo, é organizada por Kim como “feliz vitória da população”, “as cidades que sempre foram dominadas pelo coronelismo, mostram que não abaixam sua cabeça, que não são escravos e pensam por si só. Kim agradece por aqueles que o elegeram, e se diz muito feliz de fazer parte dessa mudança. Kim articula de um lado uma velha política, corrupta e utilizando dinheiro

público para as campanhas, e de outra a renovação política, a qual ele se coloca como representante.

Anexo 13 - Os planos de governo de Haddad e Bolsonaro | por Kim Kataguirí

(<https://youtu.be/EvJeonMtSlg>)

Duração: 08:09

Publicado: 08/10/18

Visualizações: 1644151³⁴

Likes: 226 mil

Deslikes: oculto

Grupo temático: Ataques às esquerdas

Kim Kataguirí inicia sua argumentação partindo da reportagem publicada pelo G1, a qual avaliava os programas de Haddad e Bolsonaro. Na reportagem cada programa recebe um resumo de dois parágrafos, incluindo número de página de cada um dos programas e um link para o acesso dos programas na íntegra. O objetivo do vídeo, posto por Kim, é virar votos no segundo turno para Jair Bolsonaro, convidando o enunciário a compartilhar e replicar o vídeo, este que, segundo Kim, é uma ferramenta de convencimento.

Kim contrapõe 14 pontos dos programas: ideologia de gênero, presídios, propriedade privada, impostos, imprensa, Lava Jato, ministérios, empresas privadas, ditaduras socialistas, sindicatos, agronegócio, constituição, médicos cubanos, segurança. Ao final de cada ponto, o enunciador tece um comentário para enfatizar e marcar a diferença entre os programas de forma direta. Em todos os pontos, o enunciador é disfórico com as propostas do programa petista.

Kim começa pela “ideologia de gênero”; no programa de Bolsonaro qualquer forma de discriminação dos brasileiros não será admitida, enquanto no programa de Haddad promete-se: “criar bolsas de estudo para travestis e transexuais”. A proposta de política pública de Haddad é apresentada como “inconstitucional”. Kim destaca que a proposta atuará para diferenciar os brasileiros, sem nenhum critério meritocrático: “o que importa é se você é travesti ou transexual”. O enunciador reorganiza a política pública como privilégio do grupo, privilégio este que é negado aos demais “brasileiros”. Em seguida, Kim parte para os presídios e repete uma crítica recorrente à esquerda: privilégios e regalias aos presos enquanto os brasileiros. Para o problema carcerário, Kim propõe medidas mais duras, como diminuições de progressões penais. O enunciador critica Lula e Haddad, pois querem diminuir o castigo, através da diminuição da massa carcerária.

³⁴ Maior número de visualizações da base

A centralidade, dessas duas primeiras propostas, está em definir quem dentro da sociedade merece os castigos e os prêmios. Na amarração discursiva de Kim, a esquerda inverte valores, pois distribui prêmios (bolsas) e alivia castigos dos anti-sujeitos do MBL. População carcerária e movimento LGBTQIA+ são “privilegiados”, enquanto “os brasileiros” e “o povo” sofrem sem nenhum tipo de privilégio ou assistencialismo. Kim segue, o discurso passa para a propriedade privada. As propostas de Lula e Haddad são reduzidas a “enfrentar a criminalização do MST”, enquanto a proposta de Kim é criar um projeto de lei para tornar o movimento social em grupo terrorista. Agora a distribuição do castigo é figurativizada por outro anti-sujeito, o movimento social terrorista, o qual o PT quer descriminalizar, isto é eximir o grupo da possibilidade de castigos.

O tema imprensa é utilizado para articular Bolsonaro como democrático, na mesma medida que Haddad é acusado do contrário, antidemocrático. Bolsonaro promete não regulamentar ou ter “controle social” sobre a mídia, já a proposta de Haddad é dita como: “implantar mecanismos de regulação da imprensa e criar uma empresa pública para expor o posicionamento do governo; basicamente um ministério da verdade para expor a propaganda petista”. O petismo é posto como antidemocrático na medida que é “regulador”, que se envolve e controla a “liberdade” da imprensa. Já Bolsonaro é o contrário, não fará nenhum tipo de “regulação”, por isso é “democrático”.

A ideia de regulação e interferência do Estado são articulados, dessa vez, pela “Lava Jato”. “Lula e Haddad” querem diminuir o poder de investigação do Ministério Público e “aparelhar” o Ministério Público com as minorias. A proposta de Bolsonaro é contrária, é incentivar o critério “meritocrático” e não colocar as minorias dentro do MP. O programa de governo de Bolsonaro busca sempre a desregulamentação do Estado e investimento nos setores privados: redução de ministérios, “fomentar o empreendedorismo”, “deixar de louvar ditaduras socialistas”, “fim do imposto sindical”. As propostas bolsonaristas partem da articulação de uma esquerda burocrática, que vive sugando no Estado e favorecendo “ditaduras”, sindicalistas e amigos políticos. Bolsonaro, por outro lado, é técnico que lutará contra a burocracia estatal, terá indicação por mérito, e acabará com a farra comunista.

A lógica segue a mesma dos anteriores, articulando valores liberais de mercados como centrais, na mesma medida que coloca a esquerda como a antítese desses valores. Para a agricultura, a campanha bolsonarista promete reduzir o “custo Brasil”, articulando o empresário do agronegócio como alguém que sofre para exportar seus produtos e não recebe reconhecimento por isso. A proposta petista de reforma agrária é fortemente criticada e

escarnecida. O PT quer dar reforma agrária para os invasores de terra e aumentar o imposto do agro, mais uma vez o enunciador pontua que o PT inverte os castigos, dando prêmios e privilégios para quem não merece.

Para tema constituinte a campanha petista é organizada como antidemocrática e que pretende pela reforma constitucional implantar seu plano, que envolve o favorecimento de ditaduras latino-americanas, com isso mobilizando uma ameaça totalitária a qual apenas Bolsonaro seria capaz de superar.

No último tema, Haddad é escarnecido em sua proposta sobre segurança pública, que envolve a diminuição da população carcerária e um projeto de maior iluminação para os centros urbanos. Kim coloca que o ex-prefeito “acha que bandido é vampiro,” reduzindo a proposta ao ridículo. Em seguida parte para a proposta de Bolsonaro, a qual é articulada com uma maior carga tensiva que o restante do vídeo, mesmo mantendo a fala serena a promessa é de “tolerância zero” com crime.

Kim, no fim, se coloca como não totalmente convencido pela campanha de Bolsonaro, mas diz deixar suas diferenças de lado para derrotar o PT e vencer o risco de ameaça totalitária no Brasil, é o medo que está modalizando Kim para essa ação, é o saber sobre o PT articulado que localiza esse medo, que leva ao ódio. O objetivo também é compartilhar e propagar o vídeo para “impedir esse Brasil de caos e retrocesso que seria um Brasil do governo Haddad”, reforçando novamente o medo dos inimigos petistas.

Anexo 14 - Bolsonaro no segundo turno e Kim Kataguiri para presidente da Câmara! |
por Kim Kataguiri

(<https://youtu.be/IuOQWZzOMSE>)

Duração: 06:17

Publicado: 09/10/18

Visualizações: 372717

Likes: 84 mil

Deslikes: 403

Grupo temático: Campanha

Kim Kataguiri, agora eleito deputado federal pelo Estado de São Paulo, abre o vídeo referenciando este fato. Kim se diferencia dos outros deputados federais ironizando o fato que ele não está tirando férias após sua vitória: “não é isso que a gente faz, pelo menos aqui no MBL, não é assim que vai funcionar com meu mandato”. Apesar de serem políticos eleitos, os membros eleitos do MBL mantêm o discurso antissistema, crítico aos políticos. Kim mesmo eleito ainda reivindica sua identidade como “militante do MBL”. Kim articula suas identidades em conjunto, como parlamentar eleito e militante. Eleito, Kim, está trabalhando em “duas frentes” – eleger Jair Bolsonaro e lançar-se à presidência da câmara dos deputados.

Na articulação discursiva para garantir a eleição, o enunciador dá destaque para a manifestação do dia 21 de outubro, chamada “PT NUNCA MAIS”, o mote da manifestação não poderia ser mais claro: “garantir que o PT nunca mais volte ao poder e para garantir que o PT ocupe a lata de lixo da História”. O objetivo central é derrotar o PT, conseguir eleger Bolsonaro e realizar as reformas. Além do objetivo político implicado, a manifestação, segundo Kim, vai servir para acabar com uma “baboseira” dita sobre a direita brasileira. A manifestação vai garantir que o sujeito de direita não será mais articulado como “fascista, homofóbico e machista”, a manifestação iria provar que a direita não é intolerante e que essa pecha cabe ao seu antagonista, a esquerda. Já que é à esquerda que nega o diálogo e é verdadeiramente intolerante, figuratizando sua crítica pelo apoio da esquerda aos *Black Blocs*, os quais ele compara com os Camisas Negras de Mussolini. Enquanto Kim faz a comparação, a câmera dá um close em seu rosto, para em seguida, ele convoca todos para a manifestação a fim de dar “um show de democracia”³⁵ e uma “surra nas urnas” nos petistas.

³⁵ Nessa manifestação Bolsonaro discursou por telefone para as manifestantes da Av. Paulista, no discurso Bolsonaro disse que Lula apodreceria na cadeia e estendeu a ameaça também para Haddad, seu adversário na corrida presidencial.

A outra “frente”, que consiste em eleger Kim como presidente da câmara, tem como principal proposta a defesa das pautas liberais, sobretudo promessas de enxugamento da máquina pública pelo “fim dos privilégios”. Kim promete equiparar médicos, juízes e pedreiros, os quais todos teriam o mesmo sistema previdenciário. Outra reforma prometida é a tributária, a qual vai “cortar gastos da máquina pública e assim colocar mais dinheiro no bolso do cidadão”. Kim promete acabar com a burocracia da máquina pública, a qual impede o empresário de trabalhar para gerar lucro. Na sua luta contra a burocracia, Kim promete uma reforma política nas qual os mandatos sejam revogáveis: “Eu faço questão de me colocar nesse sistema”. Kim promete também dar sequência às investigações de corrupção, apontando a CPI da UNE e CPI das urnas eletrônicas como prioridades. Kim coloca em suspeita a urna eletrônica, o enunciador defende como solução para o problema da confiabilidade na urna o voto impresso, mesmo discurso também defendido por Bolsonaro. Segundo Kim, o voto impresso daria margem para uma recontagem caso assim fosse necessário.

Kim agora apresenta os adversários que terá pela frente nessas “batalhas”. Imprensa, partidos de esquerda, ONGs, sindicatos, todos “vão jogar contra” um governo Bolsonaro, estes atores políticos iriam espalhar o caos. O discurso de Kim é feito através de significantes que são bélicos a “batalha”, “inimigos”, então só uma atitude pujante pode garantir a vitória. O caminho na câmara deve ser “já chegando com o pé na porta” para aprovar as reformas prometidas e conseguir a cadeira de presidente da câmara, “para colocar vagabundo na cadeia”. As reformas estão articuladas de maneira direta tanto como uma noção de segurança, quanto na garantia de mais riquezas para o país. As promessas de liberalização envolvem a constituição, também, de uma noção de segurança, que na visão ultraliberal envolve não ser “roubado” nem pelos “vagabundos” nem pelo Estado inchado.

A direita, além dos seus desejos securitários, se incomoda ao ser articulada como intolerante. A promessa da manifestação do dia 21 de outubro envolve contradizer o discurso dos seus antagonistas e colocar-se como tolerante e democrático. As ruas seriam palco de um performativo cívico, diferente da esquerda que depreda a rua. “Fascistas”, “democracia” são significantes abertos, que o MBL disputa. Há uma questão de reconhecimento e de não reconhecimento, envolvida nessa disputa. O discurso do MBL reconfigura o Fascismo para atribuí-lo à esquerda, e articula o movimento de direita bolsonarista como democrático, pois a identidade bolsonarista não se reconhece como intolerante, mesmo manifestando, constantemente, discursos intolerantes. A intolerância está no Outro, não há reconhecimento também do ódio, mas reconhece a si mesmo como sujeito cívico, democrático.

Anexo 15 - A estratégia do PT para dividir o país! | por Fernando Holiday

(<https://youtu.be/pNCJ9oiPGJ4>)

Duração: 05:13

Publicado: 10/10/18

Visualizações: 159228

Likes: 34 mil

Deslikes: 196

Grupo temático: Ataques à esquerda

Fernando Holiday, homem negro e gay, está em um escritório enquanto está sentado em frente a câmera no primeiro plano. Holiday começa o vídeo falando sobre a estratégia de divisão do país realizada pelo PT para ganhar as eleições. Diferentemente de outros vídeos, nos quais as minorias são postas no lugar do Outro, neste vídeo Holiday utiliza o “nós” para se referir aos negros e aos LGBTQIA+. Para Fernando há uma estratégia de divisão no país promovida pelo PT, pois os petistas “acham que são donos dos negros, dos gays e das mulheres”. Holiday pontua que por este motivo os petistas tentam desqualificar Bolsonaro, acusando-o de homofóbico e preconceituoso: “A grande verdade é que o PT e a esquerda de forma geral, gosta é de prender as minorias (...), é como se os negros ainda permanecessem nas senzalas, só que agora ideológicas, se você é negro e discorda do PT, aí não. Você é um traidor, um capitão do mato. Jamais, em hipótese alguma, você pode ter essa opinião”

Para Fernando, as propagandas petistas representam os negros de um modo estereotipado: “se utilizando do preconceito para supostamente combater o preconceito (...) o negro é sempre um cara característico: *black power*, pichando algum muro, jogando capoeira, mas se você não é negro, talvez, você não mereça um curso de informática ou um curso de idiomas”. Para Holiday a própria representação dos negros pelo PT e pelas esquerdas é a reprodução de um preconceito, não sua superação, pois a esquerda cria uma relação de dependência e controle com as minorias, assim garantindo sua perpetuação no poder. O PT é articulado como um “senhor de escravos” que prende os negros às senzalas e o discurso do PT é articulado como não emancipatório, o eleitor do PT não é reconhecido como um sujeito que fez uma escolha política, mas alguém sem consciência política em “uma senzala ideológica”.

Holiday sai da política e dá o exemplo das novelas, nas quais os gays são representados novamente de modo estereotipado: “Um gay escandaloso que vive nas baladas se drogando”. A visão estereotipada descrita por Holiday serve para estimular o preconceito. Os sujeitos responsáveis por isso, PSOL e PT, ao “estimular o preconceito”, seja contra negro, seja contra gays, também faz com que eles se perpetuem no poder. No discurso de Holiday fica implícito

que o PT tem um plano secreto de controle social no qual as minorias são parte integrante, o partido não quer acabar com o preconceito, pois assim, o partido ganharia mais controle social e capital político.

Para Holiday no primeiro turno a esquerda “quebrou a cara”, apontado candidatos que pertencem as minorias, mas são de direita e contra as políticas afirmativas, comumente defendidas pela esquerda. Holiday dá o exemplo de Janaina Paschoal, a mulher mais votada, e Hélio Negão, também conhecido como Hélio Bolsonaro, homem negro mais votado, e Kim Kataguiri, oriental mais votado. “Estas eleições significam a libertação das chamadas minorias”, Holiday coloca que a esquerda não tem mais controle sobre os grupos minoritários a partir da vitória da direita no primeiro turno. A questão é que esse controle da esquerda foi quebrado na medida que a direita foi capaz de disputar a hegemonia dessas pautas, elegendo deputados diversos, um oriental, um negro e uma mulher são o exemplo. Nessa articulação discursiva o caminho para acabar com o preconceito não é pelas políticas afirmativas, mas pela derrota do PT que dividia o país produzindo o preconceito.

O significativo que está posto em jogo é a “liberdade”, a qual é falsamente prometida pelas políticas afirmativas, mas na verdade só expandem o controle e a servidão das minorias, fortalecendo os partidos de esquerda. As minorias também são instrumento para dominação da mídia, ao retratar os movimentos identitários de uma maneira estereotipada que só contribui para a dominação da esquerda. Mais uma vez mídia e esquerda estão articuladas, como coautoras de um mesmo crime. O apelo no final do vídeo é para o eleitor das minorias “votar como quiser” sem ficar preso no que dizem os “movimentos”, a liberdade é apostar em um discurso individualista, que liberta o “eu” dos movimentos identitários que são como “senzalas ideológicas”.

Anexo 16 - Bolsonaro vai ter vida fácil no congresso? | por Renan Santos

(<https://youtu.be/pNCJ9oiPGJ4>)

Duração: 13:28

Publicado: 10/10/18

Visualizações: 249946

Likes: 27 mil

Deslikes: 459

Grupo temático: Cálculo eleitoral

Renan, trajado com a camisa do MBL, inicia o vídeo com os procedimentos de introdução canônicos citados anteriormente. Renan promete analisar os resultados do primeiro turno, com enfoque especial na composição do congresso. Já com a vitória de Bolsonaro dada como certa, o enunciador apresenta a composição do congresso nacional e como isso influenciará o futuro governo. No começo do vídeo há uma cena em branco em preto, um curto bastidor do Renan se preparando para começar o vídeo.

Renan começa sua análise pelo que ele entende como “principal”, a eleição presidencial. Renan acertou suas previsões – houve segundo turno –, diferentemente de outros analistas que defendiam uma vitória em primeiro turno de Jair. Segundo Renan a análise equivocada, “era um instrumento para gera uma onda, não como uma análise fria”. Renan elenca razões para a vitória no primeiro turno não ter se dado: voto ideológico no Amoedo, o qual é qualificado como “voto mais sério”, Fernando Haddad ter tido “voto de máquina nos rincões da nordestina” e grande abstenção no Sudeste. Enquanto a característica do voto no Amoedo é “sério”, proveniente de uma convicção ideológica, o voto em Haddad é “obra de máquina”, “cabresto”. Tal encadeamento de significantes remete a um nordeste caricato, em contrapartida a um eleitorado sudestino esclarecido que votaria pela convicção. O “crer” do eleitor é organizado, eufórico ou disfórico, a depender do candidato.

Renan contesta as falanges mais radicais e conspiracionistas do bolsonarismo, as quais acreditam que a eleição foi fraudada, e que Jair foi eleito no primeiro turno. Renan usa como argumento chave o fato de políticos tradicionais, tanto de esquerda, quanto de direita, terem tido resultados eleitorais ruins. Dilma, Eunício, Edson Lobão não conseguiram se eleger, por exemplo. Renan tem uma posição discursiva diferente da de Kim no vídeo anterior. Kim se aproxima do discurso Bolsonarista ao questionar as urnas, enquanto Renan rejeita discursos de conspiração eleitoral; outra possibilidade que explica essa mudança de discurso é a eleição em si, optando para um tom mais moderado sobre o tema depois que seu lugar de enunciação foi reconfigurado pela eleição de Kim e Arthur.

A vitória de Bolsonaro é organizada como “vitória legislativa”, a qual foi responsável pela derrocada do “centro político”. Para Renan, o ódio e a rejeição à esquerda atingiram mais o centro político em questão de cadeiras, já que mesmo com todo antipetismo a bancada da esquerda conta com 143 deputados. Partidos de centro como PMDB, PSDB, DEM tiveram diminuição de bancada, em contrapartida, o PSL elegeu uma grande bancada de deputados. Após fazer uma leitura geral do congresso, Renan passa a traçar a força de Bolsonaro no congresso, contando o tamanho das bancadas. 123 deputados são a base do governo segundo Renan.

PRB apoiaria Jair devido suas ligações com a Rede Record e o interesse de tirar “hegemonia da TV Globo”, Renan faz uma avaliação peculiar da situação: “ela (RECORD) quer, um, ser beneficiada pelas verbas que vão para as imprensas, o que eu não acho uma coisa bacana, mas, dois, vê seu concorrente direto perder poder e perder dinheiro, o que eu acho bom para caramba”. A máxima da concorrência do mercado parece gritar mais alto e abafar os interesses espúrios de uma rede de televisão e um partido político. DEM apoiaria Jair por fazer parte das bancadas temáticas, “o DEM reúne os quadros mais qualificados das bancadas temáticas”. As bancadas Rural, da Bala e a evangélica, também conhecidas como BBB (Boi, Bala e Bíblia), seriam uma “grande interseção com o bolsonarismo” jogando o DEM para dentro do governo. Além de contar com Onyx Lorenzoni, articulador bolsonarista, e deputado federal pelo DEM. Outros partidos também vão participar do governo, PSC e PRP por afinidade ideológica se aliaram à base no congresso. Patriotas, não foi colocado na lista por Renan, pois “existe uma raiva muito grande do dono do partido. O Adilson Barroso, o que foi feito com ele pela família do Bolsonaro, que usou o partido por um tempo e largou eles. O Patriotas “não vai ser base oficial, mas acho que vão circular”

A dificuldade, no entanto, está na ameaça que a bancada da esquerda pode representar para aprovação da PEC, que demanda maioria qualificada de três quintos. A bancada da base do governo deverá ser hábil nas negociações do congresso para aprovar esses projetos chaves, nas quais as reformas econômicas estão inclusas. A esquerda poderia recorrer aos partidos “corporativistas” e “isentões” para barrar a aprovação de reformas. Outro perigo é à esquerda comprar o Centrão com seus cargos do nordeste e enfraquecer a base governista: “Boa parte desses deputados (do Centrão) foram eleitos na região nordeste, onde houve um desempenho impressionante do PT e do PCdoB e etc. E aí esses caras como não vão obter cargos no governo do Bolsonaro, o governo do Bolsonaro que eu imagino não vai sair dando cargo para comprar apoio parlamentar. Eles vão obter essa estrutura nos respectivos estados deles, que têm

governadores muito fortes. (...) Esses deputados que estão no Centrão vão estar no Estado e aí eles vão votar de acordo com os governadores que são de esquerda”.

Durante todo o vídeo se joga com a dualidade velha política e nova política, uma corporativista e corrupta, outra honesta e focada nos interesses do Brasil, figuratizados pelas reformas. Este jogo discursivo envolve configurar a identidade do bloco bolsonarista como nova política e, por isso, honesta, ao mesmo tempo que é preciso negociar com os diferentes grupos dentro do congresso. O objetivo é aprovar as reformas sem corromper-se, sem negociatas, pois isto é prática do Outro. Para Renan o cenário “vai demandar que se faça política” e “maturidade para saber lidar com parlamentares que estão em outros partidos e vão precisar ser convencidos”, neste caso o “perfil aguerrido” do bolsonarista não ajudaria a convencer os deputados que estão na mira da esquerda.

Renan aponta que a renovação também custou aos direitistas alguns nomes importantes, todos os nomes citados são ligados às reformas e ao Impeachment. André Mendonça. “O Brasil premiou na urna quem foram os melhores parlamentares, do ponto de vista reformista, do ponto de vista das renovações”. A renovação gerou uma reconfiguração tanto nos campos da direita, quanto da esquerda, se manifestando enquanto mudança geracional. Nesse contexto, a direita vai precisar de “sabedoria” para garantir que “as reformas boas, trazidas pelo Paulo Guedes, e a agenda de segurança pública (...) possam passar.”. Renan alerta que o período pós-eleitoral não pode ser um “jogo de popularidade”. A renovação, portanto, não é organizada euforicamente por si só, é preciso que o candidato também seja adepto das pautas liberais.

A força tensiva de Bolsonaro, aquela do ódio, quando direcionado para deputados de centro, ou usada na articulação política pode gerar problemas, Renan, reconhece essa dimensão na medida que clama por reguladores desse afeto. Para Renan, Bolsonaro vai precisar de “maturidade” e “saber fazer política”, pois o outro caminho é o “corporativismo” para apoiar as reformas. A questão de quem o ódio deve ser direcionado surge mais uma vez, reconhecendo quem são os sujeitos legítimos ou ilegítimos da descarga afetiva colérica. A esquerda terá os “cargos no Nordeste” para convencer o Centrão, Bolsonaro, por outro lado, precisará amansar sua raiva e fazer política, em um esquema tensivo a raiva pode ser amansada, quando se consegue diminuir a intensidade, o sugerido para Bolsonaro por Renan é que a “maturidade” seja o regulador.

Anexo 17 - FASCISMO, GLOBO E BOLSONARO | por Renan Santos

(<https://youtu.be/nN88HUrpxD4>)

Duração: 05:13

Publicado: 10/10/18

Visualizações: 159228

Likes: 34 mil

Deslikes: 196

Grupo temático: ataques às esquerdas

Renan, começa o vídeo comemorando que o canal do MBL está para atingir a marca de 1 milhão de inscritos, apesar de não serem YouTubers profissionais. Renan realiza a introdução que aponta para o tema da “onda antifascista” tratado em tom irônico pelo enunciador.

Renan compara a “onda fascista” com os problemas criados pelo petismo: “60 mil mortos por ano, uma crise econômica gigantesca legada pelo petismo, corrupção a dar com pau.”. Renan trata a onda fascista com ironia: “pensei que estava nos anos 30” enquanto olha para os lados, como quem procura alguém que não está. Renan caçoa: “eu não vi muitos fascistas, ou pelo menos os fascistas italianos que eu imagino, ou algum nazista ou alguém revolucionário comunista”, colocar na mesma cadeia de equivalência nazistas e comunistas é prática discursiva repetida por toda a direita, assim colocando o nazismo como um governo de esquerda, excensalizando o autoritarismo e fascismo como próprios da esquerda.

A caracterização da existência de uma “onda fascista”, segundo Renan, é proveniente de uma “ação política” que surge do PT e passa para a mídia. A existência de uma “onda fascista” permite ao eleitor petista “sair do armário” e defender o PT, criando um inimigo maior, o que permite votar no “meu ladrão”. Para Renan, essa mesma estratégia foi adotada no “#ELENÃO” e na campanha eleitoral do PT. A imprensa embarcou neste discurso petista e reproduziu o tema nos seus espaços, Renan liga o tema ao medo das organizações Globo de “perder a boquinha”. Renan avalia como “muito bom” e “muito importante” o antagonismo entre o presidente e a “Globo e a Globonews”, por isso a Globo “colocou suas asinhas de fora, utilizando a mesmíssima narrativa, utilizada pela propaganda do PT”. Essa artimanha da mídia aconteceu também na CBN, Renan conta como uma anedota, a entrevista de Kim Kataguirí na rádio. A entrevista na verdade foi um debate surpresa com a deputada Sâmia Bomfim, “aquela vereadora com fome de cargos”³⁶ – tudo para Kim fazer o papel de vilão, como representante

³⁶ Renan está fazendo uma piada com aparência da deputada insinuando sobre seu peso.

do movimento de direita. O discurso que sugere a existência do fascismo no Brasil é articulado conjuntamente pelos sujeitos “esquerda” e “imprensa”, esse discurso sobretudo inverte a moral ao esquecer a corrupção do inimigo PT e atacar um autoritarismo bolsonarista, que segundo Renan é inexistente.

A imprensa também cria notícias falsas, Renan dá o exemplo de uma menina que estava com a camisa do “Ele não” e foi atacada por neonazistas, roubada e marcada com cortes em forma de suástica. O que Renan prontamente ironiza, como toda aquela cena poderia ter acontecido, Renan no vídeo emula com seu gestual o ato de cortar alguém. Renan levanta a hipótese que a suástica poderia ter sido feita pela própria vítima: “gozado que a suástica invertida poderia ser feita por você mesmo olhando no espelho.” Renan critica a imprensa mais uma vez, pois mesmo a denúncia não indo a frente, a imprensa “mostrou tudo” para atacar Bolsonaro.

“O maior exemplo de atuação porca da imprensa é o programa Malhação”, Renan usa o significante “imprensa” como metonímia para todas as áreas da Globo, a qual também está inclusa na teledramaturgia. A crítica de Renan gira em torno de um trecho de um episódio de Malhação, no qual uma professora dá uma aula, para seus alunos adolescentes, sobre fascismo e autoritarismo. Primeiro, Renan intercala um trecho da aula da “professorinha” com cenas de violência promovidas por manifestações vermelhas, gerando um efeito de oposição entre a fala da professora e o vídeo mostrado. Mais um trecho da cena da Malhação é mostrado, no qual a professora caracteriza o fascismo por repetições entre suas expressões. Logo em seguida, o quadro volta para Renan que enumera as ditaduras de esquerda: Cuba, Venezuela e União Soviética. Renan completa seu argumento citando as mazelas do comunismo suportado por manchetes de jornais que tomam a tela. Todas as caracterizações que as falas da professora apresentam sobre o fascismo são reapropriadas de maneira irônica por Renan para assim caracterizar a esquerda.

Renan apresenta a esquerda como extremista e radical. Para exprimir sua crítica, são colocadas falas de Lula com críticas às elites, cenas do youtuber Mamãe Falei sendo expulso à chutes de uma manifestação e um vídeo de Mauro Iasis, dirigente do PCB, recitando “Perguntas a um homem bom”³⁷ de Brecht, para figurativizar a violência da esquerda. Na organização discursiva de Renan, os verdadeiros atores do fascismo são os adeptos da ideologia de esquerda. Mais cenas da aula de malhação são colocadas no *frame*, e o gancho desta vez é a professora

³⁷ No poema o eu lírico promete a “boa cova”, o “bom fuzil” e a “boa bala”, para quem fora um “bom homem” em vida, mas estava do outro lado da luta de classes.

dizer “mitos e crenças furados”, a câmera volta para Renan que agora organiza o discurso pela linha moral, organizando “ideologia de gênero” como mito e crença furada. “Quando inventaram essa história de ideologia de gênero, questionando a biologia básica e falando: agora eu sou homem, agora eu sou mulher, agora eu sou um cachorro. Não né, isso não é pseudociência? Isso não é ideologia travestida de ciência?”. O lugar dos indivíduos que não se adequam aos padrões gênero normativo é logo posto na bestialidade, a forma que Renan conceptualiza os corpos desviantes é reorganizá-los como não humanos, mas animais; além de organizar a sexualidade não heteronormativa como uma questão de indecisão, que a todo tempo deve ser mudada.

Renan diversas vezes chama a personagem, interpretada por Camila Morgado, de “professorinha” para rebaixar e diminuí-la. Dirigir o discurso à personagem como se esta fosse figura presente capaz de responder. Renan na verdade se dirige ao mesmo tempo a dois sujeitos rejeitados pelo discurso da direita brasileira, os professores e os artistas, por ocasião “a professorinha” encarna os dois. Camila Morgado é uma atriz interpretando uma professora, em um nível metalinguístico existem duas identidades diferentes. Para o enunciador o mesmo fazer doutrinador se repete na ficção e nas salas de aula por todo Brasil, professores doutrinam os jovens espalhando mentiras e distorcendo informações. Tanto as artes como a educação nas mãos da esquerda seriam instrumentos de perversão da sociedade, espalhando as mentiras que permitem chamar Bolsonaro de fascista e garantem à Lula o direito de não ser visto como um bandido por parte da sociedade. A resposta de Renan é o achincalhamento das posições de esquerda para diluir seu ódio.

Para justificar que a intolerância não é de direita, mas na verdade uma característica da esquerda, o enunciador cita frases racistas que atribui a pensadores de esquerda sem revelar sua identidade, mostrando apenas um *crop* de uma foto. As frases racistas são atribuídas a Che Guevara e Karl Marx. Para agravar sua denúncia, Renan aponta que Karl Marx é “a literatura básica de todos os professores brasileiro”. O pensador fundamental dos professores doutrinadores, segundo Renan, é, na verdade, um racista. Renan também traz suas leituras para suportar sua crítica aos malfeitos dos comunistas, “O fim do homem soviético”, “Arquipélago Gulag” são mostrados sem nenhuma citação específica, mas como contendo provas dos crimes cometidos pelos comunistas.

A conclusão final, do diálogo que Renan faz com o vídeo da novela *Malhação*, é que todas as características do Nazifascismo levantadas pela professora são as mesmas características dos regimes comunistas pela história. O discurso comunista é resumido como:

promoção da fome, pobreza, fim das liberdades individuais. Com a cena de Malhação a “Rede Globo estaria tentando esconder os crimes que os artistas dela defendem”. A acusação é direta: o movimento que lutou pelo fim da corrupção está sendo tachado pela mídia de fascista, enquanto os crimes da esquerda são ocultados.

O movimento do vídeo é de disputar os significados de “fascismo”, “democracia” e “ditadura”, na medida de reorganizar estes significantes como práticas do campo da esquerda e, ao mesmo tempo, organizar o Bolsonaro e o seu movimento como “democrático” e “pela liberdade”. Diferentemente de outros vídeos, nos quais a organização da cadeia de significantes partia de uma crítica ao petismo, neste caso o ataque é ao comunismo e ao socialismo. O comunismo está organizado como discurso velado dos sujeitos “imprensa” e “esquerda”, é velado pois na sua essência, autoritária e preconceituosa, é escondida. O ódio direcionado a personagem de Camila Morgado é duplo pois ela é ao mesmo tempo professora e atriz, ela representa o conluio entre esquerda e imprensa para denegrir a imagem de Bolsonaro, e criar uma falsa onda fascista. Por encarnar estas duas posições de sujeito responsáveis pela perversão do social, a atriz merece ser objeto do escárnio do MBL.

O discurso ressoa com as teorias conspiratórias da existência de um Estado profundo³⁸ comunista no Brasil, que começa pela doutrinação nas escolas, é reforçada pela mídia e acaba por eleger o Partido dos Trabalhadores. A noção de “falso” e “verdadeiro” também faz parte desse esquema, na medida que o comunismo é a verdade por trás do discurso da “imprensa” e “esquerda”, comunismo que é configurado como disfórico e totalitário. A resposta da pergunta levantada na *thumbnail* do vídeo é simples, fascismo na verdade é comunismo, a ideologia da “imprensa” e da “esquerda”.

³⁸ O termo originalmente vem do inglês: *deep state*. O termo serve para designar teorias da conspiração que acreditam em forças ocultas que administram um Estado paralelo que atua secretamente controlando a sociedade. Nos Estados Unidos o QAnon, grupo pró Trump, foi a principal voz dessas ideias.

Anexo 18 - O que está por trás da mudança de logo do Haddad? | por Renan Santos

(<https://youtu.be/-n7joFY62Lc>)

Duração: 08:17

Publicado: 12/10/18

Visualizações: 600691

Likes: 79 mil

Deslikes: 832

Grupo temático: Ataques às esquerdas

Renan sintetiza a proposta do vídeo com uma analogia simples: “como se a Coca-Cola deixasse de ser vermelha e passasse a ser verde-amarela”, sintetizando a mudança da identidade visual da campanha de Haddad para o segundo turno. Após o primeiro turno, a identidade visual do candidato petista foi modificada e passou a ter em suas cores motivos verde-amarelos. Tal mudança é definida por Renan como “semiótica da malandragem”. O motivo por trás dessa mudança, que também incluía a mudança do logo, tem o objetivo de dar maior participação da vice, Manuela D’ávila, nos materiais e menor participação de Lula; visando garantir a vitória eleitoral e, desta maneira, mudar completamente sua estratégia. Renan prossegue seu raciocínio, a campanha no primeiro turno serviu para cativar o eleitorado do Lula na região do Nordeste; este eleitor está articulado discursivamente pelo enunciador como “das regiões mais pobres”. Com a mudança o PT pretende cativar os eleitores das outras regiões do país, em especial os indecisos. Mais uma vez o MBL faz eco com o senso comum, que articula o eleitor nordestino como pobre, manipulado, votando por cabresto.

No segundo turno, o PT não poderia mais disputar votos com aqueles que são da sua base eleitoral, por outro lado, precisava angariar votos dentre aqueles que não haviam votado na chapa no primeiro turno: “Eles vão precisar convencer aqueles que lacraram 17 na urna... que mitaram 17 na urna, ou melhor, a não mitar 17 dessa vez. Eles vão lacrar 13 dessa vez.”. Porém, tal jogada do PT não vai ser tão fácil assim. Renan compreende que o eleitorado de Jair Bolsonaro é: “Ciente do que está fazendo. Ele sabe que está votando em Bolsonaro porque faz parte de uma onda verde e amarela e porque é afirmação de certos valores. É um voto contra corrupção, e acima de tudo, é um voto contra o PT”. A oposição semântica posta somente entre as cores, agora, passa a ser desenhada também por dois tipos de eleitorado: um fiel ao petismo, manipulável, “simples” e capturado; e o outro, ligado ao bolsonarismo “ciente” e “convencido” que quer derrotar o PT para acabar com a corrupção.

Renan caracteriza o momento do Brasil como “um momento de patriotismo exacerbado”. Definido da seguinte maneira: “Cada vez mais pautas como segurança pública, anticorrupção, armas passam a fazer parte dos anseios gerais do eleitorado, temas que a esquerda não dialoga. De fato, existe um eleitorado mais pobre que está se tornando conservador, que está procurando mudança e esse eleitor mais pobre está olhando e falando: gostei desse Bolsonaro, ele quer meter ferro em vagabundo”. O sujeito patriota está diretamente subordinado a determinadas pautas, ligadas à moral, em especial às soluções que prometem a eliminação do Outro.

As pautas da direita ganharam mais aderência entre o “eleitorado mais pobre”. Em contrapartida, o PT mudou sua aspectualização para tentar cativar este segmento do eleitorado. Para Renan, o PT busca o eleitorado indeciso porque estes não “compreendem as nuances ideológicas do processo”. Para Renan é justamente a “falta de compreensão” que leva os eleitores ao erro, acreditando que Haddad faz parte do movimento verde-amarelo. Junto disso, há no discurso proveniente da imprensa que ataca Bolsonaro desqualificando-o como “fascista, que não gosta de mulher, nazista”; este discurso favorece a campanha de Haddad e permite a “confusão” desejada pelo petista.

Para o enunciador, o PT estaria em um processo de disputa do campo da direita, na tentativa de confundir o eleitorado se apropriando da linguagem bolsonarista para construir sua própria imagem. Renan resgata a sua fala inicial no final do vídeo: “a Coca-Cola se mudasse sua cor de vermelha e branca para verde e amarela continuaria sendo Coca-Cola”. Traduzindo esta fala em termos formais semióticos, o conteúdo manifesto pelo PT (cores, logo, figurativização) não significa uma mudança em seu nível fundamental. A mudança, na verdade, faz parte da estratégia de manipulação do partido para confundir o eleitorado e tentar ganhar mais votos em cima da crescente onda patriótica que tomou o país. O PT é farsante, por isso a mudança causa revolta e indignação no enunciador, pois na articulação discursiva do MBL, o PT tenta enganar o eleitor desinformado se apropriando de signos dos patriotas, mas mantendo as pautas de esquerda.

Anexo 19 - Quão baixo o PT chegou? | por Renan Santos

(https://youtu.be/hnX7Hromt_E)

Duração: 06:29

Publicado: 14/10/18

Visualizações: 336.797

Likes: 62 mil

Deslikes: 330

Grupo temático: ataque às esquerdas

Em tom jocoso, Renan abre o vídeo comentando “a nova onda do PT: agora o PT é católico.”. O tom irônico se mistura com um denunciismo a respeito do comportamento farsesco dos petistas. Haddad e Manuela D’Ávila foram à missa. Segundo Renan, os dois “estão tentando passar uma nova imagem”. O vídeo do dia anterior é resgatado como exemplo da estratégia do PT. “Eles estão assumindo práticas conservadoras, como frequentar a missa, para dissimular suas verdadeiras intenções”.

Renan segue o relato da visita de Haddad à missa, qualificando como hipocrisia a reação do petista aos ataques feitos por uma pessoa durante esta visita. Hipocrisia, pois, ele “escreve livros sobre o império do ateísmo, que é a União Soviética, tentou passar um pano para União Soviética dizendo que aquilo não foi socialismo de verdade, mas Haddad ficou bravo e xingou a mulher de ateia. É como se eu aqui no MBL, xingasse os membros do MBL de liberais”. A crítica ao esquerdismo de Haddad passa a ser amarrada à uma crítica à Teologia da Libertação. Haddad é filho desse grupo que, nas palavras de Renan: “desvirtuou o cristianismo no Brasil”. Para o aprofundamento do espectador no assunto, Renan sugere um outro youtuber, Bernardo Kuster³⁹. Na articulação de Renan sobre o comunismo, este é capaz de se infiltrar em todos os lugares, inclusive na igreja católica.

Renan passa da crítica à estratégia de Haddad para uma análise de seus motivos. O objetivo por trás da ida a missa é uma manobra para atingir o eleitorado católico, o qual tradicionalmente tem frações e tendências mais ligadas à esquerda. Renan, então, articula seu discurso através da oposição entre duas posições de sujeito, “evangélico” e “católico”: “Dentro do universo você não tem a tal da Teologia da Libertação, você tem os pastores muito presentes politicamente, eles se posicionam. De certa maneira, as igrejas evangélicas tiveram uma postura muito coerente ao longo dos últimos anos e vem passando por uma transformação muito

³⁹ Bernardo é um youtuber e jornalista bolsonarista. Na época foi recomendado por Bolsonaro como uma das poucas fontes confiáveis de informação. Bernardo, em um dos seus vídeos, denuncia a “infiltração” esquerdista na CNBB.

grande”. A igreja evangélica está organizada discursivamente como “coerente”, com pastores ativos politicamente e não contaminada por “tendências esquerdistas”. Apesar de transformada, segue pura da “esquerda imunda, que faz muito mal à igreja católica.”. A estratégia do PT é nomeada como “estratégia da risca de giz”, a qual busca dividir os grupos sociais para poder criar um grupo que tenha controle sobre os outros grupos. O PT, aqui, é acusado de ser divisionista, criador de lógicas antagônicas para ganho de poder político e controle. Renan traz essas questões no vídeo e também discorre sobre o PT ter criado um “espantalho” da Igreja Universal, acusando os pastores de “mercenários” para criar uma hegemonia entre os católicos, contra os evangélicos. Para Renan, o plano do PT irá falhar, pois os católicos “não vão acreditar na conversinha mole do PT” e fazem parte do movimento verde-amarelo, anulando as diferenças que seu adversário político tentava estabelecer pela equivalência.

Na parte final do vídeo, os ataques passam a ser dirigidos a Manuela D'Ávila. Primeiro, organizando a juventude do PCdoB, a UJS, como profana; articulando que a UJS participa de “todas aquelas manifestações que profanam estátuas, que pega feminista e enfia uma Nossa Senhora no rabo. Vocês fazem coisas horrorosas, vocês são grotescos! Vocês são a base do que há de mais imundo e mais antirreligioso, também. Vocês vivem da profanação, vocês vivem dos instintos mais baixos”. A crítica sai do ataque ao esquerdismo e às posições políticas de esquerda.

Renan critica Manuela enquanto mulher. Segundo Renan, Manuela estava fazendo campanha para MC Carol. A cena corta para um trecho da música “Propaganda Enganosa” na qual a Mc canta: “A piroca não cantou / Muito menos era grossa”. A funkeira é conhecida por suas letras que defendem a liberdade sexual das mulheres, enfatizando uma corporeidade feminina atravessada pelo gozo e independente de figuras masculinas; o que é qualificado por Renan como “grotesco”: “a visão que você passa de uma mulher para outras mulheres é grotesca e você ainda fala que é feminista”. Renan chega ao clímax e xinga Manuela: “Vai tomar no cu”. O movimento do escárnio não é articulado pela via do humor ou da ironia, mas feito diretamente, pois as esquerdistas não respeitam os valores religiosos e os corrompem. A quebra dos padrões morais é motivo de revolta que provoca a descarga tensiva, que faz Renan xingar. O escárnio é compartilhado entre enunciador e público, expondo publicamente o caráter “impuro” e “profano” de Manuela.

Para Renan, acenos como esse, feito aos católicos, serão um “arsenal de armas” para escancarar as contradições petistas que em discurso prometem uma coisa, mas em ato fazem outra. Para derrotar o PT será preciso expor essa contradição entre discurso e prática, expor o

lado profano petista. O MBL faz exatamente isso durante o vídeo, começando de um PT que vai à missa, por isso falso, chegando até o comunismo promíscuo de Manuela, a verdade e a prática petista.

Anexo 20 - Boulos quer invadir casa de BOLSONARO?? | por Renan Santos

(https://youtu.be/K9ADLRmE_Dw)

Duração: 06:55

Publicado: 15/10/18

Visualizações: 336.797

Likes: 63 mil

Deslikes: 399

Grupo temático: ataques às esquerdas

Em ato na avenida Paulista, Guilherme Boulos, após ouvir a multidão cantar a palavra de ordem “Ô Bolsonaro, presta atenção! Sua casa vai virar ocupação”, repete no microfone: “O MTST ocupa terreno improdutivo, a casa do Bolsonaro me parece improdutivo”. A fala na manifestação é o gatilho da revolta de Renan Santos. O líder do MBL não concorda com quem acha a fala brincadeira; para Renan “invadir propriedade não é brincadeira”, rearticulando a prática do MTST como criminosa: “ter uma propriedade invadida pelo líder terrorista pelego que quer se eleger presidente, me desculpe, mas isso não é engraçado”. É preciso destacar que a propriedade privada é posta no lugar do sacro, que não pode ser objeto de brincadeiras. O MBL se caracteriza no seu discurso pelo “politicamente incorreto”, nesse trecho é possível observar o limite desse discurso, o que não pode ser dito.

Renan equivale o MTST ao MST, como um sendo a versão urbana do outro, contudo pontuando uma diferença sobre a moral dos dois grupos: José Rainha e João Pedro Stedile nunca tentaram ser candidatos a presidente. Boulos, então, seria um “pelego de luxo” por ter origem na classe média e anseios eleitorais.

O problema não se encontra apenas no ato, mas em um movimento maior de perversão de toda a esquerda que cria, o que Renan chama de o “mundo da bagunça”. Boulos estaria relativizando a ideia de propriedade privada, na visão de Renan: “igual ao sexo: uma criança não é nem menina nem menino. Pode ser um cachorro, pode ser uma cobra, pode ser o que quiser, assim como uma propriedade”. Nesse “mundo da bagunça” nada é certo, nele a esquerda pode impetrar suas inversões de valores. Contudo, esse “mundo da bagunça” está acabando, o “novo congresso”, eleito com muitos deputados de direita e a possível eleição de Bolsonaro, vai desmoralizar o “mundo da bagunça”. Os novos deputados “não vão relaxar para vagabundo invasor de propriedade”. Os deputados de direita vão colocar as coisas de volta no lugar e Boulos será tratado como o que ele é ‘cafetão de morador de rua que tem um grupo terrorista’”. Renan não organiza os assentados do MTST como militantes, por outro lado, estes são escravos do líder Boulos, pura “massa de manobra” sem um querer político. Para Renan, Boulos não é

um “líder terrorista”, é pior, é “um líder escravagista”, pois Boulos tem uma relação de poder e controle sobre seus militantes.

O “mundo da bagunça” é próprio da esquerda, pois é o mundo no qual a perversão moral acontece, é a verdadeira face da utopia de esquerda. A esquerda tem como objetivo corromper os valores morais, esse é o perigo significado pelo “mundo da bagunça”. Em oposição ao “mundo da bagunça”, obtém-se a “Nova Era”; momento em que a direita vencerá a esquerda e instaurará no Brasil os valores morais, botando fim as formas de perversão da esquerda, seja a moral como a fluidez dos gêneros, seja pelo discurso securitário de fim de corrupção ou pelo discurso de mercado garantidor da propriedade privada. Esta construção do “mundo da bagunça”, feita por Renan, aponta para uma ordenação do gozo; a esquerda goza de modo desordenado e este gozo deve ser ordenado pelo “novo congresso”. A crítica às sexualidades não-heteronormativas é articulada de maneira equivalente aos crimes de corrupção e invasão de propriedade, que derivam do mesmo “mundo da bagunça”.

Anexo 21 - O Lula tá preso, babaca! A farsa no chilique do Cid Gomes | por Pedro Deyrot

(https://youtu.be/K9ADLRmE_Dw)

Duração: 06:55

Publicado: 15/10/18

Visualizações: 336.797

Likes: 63 mil

Deslikes: 399

Grupo temático: cálculo eleitoral

Pedro promete analisar o “chilique” de Cid Gomes, irmão de Ciro Gomes, durante um evento de apoio à candidatura de Haddad, o evento ficou conhecido após as críticas feitas ao PT e a célebre frase: “O Lula tá preso, babaca” dirigida a um apoiador petista na plateia. O enunciador convida o enunciatário a assistir o vídeo e “dar umas risadas”, há um gozo compartilhado entre enunciador e público, ambos se divertem com o escárnio público da prisão de Lula, pois dessa vez foi dito por alguém do campo da esquerda, Cid Gomes.

Depois das risadas Pedro reflete sobre o fato de outra maneira, chamando atenção que na política “as coisas nunca são aquilo que aparentam ser”, por isso Pedro não lê o fato como uma explosão emotiva de Cid Gomes, uma perda de controle ocasionada pelo calor do momento. O “chilique”, para Pedro, “tem uma coisa muito mais profunda, muito mais sinistra por trás desse discurso do Cid Gomes”. Pedro promete revelar o sentido oculto por trás da fala de Cid, algo que só é possível com conhecimento dos meandros da política.

Para o enunciador, a fala na verdade faz parte de um plano para favorecer Ciro, irmão de Cid. A fala de Cid quebra a hegemonia na esquerda do PT. Segundo Pedro, com o discurso os irmãos do PDT estariam rachando a base do PT. Pedro critica a falta de alternativas ao campo do PT na esquerda: “não existe esquerda dissidente no Brasil séria. Séria no sentido de ser grande, tá. Porque falar que a esquerda é séria é uma outra discussão”; Ciro “sentiu o sabor do vento”, isto é um enfraquecimento do PT e viu uma oportunidade de tomar a hegemonia para si.

Para explicar melhor seu ponto, Pedro passa a comparar esquerda e direita. A direita é articulada como “séria”, “descentralizada”, enquanto a esquerda é “centralizada” com características de seita religiosa, na qual um candidato para ter legitimidade precisa ser “ungido pelo partido”. Ciro estaria em busca dessa legitimidade mística posta por Pedro. Ciro tem propostas esquerdistas, ataca Moro e critica o golpe para conseguir essa legitimidade. Organizando o discurso de Pedro em termos semióticos formais, as performances de Ciro

“criticar Moro” e “criticar o golpe” estariam sendo sancionadas pelo destinador “esquerda” garantindo a Ciro prestígio, que para Pedro é figuratizado pela “unção”. A “unção” que pode permitir a Ciro disputar a hegemonia da esquerda.

Pedro postula que Lula tentou desarticular a candidatura de Ciro. Mesmo assim, o importante já foi feito por Ciro, ele conseguiu a legitimidade desejada dentro da esquerda. Essa fração da esquerda, principalmente a parte “mais jovem e mais intelectual”, segundo Pedro, seria mais sensível aos escândalos morais petistas, mas por falta de alternativa aderiram ao petismo. Ciro, para o enunciador, se estabelece como essa alternativa ao petismo corrupto. Já nas eleições de 2018, com o desgaste do PT como alternativa política, Ciro faz um “apoio bem sem vergonha” à candidatura de Haddad e tenta se descolar do petismo, mas sem perder “os rincões da esquerda”. Ciro estaria com esse movimento pensando na “paixão dialética” desses “rincões de esquerda”: funcionalismo público, artista e intelectuais, que depois da eleição de Bolsonaro estariam em busca de uma liderança de esquerda.

Por esses motivos elencados, que o discurso de Cid Gomes tem outro sentido, para Pedro é claro, “O Rei está nu” e os recados de Cid no fundo dizem isso, apontando para o fim da hegemonia petista e “abrindo uma nova via de legitimidade que afasta o irmão dele do petismo, mas que ainda mantém o irmão dele legítimo”. Pedro diz que a fala de Cid deve ser encarada com “cinismo”, pois “em política tem sempre alguma coisa por trás”.

Mais uma vez a esquerda faz um teatro farsesco no seu jogo de poder, encena diante do público algo que parece ser um acesso de raiva, mas na verdade é uma disputa política racional. A esquerda falseia a realidade na medida em que parece uma coisa, mas é outra.” O escárnio ocorre na medida em que Pedro é capaz de desvelar essa farsa e expor a verdadeira face da esquerda e do PT. O jogo político é tratado como “cínico” pelo modo que Ciro disputa a hegemonia petista, ao mesmo tempo precisa ser “ungido” pelo esquerdismo e precisa se distanciar da corrupção para manter força com os “rincões da esquerda”. O PDT de Ciro e Cid é organizado como oportunista e hipócrita, já que ainda apoia, em certa medida, os crimes do PT. Já o PT é o partido enfraquecido, o qual até Cid Gomes já escarneceu e que o enunciador se delicia com a derrota. Ciro é o perigo futuro, não apresenta ainda uma ameaça, mas no futuro pode ser ele quem vá organizar os sujeitos descontentes com Bolsonaro. As posições esquerdistas: “artistas”, “funcionários públicos”, “jovens intelectuais”, por sua vez, podem ser hegemonizados pelo discurso de Ciro.

Anexo 22 - Fraude nas urnas! Bolsonaro ainda pode perder? | por Pedro Deyrot

(https://youtu.be/K9ADLRmE_Dw)

Duração: 10:22

Publicado: 15/10/18

Visualizações: 213.339

Likes: 38 mil

Deslikes: 234

Grupo temático: Cálculo eleitoral

Pedro questiona a segurança da urna eletrônica e promete contar por que elas estão “tirando o sono de muita gente”. Pedro traz um discurso técnico, aponta para três características que devem ser observadas em fraudes de sistema: capacidade, oportunidade e vontade. Pedro então passa analisar cada um desses pontos para avaliar o risco de fraude na urna eletrônica.

Para explicar a capacidade, o enunciador relaciona urna eletrônica com *blockchain*, estabelecendo uma diferença; configurando a urna como “insegura” e o *blockchain* como “seguro” e comprovadamente sem fraudes. O enunciador, então, parte para análise dos “precedentes” de fraude da urna, duas matérias são apresentadas, uma sobre testes realizados pelo TSE e a outra sobre denúncias do presidente das empresas de fraudes nas eleições Venezuela. As acusações vieram de um “CEO”, palavra dita com ênfase durante o vídeo, é o CEO que legitima a denúncia, pois ela foi feita por “alguém que manda”, sendo assim Pedro conclui que “há possibilidade de fraude em massa”.

O “fator humano” é colocado como central na questão da oportunidade, já que as urnas são administradas pelos mesários, nada impediria alguém “mal-intencionado” fraudar as urnas, em especial “nas regiões em que a fiscalização não é apropriada”. Pedro reconhece, todavia, que esse cenário não implicaria em um problema sistêmico, como no caso denunciado pelo CEO venezuelano. Então Pedro parte para isso, levantando o argumento de um pesquisador, Hugo Hoeschl. O enunciador postula que os votos da urna eletrônica não são auditáveis individualmente, apenas por modelo estático. A contagem final de votos da urna é qualificada como “não-transparente” e “não confiável”. Pedro levanta a hipótese que “alguém que centraliza o sistema” poderia fazer uma fraude. Segundo Pedro: quem “centraliza o poder” tem “a faca e queijo na mão”, insinuando que a fraude poderia ser feita pelo próprio sistema eleitoral.

O último critério, o da vontade, é apresentado como “o mais subjetivo” dos três fatores. Por esse motivo, Pedro entende que uma acusação taxativa não é possível, mas pôde-se perceber indícios. O primeiro deles é a falta de confiança na urna eletrônica, o enunciador usa uma

pesquisa⁴⁰ noticiada no TecMundo do para suportar sua argumentação – 92% da população brasileira não confia na urna eletrônica. Como resposta para a falta de confiança no sistema, Pedro cita o projeto de lei de Jair Bolsonaro, que pretendia criar o voto impresso, isso é um canhoto de papel depósito em uma “caixinha” (outra urna), neste método uma recontagem seria possível. Pedro reforça: “Ai você pode bater o resultado eleitoral com os votos impressos e você não precisa fazer mais a comparação estatística”. O projeto de Bolsonaro, segundo Pedro, em uma “manobra bizarra”, foi “atropelado” pelo STF. Pedro volta à pesquisa, publicada no TecMundo, para criticar a decisão do STF e questionar os ministros que votaram pelo “atropelo”.

Pedro traz novamente as 3 questões levantadas no começo do vídeo: oportunidade, capacidade e vontade. Na lógica discursiva, tecida pelo enunciador, existem os três fatores bem delineados e no campo do possível. Pedro finaliza dizendo que “a credibilidade no sistema eleitoral está abalada”; “A gente espera que nosso judiciário pare de concentrar poder (...) e realmente escute a população”, mais uma vez, colocando em oposição às decisões da corte contra vontade dos “92 % dos brasileiros” da pesquisa.

Apesar do questionamento das urnas eletrônicas não ser constante absoluta, em alguns vídeos essa possibilidade é colocada como conspiratória, ainda assim o MBL adere ao discurso bolsonarista de fraude eleitoral. Pedro, assim como o discurso bolsonarista, coloca o judiciário como inimigo do povo e aliado da fraude, que é claro, beneficiaria, sobretudo, o PT. No vídeo há adesão ao bolsonarismo em seu lado golpista, neste vídeo não há pauta econômica ou moral para produzir a equivalência entre as identidades de MBL e bolsonarismo, a equivalência é feita pelo questionamento do sistema eleitoral.

O vídeo apresenta mais um perigo, ou risco, que a campanha bolsonarista está sujeita, a possibilidade da fraude das eleições em um conluio envolvendo os anti-sujeitos do bolsonarismo que estão “minando a democracia”. Estes sujeitos estão articulados contra “a população” articulada a partir da pesquisa do TecMundo. O medo é instalado na possibilidade de ruptura e na “credibilidade do sistema eleitoral abalada” produzidos através dos saberes que o enunciador traz ao decorrer do vídeo: pesquisa e “atropelo do STF”. O enunciador indica a existência de uma possível conspiração para derrotar Bolsonaro, é o perigo “Bolsonaro ainda pode perder” alardeado no título do vídeo.

⁴⁰ A pesquisa é foi feita pela empresa de softwares de antivírus Avast, como formato de *press release*, ou seja, de cunho comercial destinada a veículos para gerar valor para marca Avast. A pesquisa tem metodologia que impossibilita a afirmação feita que “brasileiros” não confiam na urna eletrônica, o recorte demográfico exposto não corresponde ao país “O estudo da Avast foi realizado em julho de 2018 e contou com a participação de 1.595 brasileiros, sendo destes 84,39% homens e 15,61% mulheres”.

Anexo 23 - Haddad quer ser Bolsonaro? | por Rubinho Nunes

(<https://youtu.be/ja2FLhcCYUE>)

Duração: 08:13

Publicado: 16/10/18

Visualizações: 135395

Likes: 22 mil

Deslikes: 86

Grupo temático: ataque às esquerdas

A primeira coisa a ser destacada desse vídeo é a sua semelhança com o vídeo de quatro dias antes, “O que está por trás da mudança de logo do Haddad? | por Renan Santos”. Os vídeos apontam para o mesmo movimento de comunicação feito pela campanha de Haddad, a inclusão de motivos verde-amarelo na campanha de governo, os quais seriam a prova de falsidade do PT - parecer / não-ser. Para Rubinho isto seria fruto de uma manobra de “marqueteiros petistas” para dissuadir o eleitorado, em especial os eleitores indecisos.

O enunciador enumera quais foram as mudanças na estratégia petista. Primeiro, esconder o rosto de Lula, “o bandido que controla a campanha da cadeia”, pois haveria uma grande rejeição à figura do ex-presidente pelos indecisos. Lula foi escondido pela campanha, ao mesmo tempo que a campanha se aproximava das pautas bolsonaristas. Rubinho faz equivalências entre a corrupção e práticas criminosas com os símbolos e temas do PT: “A estrela manchada pela corrupção”, “o vermelho marcado para corrupção”. Em diversos momentos durante o vídeo Rubinho usa essa equivalência, entre simbologia petista e corrupção, para enfatizar a mudança de estética e como tal mudança serviria para enganar o eleitorado, já que como Rubinho coloca: “O petista debochava das manifestações verde-amarelas”

A mudança não foi apenas estética. Rubinho cita que Haddad começou a copiar os trejeitos de Bolsonaro, “a situação do PT é tão desesperada que o partido cogitou até defender o porte de armas”, fazendo referência a matéria do Estado de São Paulo. “Haddad está se vestindo de Bolsonaro”. Na perspectiva do enunciador, o voto da base petista já está consolidado, neste momento da corrida eleitoral, caberia à Haddad buscar um eleitorado que não é originalmente seu para conseguir vencer Bolsonaro. Para isso, é preciso que os marqueteiros façam uma “mágica” trocando os sinais do PT para chegar até sujeitos que rejeitam o PT, Pedro os enumera: “a dona de casa, Sr. de classe média que quer bandido na cadeia e aquela pessoa que é contra a corrupção”, para acessar essas pessoas seria preciso nas palavras de Rubinho: “descaracterizar o partido”.

Rubinho transpõe sua argumentação para o cenário eleitoral, enfatizando o bom resultado dos candidatos verde-amarelos e pró Bolsonaro no primeiro turno. Para o enunciador, o eleitor no primeiro turno sancionou os candidatos que aderiram ao discurso patriótico: “quem se vestiu de verde-amarelo, quem levantou as cores da bandeira, as cores da pátria, honrou o Brasil teve bons resultados nas urnas”.

O exemplo do segundo turno paulista é citado como contraponto e alerta. Rubinho cita como tanto João Dória, quanto Márcio França, tentaram aderir ao discurso bolsonarista. João Dória mais enfaticamente. Já Márcio França, para sinalizar positivamente ao bolsonarismo, não seguiu a orientação do seu partido, que defendia o apoio ao PT no segundo turno nacional. O governador de São Paulo, segundo Rubinho, “aderiu ao discurso de Bolsonaro, já disse que a polícia ia dar tiro para matar bandido. Um discurso muito correto de João Dória”. França, por outro lado, aderiu ao bolsonarismo de “forma ardilosa”, já que é um ex-petista e precisou contrariar seu partido, PSB, e permaneceu neutro. Por essas duas figuras se estabelece uma oposição entre um apoio bolsonarista autêntico e um apoio eleitoreiro. Dória compartilha ideias de Bolsonaro, é autêntico. Por outro lado, França quer a fatia do eleitorado bolsonarista, é eleitoreiro e falso. Durante a construção da oposição França e Dória, imagens dos dois candidatos são colocadas no quadro. Dória está sorridente olhando para frente, enquanto França parece estar assustado, sobrancelhas levantadas e lábios cerrados. Durante a argumentação Dória foi adjetivado como “franco favorito”, “correto”, já França é o “ex-petista”, “ardiloso” “esquerdista” que tenta esconder seu passado.

O enunciador reconhece a rejeição do partido dos trabalhadores como decisivo para o momento político brasileiro. Para vencer, Márcio França precisa trabalhar de alguma forma o antipetismo, assim como Haddad. Para Rubinho, França tem o caminho mais fácil que Haddad, já que é do PSB, não é o PT, tornando esse distanciamento mais fácil. O enunciador se volta novamente para o PT, denuncia e desqualifica a estratégia eleitoral petista: “Ele (Haddad) vai se vestir de verde-amarelo, se possível vai se pentear de Jair Bolsonaro. Daqui a pouco ele deveria ser esfaqueado igual Jair Bolsonaro foi. Tudo isso, para esconder o que ele é. Um petista, uma marmita de presidiário que é comandado de dentro da cadeia por um corrupto, um analfabeto.”. Rubinho, apesar de se indignar com o PT durante todo o vídeo, deixa a descarga máxima tensiva para o final do vídeo. Todo o vídeo é construído para justificar o escárnio destinado à esquerda. O caminho para o escárnio é justificar sua falsidade, expor e denunciar essa falsidade para assim desmontá-la.

Anexo 24 - Por que o PT odeia os EVANGÉLICOS? | por Renan Santos

(<https://youtu.be/ja2FLhcCYUE>)

Duração: 09:05

Publicado: 17/10/18

Visualizações: 274366

Likes: 37 mil

Deslikes: 348

Grupo temático: ataques à esquerda

Renan abre o vídeo com um questionamento: “O PT odeia os evangélicos?”, no vídeo, Renan promete explicar o motivo da “raiva” que o PT tem dos evangélicos, que, segundo ele próprio, é “muito maior que a questão eleitoral”.

Renan diz ter acabado de voltar de Brasília, onde conversou com diversos parlamentares, mas ainda quer esperar o final das eleições para emitir suas opiniões sobre o novo congresso. Dessas conversas com parlamentares, em especial os da bancada evangélica, que Renan atribui a origem do seu saber sobre o ódio petista contra os evangélicos – segundo esses parlamentares o PT intensificou os ataques aos evangélicos. Renan apresenta uma questão óbvia, para logo em seguida contradizê-la: Haddad ataca os evangélicos por ter mais apoio dos católicos, uma relação de antagonismo, contudo, para Renan o cenário é mais complexo.

Renan diz haver uma “rixa” entre evangélicos e católicos, que se deu principalmente nos anos 90 e agora está mais apaziguada. Para figurativizar o discurso, Renan dá o exemplo do seu avô, um evangélico conversador, que era crítico à família da mãe de Renan, católica. O enunciador se questiona: “o que isso tem a ver com PT?”, e ligar dois assuntos distantes, e passa a falar da construção do trabalho de base do partido ligado à igreja católica. Padres que seguiam a “Teologia da Libertação”, no encadeamento discursivo do enunciador, foram um dos responsáveis por espalhar o petismo pelo “Brasil profundo”. “A Igreja Católica foi aparelhada por eles (padres da teologia da libertação), e esse aparelhamento permitiu que o PT crescesse”. Renan diferencia o PT dos demais partidos: “ele criou uma força difusa espalhada por toda sociedade”. Esta força segundo Renan vem da ligação da esquerda com as comunidades eclesiais de base.

A hegemonia católica, porém, entra em crise, com o crescimento das denominações evangélicas no Brasil. Com elas, uma “visão de mundo” foi espalhada nas camadas mais pobres da sociedade, “levando para elas algo que a esquerda achava que ia levar sozinha”. O enunciador não estabelece muito bem o que quer dizer, trabalha com palavras vagas para explicar o que pretende. De um modo um pouco confuso, Renan estabelece oposições entre as

posições de sujeito católico petista e evangélico. O católico é “assistencialista”, “difuso” e “infiltrado”, enquanto o evangélico seria uma “força” nas “camadas populares”

Renan segue narrando como a esquerda se infiltra na religião e como os evangélicos agora combatem os inimigos esquerdistas: “A esquerda sempre trabalhou muito com dividir para governar e também com impor uma nova cultura”; para o enunciador, estas duas táticas funcionavam até o aparecimento dos sujeitos evangélicos. Renan, então, descreve as duas táticas da esquerda, a primeira que ele define como “marxista clássica” reivindicando o “operariado” e a “revolução”, implicando Lula e o PT como atuantes nesse projeto revolucionário. A outra vertente, seria a “cultural gramsciana”, trabalhando de forma “difusa com as massas”: “Uma hora era o rico contra pobre, ora com esse trabalho de desconstrução total, de desagregação”. Nesse contexto, segundo Renan, o PT poderia empurrar seus programas sociais para dominar a população com sua mentalidade assistencialista.

Mesmo reconhecendo os males-feitos, para Renan, as igrejas evangélicas cumpriram um importante papel, pois derrubaram a hegemonia petista ao criar as “comunidades de assistência”. Renan enquadra a igreja evangélica como o ente mais competente para ajudar os desamparados no Brasil, melhor que o “Estado”. A “ajuda” evangélica tem um papel “civilizacional”, enquanto o “assistencialismo” petista é uma forma de controle difuso do social. Na formulação de Renan, os evangélicos impediram a estratégia de dominação cultural petista acontecer ao levar para periferias suas “comunidades de assistência”, as quais não eram corrompidas como o “assistencialismo” petista.

Além da ajuda aos mais pobres, os evangélicos trouxeram para o Brasil o “conservadorismo moral”, o qual, segundo Renan, propaga a “lógica da prosperidade”, na qual seu trabalho vai te fazer ganhar dinheiro e crescer na vida. Renan organiza tanto ajuda, quanto a nova moral evangélica como: “emancipação” “do trabalho estatizante e sufocante que o petismo sempre quis fazer, e também do trabalho cultural, que o petismo faz essa destruição da família, da ideia que você possui um sexo(...)”. Moral e economia são organizados juntos, um interligado ao outro. É a moral do trabalho que liberta do petismo que apresenta uma moral perversa. Renan organiza a competição das pequenas igrejas por fiéis como “livre mercado” e expressão da “concorrência”, dois pontos chaves do discurso liberal do MBL. Para Renan, o ataque do PT aos evangélicos, portanto, é “maior que um ataque meramente conjuntural”, pois afeta seu projeto de poder revolucionário, já que sua base está “blindada” pelo conservadorismo moral e valores cristãos. Renan enumera os inimigos desse conservadorismo de maneira inflamada moral: “Essa putaria do politicamente correto, essa lógica da ideologia de gênero, a

dissolução de valores”, e a reação negativa a essas pautas “é o que está fazendo Bolsonaro ser eleito”.

Na concepção de Renan, a sociedade brasileira rejeitaria os valores petistas, em especial os valores morais. A “moral” é o que diferencia o assistencialismo petista do assistencialismo evangélico, mesmo ambos ajudando os mais pobres, os evangélicos faziam isso transmitindo uma moral que valorizava o “trabalho” e rejeitava o assistencialismo do Estado. O encadeamento de enunciados no vídeo contrapõe as identidades “evangélicos” e “católicos” sem cair no antagonismo absoluto, reconhecendo a validade da existência dos polos. Por outro lado, as doutrinas “Teologia da libertação” e “teologia da prosperidade” são articuladas de forma antagônicas, rejeitando a validade da teologia da libertação, enquadrando a mesma como plano de dominação petista.

Anexo 25 - Conspiração! Haddad desiste e Ciro assume no segundo turno? | por Pedro Deyrot

(<https://youtu.be/uqyNQWbNo2E>)

Duração: 05:21

Publicado: 05/10/18

Visualizações: 315579

Likes: 57 mil

Deslikes: 407

Grupo temático: Cálculo eleitoral

Pedro, abre o vídeo falando sobre uma “conspiração”, Haddad desiste e Ciro assume. O tema veio da caixa de comentários, na qual os fãs pediram para que este fosse o tema tratado no próximo vídeo. O enunciador se coloca no lugar de analista, não como mais um conspirador, Pedro diz que há muitos. Pedro postula que a análise será feita com o “olhar na letra da lei”.

Pedro lê a lei eleitoral, em uma voz em off, enquanto o texto da lei toma toda a tela. Pedro lê a lei eleitoral em um papel, a dinâmica da edição intercala leitura e texto da lei em cena. A primeira possibilidade aventada é a morte ou desistência do candidato, neste caso assumiria Manuela D’ávila. A segunda possibilidade “é a que realmente preocupa as pessoas”, isto é, casos que afetem a chapa Haddad e Manuela, abrindo brechas para Ciro disputar o segundo turno com Bolsonaro. Ciro nas simulações e pesquisas teria mais chances de vencer Bolsonaro, os bolsonaristas temem essa possibilidade.

O enunciador apresenta argumentos para mitigar o temor sobre essa possibilidade e desqualificar Ciro como alternativa. Segundo Pedro, Ciro não tem “voto de base, aquele voto de povo”, sua base é restrita a “intelectuais de classe média”. Pedro, também, não tem medo da chapa Ciro ir para o segundo turno por reviravoltas; o enunciador acredita que o PT já sabe da sua derrota na eleição. “Seus intelectuais” já sabem que não vai “dar para levar essa”, já pensam no longo prazo. O petismo, segundo a articulação de Pedro, já pensa no futuro. Essa oposição será feita pelo “blocão ideológico” de 140 deputados, movimentos sociais que vão promover os “bundaços” e “cirandas”, ironiza.

“Ciro está de férias na Europa”, Pedro destaca o movimento de distanciamento de Ciro do petismo, como sinal que as forças de esquerda estão jogando a longo prazo. “Ciro quer fazer a esquerda limpa, a esquerda legítima”, nessa organização discursiva a esquerda é legítima se rejeita Lula. Pedro segue reafirmando a impossibilidade de Ciro tomar lugar de Haddad no segundo turno: “[sic] Vamo falar bem sério aqui, para um cara que estaria preocupado em assumir já agora no segundo turno, esse cara não vai para Europa tirar férias.” Ciro, para tal

movimento político, deveria estar envolvido em negociações políticas, não se distanciando do jogo eleitoral.

O medo questionado no começo do vídeo, é no final reorganizado, após a exposição de Pedro, como “infundado”. A conclusão é que Ciro teria mais desgaste assumindo o cargo, do que deixando o Bolsonaro ser eleito. Ciro não é um perigo ou problema do hoje, mas só em uma futura oposição, na qual ele assume a hegemonia do campo no lugar do PT. Ciro é perigoso, pois pode vencer Bolsonaro em determinados cenários eleitorais, mas essa questão não preocupa. Ciro não está comprometido o suficiente para haver uma troca de candidatos no segundo turno, ou uma virada de mesa. Pedro trata essas possibilidades como conspiração, e organiza o perigo verdadeiro como a oposição do “bloco dos 140 deputados de esquerda”.

Anexo 26 - A próxima missão da direita: ELEGER O PRESIDENTE DA CÂMARA |
por Renan Santos

(<https://youtu.be/yZAwcPAjpog>)

Duração: 08:17

Publicado: 17/10/18

Visualizações: 137489

Likes: 20 mil

Deslikes: 132

Grupo temático: Campanha

“Missão” é um significante que entrou no vocabulário político bolsonarista, Bolsonaro não passava demandas aos seus aliados, mas dava missões, assim como soldados, replicando o jargão militar. A “missão” da direita seria tirar o legislativo da “cova moral”, já que a tarefa de vencer as eleições presidenciais já está encaminhada.

Renan entende que um dos motivos do Brasil não olhar para o legislativo é que o “brasileiro é um povo preguiçoso”, ele vota para o presidente e se esquece do legislativo. Daí advém o abandono do legislativo, segundo Renan: “o órgão mais nobre da república”. Renan faz uma defesa que destaca a nobreza e a pureza do congresso, opondo-a a sujeira que a política e o povo desatento fizeram do legislativo, fazendo-o sujo e criminoso. Renan defende que não pode haver uma generalização, e que graças à renovação política do primeiro turno há uma bancada liberal e conservadora capaz de resgatar a pureza e a limpeza do congresso: “Agora a Câmara dos Deputados tem direita, e isso é uma novidade”. Renan segue, o primeiro turno também serviu para punir aqueles que não combateram o PT como deveriam, PSDB e MDB, e estão “pagando o preço histórico por isso”, perdendo “deputados” e “acesso a fundo partidário”.

Após justificar a relevância da disputa e a importância dela, Renan explica por alto as atribuições do presidente da câmara, configurando o presidente como o grande responsável por pautar as leis, e consequentemente, a política nacional. O desafio é que a eleição para presidente da câmara é feita por “conchavos pouco republicanos” – exemplifica com o “apoio velado” que Rodrigo Maia recebeu do PCdoB para “barrar a CPI da UNE”. Em oposição aos conchavos, que desacreditam a casa legislativa, Renan comenta a candidatura de Kim: “foi nesse sentido e é muito importante frisar, que o Kim lançou a candidatura dele à presidência da câmara. Porque ele visou: sou novo, tenho moral, ele teve uma votação importante; e tenho disposição e técnica para confrontar os outros candidatos e discutir. Vamos tratar a presidência da câmara igual estão tratando da presidência da república”. Enquanto as candidaturas passadas são conchavos

eleitores, Kim tem qualidades técnicas, moral com os eleitores e qualidades que não envolvem um fazer político corrupto, mas de um gestor.

Renan chama atenção para a falta de debate público em volta do presidente da Câmara, tanto Cunha quanto Maia tinham pautas ocultas da maioria da população. Os liberais e os conservadores devem lutar para eleger pessoas que tenham as mesmas pautas que eles na câmara, pois mesmo com um presidente “mito” eleito, “ele não vai resolver tudo”.

Renan aponta para o risco de o centro político “colocar uma faca no pescoço” do futuro presidente Bolsonaro, pois o centro pode ser o “fiel da balança”, podendo apoiar tanto a direita quanto a esquerda. Renan critica as sinalizações do PSL. O partido de Bolsonaro fez sinalizações que governaria com o Centrão, colocando alguém deste bloco na presidência da casa para “mandar”; em oposição Renan sugere colocar alguém que seja “a cara do Brasil que está mudando”, e dá exemplos de parlamentares de direita eleitos: Kim, Marcell Van Hatten, Paulo Eduardo Martins. Os candidatos dessa nova direita seriam ideológicos em oposição à fisiologia da casa. Renan alerta em tom enfático: "Ou a gente muda tudo mesmo, ou a gente vai ficar só com discursinho mole!", a mudança tem que acontecer no legislativo também, a renovação não pode parar apenas em Bolsonaro, mas tem que atingir o legislativo para garantir a mudança concreta do Brasil. Dessa renovação, segundo Renan, nasce um “Brasil novo”.

Anexo 27 - O PT quer levar no tapetão! | por Renan Santos

(<https://youtu.be/GvX5esTKqU8>)

Duração: 08:37

Publicado: 18/10/18

Visualizações: 237510

Likes: 39 mil

Deslikes: 183

Grupo temático: ataques às esquerdas

Renan Santos inicia o vídeo destilando sua ironia: “aí PT, aí PT, como vocês são legais, como vocês são bacanas, tão fãs da democracia”, Renan, primeiro, promete no início do vídeo contar a história de “como o PT vai usar essa desculpa esfarrapada das *fake news* para tentar ganhar a eleição no tapetão”; então finaliza o esquema canônico de introdução pedindo *likes* e engajamento nas redes do MBL.

Para Renan, *fake news* são uma histeria criada pela imprensa. Elas foram criadas como forma de tentar manter a hegemonia da imprensa: “eles perderam a liderança, a preponderância sobre a narrativa principal da opinião pública, isso em diversos países, por conta da ascensão da direita em decorrência das redes sociais”. A direita, segundo Renan era rejeitada dos espaços sociais, Renan, enumera alguns grupos que rejeitavam a direita: “grupos de mídia, universidades e escolas”. Tal condição muda com as redes sociais, a direita quebra a hegemonia da imprensa e dos “professores doutrinadores”, agora consegue ganhar mais e mais adeptos. Nesta articulação discursiva a direita era o outsider da sociedade brasileira, era difamada e silenciada, em certa medida a direita, assim articulada, é antissistema e rebelde, pois pelas redes desafiou a esquerda hegemônica. Renan ressalta que se trata de uma batalha internacional, que está sendo vencida: “ela (direita) vem ganhando eleições no mundo inteiro: Hungria, Itália, Polônia, Estado Unidos da América, houve o Brexit no Reino Unido”. No Brasil o mesmo, Renan relata: “já teve sua primeira grande vitória no impeachment, e vem agora passando por grandes transformações, a gente viu isso no legislativo, e vamos ver no segundo turno”.

A esquerda é colocada como “dona dos veículos de comunicação”, assim estabelecendo uma equivalência entre esquerda e imprensa, sendo que o primeiro subdetermina o segundo, pois o controla. Desta aliança surge a nomenclatura *fake news*, qualificada por Renan como “histeria”, criada para desqualificar a direita. O outro eixo que articula e sustenta a histeria das *fake news* é o discurso dos “professores”. Renan ataca os professores que chancelam a existência de *fake news*, chama Prof. Pablo Ortellado de “madrinha da censura no Brasil, se finge de um cara técnico, sério e tal, mas no fundo o que ele quer te censurar”, diz Renan

enquanto o *frame* é dividido com uma foto do professor com semblante assustado. Renan dirige-se diretamente ao público para enfatizar, que para os intelectuais como Pablo, “sua opinião (do público) para ele é merda, sua opinião é notícia falsa, e se for notícia falsa deve ser criminalizado”. Renan organiza os sujeitos que suportam o discurso das *fake news*: os intelectuais junto da imprensa aparecem como os doutrinadores, os quais difundem na sociedade um saber distorcido que prejudica a direita e seus sujeitos, enquanto privilegia a esquerda.

O MBL reconfigurou o discurso das *fake news*, agora se colocando como principal vítima, censurados pelo Facebook e “atacados” pela “grande imprensa”. Enquanto os verdadeiros vilões, responsáveis por espalhar as notícias falsas, são os grupos tradicionais de imprensa. Renan rearticula as *fakes news* como “fofocas” que acontecem “nos grupos de tioção do WhatsApp” e encontros casuais, como algo pertencente ao cotidiano. Renan segue: por essa “fofoca acontecer nas redes isso choca a imprensa, pois eles perderam o monopólio da notícia falsa, houve uma democratização da notícia falsa”, o caminho utilizado no discurso é estabelecer equivalências entre *fake news* e práticas de sociais corriqueiras, feitas por pessoas comuns, portanto não podem ser crime.

Para o enunciador o problema reside em uma falta de isonomia. Enquanto as notícias falsas da direita estão sendo criminalizadas, as notícias falsas da esquerda não são tratadas pela mídia, Renan exemplifica com um vídeo de Lula que conta como inflava os números da desigualdade do Brasil para conquistar os estrangeiros, assim enfatizando o mau-caratismo da imprensa que protege e esconde os desvios da esquerda. A imprensa vai além, espalha “boatos” para causar pânico de ascensão nazista no Brasil para desestabilizar a campanha de Jair.

Na articulação do enunciador, “as pessoas” estão cansadas do discurso “hipócrita” sobre as *fake news*, pois ele ataca apenas o campo da direita. Renan não nega a existência das *fake news* nas eleições, reconhece como problema legítimo, mas que acontece nas duas campanhas. Renan, no final, conclui apresentando as *fake news* como tentativa de “criminalizar a opinião divergente”, pois a imprensa estaria enviesada. O PT está se aproveitando de toda essa situação para tentar “levar no tapetão”, tentando impugnar no TSE a chapa de Bolsonaro.

O vídeo se volta mais uma vez ao ataque a Pablo Ortellado, acusando-o novamente de censor. Renan critica seu artigo no New York Times, rotulando-o como tentativa desesperada de censura. Renan finaliza o vídeo afirmando: “essa gente não sabe conviver com democracia”. As *fakes news* são o instrumento criado pela imprensa, esquerda e intelectuais para desacreditar a direita.

Anexo 28 - Veja e Folha atacam novamente! | por Rubinho Nunes

(<https://youtu.be/GvX5esTKqU8>)

Duração: 08:37

Publicado: 18/10/18

Visualizações: 237510

Likes: 39 mil

Deslikes: 183

Grupo temático: ataques às esquerdas

Rubinho Neves começa o vídeo atacando a revista Veja: “A Veja ligou sua máquina de *fake news* e desinformação para atacar Jair Bolsonaro, ao mesmo tempo que beneficia Fernando Haddad, escondendo o passado sobre o Kit gay”. Rubinho no início do vídeo promete desmentir todas as matérias da mídia sobre o “Kit Gay”. Começando pela Folha, a qual teria “desvirtuado” uma declaração de um desembargador para prejudicar Bolsonaro. O jornal estaria fazendo uma “manipulação hermenêutica” para tentar esconder a verdade do Kit Gay. Rubinho, denuncia a distribuição de material educacional pervertido por meio de kit gay, associando-o aos planos da gestão Dilma e Haddad.

A denúncia de Rubinho volta novamente para Veja, a qual retirou o nome de Haddad, então ministro da educação, das matérias sobre o Kit Gay e manteve o nome apenas de Dilma. Rubinho afirma que a imprensa conspira em favor da campanha de Haddad para ocultar seu passado petista, transformando-o em patriota, e exalta Bolsonaro na luta contra a perversão das crianças “O kit gay só não foi aprovado, pois Bolsonaro conseguiu barrar o projeto, (...) justamente pela sua atuação acintosa e efetiva”.

O “PT e o Haddad” tentam apagar o passado, se fingido de patriotas, mas a denúncia de Rubinho vai além: “o PT e o Haddad tentaram atacar as crianças na escola, encurralar inocentes na sala de aula, levando conteúdo sexual, e atropelando a educação e a autoridade dos pais”, o PT “buscava roubar inocência das crianças na sala de aula”. Na articulação do MBL, o PT corrompe a moral para produzir um caos moral. Rubinho, se diz não homofóbico, e ressalta que o Kit gay não combate a homofobia, mas só perverte a sexualidade das crianças.

Rubinho segue criticando o jornalismo, que com suas *fake news*, faria parte dessa manipulação. A Folha muda “hermeneuticamente” a decisão de um juiz para favorecer a campanha de Haddad e oculta os malfeitos petistas para prejudicar Bolsonaro. Há uma aliança entre imprensa e PT para ocultar a tentativa de implantar o Kit Gay e transformá-lo em *fake news* bolsonarista. A *fake news* neste caso está do lado da imprensa tradicional, que mente sobre

o Kit Gay e oculta a participação de Haddad na sua elaboração. Apesar dessa tentativa de esconder a verdade, Rubinho entende que a marca de corrupto de Haddad não será apagada, mesmo tentando se “disfarçar de patriota”: As cores vermelhas que estão cravadas nas entranhas de Haddad”. Bolsonaro, por outro lado, seria autêntico, por fazer uma campanha “com base nos valores que sempre manteve”. Rubinho resgata a postura ativa de Bolsonaro contra o Kit Gay, durante o governo Dilma, como prova de coerência do candidato.

Anexo 29 - ATENÇÃO! Querem impugnar a chapa de Bolsonaro | por Pedro Deyrot

(https://youtu.be/U0c_-Z-gJdw)

Duração: 07:09

Publicado: 18/10/18

Visualizações: 348045

Likes: 66 mil

Deslikes: 329

Grupo temático: Defesa de Bolsonaro

Pedro Deyrot apresenta a articulação conjunta de três enunciadores contra Bolsonaro: PT, Folha de S. Paulo e PDT que pretendiam caçar a candidatura de Jair Bolsonaro. O vídeo apresenta a capa do jornal Folha de S. Paulo de 18 de outubro de 2018, que toma todo o *frame* do vídeo: “Empresas bancam disparo de mensagens anti-PT nas redes”. O jornal denunciou um esquema de Caixa Dois, envolvendo empresários e disparos em massa de mensagens pró-Bolsonaro. Pedro coloca que a reportagem “tenta criar uma narrativa que a culpa disso seria da campanha de Bolsonaro, (...) esse tipo de ação seria possível de cassação de chapa”. Pedro, então, propõe destrinchar a matéria e apresentar os problemas encontrados.

O primeiro problema seria a falta de uma evidência concreta; faltaria à reportagem materialidade: “não tem nenhuma ordem de serviço, nota fiscal, delação assinada com nome de alguém”, por isso a denúncia seria “meio mambembe”. Outra questão seria a fragilidade do teor da denúncia, pois a ação dos empresários seria espontânea, não podendo ser imputada como crime, o que a reportagem articulava como crime eleitoral, Pedro rearticula como virtude da campanha de Bolsonaro: “descentralizada, cheia de voluntarismo. De fato, a campanha de Bolsonaro sabe muito pouco, coordena muito pouco, por que as pessoas estão se engajando”. O disparo de mensagens em massa é colocado como sinal de popularidade e adesão à campanha presidencial. A “Folha em seu mau-caratismo está falando que essa comoção da sociedade, essa jornada espontânea que as pessoas estão fazendo, essa cruzada anti-PT seria crime eleitoral e seria de responsabilidade legal da chapa Bolsonaro”. A estratégia de desqualificação da denúncia gira em torno de dois eixos. Primeiro: busca aproximar a identidade dos empresários, por uma lógica de equivalência, com significantes amplos; o disparo de mensagens em massa seria um movimento das “pessoas”, do “povo”, não de um grupo de empresários. Segundo: o fenômeno de compartilhamento de mensagens políticas seria “espontâneo”, um ato de manifestação política, não podendo ser classificado como Caixa Dois. A denúncia também é qualificada como “fraca”: faltam provas que possam comprovar as acusações da reportagem.

Pedro traz argumentos jurídicos para reforçar sua defesa: uma pessoa não pode ser imputada por atitudes de terceiros, a quem ela não deu consentimento. Mesmo que fosse crime, o compartilhamento em massa não pode atingir Bolsonaro, pois este não tinha consentido com tal fato. Se um caso como este fosse considerado como crime eleitoral, para Pedro, colocaria em risco toda eleição, pois qualquer candidato poderia ser falsamente imputado por esta fraude. A fraude aqui é invertida: a fraude seria caçar o Bolsonaro, não o crime de Caixa Dois.

Trazendo os outros sujeitos apresentados no começo do vídeo, Pedro cita a revista Exame, que toma todo o *frame*. O trecho da citação de Haddad está grifado em amarelo: “(Bolsonaro) criou uma verdadeira organização criminosa com empresários que, mediante caixa 2, dinheiro sujo, estão patrocinando mensagens mentirosas no WhatsApp”; “Nós vamos pedir providências para a Justiça Eleitoral e para a Polícia Federal para que esses empresários corruptos sejam imediatamente presos para parar com essas mensagens de WhatsApp”. Pedro classifica a declaração como “falta de vergonha”, pois o PT usou Caixa Dois para eleger Dilma. Pedro contrapõe a denúncia de Bolsonaro com a denúncia do PT, revelada pela delação de Palocci. O valor de 1,4 bilhões de Caixa Dois petista é destacado, com outra matéria, do Metrôpoles, ganhando o *frame*: “Palocci: PT usou caixa 2 e gastou R\$ 1,4 bi nas eleições de Dilma”. Pedro diz o valor de maneira enfática para marcar cada sílaba e conta ao enunciário a origem da corrupção: “dinheiro do ditador Gaddafi”. Pedro coloca o sujeito PT como sem moral para denunciar corrupção, já que a corrupção praticada pelo partido seria muito maior. Enquanto o possível Caixa Dois de Bolsonaro está ligado a uma vontade espontânea do povo, o Caixa Dois petista é dinheiro de ditaduras, o suposto caixa 2 de Bolsonaro é expressão do “povo” que apoia o candidato.

Pedro, por último, coloca o PDT, adicionando ao *frame* outra reportagem da revista Exame: “PDT prepara ação para anular eleições após denúncia contra Bolsonaro”. O PDT “estaria vindo na rabeira do PT” para tentar derrubar a chapa de Bolsonaro. Pedro enfatiza uma última vez que estas acusações são infundadas, reforçando, mais uma vez, a argumentação do não conhecimento das mensagens pela chapa de Bolsonaro. Pedro coloca em questão a lei eleitoral, pois se ela for aplicada como aventada pela Folha, seria uma censura à liberdade de expressão política. Essa discussão não deve ser objeto dos tribunais, mas sim uma questão debatida nas reformas vindouras do governo Bolsonaro: “é completamente absurdo uma lei proibir as pessoas de se expressarem ideologicamente e é isso que essa lei faz”.

São 3 posições de sujeito que estão articuladas para derrotar Bolsonaro: PT, PDT e imprensa. Juntas sustentam uma tese jurídica de que Bolsonaro teria praticado Caixa Dois por

interesses próprios. Bolsonaro, por outro lado, estaria articulado com “o povo” e as mensagens não seriam uma ação corrupta, mas sim uma demonstração de organicidade da campanha, fruto do engajamento verdadeiro das “pessoas”. As 3 identidades articuladas ignorariam a corrupção petista enquanto atacariam atos espontâneos. Os enunciados de corrupção ordenam o texto, destacando, mais uma vez, uma hipocrisia que não é apenas do PT, mas é dividida entre as 3 identidades articuladas: o PDT que tenta ganhar proveito da situação; a imprensa que acusa Bolsonaro, mesmo o PT tendo acusações mais graves; e Haddad manifestando-se publicamente contra o Caixa Dois, mesmo o PT sendo um partido que se beneficiou da prática.

Pedro rearticula Bolsonaro como honesto e correto ao apresentar suas práticas como “anseio da população”, não como Caixa Dois. O Caixa Dois é uma prática exclusiva do outro, seus adversários políticos que não podem vencer a disputa, caso contrário, a guerra civil poderá acontecer.

Quem sanciona o performativo “disparo de mensagens em massa” é um outro sujeito, o STE. O papel de destinador fica a cargo do judiciário. A não-sanção, que acarretaria na cassação da chapa de Bolsonaro seria “uma loucura” de que o STE não pode fazer parte, com risco de “incendiar o país”, criar “um perigo imenso”. O medo colocado não é o da ditadura, mas o medo da guerra civil provocada pelo Supremo Tribunal. O medo é o que sensibiliza os corpos e abre caminho para o percurso passional da cólera; este medo tem uma origem diferente da dos vídeos anteriores: o tribunal. O medo está relacionado às consequências da não-sanção, a qual poderia iniciar uma guerra civil.

Anexo 30 - O PSOL VAI SUSPENDER O WHATSAPP? | por Kim Kataguirí

(<https://youtu.be/1cW4dUiZFII>)

Duração: 07:09

Publicado: 19/10/18

Visualizações: 267414

Likes: 48 mil

Deslikes: 126

Grupo temático: ataques às esquerdas

Kim começa o vídeo lendo uma notícia: “PSOL pede ao TSE que suspenda o WhatsApp até a eleição”, Kim lê mais uma vez para chamar mais atenção. Kim segue lendo um trecho da notícia que aprofunda um pouco mais o assunto, o objetivo do partido era impedir a disseminação de *Fake News*. Kim está escandalizado com a possibilidade de bloqueio do WhatsApp, “é rir para não chorar”. O enunciador então passa a achincalhar o PSOL, responsável pelo pedido ao TSE.

A primeira contradição apontada por Kim é o próprio nome do partido, já que os significantes “socialismo” e “liberdade são opostos, inconciliáveis e excludente: “ou se teve liberdade, ou se teve socialismo”, Kim organiza o socialismo como regime da “censura”, “perseguição política” e “das cartas marcadas, poder centralizado e a população que se lasque, os burocratas têm todas as vantagens”. Kim define a liberdade pelo seu contrário, articulado discursivamente, “liberdade” é o significante vazio que se define pelo não-socialismo, só há liberdade onde não há socialismo.

Kim confirma suas expectativas quando o PSOL pede o bloqueio do aplicativo de mensagens até as eleições, o que ele classifica como “censura”. Segundo Kim, o que o PSOL faz “é jogar a água suja junto com o bebê do banho”. O partido faz uma confusão entre o problema que precisa ser “atacado” e o problema que o partido ataca, o PSOL não estaria lutando contra a notícia em si, mas contra o meio que ela é veiculada. A crítica é organizada pela lógica do trabalho, o PSOL estaria atrapalhando o trabalho de “milhões de brasileiros que dependem do WhatsApp para trabalhar”, Kim se coloca como um desses milhões de brasileiros. O problema seria o “prejuízo” de informação produzido pelo bloqueio, para Kim, esse seria um modo de desinformar a população, pois para o enunciador a maioria das informações que chegam pelo aplicativo são verdadeiras – as falsas são “exceção”.

Kim apresenta uma série de analogias para criticar o movimento do PSOL, imaginando se o mesmo raciocínio fosse adotado para outras áreas: “Qual a solução do PSOL para o trânsito? Vamos proibir carro, todo mundo anda a pé e não tem mais trânsito. É a mesma coisa

que o WhatsApp”. Kim extrapola ao ridículo sua suposição para evidenciar o “autoritarismo” do partido: “Vamos proibir o eleitor de falar com qualquer eleitor até o fim das eleições, assim ninguém espalha notícia falsa nenhuma. Todo mundo é obrigado a ficar quieto até o final das eleições(...)”.

A atitude do PSOL é comparável com as outras ditaduras comunistas, Venezuela e Coréia do Norte. A atitude do partido é decorrência de ser um mau perdedor, que quando se vê derrotado prefere “espalhar o caos institucional”; encontrasse novamente o significante “bagunça”, o qual a esquerda é a principal promotora, ela “bagunça as instituições para que eles tomem o poder via divisão como ele sempre fizeram”. Para Kim, essa tentativa de bloqueio seria só mais uma tentativa de “bagunça” promovida pela esquerda para desestabilizar o processo eleitoral e a democracia.

Kim agora convoca o espectador para mandar este vídeo ao “amigo descolado que vota no PSOL, acha que um cara bonzinho porque não vota no PT” e desafie esse “amigo” a sair de todas as redes sociais como prova de dedicação ao partido. A ironia de Kim segue e o enunciador sugere que os eleitores do PSOL cortem a “língua e as cordas vocais, porque sua fala é potencial disseminadora de *fake news*”. Esse exagero ao ridículo feito por Kim é uma outra forma de organizar o escárnio, ao invés de diminuir o sujeito por uma injúria ou ofensa, o caminho é da ironia, as propostas psolistas são ridículas, extravagantes, não são políticas são um pastiche. Contudo, a ironia não atenua o ódio nutrido pelo Outro, já que a figuração proposta por último é automutilação do corpo, feita pela seguinte equivalência discursiva: “suspender o WhatsApp” é tão absurdo quanto sugerir ao eleitor “corte fora a própria língua”.

O PSOL como toda a esquerda é hipócrita pois se dizem contra a “ditadura”, “mas querem implantar a ditadura deles”. O eleitorado do PSOL é igualmente hipócrita, para o enunciador, “esse pessoal rico da bolha do Leblon” é outra prova disso. Kim conclui: “O PSOL mostrou sua verdadeira face, a face totalitária, a face comunista que quer controlar a sociedade em todas as suas esferas”. Os significantes que definem as ideologias de esquerda são encadeados como equivalentes ao “totalitarismo” e são usados durante todo o vídeo como ofensa. O estabelecimento de socialismo como algo disfórico já está no contrato de comunicação entre enunciador e enunciatário, só é repetido e reforçado ao longo do vídeo.

Anexo 31 - O FIM DO PSDB? | por Kim Kataguirí

(<https://youtu.be/1cW4dUiZFII>)

Duração: 07:09

Publicado: 19/10/18

Visualizações: 267414

Likes: 48 mil

Deslikes: 126

Grupo temático: Cálculo eleitoral

Neste vídeo Kim examinará o resultado eleitoral do PSDB. A introdução do vídeo, que é feita com uma pergunta “O PSDB acabou?” divide espaço com Kim anunciando que inaugura um novo canal de Youtube, agora só seu. No canal Kim promete contar os bastidores da Câmara dos deputados e mostrar o que realmente acontece lá. O assunto do vídeo só surge depois de Kim pedir *likes* e compartilhamentos.

Kim compara o tombo eleitoral do PSDB em 2018 com o tombo eleitoral vivido pelo PT em 2016, após as eleições municipais no qual o partido perdeu prefeituras importantes. Tal qual o PT, o PSDB “foi varrido do mapa”. O PSDB “tomou um cacete”, mas não foi só isso, o partido ainda corre o risco de perder deputados na janela de filiação partidária. Tudo está relacionado à candidatura “desastrosa” de Geraldo Alckmin, que é comparada, pelo enunciador, com a candidatura do Cabo Daciolo, candidato que é sempre usado como motivo de piada. Alckmin é motivo de chacota, por perder até para Dilma, “ter menos votos no primeiro do que no segundo turno” de uma eleição, Alckmin é pintado como o fracasso político dessas eleições.

O dinheiro e poder financeiro é reorganizado por Kim como piada na campanha de Alckmin. O ex-governador “investe em marketing negativo”, seus marketeiros na verdade usaram todo o dinheiro da campanha de Alckmin para “queimar o governador com a população”; para o enunciador é uma “façanha gastar dezenas de milhões de reais, gastar horas e horas de televisão e sair com uma imagem pior que a que ele entrou” conta Kim enquanto ri da desgraça de Alckmin. A má performance eleitoral de Alckmin “prejudicou” todo o PSDB, tendo como efeito uma diminuição significativa da bancada. Para Kim o PSDB foi incapaz de atrair o “voto de opinião”, por isso, não conseguiu atingir resultados legislativos expressivos.

A crise eleitoral do PSDB é organizada como o motivo do racha do partido. Na leitura política de Kim, expressa pelo jargão popular “cobertor curto”, a falta de poder estaria aprofundando as rixas internas do partido. A disputa seria uma ala esquerdista do partido, associada à Serra apoiadora da candidatura de Haddad; contra uma ala de direita, associada à Dória apoiadora da candidatura de Bolsonaro. O PSDB estaria em uma situação muito

“complicada”, ficando dependente dos governadores que poderiam se eleger no segundo turno, mesmo assim Dória e Eduardo Leite enfrentaram dificuldades. Dória precisaria vencer o “ex-petista” Márcio França em uma eleição que está acirrada, Leite quando eleito encontrará um Estado quebrado pelas gestões esquerdistas anteriores.

O PSDB, para o enunciador, estaria no “fim de um papel histórico”. O Partido não consegue mais ser o guarda-chuva para o eleitorado de direita, perdendo sua hegemonia que foi construída desde “o plano Real”. O eleitorado de direita só votou no PSDB durante este período por não haver uma verdadeiro opção de direita. O PSDB é organizado, por Kim, como um partido de esquerda, o PSDB “nunca foi direita”, mas o eleitorado de direita votava, segundo Kim, pois “era isso ou o PT”. Só nos tempos atuais há a “direita de verdade” o que faz com que o PSDB perca sentido, a direita de verdade, não dita, mas entende-se que é o movimento bolsonarista e a “nova política” que surgiu a partir de 2014. Existe uma questão de mistura envolvida no discurso de Kim, para o enunciador o PSDB não era direitista o suficiente, não era puro, com suas “alas esquerdistas”, políticos que se negam em se declarar de direita, como Aécio, além de “ter tratado mal o eleitorado de direita”. Uma característica que se pode apreender da direita bolsonarista da fala de Kim, é que a direita bolsonarista não tem medo de dizer seu nome, e colocar suas propostas mais radicais

Kim diferencia os “tombos” que PT e PSDB sofreram. O PT tem chance de se recuperar, justamente por ser um inimigo perigoso “que não pode ser subestimado”, Kim alerta que subestimar o inimigo é abrir espaço para ser derrotado. Para Kim é estratégico identificar os pontos positivos do PT, pois é com eles que o partido pretende implementar seu projeto totalitário, Kim não os nomeia. O destino do PSDB, para Kim, é a absorção por uma outra legenda, enquanto o PT sai de um cenário de “terra arrasada” em 2016 para a maior bancada da Câmara. A conclusão a que Kim chega é que não há mais espaço para centro esquerda no Brasil como, o PSDB, a polarização se dará entre esquerda e direita. A questão da mistura aparece de uma outra forma aqui, a indicação que não haverá espaço para posições centristas, que misturem aspectos entre direita e esquerda.

Anexo 32 - TSE E DESABAFO | por Renan Santos

(https://youtu.be/IECt-V3b4_k)

Duração: 08:00

Publicado: 20/10/18

Visualizações: 178215

Likes: 27 mil

Deslikes: 122

Grupo temático: Cálculo eleitoral

Logo no início do vídeo, Renan declara que não vai ter a mesma animação costumeira dos outros vídeos, como o título do vídeo indica, haverá outro tom, o vídeo será um desabafo. Renan se declara cansado, é esse cansaço que muda a dinâmica da introdução canônica, e rege a dinâmica do vídeo como um todo. O vídeo todo Renan se apoia em uma mesa, algo que não acontece em nenhum outro vídeo, fala bem mais devagar e tranquilamente, mesmo os cortes da edição não são tão frequentes, assim guardando o espaço da respiração e da hesitação da fala. Toda essa mudança também é verbalizada quando Renan diz que o vídeo “é uma troca de ideia” com o público, um ritmo diferente das denúncias que são feitas.

O assunto central do vídeo, a denúncia do TSE envolvendo o disparo de mensagens em massa, é protelado. Antes de partir para elas, Renan dirige-se diretamente ao público, usando o “você”, para contar as razões do seu cansaço. Renan estaria impactado pelo trabalho que é “fora do Youtube”, aquele que as câmeras não mostram, o enunciador relata que diferentemente do que o público costuma pensar o grupo não é de Youtubers, mas os membros do MBL utilizam o YouTube apenas como uma plataforma para divulgação de suas ideias. Renan não se considera youtuber, por não ter a mesma animação dos outros youtubers e não seguir o mesmo estilo de vídeo. O canal de YouTube é “um instrumento de comunicação com vocês”, Renan também destaca a importância do Youtube para dar direcionamento políticos a seus seguidores.

Renan se diferencia o MBL dos youtubers, ao destacar o “modo clássico” de fazer política do MBL, que envolve organização de grandes manifestações espalhadas pelo país. No vídeo inclusive convoca mais uma vez para as manifestações do dia 21, prometendo ser um espaço de encontro com os famosos do MBL, incluindo ele mesmo. Kim e Holiday, os dois mais famosos, não estarão, pois estariam na manifestação da Bahia, atuando pelo Nordeste. Com esses dois eventos Renan se articula como “militante”, e este ato militante é o que vem cansando Renan, junto do trabalho “por trás das câmeras”. O desabafo se mistura com uma convocatória para as manifestações contra o PT, prometendo que essas seriam a prova definitiva que Bolsonaro irá derrotá-los.

Renan então faz uma ligação entre o ocorrido no TSE e o trabalho militante do MBL. As manifestações do domingo, fruto do “trabalho militante” do MBL, vão impedir qualquer ação do TSE de “criar uma marmelada”. A “marmelada” é a possibilidade levantada se o TSE caçar a chapa de Bolsonaro por disparos em massa de mensagens. O enunciador, porém, não acredita na possibilidade de virada de mesa, pois o TSE sabe que está mexendo com “coisa séria, com democracia”, Renan acrescenta: “com momento histórico não se brinca”. Renan entende que esse momento histórico tem levado os sujeitos para “histeria” e diminuído a “razão”, mas entende esse movimento passional é justificado, pois senão o Outro, “os caras que são o inimigo: seja o PT, seja o Centrão” farão tudo para não sair do poder, inclusive dar o golpe. Renan justifica o alto nível de patemização da sociedade, pois o que está em risco é a ameaça totalitária, portanto é justificável agir com raiva e irracionalmente. Aqui um afeto está articulado com outro, a Raiva surge em decorrência da articulação de um medo que autoriza e sensibiliza o sujeito no caminho passional da cólera.

Renan entende que essa “histeria” pode atrapalhar o movimento de direita e fortalecer o movimento da esquerda, o exemplo dado é a crítica a urna eletrônica, Renan entende que este pode ser um argumento futuro do PT, então deveria ser evitado para não municiar o inimigo, além disso, Renan acredita em uma vitória acachapante de Bolsonaro na urna. A possibilidade de fraude para Renan parece infundada, pois para ele acarretaria “uma guerra civil”, a possibilidade de desagregação total é levantada caso as teorias de conspiração se confirmem.

Segundo Renan, o foco não deveria ser em polêmicas como a da urna, mas em conseguir mais votos para Bolsonaro. Renan se relata muito cansado, extenuado do “trabalho”, mas recompensando e esperançoso para colher os frutos do seu trabalho nas manifestações. A moral do trabalho é importante para o discurso econômico, e neste caso assume também traços que podem ser associados a uma religião. Renan destaca o trabalho extenuante, aquele que sacrifica e esgota o corpo, como um martírio, no qual o sofrimento é a fonte de iluminação. Renan relata seus sacrifícios: “marchar até Brasília”, “acampamos no congresso” e as dificuldades de trabalho fora das câmeras. Renan iguala todos os momentos como “capítulos de uma grande guerra”, a qual vale a pena, pois os “sacrifícios” de todos do MBL estão transformando o Brasil.

Anexo 33 - ANÁLISE: E agora Bolsonaro? | por Rubinho Nunes

Duração: 08:59

(<https://youtu.be/9iIYSGsm0A8>)

Publicado: 20/10/18

Visualizações: 537180

Likes: 81 mil

Deslikes: 636

Grupo temático: Defesa de Bolsonaro

Rubinho Neves pretende fazer uma “análise do cenário” eleitoral o qual é figurativizado como “um cenário de guerra”. Referindo-se primeiro à pesquisa do Datafolha, a qual dava conta de uma liderança com 59% das intenções de votos, essa diferença eleitoral causa desespero no “adversário petista”. Rubinho cita como exemplo para o desespero: a mudança da identidade visual da campanha de Haddad no segundo turno, a diminuição da presença de Lula nas imagens de divulgação da campanha, agendas públicas em igreja. Haddad estaria fazendo esse movimento para tentar esconder “a mácula da corrupção”.

Rubinho, narra um Haddad desesperado: “O Fernando Haddad se destemperou de forma totalmente aberrante, vocês devem ter visto em outros vídeos do nosso canal, agora ele quer escolher quem vai disputar com ele no segundo turno”, na tela surge uma cena de Haddad defendeu segundo turno entre ele e Ciro, pois o caso dos disparos em massa indicaria fraude eleitoral. Bolsonaro é diferenciado de Ciro Gomes: “Bolsonaro é a quebra do *establishment*. Bolsonaro rompe com todas as amarras, enquanto Ciro Gomes faz um jogo de compadre com Fernando Haddad, Bolsonaro não, ele representa, justamente, esse rompimento.” A “máquina petista” não consegue lidar com o “rompimento de Bolsonaro”, isto é, seu lado *anti-establishment* que nega a política tradicional.

Rubinho segue apresentando as estratégias da “máquina petista” para combater Bolsonaro, o enunciador critica o lado emotivo das campanhas do PT, apelando para “imagens absurdas de tortura no momento da propaganda eleitoral, na hora do almoço e durante o dia para tentar sensibilizar.” Rubinho usa uma argumentação direta para desqualificar as acusações: “Quem já viu Bolsonaro torturando alguém? Em momento algum, mas tentam imputar nele essa pecha”. Rubinho repete o argumento utilizado por Kim, esse tipo de campanha do PT não dialoga com o eleitor médio, a questão da tortura seria uma questão das elites intelectuais. Para o eleitor médio o mais importante é “que seja rompido o estigma de corrupção do Brasil”. A estratégia petista descrita pelo enunciador não funciona também por um outro fator, o programa eleitoral, feito no rádio e televisão, não teria o mesmo alcance de outras eleições, para Rubinho

as comunicações em rede e o WhatsApp permitem combater “as notícias falsas” do PT, em uma rede de “contrainformação”, as quais teriam uma velocidade muito maior que o programa eleitoral. “A rede de apoio espontâneo” de Bolsonaro é capaz de combater as notícias falsas divulgadas pelo PT.

A “máquina de *Fake News* do PT” seria apoiada pela “imprensa brasileira”. Rubinho descreve um apoio mútuo entre “imprensa esquerdista” e “políticos esquerdistas”. As denúncias de caixa 2 que circulavam sobre Bolsonaro são adjetivadas como “fantasiosas”, e apresenta uma contradição da “imprensa”, figurativizada pela Folha de São Paulo, ela denuncia o apoio “espontâneo” de empresário à Bolsonaro, enquanto “fecha os olhos para falar do caixa 2 de 2,6 milhão feito por Fernando Haddad, no qual ele figura como réu”. Rubinho abre um parêntese, e o vídeo fica em branco e preto e a trilha de fundo é interrompida, o enunciador explica que o apoio dos empresários apoiadores de Bolsonaro não é crime que possa ser responsabilidade do candidato. O vídeo volta a sua coloração original, e Rubinho segue sua argumentação, pontuando que a Folha não investigou a fundo o caso, “ela simplesmente soltou a notícia para assassinar a reputação de Bolsonaro”

O último recurso petista neste cenário no qual sua campanha de difamação não dá resultados é “o tapetão”, assim é caracterizado a ação no TSE contra Bolsonaro por Rubinho. O PT acusa a chapa de Bolsonaro de crime contra a democracia, o enunciador repete o mesmo movimento discursivo anterior, apontar a falta de legitimidade das acusações do PT, por este também cometer estes crimes. “Ver aí o PT falando de crime contra a democracia e de caixa 2 seria o mesmo que ver o Nardoni falando de defesa da criança”. Rubinho reitera que não há crime eleitoral cometido por Bolsonaro, cabendo apenas processo civil por injúria, mas não deve haver uma interferência do TSE. Rubinho apresenta uma oposição de duas figuras, enquanto Bolsonaro é homem simples, em sua casa, Rubinho usa a foto de Bolsonaro tomando café da manhã simples; Haddad viaja o país em uma campanha de difamação malsucedida. “Fato é: o Brasil e o brasileiro estão cansando dessa máquina de corrupção, a grande maioria dos brasileiros pode não concordar com Bolsonaro, mas sabe que ele representa justamente a ruptura ao modelo político implementado no país a mais de 20 anos e que levou o Brasil ao fracasso. Diante disso, a escolha parece um tanto quanto óbvia, e por mais que o partido dos trabalhadores tente mover essa máquina de *fake news* e assassinato de reputação, falha miseravelmente, assim como falharam na eleição presidencial que levou Donald Trump a presidência dos Estados Unidos”

Anexo 34 - A OPRESSÃO DO TIOZÃO DO ZAP ZAP | por Pedro Deyrot

(<https://youtu.be/1tEq0c9SWk>)

Duração: 11:10

Publicado: 21/10/18

Visualizações: 214100

Likes: 34 mil

Deslikes: 331

Grupo temático: Cálculo eleitoral

Pedro no início do vídeo promete analisar “o novo símbolo da extrema direita, o Tiozão do zap, zap”. Durante as eleições de 2018 uma das formas que os usuários da internet descreviam pejorativamente os eleitores bolsonaristas era pela figura do “Tiozão do WhatsApp”. Essa persona se caracterizaria por espalhar mentiras pelo aplicativo de mensagens, defender valores conservadores e fazer piadas inconvenientes. Além de conservador, o “Tiozão do zap” é também mais velho que os nativos digitais e não compartilha do mesmo contrato comunicacional que os jovens, por isso um “tiozão”.

Pedro começa apresentando uma esquerda que está desesperada e a todo custo tenta artimanhas para frear o avanço da campanha de Bolsonaro, o enunciador traz exemplos de intelectuais, partidos políticos e imprensa, que tentam coibir a campanha pelo WhatsApp como sinal desse desespero. Pedro vai explicar esse “fenômeno” para além do desespero da esquerda e para isso recorre ao filósofo Ortega y Gasset⁴¹. Pedro, partindo da sua leitura, diz que “o tempo histórico” pode ser dividido em quatro: “masculino, feminino, jovem e velho”. E nesse momento, é considerado o tempo dos homens velhos. Pedro lê uma citação direta de Ortega para explicar cada um dos tempos, para em seguida explicar com suas próprias palavras. Pedro começa pelo “tempo novo”, associando a “rebeldia”, “inovação”, “energia a flor da pele”, “pelo estético”. Em oposição o “tempo velho”, seria o tempo da sabedoria. Pedro intercala suas explicações com trechos de aforismos de Ortega.

Pedro então propõe transpor essas categorias: “tempo velho”, “tempo novo” para a dinâmica política contemporânea. Viveu-se por muito tempo em um “tempo histórico” “jovem” e “feminino”, Pedro dá como exemplo o Rock, “as manifestações feministas dos anos 60”, “as

⁴¹ É importante diferenciar a teoria intelectual em si de Ortega y Gasset do uso que Pedro faz dela. Para nossa pesquisa nos interessa como a leitura que Pedro faz de Ortega y Gasset se articula no discurso do nosso objeto. Não há interesse de realizar uma revisão da leitura de Pedro de Ortega y Gasset, nos mantendo apenas nos significantes trazidos por Pedro, não adentrando nas minúcias da teoria.

jornadas de 2013”, “primavera árabe”, porém tudo muda a partir de 2014 e os “tiozões” tomam conta da política.

Impeachment e Brexit teriam sido impulsionados por um outro tempo histórico, o tempo dos homens velhos. Os movimentos que aconteceram depois de 2014 deixaram de ser movidos pelo “jovem” e passaram a ser movidos pelo tempo dos “velhos”. Os paneleiros e os “blue color” são colocados como equivalentes e como pertencentes ao novo tempo histórico, o “tempo dos velhos”: “O tiozão munido do seu zap, zap e seu sofá está sendo responsável, no mundo ocidental inteiro, pelas grandes mudanças políticas que a gente está vendo, e a eleição do Bolsonaro, obviamente, está até o pescoço inserida nesse fenômeno”. Para Pedro, isso decorre de uma “volta aos valores tradicionais” que a sociedade brasileira está fazendo, estes valores são adjetivados como “seguros”, a segurança é expressa pelo seu oposto, a “insegurança” dos gêneros fluídos no qual “homem não é homem e mulher não é mulher” promovida pela “juventude. Os “tiozões” estão tomando espaço na política, pois a juventude “fez cagada” e agora voltam “para aquilo que já deu certo”.

O que o enunciador faz é articular duas posições essencialistas de sujeito, “o novo” e o “velho” como forças motrizes da história, também essencializada no discurso de Pedro. As duas posições servem para explicar as movimentações políticas dos últimos em duas categorias opostas. Esse caminho discursivo dá a uma figura, tratada antes como chacota, em especial nas redes, um embasamento filosófico. Durante o vídeo o “tiozão” é reconfigurado de figura caricata da política para “força motriz da história”. - Deixa de ser medíocre e passa a ser grandioso.

Pedro segue, a esquerda nesse momento de ascensão do velho está “desesperada”, pois a esquerda jovem, representada pela “*new left*”, articulada em oposição ao marxismo tradicional, para o enunciador a “*new left*” é uma esquerda que rompe com os valores tradicionais: “sindicalismo”, “materialismo marxista” e passa a ser uma “esquerda de costumes”, a qual se tornou “hegemônica no pensamento de esquerda”. Essa esquerda descrita por Pedro é associada ao “jovem” e perde sentido no momento que o “tempo histórico” passa a ser velho.

Pedro então parte para o escárnio da “*new left*”⁴²: “o que esse feminismo de sovaco peludo, orgulho de usar roupa curta tem a oferecer a uma senhora de meia idade, ou uma mãe

⁴² O termo “*New Left*”, tem um sentido consagrado dentro da literatura, refere-se a esquerda norte americana dos anos 60. O enunciador a define como menos marxista, o que não é verdade. Vale ressaltar que esse é um recorte feito pelo enunciador. Nos anos 60 nos Estados Unidos, o Partido dos Panteras Negras, por exemplo, era de orientação marxista e uma das principais forças da *new left*.

de família?”. A mesma pergunta é feita pensando no movimento LGBTQIA+: “o que o movimento LGBT tem a oferecer ao tiozão?”. Por outro lado, o “conservadorismo”, “Bolsonaro” e “Trump” podem oferecer o que a esquerda não é capaz. A esquerda estaria então “desesperada”, e por isso estaria tentando silenciar o movimento dos “tiozões”. O enunciador euforiza o “tradicional”, defende como uma demanda da população, por ele defender aquilo “que já deu certo”. O que é esperado, pois o conservadorismo trabalha no eixo de reivindicar um passado mítico. No conservadorismo há um passado heroico no qual “tudo era melhor”, no qual as coisas tinham ordem, e não eram pervertidas pela ideologia da “*new left*”. O interessante é que o enunciador equivale “o dar certo” do passado aos significantes morais e econômicos juntos: “o conceito de homem e mulher e a responsabilidade fiscal foram coisas que já deram certos”.

Há também na defesa do conservadorismo e do tradicionalismo de Pedro uma noção de normatização da sociedade. Pedro associa o desejo de eleger figuras como “Trump” ou “Bolsonaro” a vontade de uma “volta ao normal”, que deve se refletir na política, mas também nos espaços da mídia, como a novela, exemplo referido por Pedro. O mundo hoje estaria bagunçado pelo “experimentalismo” jovem e o papel desse movimento político dos “Tiozões” seria trazer o mundo de volta ao “normal” – sem identidade fluidas e “mulheres de sovaco peludo”.

Anexo 35 - 21 DE OUTUBRO: O PREGO NO CAIXÃO DO PT

(<https://youtu.be/1tEq0c9SWk>)

Duração: 11:10

Publicado: 21/10/18

Visualizações: 214100

Likes: 34 mil

Dislikes: 331

Grupo temático: Compilação

O primeiro destaque é que esse vídeo é o único que não obedece ao gênero vlog. O vídeo se trata de uma compilação das manifestações, uma espécie de resumo de tudo que aconteceu no dia 21 de outubro em apoio à candidatura de Bolsonaro. Após exibir um *lettering*: “A uma semana do segundo turno da eleição presidencial, o Brasil volta às ruas para acabar de vez com a quadrilha petista e todas as suas linhas auxiliares”, o vídeo passa a intercalar imagens de cada uma das manifestações pelo Brasil: São Paulo, Campinas, Porto Alegre, Salvador, Rio de Janeiro.

Os planos mostram sempre alguém discursando ou proferindo palavras de ordem, contra o PT e em apoio ao futuro presidente Bolsonaro. Nas manifestações a multidão está cantando o hino nacional ou marchando pelas avenidas da cidade. As imagens são acompanhadas por uma trilha sonora de Heavy Metal que começa calma, mas conforme o vídeo avança ela se torna agitada e virtuosa.

Após exibir manifestações em diversas cidades, há mais um *lettering*: “Mais de 200 cidades aderiram à manifestação de hoje. / Parabéns aos milhões de ‘robôs e perfis falsos’ que nunca desistiram do Brasil” A tela faz uma transição em fade para um carro de som com uma multidão acompanhando, do alto falante do carro canta-se palavras de apoio ao MBL. No último *lettering* surge a tela: “E parabéns a todos os coordenadores e voluntários do MBL pelo trabalho”.

Os “robôs e perfis falsos” são uma forma irônica de tratar as denúncias de disparo em massa e a rede de *fake news*. Ao assumir a identidade de “robô” os manifestantes legitimam os discursos das redes atribuídos às redes de *fake news*, reivindicam o discurso que antes só existia na rede para as manifestações de rua, por isso era suspeito. As manifestações lotadas e as pessoas na rua são na verdade a prova que aqueles não são robôs, mas pessoas de carne e osso adeptas ao discurso bolsonarista.

Anexo 36 - A manifestação sepultou o PT? | por Renan Santos

(<https://youtu.be/Wuq69SyWQwA>)

Duração: 4:51

Publicado: 21/10/18

Visualizações: 360333

Likes: 63 mil

Dislikes: informação indisponível

Grupo temático: Ataques às esquerdas

Renan abre o vídeo prometendo analisar as manifestações do dia 21: “qual recado elas deram, como a imprensa vai lidar com isso e como isso vai impactar agora na reta final das eleições?”. Renan então completa a introdução canônica pedindo para o usuário seguir as redes sociais do MBL e contribuir com o programa de financiamento do grupo. Renan agradece aos fãs políticos que estiveram na manifestação, encontraram com ele e tiraram fotos.

Para o enunciador o resultado político dessa manifestação, Renan dá um soco contra sua mão aberta simbolizando com seu corpo sua assertividade, é que “essa manifestação sepultou de vez o argumento que havia um grande caixa 2 e que isso poderia constranger os eleitores a não votar no candidato do PSL Jair Bolsonaro.” – as pessoas na rua serviram para provar que aquele discurso não era apenas um simulacro criado pelas redes, mas encontrava apoio nas ruas – e mais importante: votos. Os manifestantes ressignificaram as críticas vindas de “imprensa” e “esquerda” de corrupção, ao acolher a identidade não negá-la. “Eu sou Caixa 2 do Bolsonaro” é uma articulação emblemática, pois ressignifica a prática não mais como corrupta, mas algo que advém do apoio popular que o sujeito “Bolsonaro” tem.

Renan segue falando sobre o “poder das redes sociais”, para o enunciador elas proporcionaram uma “libertação”, mas essa libertação desagradou “os pretéritos e atuais donos do poder e isso incluía a própria imprensa.”. O enunciador então passa a narrar como surge esse desagrado, primeiro as manifestações da Occupy Wall ST, “manifestações de esquerda”, depois a “Primavera árabe”, ambas foram celebradas pela imprensa e pelos intelectuais, cita nominalmente Manuel Castells e faz uma síntese com desdém, pois os “intelectuais”, a “imprensa” e “esquerda” só veem com bons olhos o uso da rede sociais por eles. Renan diz que o ponto de virada foi no Brasil em 2014, quando as redes sociais foram utilizadas para convocar as manifestações que derrubaram Dilma Rousseff. Renan organiza as “redes sociais brasileiras” por seu uso peculiar, particularizando nas imagens compartilhadas pelos grupos familiares, que são “toscas”.

As *Fake News* seriam uma “narrativa” da “imprensa” para desacreditar o discurso de direita nas redes, no Brasil “essa narrativa” culminou na denúncia de disparos em massa do WhatsApp, logo as *Fake News* seriam uma mentira contada pela imprensa, pois a direita estaria minando seu poder. As manifestações do dia 21 serviram para contradizer a imprensa e mostrar o apoio e respaldo do uso das direitas do WhatsApp: “As pessoas na manifestação falavam: se isso é o caixa 2 do Bolsonaro eu sou o caixa 2 do Bolsonaro”.

Discurso bolsonarista que encontra várias diferentes figurativizações: “Eu sou caixa 2 do Bolsonaro”, “Eu sou robô do Bolsonaro” etc., rearticula um escândalo de corrupção de um modo que ele não seja mais como tal, um escândalo, mas na medida que incentiva os antagonismos com a “imprensa” e configura a dinâmica política regulado pela raiva desse Outro, é possível reconfigurar até o ponto de se ter orgulho de ser algo que equivalente à sua identidade, “eu sou robô do Bolsonaro”. E, por outro lado, ao colocar a imprensa no lugar do anti-sujeito, do Outro, o papel temático dela é torcido, não mais sendo “noticiar”, “informar”, mas “mentir” “enganar”. Logo, nenhuma notícia contra o Bolsonaro dita pela “grande imprensa” pode ser verdade, pois ela é antes de tudo inimiga.

Renan segue e faz uma analogia emblemática. Renan faz uma equivalência entre “celular” e “arma”, primeiro igualando o celular as armas, os celulares são as armas, são eles que vão “libertar das amarras da velha imprensa”. Renan então passa a articular “arma” e “celular” como mais que instrumentos: “(as armas) representam mais que o ato físico de poder atirar, aquilo representa empoderamento do indivíduo”, enquanto diz isso bate no peito e faz um revólver com os dedos: “E libertação das amarras do poder estatal, se não estatal libertação de pessoas que querem te dominar e enganar”. Tanto celular quanto o revólver são, para Renan, instrumentos de “libertação”, são mais que suas capacidades instrumentais, mas um resguardo simbólico contra quem quer ameaçar a liberdade. As armas e os celulares também são igualados por quem são seus antagonistas, a mesma esquerda que quer censurar o WhatsApp é à esquerda que quer proibir as armas, a esquerda aqui é articulada como antítese da liberdade. Tanto celular quanto arma, para Renan, são instrumentos de “defesa dos projetos centralizadores” da esquerda.

Renan segue: “As pessoas à época (durante o impeachment) estavam com medo e raiva e que precisavam se libertar do jugo de um grupo político que pretendia escravizá-los, torná-los vítimas como aconteceu na Venezuela. Aqui não (2018), foi a celebração e a afirmação de pessoas que sabem o que estão fazendo e que se tornaram agora donas do próprio destino”. O enunciador cita nominalmente afetos e reconhece que eles circulavam e estavam presentes, mas

coloca justamente no medo de uma “venezuelização” a justificativa desses afetos tristes. No momento atual, que Renan já vê a vitória de Bolsonaro como certa, o movimento não é mais movido pela raiva, mas pelo dever de cobrar as “reformas” do vindouro governo.

Renan, por fim, passa a defender a “ala liberal do governo”, exalta o nome do possível ministro Paulo Guedes como relevante, pois as reformas e privatizações precisam ser feitas para “o povo conduzir as mudanças que o Brasil precisa passar nos próximos anos”. Todo o discurso de Renan de libertação pela tecnologia do celular e análise dos movimentos do dia 21 termina na importância das reformas, e como elas devem ser realizadas para o Brasil crescer e melhorar e para derrotar a esquerda. O significante econômico é o que no final fecha a cadeia discursiva.

Anexo 37 - Rosa Weber mandou o papo: o jogo continua! | por Renan Santos

(<https://youtu.be/tRS-7hxPUsQ>)

Duração: 08:32

Publicado: 22/10/18

Visualizações: 198.753

Likes: 34 mil

Deslikes: informação não disponível

Grupo temático: Cálculo eleitoral

“Rosa Weber mandou seguir o jogo”, é assim que Renan abre o vídeo comentando a decisão da ministra de não interferir no processo eleitoral, mesmo após as denúncias envolvendo a chapa de Bolsonaro e os disparos em massas de mensagens. A analogia que Renan faz com a expressão vem do futebol, assim como em uma partida quando um jogador pede uma falta que não existiu e o juiz manda a partida e seguir. Para Renan este foi o comportamento de Rosa, em resposta a “pressão” que “diversos atores” tinham sobre a lisura do pleito eleitoral.

Renan passa então a articular a possibilidade de fraude das urnas dentro do seu discurso, aderindo à discursos já vistos em outros vídeos, os quais colocam que os brasileiros não confiariam na urna eletrônica, que certos atores políticos como TSE e ministério público, barraram a tentativa de voto imprenso. Renan defende o voto imprenso, de um modo simples e direto: “é a porra de um papelzinho, por que não vai guardar lá? E depois poder ter uma *accountability* e poderem fazer uma recontagem caso o resultado soe como inconclusivo”. Em oposição da narrativa da esquerda, a qual era “baseada na tese das notícias falsas”.

Segundo a articulação discursiva do enunciador a esquerda acusava todos os apoiadores de Bolsonaro de propagarem *Fake News*, “tudo que não vinha da imprensa oficial era *Fake News*”. Para Renan entende que este discurso fazia parte de um complô para anular as eleições, já que imprensa tradicional e esquerda tem os seus posicionamentos. O exemplo que Renan dá é da reportagem da Folha que jogou luz ao escândalo, Renan chama atenção como o PT se aproveitou dessa reportagem para fazer campanha. Renan também escarnece o PT, julgando a moral do PT, e mais uma vez apontado para uma hipocrisia do partido: o PT que tantas vezes esteve envolvido em esquema de caixa 2, está acusando Bolsonaro de caixa 2.

Esse cenário é o que Renan organiza como “pressão” de todos os lados que sofreu Rosa Weber. Para o enunciador as respostas de Rosa Weber sobre as denúncias de caixa 2, incluem também os “boatos” criados pela Folha de São Paulo e a imprensa esquerdista para desestabilizar a campanha de Jair. A ideia de esquerda e imprensa é “manchar a faixa presidencial” e, assim, desestabilizando, também, um futuro governo. Na primeira metade do

vídeo o enunciador para narrar os fatos envolvendo a ministra Rosa Weber recorre a jargões do futebol. “Seguir o jogo”, a “pressão” que o juiz de futebol sofre enquanto apita, “carimbar a faixa” conseguindo alguma vitória política mesmo depois de Bolsonaro eleito.

Renan defende a investigação de ambas as campanhas, outra medida tomada pela ministra Rosa Weber sobre as denúncias de disparos em massa. O segredo de justiça, levantado pela ministra no caso, para Renan, evita a “espetacularização” do caso. O enunciador acredita que redes de notícias falsas serão encontradas na esquerda, Renan reforça seu argumento denunciando “os blogs picaretas” que defendiam o PT financiados com dinheiro público, assim organizando a disseminação em massa de notícias falsas como prática do Outro. Renan denuncia esses blogueiros e escarnece o PT como “especialistas de disseminar notícias falsas”, que “gosta de financiar ditaduras” e que tem “uma régua moral diferente”.

Renan por fim “deixa o seu recado” se dirigindo aos apoiadores de Bolsonaro. A câmera dá um zoom enquadrando apenas a face de Renan enquanto ele diz: “agora não é hora de ficar falando de urna eletrônica, Bolsonaro irá ganhar as eleições, ele irá!”. Renan articula essa vitória ao esforço do MBL de virar votos no nordeste feito na Jornada Patriótica. Há uma “onda” e o Nordeste está aderindo a este movimento e não quer “ficar para trás” do resto do país. Renan então articula os nordestinos como brasileiros: “eles são brasileiros como a gente, eles amam nosso país como a gente. Eu não gosto de falar eles, somos nós todos!”.

Renan entende que não há risco de golpe no Brasil, como uma fraude nas urnas, pois se isso acontecer “vai dar Guerra Civil”, uma foto do pôster do filme Capitão América Guerra Civil aparece na tela, dialogando com a cultura pop, para logo o discurso continuar em sua escalada tensiva: “se tiver uma virada de mesa, vai ter morte, vai ter sangue. Essa manifestação pacífica na paulista, esses 700 mil brasileiros vão virar o capeta.”. Ao mesmo tempo que Renan inflama o discurso ele também o atenua em seguida, dizendo que agora é o momento de “ganhar o jogo”, as urnas eletrônicas podem ser revistas depois.

Anexo 38 - Artimanhas de FHC contra a direita | por Renan Santos⁴³

Duração: 8:48

Publicado: 23/10/18

Visualizações: informação indisponível

Likes: informação indisponível

Dislikes: informação indisponível

Grupo temático: Ataques às esquerdas

Renan abre o vídeo e apresenta que no Brasil “está se desenhando um novo debate político” que pode organizar as forças políticas após a eleição de Bolsonaro. Renan faz os procedimentos canônicos de introdução, dando ênfase especial para o congresso do MBL. Neste vídeo Renan está com a camisa em referência ao golpe de 9 de julho. Em São Paulo 9 de julho é celebrada como revolução paulista, está diretamente relacionado ao ufanismo paulista, que exalta São Paulo como Estado mais importante do Brasil. A camisa de Renan tem a estampa de um cartaz de um soldado apontado para a frente com os seguintes dizeres: “Você tem um dever a cumprir/ Consulte sua consciência!”. Os signos relativos à guerra entre São Paulo e o governo brasileiro, são símbolos da extrema direita paulista que foram resgatados desde as manifestações de 2014.

Outro fator peculiar sobre esse vídeo é que ele se encontra privado no Youtube, isto é, o vídeo fora removido e não está mais disponível para público, a emissão foi retirada do canal oficial do grupo e não pode ser mais visto. A pesquisa teve acesso ao vídeo através de backups.

Renan começa articulando uma crítica à Fernando Henrique Cardoso, o qual seria o expoente desse novo discurso, que tenta articular Jair Bolsonaro como “antidemocrático”. Ao mesmo tempo, esse discurso, articula um bloco opositor, como “democrático”, no qual se aglutinaram todas as forças anti-bolsonaro. Para Renan esta é uma estratégia de toda a esquerda, Marina Silva, Haddad, Serra são colocados como equivalentes dentro da articulação discursiva tecida por Renan. Todos eles articulam Bolsonaro como antidemocrático e se postulam como democráticos. O enunciador articula que estas posições de sujeito querem replicar a mentalidade dos anos 60 e 70 e 80 de enfrentamento à ditadura.

Renan, então, passa a articular a ditadura civil militar brasileira, primeiro de uma forma crítica as falas do presidente sobre a ditadura. Renan entende que o regime militar tomou

⁴³ O vídeo se tornou privado após o dia 10 de abril de 2020, não há como precisar a data exata que o vídeo foi tirado do ar. O vídeo pode ser analisado, pois foi acessado por meio de *backup*, feito antes da remoção do vídeo do ar. Uma explicação possível para remoção do discurso é uma mudança de posicionamento do grupo quanto o assunto, já que atualmente o grupo é oposição à Jair Bolsonaro.

“atitudes exacerbadas” para evitar que a “república socialista” fosse instaurada no Brasil. No discurso de Renan, as ações da ditadura se justificam, pois, ela combateu um inimigo que também cometia “excessos”. Renan não condena as ações da ditadura para reprimir as guerrilhas de esquerda, as quais “em campo de batalha devem ser mortos”. O erro bolsonarista, na visão de Renan, é celebrar estes momentos. Renan, entende que isso é um problema, pois é o mesmo que a esquerda faz com seus mártires e guerrilheiros. Há um movimento discursivo de apontar falhas e erros nos dois lados do conflito, tanto “ditadura”, quanto “guerrilha”, ambas cometeram excessos que na “democracia” não podem ser tolerados, e, por isso, não devem ser exaltados.

Renan reforça que “não está passando pano para esquerdista algum”, mas postula que o cargo de presidente “exige uma posição de grandeza”, a qual não é permitida fazer uma exaltação direta da ditadura. A falta da grandeza de Bolsonaro em seguir a liturgia do cargo favorece a esquerda, pois, segundo Renan, Bolsonaro se colocar perto da ditadura civil militar brasileira facilita a reorganização das forças políticas no Brasil. Renan teme que se crie um cenário de unidade das forças de esquerda como houve no processo de resistência à ditadura civil militar brasileira.

Renan, coloca que essa dimensão de resistência à ditadura civil militar brasileira se apoderou da cultura popular brasileira. Renan se mostra irritado com essa dominação da cultura pela esquerda, enquanto o enunciador fala pôsteres de filmes surgem na tela: “O ano que meus pais saíram de férias”, “O que é isso companheiro”, “Zuzu Angel”, são usados como ilustrações no *frame* e reforçam o sentido do discurso de Renan. A crítica também se estende aos músicos: “estamos eternamente presos nos anos 60 e 70, é musiquinha do Chico Buarque, é musiquinha do Caetano Veloso”.

Renan, então, passa a criticar os políticos de “centro e esquerda” que tem um passado na esquerda guerrilheira: “essa geração do Lula, do José Dirceu, Fernando Henrique”, enquanto nomes são ditos imagens tomam a tela: a foto dos prisioneiros trocados pelo embaixador americano, uma foto dos primeiros anos de redemocratização de Lula e FHC juntos. Renan segue: “então, ao utilizarem essa estética, essa linguagem e esse elemento de unificação desses grupos políticos velhos, eles tentam recriar a aura dos anos 60 e 70 e 80”. Renan teme que esses enunciadores políticos possam usar o significante da “democracia” para criar uma oposição a Bolsonaro. A possível oposição seria capaz de recriar condições muito parecidas com as quais perpetuaram a esquerda no poder durante a redemocratização. Renan coloca que essa

movimentação é “sútil”, dá exemplo de FHC que não declarou apoio direto a Haddad, mas, mesmo assim, manteve-se articulando as forças contra Bolsonaro à distância.

O ponto central no discurso de Renan é que as falas de Bolsonaro, nesse momento de “guerra” para vencer a eleição, não contribuem para a vitória, e dão mais força para as posições de sujeito da esquerda. Esse tipo de discurso precisa ser “evitado”, Renan pontua que não basta “ser honesto” é preciso também parecer “honesto”.

Renan entende que o movimento de renovação do Brasil tem um desafio muito grande, na medida que será preciso remover os parasitas que estão instalados dentro do Estado brasileiro, sem destruir as instituições democráticas, esses parasitas estão em todos os poderes e em todos os níveis do poder, são eles “grupos políticos”, “corporações”, “facções ideológicas”, todas “muito pouco afeitas a vontade do homem brasileiro comum”.

Renan articula os adversários políticos que farão oposição a Bolsonaro como ardilosos, os quais vão se aproveitar de qualquer mínimo deslize de comportamento de Bolsonaro. Segundo Renan, tudo que Bolsonaro disser será “tirado de contexto e usado como arma”. Renan articula a esquerda em um futuro possível, isto é, em um simulacro, como capaz de se rearticular pelos próprios “deslizes” de Bolsonaro, e será preciso cuidado para não cair nas armadilhas preparadas para Bolsonaro.

Anexo 39 - Bolsonaros querem fechar o STF? | por Pedro D'eyrot

(<https://youtu.be/a7UfiFCKRig>)

Duração: 06:47

Publicado: 23/10/18

Visualizações: 55608

Likes: 11 mil

Deslikes: informação indisponível

Grupo temático: Defesa de Bolsonaro

Pedro inicia o vídeo apontando para a última “forçada de barra” da imprensa. O motivo é o mesmo que se repetiu ao longo da campanha, prejudicar Bolsonaro. A “forçada de barra” envolve a divulgação de um vídeo de Eduardo Bolsonaro, no qual o deputado faz menção ao fechamento do STF: “O pessoal até brinca lá, se quiser fechar o STF sabe o que você faz? Você não manda nem um jipe. Manda um soldado e um cabo, não é querendo desmerecer o soldado e o cabo, não”. Na ocasião do ocorrido Eduardo estava em uma palestra, em um cursinho, em Cascavel, interior do Paraná, para oficiais militares.

Na articulação discursiva de Pedro, a mídia fez da fala um “escândalo”, fruto de seu “mau-caratismo”. A fala de Eduardo é defendida como inofensiva, pois não é séria, articulada como apenas uma “brincadeira”. Para Pedro o problema da “brincadeira” é que ela foi feita em um momento ruim, com Jair Bolsonaro concorrendo a presidência não seria o momento de fazer esse tipo de brincadeira. A resposta de Jair Bolsonaro sobre a polêmica é organizada como “madura”, enquanto Jair é elogiado por sua postura, surge no *frame* uma manchete da Folha: “eu já adverti o garoto”, diz Bolsonaro sobre declaração do filho envolvendo o STF”.

Na perspectiva de Pedro, a imprensa aborda o assunto tirando-o do contexto, com o intuito de “fazer sacanagem” com Jair, colocando-o perante a opinião pública como “autoritário” e “antidemocrático”. Para provar seu ponto, Pedro exhibe dois trechos de falas de dirigentes petistas, com intuito de provar como uma fala pode facilmente tirada do contexto. Primeiro, José Dirceu aparece dizendo: “primeiro deveria tirar todos os poderes do supremo”, depois Wadhi Damous dizendo: “tem que fechar o Supremo Tribunal Federal”. Pedro coloca o MBL em oposição a imprensa, por eles não serem “desonestos intelectualmente”, não vão distorcer as falas dos dirigentes petistas. Pedro então conta o restante das falas indicando que os dois não eram autoritários. Os dois petistas, na verdade, defendem que o STF seja apenas uma corte constitucional.

Questão central para Pedro é que há uma “agenda da imprensa” para acabar com a candidatura de Bolsonaro, por isso frases dos bolsonaristas estão sendo tiradas do contexto.

Quando uma frase parecida é dita pela esquerda não há a mesma comoção da imprensa. A crítica de Pedro segue, postulando que as “pessoas” não consomem mais imprensa justamente por casos como esse, no qual a imprensa distorce informações para favorecer à esquerda: “virou militância, deixou de ser imprensa”.

A crítica passa da imprensa ilegítima para outra instituição igualmente deslegitimada, o Supremo. Pedro critica os ministros da corte e suas decisões: “seja esses abs corpus bizarros que eles estão soltando, todos esses políticos da Lava Jato que estão em prisão domiciliar quando deviam estar na cadeia, os casos que o Gilmar não poderia ter julgado porque ele tinha parte envolvida e não foi bem assim, declarações suspeitas, toda a pauta do aborto que eles tentaram atropelar a decisão da câmara”. Porém para Pedro, ainda assim, existe uma notícia boa: a possibilidade de caçar os membros da corte. Isso é possível graças à maior “renovação política da história do Senado”. Pedro conclama os novos senadores a não se acovardarem perante o STF e promoverem um impeachment dos ministros ilegítimos.

A frase de Eduardo Bolsonaro é rearticulada como democrática, na medida em que a destituição de ministros por impeachment é prevista na constituição. Logo a fala de Eduardo foi apenas precipitada, a remoção de ministros pode ser legítima se for feita por meio do Senado Federal, não por um cabo e um soldado.

Anexo 40 - PROFESSORA PETISTA CHAMA DE "PRETO E POBRE" ELEITOR DO BOLSONARO | por Fernando Holiday

(<https://youtu.be/feIKmWQMeM8>)

Duração: 05:52

Publicado: 24/10/18

Visualizações: 335319

Likes: 60 mil

Dislikes: informação indisponível

Grupo temático: ataques às esquerdas

Holiday inicia o vídeo qualificando a esquerda como “intolerante” e “preconceituosa”, no vídeo promete apresentar mais um desses casos, nos quais a esquerda cumpre este papel. O fato ocorreu no Ceará, que o enunciador destaca como “terra de Ciro Gomes”. Além dos habituais *likes*, Holiday pede para que os espectadores entrem e se inscrevam no seu canal pessoal de Youtube, que carrega seu nome.

Uma “professora” cometeu um ato racista contra um eleitor de Bolsonaro, chamo-o de “preto e pobre” que não sabia votar, por isso vota no Bolsonaro. O vídeo em questão é colocado editado, nele dois homens discutem uma mesa de bar com uma mulher sentada em outra mesa. A discussão segue até a polícia ser chamada e prender a professora que cometeu o crime de injúria. A exibição do vídeo ocupa quase metade do vlog de Holiday. O apresentador ainda relata que a professora foi conduzida a delegacia e acusada de injúria racial. Holiday da ofensa da professora passa a criticar a esquerda como um todo.

A questão envolve mais uma vez a imprensa, a qual por interesses próprios não dá atenção a esses casos, como dá a “supostos” ataques feitos pelos apoiadores de Bolsonaro contra à esquerda. Holiday questiona por que os grandes veículos de imprensa não repercutiram esse caso. Para o enunciador é claro que a intolerância e o ódio têm vindo da esquerda, são os esquerdistas que promovem o ódio e o divisionismo no Brasil.

Holiday compara a ofensa racista que ele recebeu de Ciro Gomes, com a feita pela professora, destacando que ambas aconteceram na terra de Ciro Gomes, Ceará. Ciro chamou Holiday de “capitão do mato”. Holiday então, passa a mostrar evidências que a esquerda é colérica, mostrando ofensas que ele sofreu de Tico Santa Cruz, o cantor também se referiu a Holiday como “capitão do mato”. Para o enunciador qualquer negro que se posicionar contra o petismo será igualmente atacado: “porque eles (esquerda) acham que tem o controle do país, se acostumaram a 13 anos de hegemonia (...). Existem negros dispostos a dizer que não. Não

somos vendidos e não somos escravos dessa esquerda ideológica, nem desses movimentos que dizem nos representar. Cada vez mais negros e pobres estão se libertando dessa ideologia (...), mas obviamente a esquerda não está acostumada com isso, não estão acostumados a divergência. Tanto é verdade que nos países que eles conseguiram dominar, como Venezuela e Cuba, quem discorda é preso, torturado e desaparece. (...) A senzala foi definitivamente extinta e não será substituída pela senzala ideológica.”

O autoritarismo da esquerda no vídeo é organizado pelo ódio que a esquerda tem e manifesta contra o MBL e as outras identidades de direita. A esquerda tem o desejo de controlar a população, um desses mecanismos de controle seria o movimento negro. Para o MBL o movimento negro seria uma “senzala ideológica”, uma forma de escravidão do pensamento utilizada para esquerda controlar o país.

Anexo 41 - Mano Brown no comício do PT| por Pedro Deyrot

(<https://youtu.be/5KxPffPY4IU>)

Duração: 10:55

Publicado: 24/10/18

Visualizações: 179400

Likes: 27 mil

Deslikes: informações indisponíveis

Grupo temático: Ataque às esquerdas

Pedro inicia o vídeo com a tela em branco e preto repetindo frase que virou *meme*: “Tá moscando Brown”. Já com cores, Pedro abre o vídeo: “Quer dizer que tem uma nova moda agora na esquerda, né. Todo dia um Cid Gomes diferente.”, fala dita aos risos de Pedro. A alegria de Pedro vem da satisfação de ver uma crítica ao PT, vinda de Mano Brown, em um comício do próprio PT. Pedro faz graça que Brown deixou os artistas da Globo com “cara de bunda” e líderes de esquerda, como Guilherme Boulos, constrangidos.

Pedro começa fazendo piadas com o *meme* do Mano Brown, chamando-o de “rapper gangster que usa filtro de coelhinho”. Para Pedro o que Mano Brown manifestou publicamente diante da plateia de esquerdistas são “verdades elementares” que “qualquer petista com mais de dois neurónios já sabe”. A verdade elementar é que os eleitores do Bolsonaro não são fascistas. As falas de Pedro são intercaladas com as falas do rapper. Pedro entende que Brown expôs a mentira que os intelectuais petistas tentam emplacar, o discurso “divisionista que foi levado ao extremo nessas eleições”. Pedro segue: “Se você está brigando com seus amigos de 30 anos, se você está brigando com o cara que arrumava seu carro, Mano Brown, a culpa é de uma ideologia que prega, justamente, esse divisionismo como meio de fazer a revolução.”.

Pedro então faz uma articulação discursiva que coloca o marxismo dos intelectuais petistas como origem do racha que ocorre na sociedade brasileira. Essa ideologia, na ótica de Pedro, produz a ideologia “divisionista”, a qual nessas eleições foi elevada ao máximo, a ponto de definir um eleitor de Bolsonaro como fascista. Para Pedro, o que Brown fez foi “rasgar o véu da ideologia petista”, conseguindo enxergar que os eleitores do Bolsonaro não são “inimigos”.

Outra fala do mesmo comício surge na tela, dessa vez Brown fala sobre a comunicação entre PT e a sua base: “se algum momento a comunicação do pessoal daqui (PT) falhou, vai pagar o preço, porque a comunicação é alma. Se não está conseguindo falar a língua do povo vai perder mesmo, tio.” Segundo o apresentador, a esquerda nunca quis falar a língua do povo, mas sempre usou o povo para seu objetivo de poder autoritário; “É a luta de classe marxista, é

dividir para que o conflito exista, para que o conflito emergja e através desse conflito a solução revolucionária surja”. Pedro apresenta uma estratégia “marxista” praticada pela esquerda para dividir a sociedade brasileira, a qual está sendo posta em prática pelo PT.

A “população”, por outro lado, não quer o comunismo no Brasil, segundo Pedro: “Ela quer liberdade econômica. A periferia é de direita. O PT tem ciência desse fato, a fundação Perseu Abramo, ligada ao PT, fez pesquisa nas periferias de São Paulo e apontou, justamente, esse fato, as periferias são de direita. O PT desconsidera propositalmente este fato, pois não contribui para seu projeto comunista.” A crítica é centrada nos “intelectuais de esquerda”, que devido a ideologia marxista, sabem muito bem o que estão fazendo, não estão, como diz Pedro, “errando por inocência”.

Pedro segue: “O PT sabe o que o povo quer, mas o PT quer enfiar os seus valores, o seu divisionismo, porque ele acredita e tem fé que isso é a melhor forma de chegar ao poder e permanecer no poder”. Para Pedro o discurso e estratégia petista fazem parte de um grande plano de ideologia marxista, que envolve produzir o divisionismo na sociedade brasileira que, para Pedro, não há erro estratégico nesse caso, mas um acerto no grande plano dos intelectuais petistas para implantar o comunismo.

No fim do vídeo, a fala de Caetano Veloso, no mesmo comício da polêmica fala de Brown, também é motivo de piada. Caetano parte da fala de Brown para discutir a complexidade da política brasileira naquele momento. Enquanto Caetano fala, a edição do MBL coloca imagens de petistas e artistas junto de memes, torcendo o sentido da fala de Caetano, transformando a leitura de conjuntura de Caetano em piada.

Neste vídeo de Pedro há mais um exemplo de escárnio dirigido às figuras públicas da esquerda, Caetano e Brown, artistas de esquerda são ridicularizados e transformados em motivo de piada. Além do escárnio, o PT e seus intelectuais são colocados como mentores de um grande plano comunista, o qual a periferia não anseia. Pedro conclui o vídeo repetindo a frase de Cid Gomes, para caçoar mais uma vez de Brown. Pedro convida Brown a ir às periferias repetir a frase: “Lula tá preso babaca”, pois ela verdadeiramente dialoga com as periferias.

Anexo 42 - Pesquisa Ibope: Análise por Pedro Deyrot

(<https://youtu.be/Opt4A8ouUeM>)

Duração: 7:14

Publicado: 24/10/18

Visualizações: 337673

Likes: 48 mil

Dislikes: informação indisponível

Grupo temático: Cálculo eleitoral

Pedro abre o vídeo comentando sobre a nova pesquisa de intenção de votos do IBOPE. A pesquisa, publicada no dia 23, indicava uma queda de dois pontos percentuais de Bolsonaro. Enquanto Pedro fala sobre a queda percentual de Bolsonaro, prints de jornais surgem na tela reforçando a fala do apresentador.

Pedro diz pretender fazer uma análise mais “holística”. No entendimento de Pedro a queda na reta final deve ser entendida como uma “força” da campanha, não o sinal da sua derrota. O enunciador defende que, por estarem na reta final das eleições, as “balas de prata” serão usadas para tentar vencer a corrida eleitoral: “todo mundo guardando as balas de prata: desde vídeo pornô de um lado, até escândalo de corrupção do outro. É o vale tudo.”.

O sujeito responsável pelas “balas de prata” disparadas contra Bolsonaro não é o PT, mas a imprensa. Na articulação de Pedro é a imprensa que está fazendo oposição a Bolsonaro. A imprensa guardou todos os escândalos para a última semana de corrida eleitoral para prejudicar Bolsonaro e favorecer Haddad. Além de atacar Bolsonaro, a imprensa esconde os maus feitos de Lula e Haddad, para novamente prejudicar Bolsonaro. A imprensa não cumpre seu papel de informar, por outro lado, ela faz “militância” a favor dos partidos de esquerda, baseada em escândalos “mentirosos” ou “velhos”. Os exemplos são a matéria da Folha dos disparos em massa do WhatsApp e as declarações de Eduardo Bolsonaro sobre fechar o STF. Pedro faz uma defesa de Bolsonaro nesses dois casos. O primeiro é colocado como “doação voluntária”, e a matéria não passa de mais uma *Fake News* produzida pela “velha imprensa”, o segundo caso é também uma *Fake News*, pois a imprensa resgatou um vídeo antigo e que fora tirado de contexto para prejudicar Bolsonaro.

A imprensa esconde os erros do PT e Haddad ao atacar Bolsonaro: “Essa foi a melhor semana da campanha do Haddad, porque ninguém falou dele, ninguém falou do Lula, mal e mau falaram o que ele fez e isso para ele foi muito positivo, porque a imprensa inteira estava focada em destruir Bolsonaro.”, por isso a imprensa “está sofrendo um dos maiores processos

de deslegitimação da sua história”, pois, na perspectiva do enunciador, ela faz militância, não jornalismo.

O bolsonarismo é “resiliente”, não se deixa levar pelos ataques da imprensa, e na reta final, após receber os ataques das “balas de prata”, perdeu apenas 2% das intenções de voto. Por esse motivo, foi um sinal de “força”, pois foi uma queda que não colocou em risco a vitória e “confirma o Bolsonaro e o bolsonarismo como fenômeno de massa para população brasileira muito forte.” Para Pedro, o bolsonarismo veio para ficar, o enunciador considera também outros fatores que envolvem a campanha de Bolsonaro, configurando-o como outsider político: Bolsonaro quase não fez campanha de rua, fez uso engajado de redes sociais, contou com baixo tempo de televisão.

Pedro minimiza mais a queda de 2 pontos percentuais, construindo uma equivalência entre estes eleitores como “*swing voter*”, são eleitores indecisos que não fazem parte do eleitorado bolsonarista mais fiel. Os eleitores indecisos são o principal alvo da imprensa, que tenta mudar os votos desse eleitorado com suas notícias negativas sobre Bolsonaro. Para o enunciador a estratégia da imprensa não vai dar certo, pois faltam “tempo e *swing voters* o suficiente” para tal.

Pedro termina realizando um escárnio irônico dirigido à imprensa: “a capacidade de causar dano que essa imprensa tradicional vai ter na campanha de Bolsonaro vai ser baixa; tão baixa quanto a qualidade dos ataques que eles vão produzir. Tudo que eu tenho a dizer é: muito obrigado grande imprensa, muito obrigado por dar a todos nós o prazer de testemunhar essa morte horrível que vocês estão tendo.”. O discurso de Pedro reorganiza a queda de Bolsonaro como força, na medida que o enunciador apresenta a imprensa como principal antagonista que tentou de tudo para derrubar Bolsonaro, mas conseguiu “apenas” tirar 2% dos votos.

Anexo 43 - O que esperar da reta final das eleições? | por Rubinho

(<https://youtu.be/dpOsuHsTEJE>)

Duração: 06:59

Publicado: 24/10/18

Visualizações: 118322

Likes: 20 mil

Deslikes: informação indisponível

Grupo temático: Cálculo eleitoral

Rubinho no começo do vídeo promete fazer uma análise do que pode acontecer nos dois últimos dias de campanha. Após pedir *likes* e terminar a introdução, inicia-se uma trilha sonora animada, que dura até o fim do vídeo.

Rubinho, começa definindo a atual corrida presidencial como um “plebiscito” entre as duas forças. De um lado Bolsonaro que é apoiado por aqueles que “querem dar um basta na roubalheira, do outro Fernando Haddad, que é apoiado pelo bandido Lula de dentro da cadeia. As identidades de sujeito articuladas nesse plebiscito, colocam em oposição “honesto” e “ladrão”. Outra oposição feita no discurso de Rubinho é entre “velha” e nova política, Bolsonaro seria a nova política, enquanto Haddad é apoiado pela velha política. Ciro, Marina, FHC, Alckmin, Boulos são citados e suas fotos aparecem no *frame*. O apresentador é crítico a estas figuras, pois eles não apoiam Bolsonaro, equivalência que permite colocar FHC e Alckmin no mesmo lugar que Boulos e Ciro, são todos esquerdistas criminosos que não apoiam o Mito.

Rubinho segue tecendo equivalências e diferenças entre os dois polos, Bolsonaro e Haddad. Falando sobre os modos de fazer campanha, Rubinho destaca o modo “descentralizado”, pelas redes e simples que Bolsonaro conduz a reta final das eleições. Enquanto Haddad está “gastando a sola de sapato” para tentar virar o jogo, o que para o apresentador só aconteceria com um “milagre” ou uma “fraude”. Rubinho faz uma ressalva, Bolsonaro não sai às ruas por causa do atentado “terrorista” que sofreu no começo da corrida presidencial. Essa dificuldade de Bolsonaro é organizada pela sua simplicidade, destacando o “pão com requeijão” que o presidente comia.

Neste cenário, o candidato petista, segundo Rubinho, tenta fazer uma campanha não para ganhar, mas para evitar uma derrota de larga margem e, assim, manter o discurso de manipulação das eleições e caixa 2, dando um norte para a política petista e para a oposição. Rubinho qualifica a estratégia petista como “bizarra”, pois o PT é um partido “corrupto”, logo não tem legitimidade para falar contra Caixa 2. Haddad quer virar votos para “legitimar um discurso”, e cabe aos eleitores do Bolsonaro expor o PT, combatendo a narrativa do partido.

Rubinho entende que após a eleição de Bolsonaro existirá uma “guerra de narrativas entre esquerda e direita”, e implica o espectador, usando o pronome “você” e o significante “eleitor”. O espectador, fará uma escolha entre Haddad e Bolsonaro, mas o que será decidido no domingo é se o PT vai ser “sufocado” com uma vitória “acachapante”, ou Haddad, mesmo derrotado, ainda sustentará uma narrativa.

Anexo 44 - O perigo do pós-eleição | Por Kim Kataguirí

(<https://youtu.be/7-IO0yGJQdo>)

Duração: 3:16

Publicado: 28/10/18

Visualizações: 729371

Likes: 113 mil

Deslikes: 331

Grupo temático: Defesa de Bolsonaro

Kim abre o vídeo pontuando que apesar de Bolsonaro ter vencido as eleições, ainda há muito a ser feito. Neste vídeo não há um pedido de *likes* ou adesão de qualquer tipo de iniciativas do MBL, o vídeo se parece mais com uma declaração oficial do grupo após a vitória de Bolsonaro, pontuando politicamente qual deve ser o caminho após a eleição, mas sem perder o formato *vlog*.

Kim afirma que agora é momento de “sobriedade”, que apesar da campanha de Bolsonaro ter derrotado o PT e acabado com a ameaça de Estado totalitário, as “coisas não vão mudar da noite para o dia”. Bolsonaro vai assumir um dos piores cenários da história do país. Um déficit previdenciário gigantesco, que vai precisar ser corrigido com uma maioria qualificada de três quintos.” A força e o engajamento, que foram usados para derrotar o PT e eleger o Bolsonaro, precisará continuar em mobilização permanente para garantir que as reformas sejam aprovadas. Bolsonaro não tem a maioria no congresso, por isso, vai precisar do “apoio” da população para realizar as reformas.

Seus inimigos seguem os mesmos, esquerda e imprensa. Os dois “vão jogar contra” Bolsonaro, a militância bolsonarista precisará enfrentar os ataques constantes vindo desses dois sujeitos, que não aceitam um governo Bolsonaro. A esquerda, representada pela figura dos sindicatos, vai tentar boicotar o governo Bolsonaro, promovendo o caos. Greves e invasões de terra para desestabilizar a governabilidade de Bolsonaro.

Kim agradece o engajamento dos espectadores: “engajamento de cada um de vocês que ajudou a eleger esse congresso nacional, que ajudou a me eleger e que ajudou a eleger Bolsonaro”. O engajamento precisa ser permanente, pois os perigos continuaram mesmo passado o período eleitoral, pois os inimigos continuam à espreita.

Anexo 45 - Recado do MBL para o presidente eleito! | por Renan Santos

(<https://youtu.be/KMTXtF2sQLk>)

Duração: 15:00

Publicado: 29/10/18

Visualizações: 277072

Likes: 38 mil

Deslikes: informação indisponível

Grupo temático: Campanha

Este vídeo é mais um vídeo que assume caráter de pronunciamento público do MBL sobre a eleição, o vídeo anterior era um recado para o eleitorado, este para Bolsonaro e seu futuro governo. Renan começa primeiro fazendo uma análise de como se deu a eleição do Bolsonaro.

Bolsonaro é o candidato que rompe com “o modo estabelecido de fazer política”, Bolsonaro não usou os artifícios da velha política, ele é o candidato da “nova política”, que não governa com conchavos. Esse modo de fazer política, com pouca verba partidária, sem o apoio de grandes figuras políticas e sem máquina pública, recebe os parabéns de Renan. Para o enunciador, Bolsonaro foi eleito em um processo “único”, devido a todas as particularidades do candidato.

Renan defende que pela primeira vez desde a redemocratização em que haverá “a direita” na presidência do Brasil, mesmo com as diferenças entre MBL e o “pessoal do Jair Bolsonaro” o que os une é que ambos são de direita. Enquanto Bolsonaro era mais radical e contra todos os políticos vigentes no Brasil, o MBL atuou de maneira mais institucional, apoiando reformas, e para isso precisou dialogar mais com o governo. Para Renan essas são dois modos de conseguir o mesmo objetivo: “um Brasil mais liberal, que respeite as leis, com combate à corrupção, com Estado mais enxuto e com leis mais justas para quem quer trabalhar e produzir.”

Renan, segue sua linha de raciocínio. O modo de fazer política mais direto e de ruptura, liderado por Bolsonaro, foi a vertente da direita que saiu vencedora. Tal vitória acarreta uma “responsabilidade” de não cometer os mesmos erros políticos de outros governantes. Bolsonaro não poderá se aliar com o Centrão, por este ser corrupto e fazer a velha política, dos conchavos e cargos, e, ao mesmo tempo, conseguir aprovar as reformas sem depender do fisiologismo da velha política. Para tal o MBL faz um compromisso com “você”, espectador, apoiar o governo Bolsonaro se esse se manter fiel aos valores da nova política; para “construir o Brasil diferente”, Bolsonaro não pode se aliar ao Centrão, assim como fez o corrupto Lula.

O MBL dá destaque para as novas lideranças, ligadas ao MBL, que vão apoiar o governo Bolsonaro: Kim, Marcel van Hattem e Paulo Eduardo Martins, são os deputados que não seguem o fisiologismo do Centrão e estarão do lado do Bolsonaro para aprovar as pautas sem fisiologismo. Além das novas lideranças, as bancadas temáticas: BBB, serão necessárias para o Bolsonaro conseguir sua governabilidade.

Há um destaque especial para o “compromisso público” que o MBL faz de “ajudar” Paulo Guedes. Ele é definido como “grande nome” do governo, “gênio” e “figura brilhante”. MBL declara esse apoio, pois o Paulo Guedes será o mais atacado, principalmente pelas “corporações”. O objetivo desse apoio é ajudar Paulo Guedes a “comunicar” a importância das reformas econômicas, e assim realizá-las com o apoio popular.

O MBL faz um alerta para os “picaretas” que vão tentar se aproveitar do governo Bolsonaro. Ministros e cargos de segundo escalão podem acabar com aproveitadores, que apenas querem surfar na popularidade do presidente recém-eleito. Essas pessoas não estariam se importando com as “reformas” ou com o Brasil, mas são movidas pelos interesses da velha política: “interesses corporativos e pessoais”. Esses “picaretas” podem ser esquerdistas infiltrados. O exemplo dado é de Márcio França: “um corporativista de esquerda” que disputou acirradamente a eleição com João Dória. O MBL será “vigilante” e “atento” para esses possíveis infiltrados no movimento bolsonarista, denunciando qualquer tipo de deslize, mesmo se for parte do PSL.

Para Renan, Bolsonaro precisará “ser o principal bastião de uma reforma política”, removendo as mamatas dos partidos, que são compostos por “vagabundos que vivem mamando dinheiro público”. Bolsonaro precisará acabar com os grandes fundos partidários, para promover a justiça social do Brasil, pois esse dinheiro deixa de ir para “boca de criança e leitos de hospital, escola para bancar político vagabundo”.

Renan entende que Bolsonaro vai ter que enfrentar as corporações tecnológicas, para evitar que a direita seja vítima de regulações de liberdade de expressão, Bolsonaro precisará fazer um “marco regulatório” para “garantir a liberdade de expressão para o usuário”. A esquerda vai tentar censurar as redes sociais, usando o argumento das *Fake News* e cabe à Bolsonaro impedir garantindo a “liberdade de expressão”.

Na articulação discursiva de Renan, Bolsonaro não pode cair nos erros fisiológicos do passado; “Bolsonaro é fruto das manifestações que começaram em 2014 e tem um compromisso com elas”. Para Renan o movimento que derrubou Dilma é o mesmo que escolheu Bolsonaro para ser o representante que vai “dirigir as reformas que o Brasil precisa”. Renan coloca que

“escolhas difíceis serão feitas”, mesmo que não haja unidade pelas reformas no movimento verde-amarelo, elas precisam ser realizadas: “o Brasil verde e amarelo não pode ter medo do combate”. Se o presidente tomar as “decisões certas”, figurativizada ao longo do vídeo como “as reformas” e “governo não fisiológico”, continuará com o apoio do MBL e do restante movimento Verde e Amarelo.

Anexo 46 - A nova era acabou de começar! | Por Kim Kataguirí

(<https://youtu.be/LhI0zi6fkjU>)

Duração: 03:09

Publicado: 30/10/18

Visualizações: 214100

Likes: 58 mil

Dislikes: informação indisponível

Grupo temático: Ataques às esquerdas

Este vídeo é dividido em duas partes, a primeira irônica, a segunda consiste na quebra dessa ironia. A trilha sonora marca essa divisão, a primeira parte tem uma trilha tensa de suspense, quando a ironia é quebrada e o enunciador começa a falar sério, a trilha se torna alegre.

Na primeira parte do vídeo Kim descreve a “Nova Era” que se estabeleceu com a eleição de Bolsonaro. Nessa Nova Era todos os medos da esquerda são verdadeiros. Kim descreve um mundo no qual acabaram-se os direitos, homens podem bater em mulheres, a escravidão de negros voltou, há campos de “concentração para gays”, fim do sufrágio feminino. Kim segue seu tom irônico, acompanhando a trilha dramática: “Agora acabou totalmente nosso país, a gente vive em uma ditadura civil militar brasileira, General Mourão já está com seus tanques em frente ao congresso nacional, fechando tudo. O Eduardo Bolsonaro já chegou com um cabo e um soldado, já fechou o Supremo.”

A ironia é interrompida com um corte fechado no rosto de Kim e ele diz: “ridículo né”. A trilha sonora muda para um tom alegre, e Kim mostra como todo esse mundo que ele contava não passava de uma fantasia da esquerda que não aconteceu; “Menos chororô, menos *mimimi* vamos unificar o país” Kim pede para a esquerda “não jogar contra” Bolsonaro e apoiar o presidente nas reformas que precisam ser feitas para “melhorar o Brasil”.

Kim coloca o patriotismo no centro do seu discurso: “Agora é um governo brasileiro, votando ou não no Bolsonaro (...) todos nós estamos sobre o governo Bolsonaro que é agora o governo do Brasil e de todos nós”. Para Kim essa é uma questão de “projeto de país”, que se der certo, vai beneficiar inclusive os eleitores do PT. A esquerda precisa parar com seus discursos apocalípticos e se preocupar com as reformas do Brasil, já que tudo continua “normalmente” com a eleição de Bolsonaro.

Bibliografia

ADORNO, T. W; HORKHEIMER, M. **Dialética do esclarecimento: fragmentos filosóficos**. trad. Guido Antônio de Almeida. Rio de Janeiro: Zahar, 1985.

ALVES DOS SANTOS JUNIOR, M. **Coxinhas e petralhas**: o fandom político como chave de análise da audiência criativa nas mídias sociais. Revista GEMInIS, v. 7, n. 1, p. 117-146, 6 jul. 2016.

ANTUNES, R. **As rebeliões de junho de 2013**. Observatório Social de América Latina, v. 14, n. 34, p. 37-48, 2013.

ANTUNES R, Braga R. **Dias que abalaram o Brasil; as rebeliões de junho**, julho de 2013. *R. Pol. Públ* 2014; N Especial:41-47. [acessado 2015 jun 18]. Disponível: <http://www.periodicoseletronicos.ufma.br/index.php/rppublica/article/viewFile/2694/720>

AUSTIN, J. L. **Quando dizer é fazer: palavras e ação**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1990.

BALDAN, M. de L. O. G. **Veridicção: um problema de verdade**. ALFA: Revista de Linguística, São Paulo, v. 32, 2001. Disponível em: <https://periodicos.fclar.unesp.br/alfa/article/view/3797>. Acesso em: 21 jun. 2021.

BALTAR, M.; LEPRI, A. G. Gestões sensacionalistas: as atrações e o audiovisual no YouTube. *MATRIZES*, [S. l.], v. 13, n. 1, p. 169-189, 2019. DOI: 10.11606/issn.1982-8160.v13i1p169-189. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/matrizes/article/view/147812>. Acesso em: 9 dez. 2021.

BARROS, Diana Luz Pessoa de. Teoria semiótica do texto. São Paulo: Ática, 2005

BIFO, Franco Berardi. **Generación post alfa**: Patologías e imaginários en el seimocapitalismo. Buenos Aires: Tinta Limón, 2007

BORGES, Samuel Silva da Fonseca. **Imagens da ideologia punitiva: uma análise de discurso crítica do Movimento Brasil Livre**. 2019. 262 f., il. Dissertação (Mestrado em Sociologia) — Universidade de Brasília, Brasília, 2019.

BUTLER, J. **Discurso de ódio: uma política do performativo**. Trad: Roberta Fabbri Viscardi. São Paulo: Editora Unesp, 2021.

CANETTI, E. **Massa e poder**. Tradução de Sergio Tellaroli. São Paulo: Companhia da Letras, 2019.

CASTELLS, M. **Redes de indignação e esperança**. Rio de Janeiro: Zahar, 2013

CHAGAS, Viktor. **DOLCE FARMEME**: a retórica da brincadeira política. In: XXIX Encontro Anual da Compós, 2020, Campo Grande. Anais 2020 - XXIX COMPÓS: UFMS/CAMPO GRANDE. Campo Grande: Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação, 2020. On-line.

DARDOT, Pierre; LAVAL, Christian. **A nova razão do mundo: ensaio sobre a sociedade neoliberal**. São Paulo: Boitempo, 2016.

DEBORD, G. **A Sociedade do espetáculo**. Trad. Francisco Alves e Afonso Monteiro. Lisboa: Edições Antipática. 2005.

DERRIDA, J. **Gramatologia**. Trad. Miriam Chnaiderman e Renato Janine Ribeiro. São Paulo: Perspectiva. 2017.

DERRIDA, J. Limited Inc. Campinas: Papirus, 1991.

DUNKER, C. I. L. **Mal-estar, sofrimento e sintoma**. São Paulo: Boitempo, 2015.

_____. **Instância Da Letra No Inconsciente Ou A Razão Desde Freud: Uma Hipótese De Leitura** – São Paulo: Instituto Langage, 2019.

Ferreira, Isabelle Azevedo. 2019. **A ação política contra o feminismo: uma análise a partir do Movimento Brasil Livre (MBL)**. In 42º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, Belém, 2 a 7/09/2019, 1-15

FONTANILLE, J. **Significação e visualidade exercícios práticos**. Porto Alegre: Sulina, 2005.

_____, J. **Dictionnaire des passions littéraires**. Paris: Belin, 2005b

FONTANILLE, Jacques; ZILBERBERG, Claude. **Tensão e significação**. São Paulo: Discurso Editorial/Humanitas, 2001.

FONTENELLE, I. A. **Cultura do consumo: fundamentos e formas contemporâneas**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2017.

FONTENELLE, Isleide A.; POZZEBON, Marlei. **A Dialectical Reflection on the Emergence of the 'Citizen as Consumer' As Neoliberal Citizenship: The 2013 Brazilian Protests**. Journal of Consumer Culture, v. Forth, p. 146954051880693, 2018.

FOUCAULT, Michel. **A Arqueologia do saber**. Trad. Luiz Felipe Baeta Neves, 7º ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008.

JAMESON, F. **O pós-modernismo e o mercado**. In: ŽIŽEK, S. (org.). Um Mapa da Ideologia. Trad. V. Ribeiro. Rio de Janeiro: Contraponto, 1996. p. 279-296.

JENKINS, Henry. **Convergence culture: where old and new media collide**. Nova Iorque: New York University Press, 2006.

GRAMSCI, A.; COUTINHO, C. N. (Org.). **O leitor de Gramsci: escritos escolhidos 1916-1935**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2011.

GREIMAS, A. J. **Sobre o sentido II**. São Paulo: Nankin/Edusp, 2014

GREIMAS, A. J.; COURTÉS, J. **Dicionário de semiótica**. Tradução de Alceu Dias Barbosa Lima et al. São Paulo: Contexto, 2020

GREIMAS, A. J., FONTANILLE, J. **Semiótica das paixões**. São Paulo: Ática, 1993.

LACLAU, E. **Emancipation(s)**. Londres: Verso, 2007.

HARDT, Michael; NEGRI, Antonio. **Multidão –Guerra e democracia na era do Império**. Rio de Janeiro: Editora Record, 2005.

KATAGUIRI, K; SANTOS, R. **Como um grupo de desajustados derrubou a presidenta**. Rio de Janeiro: Record, 2019.

LACLAU, E. & MOUFFE, C. **Posmarxismo sin pedido de disculpas**. In: LACLAU, E. Nuevas reflexiones sobre la revolución de nuestro tiempo. Buenos Aires: Ediciones Nueva Visión, 1993.

LACLAU, E. & MOUFFE, C. **Hegemonia e estratégia socialista: por uma política democrática radical**. Tradução de Joanildo Burity, Josias de Paula Jr. & Aécio Amaral. São Paulo: Intermeios; Brasília: CNPq, 2015.

LACLAU, E. **Dislocation And Capitalism, Social Imaginary And Democratic Revolution**. 1990. In: _____. Post-Marxism, populismo and critique. Org: HOWARTH, D. Abingdon: Routledge. 2015.

_____. **Why Do Empty Signifiers Matter To Politics?** 1994. In: _____. Post-Marxism, populismo and critique. Org: HOWARTH, D. Abingdon: Routledge. 2015.

LACLAU, E. **Emancipation(s)**. Londres: Verso, 2007.

LACAN, J. **A instância da letra no inconsciente ou a razão desde Freud**. In: _____. Escritos. Rio de Janeiro: Zahar, 1998. p.496-533.

LACAN, J. **Subversão do sujeito e dialética do desejo no inconsciente freudiano**. In: _____. **Escritos**. Rio de Janeiro: Zahar, 1998. p.807-843.

Landowski, E. **Para Uma Semiótica Sensível**. In: *Educação & Realidade*, vol. 30, núm. 2, julho-diciembre, 2005, pp. 93-106 Universidade Federal do Rio Grande do Sul Porto Alegre, Brasil

LEPRI, Adil Giovanni. **O audiovisual pervasivo do Movimento Brasil Livre nos Sites de Redes Sociais**. *Logos*, [S.l.], v. 27, n. 1, jun. 2020. ISSN 1982-2391. Disponível em: <<https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/logos/article/view/49317>>. Acesso em: 09 dez. 2021. doi:<https://doi.org/10.12957/logos.2020.49317>.

MACHADO, L. **Nacionalismo, não-violência e os novos atores engajados na política contenciosa brasileira: o caso do Movimento Brasil Livre (MBL)**. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – PUCRS, Porto Alegre, 2017.

MBL. **Manifesto por um Brasil Livre**. Facebook, 2014. Disponível em: <<https://m.facebook.com/mblivre/photos/a.204296283027856.1073741829.204223673035117/272030822921068/?type=1>>

MOUFFE, C. **The Return of the Political** London: Verso, 1993.

_____. **Sobre o político**. Trad. Fernando Santos. São Paulo: Martins Fontes. 2015.

NOBRE, Marcos. **Imobilismo em movimento: da abertura democrática ao governo Dilma**. São Paulo: Companhia das Letras. 2013

PAIVA, Claudio Cardoso. **O Julgamento do Mensalão e as redes sociais de interpretação: pistas para uma hermenêutica da comunicação e cultura midiática compartilhada**. In: FELINTO, Erick (org.). *Cibercultura em tempos de diversidade – estética, entretenimento e política*. Guararema, SP: Anadarco, 2013. p. 213-232.

PINHEIRO-MACHADO, Rosana & SCALCO, Lucia Mury. **Rolezinhos: marcas, consumo e segregação no Brasil**. Revista de Estudos Culturais, 1, Dossiê sobre cultura popular urbana. 2014.

PINTO, Celi Regina Jardim. **Democracia como significante vazio: a propósito das teses de Ernesto Laclau e Chantal Mouffe**. Sociologias, Porto Alegre, v. 1, n. 2, 1999, p. 68-99. Disponível em: < [http://www.seer.ufrgs.br/index.php/ sociologias/article/view/6927/4200](http://www.seer.ufrgs.br/index.php/sociologias/article/view/6927/4200) >.

_____. “A trajetória discursiva das manifestações de rua no Brasil (2013-2015)”. Lua Nova, São Paulo, n. 100, pp. 119-153, 2017.

Prado, J. L. A., & Moassab, A. **O Programa Bolsa Família na revista Veja: assistencialismo governamental ou ressentimento midiático**. Revista da Associação Nacional de Pós-graduação em Comunicação, 14. 2011.

PRADO, J. L.; PRATES, V.. **Regimes passionais do MBL na eleição presidencial de 2018: Passionate regimes of MBL in the 2018 presidencial campaign**. E-Compós, [S. l.], v. 24, 2021. DOI: 10.30962/ec.2107. Disponível em: <https://www.e-compos.org.br/e-compos/article/view/2107>. Acesso em: 9 dez. 2021.

PRADO, J.L.A. **Convocações biopolíticas dos dispositivos comunicacionais**. São Paulo: Educ / Fapesp, 2013

_____. **Decifrando os pontos sintomáticos do capitalismo comunicacional**. In: Prado, José Luiz Aidar; Prates, Vinicius. (Org.). Sintoma e fantasia no capitalismo comunicacional. 1ed.São Paulo: Estação das Letras e Cores, 2017, v. 1, p. 13-34.

_____. **Da captura pulsional ao acontecimento de corpo** In: BARROS, L. M. Produção de sentido na cultura midiaticizada Belo Horizonte: editora da UFMG, 2020, v., p. 50-70.

ROCHA, E. **Magia e capitalismo: um estudo antropológico da publicidade**. São Paulo: Brasiliense, 2010.

SAFATLE, Vladimir. **O Circuito dos Afetos**: Corpos políticos, desamparo e o fim do indivíduo. 2ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2016

SAFATLE, Vladimir. **Só mais um esforço**. São Paulo: Três estrelas, 2017

SANTOS, J. G. B. dos; CHAGAS, V. **Direta transante**: enquadramentos pessoais e agenda ultraliberal do MBL. *MATRIZES*, [S. l.], v. 12, n. 3, p. 189-214, 2018. DOI: 10.11606/issn.1982-8160.v12i3p189-214. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/matrizes/article/view/147928>. Acesso em: 9 dez. 2021.

SAUSSURE, F. Curso de linguística geral. Editora Cultrix, 20012.

SINGER, A. **Os sentidos do lulismo: reforma gradual e pacto conservador**. São Paulo: Companhia das Letras, 2012

SINGER, André. **Brasil, junho de 2013, classes e ideologias cruzadas**. *Novos estud. - CEBRAP*, São Paulo, n. 97, p. 23-40, nov. 2013. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-33002013000300003&lng=en&nrm=iso>.

Silva, Luiz Rogério Lopes; Francisco, Rodrigo Eduardo Botelho e Sampaio; Rafael Cardoso **Discurso de ódio nas redes sociais digitais**: tipos e formas de intolerância na página oficial de Jair Bolsonaro no Facebook. *Galáxia* (São Paulo) [online]. 2021, n. 46 [Acessado 9 Dezembro 2021], e51831. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/1982-2553202151831>>. Epub 16 Jul 2021. ISSN 1982-2553. <https://doi.org/10.1590/1982-2553202151831>.

SOLANO, Esther. Parte 1: A Pesquisadora – Esther Solano Gallego. In: **Mascarados: a verdadeira história dos adeptos da tática Black Bloc**. Esther Solano, Bruno Paes Manso. Willian Novaes. São Paulo: Geração Editorial, 2014.

SOUZA J. **A radiografia do golpe: entenda como e porque você foi enganado**. Rio de Janeiro: LeYa; 2016

TÜRCKE, Christoph. **Sociedade excitada: filosofia da sensação**. Campinas: Editora da Unicamp, 2010.

_____. **Hiperativos! Abaixo a cultura do déficit de atenção**. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz & Terra, 2016.

ZILBERBERG, Claude. **Elementos de Semiótica Tensiva**. São Paulo: Ateliê Editorial, 2011.

ŽIŽEK, S. **O espectro da ideologia**. In: ŽIŽEK, S. (org.). Um Mapa da Ideologia. Trad. V. Ribeiro. Rio de Janeiro: Contraponto, 1996a. p.7-38

ŽIŽEK, S. **Como Marx Inventou o sintoma?** In: ŽIŽEK, S. (org.). Um Mapa da Ideologia. Trad. V. Ribeiro. Rio de Janeiro: Contraponto, 1996b. p.297-330

ŽIŽEK, Slavoj. **A tinta vermelha: discurso de Žižek no Occupy Wall Street**. Blog da Boitempo, São Paulo, 10 out. 2011. Disponível em: <Disponível em: <https://blogdaboitempo.com.br/2011/10/11/a-tinta-vermelha-discurso-de-slavoj-Žižek-aos-manifestantes-do-movimento-occupy-wall-street/> >.